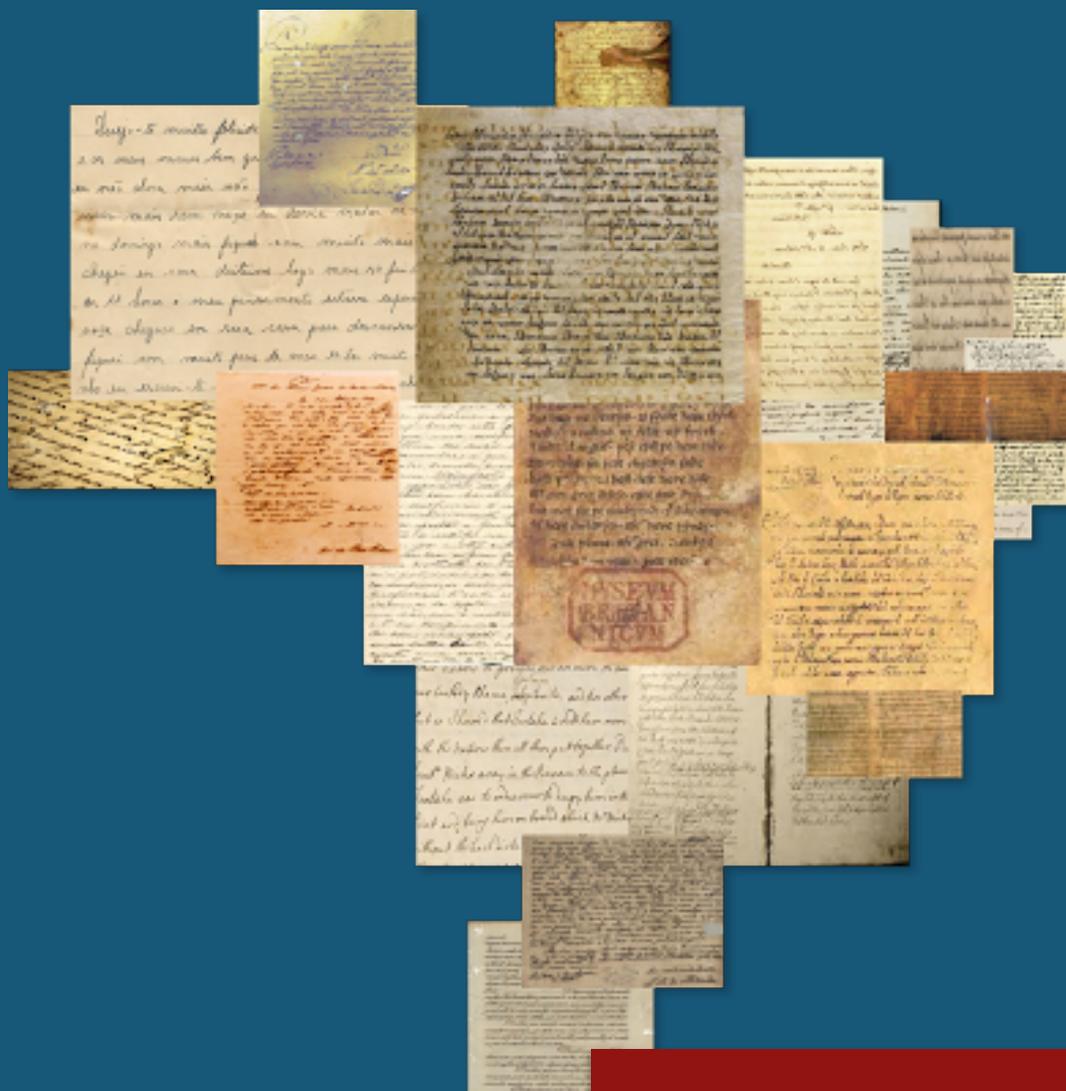


História dos Pronomes de Tratamento no Português Brasileiro



LaborHistórico

Volume 1 - Número 1 - jan./jun. 2015

Universidade Federal do Rio de Janeiro

LaborHistórico

Revista de Linguística Histórica Românica

LaborHistórico

© 2015 Copyright by

Faculdade de Letras / Universidade Federal do Rio de Janeiro

Todos os direitos reservados

Faculdade de Letras/UFRJ

Cidade Universitária - Ilha do Fundão - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

CEP: 21.941-590 - Tel.: (55 21) 2598-9708



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitor	Roberto Leher
Vice-reitora	Denise Fernandes Lopez Nascimento
Pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa	Ivan da Costa Marques

Centro de Letras e Artes

Decana	Flora De Paoli Faria
--------	----------------------

Faculdade de Letras

Diretora	Eleonora Ziller Cameniestzki
Diretora Adjunta de Ensino de Graduação	Cláudia Fátima Morais Martins
Diretora Adjunta de Cultura e Extensão	Karen Sampaio
Diretora Adjunta de Pós-Graduação e Pesquisa	Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold

LaborHistórico

Organização e Edição	Leonardo Lennertz Marcotulio Célia Regina dos Santos Lopes Sílvia Regina de Oliveira Cavalcante
Revisão	Dailane Moreira Guedes Leonardo Lennertz Marcotulio
Capa e Editoração eletrônica	Priscila Gomes Santos Leonardo Lennertz Marcotulio

ISSN: 2359-6910

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i1>

LaborHistórico Rio de Janeiro v. 1 n. 1 p. 1-165 jan. | jun. 2015

LaborHistórico: Revista de Linguística Histórica Românica — v. 1, n. 1 (2015) —
Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2015.

Semestral

ISSN eletrônico: 2359-6910

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i1>

LaborHistórico

Faculdade de Letras
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Av. Horácio Macedo, 2151
Faculdade de Letras, sala F-316
Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ - Brasil
CEP 21941-917
Telefone: 55 21 3938-9727

home page: <http://www.portaldeperiodicos.letas.ufrj.br/index.php/laborhistorico>
e-mail: laborhistorico@letas.ufrj.br

Editor-Chefe

Leonardo Lennertz Marcotulio Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Comissão Editorial

Leonardo Lennertz Marcotulio Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Márcia Cristina de Brito Rumeu Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Sílvia Regina de Oliveira Cavalcante Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Conselho Editorial

Américo Venâncio Lopes Machado Filho	Universidade Federal da Bahia, Brasil
Ana Isabel Boullón Agrelo	Universidade de Santiago de Compostela, Espanha
Ana Maria Martins	Universidade de Lisboa, Portugal
Ataliba Teixeira de Castilho	Universidade de São Paulo, Brasil
Carlos Alberto Faraco	Universidade Federal do Paraná, Brasil
Célia Regina dos Santos Lopes	Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
César Nardelli Cambraia	Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Charlotte Marie Chambelland Galves	Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Clarinda de Azevedo Maia	Universidade de Coimbra, Portugal
Concepción Company Company	Universidad Nacional Autónoma de México, México
Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti	Universidade Federal da Bahia, Brasil
Dinah Maria Isensee Callou	Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Emilio Gozze Pagotto	Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Esperança Maria da Cruz Marreiros Cardeira	Universidade de Lisboa, Portugal
Henrique Monteagudo	Universidade de Santiago de Compostela, Espanha
Johannes Kabatek	Universität Zürich, Suíça
José António Souto Cabo	Universidade de Santiago de Compostela, Espanha
Juan Camilo Conde Silvestre	Universidad de Murcia, Espanha
Maria Francisca Xavier	Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Maria Teresa Leitão Brocardo	Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Mário Eduardo Viaro	Universidade de São Paulo, Brasil
Martin Hummel	Karl-Franzens-Universität Graz, Áustria
Rita Marquilhas	Universidade de Lisboa, Portugal
Rosario Álvarez Blanco	Universidade de Santiago de Compostela, Espanha
Tânia Conceição Freire Lobo	Universidade Federal da Bahia, Brasil
Uli Reich	Freie Universität, Alemanha

Apoio Técnico

Priscila Gomes Santos Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

LaborHistórico

História dos Pronomes de Tratamento no Português Brasileiro

Volume 1 – Número 1
jan./jun. 2015

Sumário

Apresentação	10
<i>Leonardo Lennertz Marcotulio</i> <i>Célia Regina dos Santos Lopes</i> <i>Silvia Regina de Oliveira Cavalcante</i>	
A difusão do você pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX	12
<i>Célia Regina dos Santos Lopes</i> <i>Márcia Cristina de Brito Rumeu</i>	
Para um panorama sócio-diacrônico das formas de tratamento na função de sujeito na região Nordeste	26
<i>Marco Antonio Martins</i> <i>Aroldo Leal de Andrade</i> <i>Kássia Kamilla de Moura</i> <i>Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda</i> <i>Valéria Severina Gomes</i> <i>Zenaide de Oliveira Novais Carneiro</i>	
Caminhos para a investigação da alternância de pronomes de segunda pessoa em Santa Catarina	49
<i>Christiane Maria Nunes de Souza</i> <i>Izete Lehmkuhl Coelho</i>	
TE e LHE como clíticos acusativos de 2ª pessoa em cartas pessoais cearenses	62
<i>Francisco Jardes Nobre de Araújo</i> <i>Hebe Macedo de Carvalho</i>	
Os pronomes dativos de 2ª pessoa na escrita epistolar carioca	81
<i>Thiago Laurentino de Oliveira</i>	
A variação teu/seu: um estudo diacrônico e sincrônico	99
<i>Rachel de Oliveira Pereira</i>	

A categoria socioprofissional: uma proposta de abordagem para o estudo das formas de tratamento	116
--	------------

Vanessa Martins do Monte

Fotografias como estratégia metodológica: perscrutando formas de tratamento pronominais brasileiras, moçambicanas e angolanas	132
--	------------

Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre

A dinâmica do jogo de linguagem das formas de tratamento	149
---	------------

Cacilda Vilela de Lima

Apresentação

É com grande satisfação que apresentamos o primeiro número da Revista *LaborHistórico: Revista de Linguística Histórica Românica*, um periódico semestral, mantido pelo antigo *Laboratório de História do Português* e pelo atual *Projeto HistLing – Projeto de História da Língua Portuguesa*, ambos instalados na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A versão anterior e o novo projeto de História do Português originaram-se da demanda criada pelo projeto integrado *Para uma História do Português Brasileiro (PHPB)*. O seu principal objetivo era organizar e tornar disponível um acervo documental para estudos sobre mudança linguística do português brasileiro. Para tanto, o projeto tem disponibilizado edições semidiplomáticas de cartas particulares escritas por brasileiros e por portugueses, nos séculos XVIII, XIX e XX, localizadas em acervos cariocas, como o Arquivo Nacional e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Os documentos são apresentados ao lado do seu fac-símile para que qualquer pesquisador interessado possa conferir, meticulosamente, o texto transcrito com a versão original digitalizada, fazendo sua leitura própria e pessoal dos documentos.

Diante da escassez de periódicos científicos que se dediquem exclusivamente à questão da mudança linguística, trazemos a lume a revista *LaborHistórico*, que tem como missão fomentar a produção científica na área de Linguística Histórica e áreas afins, como a Filologia e a História, e divulgar pesquisas científicas de pesquisadores do Brasil e do exterior, de modo a contribuir para o debate e o progresso da área. Tem como foco estudos dedicados a línguas românicas como o português, o galego, o espanhol, o francês e o italiano.

Este volume inaugural contempla nove textos selecionados de estudos que foram apresentados no *I Simpósio do LaborHistórico* intitulado *História dos Pronomes de Tratamento no Português Brasileiro*, que teve lugar no período de 11 a 13 de maio de 2015, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O Simpósio financiado pela CAPES, CNPq e pelo Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ tinha como objetivo estimular a discussão sobre a configuração do(s) sistema(s) de tratamento coexistente(s) nas diversas regiões brasileiras tanto em âmbito sincrônico quanto diacrônico. Para tanto, o evento reuniu pesquisadores interessados nessa temática, além dos representantes das regiões sudeste, sul e nordeste que participam da elaboração do capítulo sobre o paradigma pronominal de 2ª pessoa a ser publicado em um dos volumes do Projeto Nacional *Para uma História do Português Brasileiro (PHPB)*.

Todos os artigos aqui reunidos investigam, a partir de abordagens diacrônicas e/ou sincrônicas de cunho sociolinguístico, a variação e mudança no quadro das formas de tratamento na história do português. Os três primeiros artigos se dedicam à relação gramatical de nominativo. Célia Regina dos Santos Lopes e Márcia Cristina de Brito Rumeu (*A difusão do você pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX*), Marco Antonio Martins et al (*Para um panorama sócio-diacrônico das formas de tratamento na função de sujeito na região Nordeste*) e Christiane Maria Nunes de Souza e Izete Lehmkuhl Coelho (*Caminhos para a investigação da alternância de pronomes de segunda pessoa em Santa Catarina*) investigam a posição de sujeito, com base em amostras de cartas do RJ e MG; da BA, PE e RN; e de SC, respectivamente. Os três artigos seguintes contemplam outras posições sintáticas: Francisco Jardes Nobre de Araújo e Hebe Macedo de Carvalho (*TE e LHE como clíticos acusativos de 2ª pessoa em cartas pessoais cearenses*), Thiago Laurentino de Oliveira (*Os pronomes dativos de 2ª pessoa na escrita epistolar carioca*) e Rachel de Oliveira Pereira (*A variação teu/seu: um estudo diacrônico e sincrônico*) tratam das relações de acusativo, dativo e genitivo, respectivamente. O sétimo e o oitavo artigos, de autoria de Vanessa Martins do Monte (*A categoria socioprofissional: uma proposta de abordagem para o estudo das*

formas de tratamento) e Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre (*Fotografias como estratégia metodológica: perscrutando formas de tratamento pronominais brasileiras, moçambicanas e angolanas*), discutem novas ferramentas metodológicas para a análise das formas de tratamento na diacronia, à luz da Filologia, e na sincronia, respectivamente. Por fim, Cacilda Vilela de Lima (*A dinâmica do jogo de linguagem das formas de tratamento*) oferece uma abordagem discursivo-pragmática das formas de tratamento utilizadas no discurso político, com base em uma perspectiva da Antropologia Linguística.

Esperamos que este número, assim como os que virão, possa ser útil a pesquisadores interessados em abordagens históricas e/ou diacrônicas de fenômenos de mudança em distintas línguas românicas.

Leonardo Lennertz Marcotulio
Célia Regina dos Santos Lopes
Sílvia Regina de Oliveira Cavalcante

A difusão do *você* pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX

The spread of você through carioca and mineiro social structures in the 19th and the 20th centuries

Recebido em 09 de maio de 2015. | Aprovado em 16 de junho de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i1.172>

Célia Regina dos Santos Lopes¹
Márcia Cristina de Brito Rumeu²

Resumo: Neste trabalho, busca-se discutir a produtividade das estratégias pronominais de referência ao sujeito de 2ª pessoa do discurso e os tipos de relações sociais travadas entre remetente e destinatário em missivas cariocas e mineiras oitocentistas e novecentistas. O foco deste estudo são os tipos de relações sociais que parecem condicionar a frequência de uso das estratégias pronominais de 2ª pessoa no Brasil à luz da Teoria do Poder e da Solidariedade pensada por Brown e Gilman (1960). De uma forma geral, nas missivas cariocas e mineiras caracterizadas pelas relações sociais simétricas e assimétricas, observou-se a difusão do *você*, parecendo já sedimentar a semântica da Solidariedade no Brasil novecentista.

Palavras-chave: variação *tu/você*; mudança linguística; sistema pronominal; segunda pessoa; relações sociais simétricas e assimétricas.

Abstract: This paper seeks to discuss the productivity of the pronominals strategies for using the 2nd person in speech (*tu* and *você*) and types of social relations between sender and receiver locked in 19th century and 20th century in letters produced writings by *cariocas* and *mineiros*. The focus of this study are the kinds of social relations that seem to constrain the frequency of use of strategies pronominal of the 2nd person in handwritten letters in the Brazil to the Theory of Power and Solidarity thought by Brown and Gilman (1960). To sum up, the results present the prevalence of the subject *você* in social relations symmetric and asymmetric of the *carioca* and *mineiro* letters already looking to settle the semantics of Solidarity in the *nineteenth-century* Brazil.

Keywords: variation *tu/você*; linguistic change; pronominal system; second person; social symmetric and asymmetric relations.

¹ Professora Associada de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. celiar.s.lopes@gmail.com

² Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. marciarumeu@uol.com.br. Este trabalho está vinculado ao Projeto "Aspectos morfosintáticos da escrita culta em cartas brasileiras" subsidiado pela FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), Processo nº APQ-01788-13, Demanda Universal.

Introdução

Na realidade atual do português brasileiro (doravante PB), as formas *tu* e *você* coexistem como pronomes de referência à 2ª pessoa do discurso (doravante 2P), cf. já revelado pelas pesquisas sociolinguísticas, mais especificamente, pelos trabalhos sintetizados por Scherre *et al.* (2009), que evidenciaram a diversificação pronominal não só diatópica, mas também sociointeracional. Nessa perspectiva, Scherre *et alii* (2009) explicitam, através de uma esclarecedora súmula dos estudos da alternância *você/tu*, a produtividade sincrônica de seis subsistemas tratamentais no PB que, à luz de Lopes e Cavalcante (2011, p. 39), foram sistematizados (cf. quadro 1) em três subsistemas: (I) o subsistema de *você*, (II) o subsistema de *tu* e (III) o subsistema da alternância *você/tu*.

Subsistema/Região	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Nordeste	Norte
(I) <i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Você</i>	
(II) <i>Tu</i>			<i>Tu</i>	<i>Tu</i>	<i>Tu</i>
(III) <i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i> (DF)	<i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i>

Quadro 1. Distribuição dos três subsistemas dos pronomes pessoais de 2P pelas regiões brasileiras proposta por Lopes e Cavalcante (2011, p. 39 adaptado de SCHERRE ET ALII. (2009)).

Considerando a disseminação do *você-sujeito* por todas as regiões do Brasil, ainda que não se desprezem os usos do *tu* com índices variáveis de concordância, cf. exposto por Scherre *et al.* (2009), justifica-se que o objetivo principal deste trabalho esteja voltado para a descrição analítica dos graus de parentesco e/ou dos papéis sociais assumidos pelo remetente e destinatário das missivas cariocas e mineiras com base na análise da produtividade das formas pronominais *tu* e *você* à luz da Teoria do Poder e da Solidariedade, cf. Brown e Gilman (1960). À luz desse objetivo principal, parte-se do princípio de que a função sintática de *sujeito* representou o principal encaminhamento assumido por pronomes gramaticalizados como o *você* e o *a gente*, ao se inserirem no sistema pronominal do PB, como já averiguado em estudos diacrônicos do PB (cf. RUMEU, 2013; SILVA, 2012; SOUZA, 2012; LOPES; CAVALCANTE, 2011; VIANNA, 2011). Especificamente em relação à história de inserção do *você* na variedade brasileira do português, assume-se que, entre os anos 20 e 45 do século XX (1920-1945), cf. Rumeu (2013, p. 265), o *você* se firmou como pronome de 2P em alternância com o *tu*, principalmente, nos contextos sintáticos de *sujeito* e *complemento preposicionado*, como também verificado por estudos alicerçados em variados *corpora* históricos do PB (cf. MACHADO, 2011; LOPES; CAVALCANTE, 2011). Ao considerar que sincronicamente a alternância *tu* e *você*, cf. discutido por Santos (2012)³, prevalece no Rio de Janeiro, por outro lado, em Minas Gerais, a referência ao sujeito de 2P se faz majoritariamente pelo *você* (*ocê* e *cê*)⁴, cf. Peres (2006, p. 131), Mota (2008), justifica-se que o enfoque desta análise esteja voltado para a análise de missivas cariocas e mineiras desde a segunda metade do século XIX até a segunda metade do século XX. Assim sendo, as questões motivadoras desta investigação são as seguintes: (I) Em que nível de variação o *você* e o *tu* estavam na produção escrita de cariocas e mineiros dos séculos XIX e XX?; (II) Quais tipos de relações sociais subsidiariam a produtividade do *você* nas cartas cariocas e mineiras oitocentistas e novecentistas? A hipótese principal é a de que o pronome *você* ocorreria como estratégia predominante em relações de inferior para superior (assimétricas ascendentes) pelo fato de tal forma ter herdado do tratamento nominal *Vossa Mercê* seu caráter indireto e atenuante, marcando respeito ou distância social. Assumindo como ponto de partida os subsistemas tratamentais atualmente vigentes no Rio de Janeiro (*tu* ~ *você*) e em Minas Gerais (*você*), cf. discutido por Lopes e Cavalcante (2011) com base em Scherre *et alii* (2009), bem como essas questões motivadoras, conjectura-se a hipótese de que, já na escrita de sincronias passadas do PB, seja possível detectar vestígios desses atuais subsistemas tratamentais.

Este texto está organizado em seis seções. Nas considerações iniciais, apresenta-se o fenômeno variável *tu/você*, tendo em vista o ponto de partida (a análise de Lopes e Cavalcante (2011) à luz de Scherre *et alii* (2009)), o objetivo principal, as questões motivadoras e a hipótese principal. Em seguida, expõem-se os pressupostos teórico-

³ Com base em gravações ocultas de conversas produzidas em distintos bairros do Rio de Janeiro (centro, Tijuca (zona norte) e Campo Grande (zona oeste), a frequência de uso do *tu* com ausência de concordância na forma verbal é de cerca de 20%.

⁴ Segundo Peres (2006), no ano de 2002, em Belo Horizonte, o “*você*” esteve com 23,5% (342/1453), o “*ocê*” com 3,9% (56/1453) e o “*cê*” com 72,6% (1055/1453).

metodológicos da sociolinguística histórica (cf. ROMAINE, 2010; CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2014) e os princípios da Teoria do Poder e da Solidariedade (cf. BROWN; GILMAN, 1960) que conduziram esta análise. Na sequência, apresentam-se os *corpora* de missivas cariocas e mineiras, divulgam-se e discutem-se os resultados gerais acerca do espriamento do *you-sujeito* e das relações sociais que subjazem o seu uso. Por fim, chega-se, nas considerações finais, a algumas generalizações acerca da produtividade do *you-sujeito* no PB em relação aos papéis sociais assumidos pelo remetente e destinatário das missivas mineiras.

1. Os pressupostos teórico-metodológicos: a sociolinguística histórica e a dinâmica das relações sociais

1.1 - Alguns pressupostos da sociolinguística histórica em foco

A mudança categorial desencadeada no *vossa mercê* (forma nominal de tratamento) até originar o *you* (forma pronominal de 2ª P) foi caracterizada pelo gradualismo da mudança, cf. Hopper (1991), suscetível à recuperação das suas etapas (*transition problem*, cf. Weinreich *et alii* (1968)). O caráter híbrido do *you* foi detectado na era oitocentista do PB, visto que se mostrava produtivo não só na produção escrita da elite letrada brasileira em relações de amizade⁵, mas também na produção escrita de letrados em relações mais cotidianas⁶. Parece ser conflitante o fato de o *you* ser profícuo tanto nas relações de amizade travadas no interior dos grupos socialmente prestigiados, quanto nas relações familiares mantidas entre avós e netos na intimidade da vida familiar brasileira. Ao tentar compreender esse aparente conflito, observa-se que a mudança categorial em análise (*vossa mercê* > *you*) passa pelo fato de o tratamento-fonte *vossa mercê* divergir do produto final *you*. Trata-se de um processo de mudança motivada, sobretudo, pela reorganização da sociedade portuguesa, cf. Cintra (1972), até o *you*, em convivência com o *tu*, atingir, em níveis variáveis, distintos espaços do território brasileiro, cf. observado por Scherre *et alii* (2009). A dinâmica dos processos de variação e mudança norteadoras da história de formação e de reorganização do sistema pronominal do PB justifica que se busque respaldar a análise linguística da variação *tu* e *you* nas relações sociais travadas entre os escreventes das missivas analisadas. Ao entender que as línguas humanas são movidas pela variação, assume-se que a realidade linguística heterogênea, plural e polarizada do PB, cf. Lucchesi (1998, p. 74), pode ser apreendida à luz de parâmetros e metodologia científicos. O panorama de heterogeneidade ordenada permite a descrição, à luz da Teoria da Variação, das condições que licenciam ou bloqueiam as formas linguísticas alternantes *tu* e *you*. A percepção da influência dos fatores sociais relevantes à aplicação da regra variável (*tu versus you*) se dá através do programa *Goldvarb* (2001)⁷, cf. Robinson *et alii* (2001), responsável, de modo geral, não só por tratar estatisticamente os dados, mas também por mensurar o grau de significância das variáveis linguísticas e extralinguísticas que condicionam a variabilidade do fenômeno linguístico. Concentrando esforços especificamente no tema em discussão, os condicionamentos sociais da variação *tu* e *you* na escrita mineira oitocentista e novecentista, convém esclarecer que, para esta reflexão, a produtividade do *you* em suas estruturas sociais no decorrer da 2ª metade do século XIX e do século XX, serão discutidos em termos de frequências de uso. Isso que dizer que os dados de *tu* e *you* foram quantificados e submetidos ao pacote de programas *Goldvarb* para o cálculo de seus índices percentuais, orientados pelas diretrizes metodológicas da pesquisa sociolinguística quantitativa de base Laboviana, cf. Mollica e Braga (2004), Guy e Zilles (2007). Consciente do fato de que as estatísticas por si só não interpretam isoladamente o avanço ou retrocesso de um dado fenômeno linguístico em variação, cf. Scherre (2012), entende-se, por outro lado, que as frequências absolutas das estruturas sociais que subsidiavam os usos das formas *tu* e *you* já podem fornecer evidências acerca do nível do encaixamento social da inserção do *you* no quadro pronominal do PB.

Ainda que a Teoria da Variação seja a perspectiva teórica fomentadora deste trabalho há de se atentar ao fato de que o tratamento dos dados de sincronias passadas de uma língua humana requer que o linguista-pesquisador volte o foco de sua análise para o "problema dos filtros" que, por sua vez, se constituiu como uma inquietação legítima tanto aos estudos de língua escrita, quanto aos de língua falada, cf. Romaine (1985 *apud*

⁵ Os testemunhos da elite letrada brasileira se deixa evidenciar através das cartas-diário da Condessa de Barral ao imperador D. Pedro II, cf. Soto (2007); das cartas trocadas entre os amigos baianos Rui Barbosa e José Marcelino (senador e governador da Bahia), cf. Menon (2006), representantes da elite política; das cartas da missivista mineira Maria Guilhermina Penna, casada com o ex-presidente da República Affonso Pena, ao tratar o filho Affonso Penna Júnior, por *you*, sobretudo, ao atingir a velhice, cf. Pereira (2012).

⁶ Os testemunhos de uma escrita epistolar cotidiana estão representados nas relações travadas entre a vovó Bárbara Ottoni – redatora mediana nos termos de Barbosa (2005, p. 40) – e os seus netos; bem como entre o vovô Pedreira, Secretário do Supremo Tribunal Federal por 21 anos (entre 1877 e 1898), cf. Rumeu (2013, p. 65) e os seus netos, tratando-os também por *you* no Brasil oitocentista.

⁷ Trata-se do Programa Varbrul (VARiABle RuLe, cf. SANKOFF, 1988) para o ambiente Windows.

LOBO, 2001, p. 99). Faz-se necessário atentar aos possíveis entraves do trabalho com dados de sincronias passadas tais como os diagnosticados por Labov (1994, p. 11): hipercorreção, mistura dialetal e "erros" do escriba. Questões como a *autoria*, a *autenticidade*, a *validade histórica* e *social* do documento são discutidas por Hernández-Campoy e Schilling (2014, p. 63-79) no sentido de primar, pela reconstrução histórica do contexto de produção do documento escrito. Nesse sentido, análises linguísticas na perspectiva diacrônica acabam por se deparar com o processo de construção de amostras de realidades linguísticas pretéritas que se mostraram resistentes à ação do tempo no interior dos arquivos, cf. discutido por Labov (2004), Conde Silvestre (2007). Dessa forma, legitima-se que o linguista-pesquisador assuma o presente como ponto de partida para a reconstrução do percurso trilhado pela mudança no intuito de desvelar a realidade histórica de sincronias passadas e de compreender a atual sincronia do PB, seguindo os princípios da sociolinguística histórica, cf. Romaine (1982), Lobo (2001), Conde Silvestre (2007), Hernández-Campoy e Conde Silvestre (2014). Cabe ao linguista-pesquisador empenhar-se no refinamento metodológico da análise de textos antigos com o intuito de identificar não só os traços específicos do vernáculo do PB, mas também os traços linguísticos idiossincráticos do autor do manuscrito, cf. discutido por Rumeu (2013, p. 111). Seguindo essa perspectiva de trabalho, Rumeu (2013, p. 111-118), ao trabalhar com a análise de dados de *tu* e *você* nas eras oitocentista e novecentista do PB, organizou os seguintes procedimentos metodológicos: (I) constituiu *corpora diacrônicos*; (II) confeccionou conservadoras edições de tais *corpora* históricos; (III) manteve a sua preferência por manuscritos certificadamente autógrafos; (IV) (re)construiu o perfil social dos informantes, controlando as categorias sociais de gênero e a faixa etária.

Com base nos resultados das análises acerca da variação *tu* e *você* no PB (cf. RUMEU, 2013; SILVA, 2012; SOUZA, 2012; LOPES; CAVALCANTE, 2011), o levantamento dos dados de tais pronomes se deu a partir da sua submissão às categorias linguísticas (*estruturais*) e extralinguísticas (*sociais*). No que se refere às categorias linguísticas e sociais, analisaram-se os dados em relação aos seguintes grupos de fatores: (I) as formas do paradigma de *tu*, do paradigma de *você* e do paradigma de *vossa mercê* aos quais os dados estavam vinculados como evidência da variável dependente; (II) a forma pronominal concretamente realizada (*tu pleno* ou desinencial, *você*, *vossa mercê*); (III) a função sintática (sujeito pleno, sujeito nulo, sujeito imperativo de 2P, sujeito imperativo de 3P); (IV) a forma de tratamento específica na função de sujeito de 2P (carta de *tu-suj.*, carta de *você-suj.*, carta de *tu* e *você* (mista), carta de *vossa mercê-suj.*); (V) o gênero do missivista (masculino e feminino); (VI) a faixa etária missivista (jovem (14-30), adulto (31-50), idoso (acima de 50 anos)); (VII) o período; (VIII) as relações de parentesco dos missivistas (pai-filho, mãe-filho, filho-mãe, afilhado-padrinho, tio(a)-sobrinho(a), sobrinho(a)-tio(a), irmão-irmã, irmã-irmã, irmã-irmão, irmão-irmão, entre primos) e (IX) o subgênero da carta mineira de circulação privada (familiar, amizade ou amorosa). Ainda que se tenha controlado diversificados fatores internos e externos, optou-se por expor, neste trabalho, tão somente os resultados relacionados à produtividade das formas pronominais *tu* e *você* nos eixos do tempo e das relações sociais.

Considerando que o controle do perfil social dos informantes perpassa também pelo controle das dinâmicas sociais estabelecidas entre os missivistas, passa-se a uma breve exposição acerca dos pressupostos da Teoria do Poder e Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960).

1.2 - As formas pronominais e a teoria do poder e solidariedade

Brown e Gilman (1960), no texto *The pronouns of power and solidarity*, assumem que traços da organização social de uma dada comunidade linguística podem ser revelados através do emprego das formas pronominais de referência a 2P do discurso. Conforme conjecturado por Brown e Gilman (1960), a diferença entre as formas *tu* e *vós* era estabelecida em latim pela oposição entre singular e plural. No século IV, a referência respeitosa ao interlocutor se dava pelo *vós*, evidenciando metaforicamente, através da noção de pluralidade implícita, a semântica das relações de Poder. Nesse sentido, a semântica do Poder se manifesta nas relações interpessoais por meio do assimétrico e não recíproco *vous*, ao passo que, nas relações sociais assimétricas, o interlocutor superior se dirige ao seu interlocutor hierarquicamente inferior por *tu* e é tratado por *vous*. Por outro lado, a semântica da Solidariedade é expressa através de formas de tratamento que indiquem simetria, reciprocidade entre os interlocutores⁸. O uso recíproco do pronome *tu* é o que caracteriza esse tipo de relação interpessoal distensa. No entanto, é possível constatar o uso recíproco da forma de tratamento *vous* entre os interlocutores, sugerindo que as relações travadas entre iguais da classe alta sejam movidas pela Solidariedade.

⁸ Os autores opõem *tu* a *vous* utilizando o francês como referência, embora as línguas humanas tenham soluções distintas para o estabelecimento das relações de Poder e Solidariedade (formas nominais de tratamento cortês, formas pronominais etc.). Entenda-se, pois, *vous* como forma de distanciamento, polidez e/ou cortesia, Poder, e o *tu* como forma de intimidade, Solidariedade.

A reinterpretação da Teoria do Poder e da Solidariedade com base em estudos de casos para o alemão, o italiano e o francês proposta por Wardhaugh (1997) permitiu que se buscasse explicar as dinâmicas das relações sociais brasileiras (mais especificamente as relações mantidas por cariocas e mineiros) na 2ª metade do século XIX e no século XX. Segundo Wardhaugh (1997), as mudanças do sistema conceptual *tu/vous* para o polido e simétrico *vous/vous* e para o mútuo e simétrico *tu/tu* se consolida em virtude da relevância da Solidariedade nas sociedades contemporâneas. De modo geral, a mudança da semântica do Poder, marcada pelo uso do *tu/vous*, para a semântica da Solidariedade, representada pelo uso do simétrico *tu/tu*, é uma transformação linguística recente. Nessa perspectiva de análise, o uso do simétrico *tu/tu* se dá quando as classes baixas ou as classes altas querem se evidenciar democráticas, como ocorreu na França com a Revolução Francesa. As sociedades modernas assumem diferentes formas de expressão das dinâmicas do Poder e da Solidariedade a partir da distinção entre as formas *tu/vous*, visto que as relações sociais não só se movimentam a favor da Solidariedade, mas também se deixam mover pela dinâmica do Poder. Assim sendo, defende-se, neste estudo, a pertinência da Teoria do Poder e da Solidariedade para a análise do emprego das estratégias de referência à 2P do discurso, em termos das relações simétricas e assimétricas ascendentes (superior-inferior) e descendentes (inferior-superior), ainda que não se deva perder de vista a complexidade das relações humanas no contexto histórico-social em que estão inseridas.

Passa-se à descrição da metodologia utilizada para a análise de dados de *tu, você* em sincronias passadas do PB.

2. A metodologia de trabalho com *corpora* históricos: as cartas cariocas e mineiras oitocentistas e novecentistas em foco

Em relação à amostra de cartas cariocas, Lopes e Souza (2015) se dispuseram a trabalhar com trezentos e sessenta e seis missivas⁹ (366) produzidas entre 1870 e 1979 por escreventes cujos perfis sociais os evidenciam como brasileiros que moravam ou mantiveram grande parte da vida e suas redes de relação social no estado do Rio de Janeiro e/ou no antigo Distrito Federal. Trata-se de missivas, em grande parte, confeccionadas por brasileiros provenientes de abastadas famílias, tais como as Famílias Brandão¹⁰, Cupertino, Cruz¹¹, Lacerda¹², Land Avellar, Ottoni¹³, Penna¹⁴ (ex-presidente da república Afonso Penna), Passos¹⁵ (ex-prefeito Pereira Passos) e Pedreira Ferraz-Magalhães¹⁶ (Secretário do Supremo Tribunal Federal no século XIX, cf. RUMEU, 2013), excetuando-se as missivas redigidas por um casal de noivos não-ilustres Jaime e Maria¹⁷, cf. explicitado por Souza (2012), ao organizar as epístolas para a exposição panorâmica da alternância *tu* e *você* no intervalo temporal de pouco mais de cem anos de produção escrita.

Com relação às missivas mineiras, este estudo está fundamentado em oitenta e nove (89) epístolas (53 cartas familiares e 36 cartas de amizade) produzidas entre 1850 e 1989. O desequilíbrio quantitativo entre as amostras de missivas familiares (53) e as amostras de missivas de amizade (36) é consequência do fato de o linguista-pesquisador voltado para estudos linguísticos em sincronias passadas do PB sempre permanecer à mercê dos textos que sobreviveram à ação do tempo. A distribuição das missivas por lapsos temporais de trinta anos (1850 e 1879 (fase I), entre 1900 e 1929 (fase II), entre 1930 e 1939 (fase III) e entre 1940 e 1989 (fase IV)) também fica prejudicada pela ausência de missivas mineiras com dados de *tu* e *você* entre os anos de 1880 e 1899. Uma vez consciente dos limites que os *corpora* impõe ao trabalho na perspectiva da sociolinguística histórica, segue o linguista-pesquisador buscando, à luz de teoria e metodologia específicas, melhor caracterizar o processo em questão (gramaticalização do *você* no PB) como uma mudança não só estruturalmente encaixada, mas também socialmente encaixada, mesmo que embasada em amostras de cartas ainda pouco equilibradas (cf. RUMEU, 2012; RUMEU, 2013).

⁹ Consultar Souza (2012), bem como o site do projeto LaborHistórico: <<http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico/>>.

¹⁰ Missivas editadas por Janaina Pedreira Fernandes de Souza.

¹¹ Missivas editadas por Thiago Laurentino de Oliveira e Camila Duarte.

¹² Missivas editadas por Diogo Ribeiro e Bruna Alburquerque de Carvalho.

¹³ Missivas editadas por Lopes e Machado (2005).

¹⁴ Missivas da Família Penna editadas por Pereira (2012).

¹⁵ Missivas da Família Passos editadas por Souza (2012).

¹⁶ Missivas da Família Pedreira Ferraz Magalhães editadas por Rumeu (2013).

¹⁷ Missivas editadas por Silva (2012) e Souza (2012).

Para este trabalho, expõem-se em análise vinte e oito (28) missivas do Fundo Barão de Camargos confeccionadas, entre os anos de 1854 e 1954, por mãos seguramente mineiras, cf. Chaves (2006) que as editou conservadoramente. Ainda para as cartas mineiras, têm-se vinte e cinco (25) missivas trocadas entre a poetisa mineira Henriqueta Lisboa e os seus entes, tais como os pais (Maria Rita de Vilhena Lisboa e João de Almeida Lisboa), os irmãos (Abigail Lisboa, Alaíde Lisboa, João Lisboa Jr., José Carlos Lisboa, Maria de Jesus Lisboa Bacha, Waldir Lisboa), os sobrinhos (Clélia Bacha de Almeida, Marília Valladão Pires) e as primas (Lucília e Maria José de Melo. Acrescente-se ainda vinte e sete (27) epístolas de amizade trocadas entre a poetisa e alguns de seus poetas-amigos como Abgar Renualt, João Alphonsus de Guimaraens, João Alphonsus de Guimaraens Filho, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Pedro Pinto, no período de 1917 a 1989 e mais nove cartas (09) cartas do Fundo Barão de Camargos trocadas entre mineiros-amigos, cf. Chaves (2006). As missivas mineiras da Coleção Henriqueta Lisboa estão sob a guarda do Acervo dos Escritores Mineiros (AEM/FALE/UFMG). À exceção das trinta e sete (37) cartas mineiras do Fundo Barão de Camargos, também editadas conservadoramente por Chaves (2006), as demais cinquenta e duas (52) missivas foram organizadas e editadas com fac-símile e de forma diplomático-interpretativa por Rumeu¹⁸, visando especificamente aos estudos linguísticos, o que justifica a ausência de qualquer tipo de interferência (acentuação, pontuação, grafia) na expressão escrita dos missivistas.

Uma vez expostos os *corpora* que subsidiaram este trabalho (cartas familiares, de amizade e amorosas), passa-se à apresentação e à discussão dos resultados acerca das formas pronominais variantes do sujeito de 2P do discurso (*tu/você*) nas missivas cariocas e mineiras.

3. Distribuição geral dos dados de formas pronominais de referência à 2P nas cartas cariocas e mineiras

O confronto entre os gráficos 1 e 2 evidencia a produtividade variável das formas *tu* e *você* na produção escrita de mineiros e cariocas entre fins do século XIX e a 2ª metade do século XX. Apesar de a concorrência entre as formas *tu* e *você* ter se mostrado mais acirrada na produção escrita carioca, verificam-se também, na produção escrita mineira, dados da forma nominal de tratamento *vossa mercê*, em fins do século XIX, bem como a convivência entre as formas pronominais *tu* e *você* no decorrer do século XX.

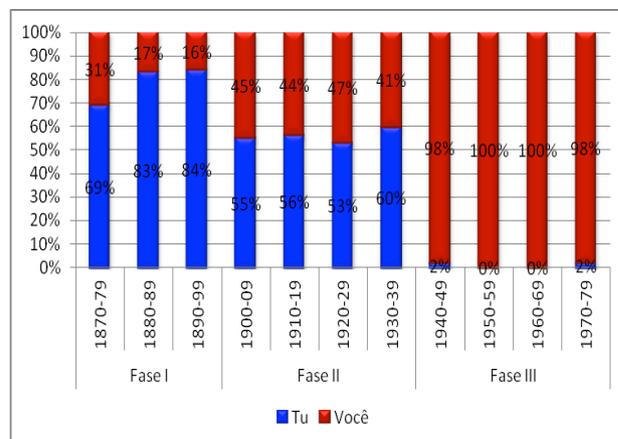
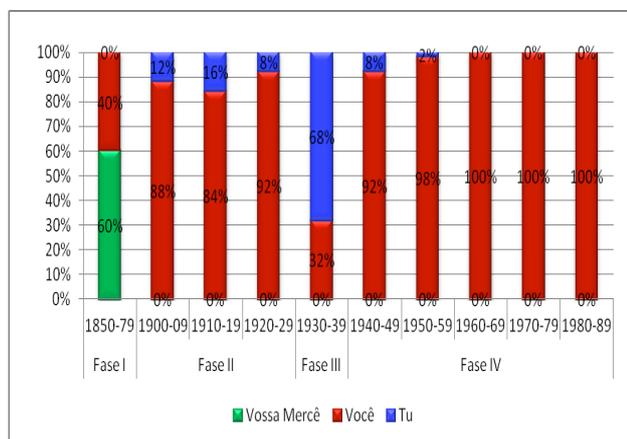


Gráfico 1. As formas *vossa mercê*, *você* e *tu* na escrita mineira: 1850-1889.

Gráfico 2. As formas *tu* e *você* na escrita carioca: 1870-1979.

Nas cartas mineiras analisadas, observa-se, com base no gráfico 1, dentre os 226 dados de estratégias de referência à 2P do discurso, a promissora trajetória de ascensão do *você* (189 ocorrências), entre a 2ª metade do século XIX (1850) e o século XX (1989), que pode ser melhor depreendida, à luz de quatro lapsos temporais (1850-79 (Fase I), 1900-29 (Fase II), 1930-39 (Fase III), 1940-89 (Fase IV)).

Entre os anos de 1850 e 1879, (fase I), observa-se a convivência do *vossa mercê* (60%) com o *você* (40%) como está ilustrado em (01) e (02).

¹⁸ Projeto "Aspectos morfosintáticos da escrita culta em cartas brasileiras", subsidiado pela FAPEMIG (FALE/UFMG), Processo Nº: APQ-01788-13, Demanda Universal. 2014-2016.

- (01) (...) Minha Tia (...) como *v.^{mce}* tem de tirar dinheiro da Caixa Economica, rogo-lhe o favor de tirar já sessenta mil reis para me emprestar (...) (RJFB. Ouro Preto, 22.05.1855.)
- (02) (...) Mana e Comadre (...) acasa que *voce* mora amiassa próxima ruina (...) he de nescicidade que *voce* saia dela para não acabar desgraçadamente debaixo de suas ruínas (...) (AR. 20.05.1855.)

Nas primeiras duas décadas do século XX (1900-1929, fase II), verifica-se a alternância entre as formas *você* e *tu*, como se observa em (03) e (04), ainda que a trajetória de ascendência do *você*, com frequências de uso de 88%, 84% e 92% em contraste com o uso de *tu* em 12%, 16% e 08%, respectivamente, pareça expor em evidência o processo de inserção do inovador *você* no paradigma pronominal do PB.

- (03) (...) balçamo de alegria por saber que *você* goze a boa saude e felicidade (...) (MEVB. Gama, 05.07.1904.)
- (04) (...) como sei que *estas* gosando boa saude (...) (AR. 10.02.1912.)

No decorrer da década de 1930, identificamos a inversão do movimento de ascensão do *você*, com 32%, já que o *tu* passa a prevalecer com 68% de produtividade nas cartas mineiras analisadas, como se verifica em (05) e (06). Como entender tal inversão na direção do processo de pronominalização do *você-sujeito*? Acredita-se que a análise das relações sociais que subjazem às produtividades das formas *tu* e *você* podem contribuir para a compreensão do fenômeno linguístico.

- (05) (...) Quero que *dês* a Ella e ao papae (...) (AL. Ibiracy, 05.09.1931.)
- (06) (...) para que *continues* com saude assim, como todos (...) (Sinhá. s.l, 18.07.1937.)

Dando continuidade à interpretação do gráfico 1, observe-se que, no período de 1940 a 1989 (fase IV), o *você* passa a predominar gradativamente, passando de 92% *versus* 08% de *tu*, entre 1940-49; a 98% *versus* 02% de *tu*, entre 1950-59; até alcançar o uso categórico entre os anos de 1960 e 1989, na produção escrita dos mineiros como já o é, de uma forma geral, na fala mineira atual, cf. Scherre *et alii* (2009). De (07) a (11), têm-se ilustrado algumas ocorrências do *você*, na produção escrita de mineiros, nas décadas de 40, 50, 60, 70 e 80 do século XX.

- (07) (...) mas *você* ... sabe da solidão em que andamos no mundo (...) (AGFF. BH, 09.04.1947.)
- (08) (...) Sinhá *voce* nao pode imaginar as saudades (...) (IJ. BH, 10.12.1950.)
- (09) (...) Coisas de que *você*, querida poetisa, tem o Segredo. (...) (MM. Roma, 23.03.1964.)
- (10) (...) De um poeta como *Você* a gente está sempre esperando o máximo. (...) (CDA. RJ, 25.01.1970.)
- (11) (...) *Você* conseguiu admiravelmente fazer da poesia uma forma de meditação (...) (CDA. RJ, 08.01.1983.)

Nas cartas cariocas, à luz do gráfico 2, observa-se, dentre os 1525 dados de formas de referência à 2P do discurso, a curva de ascensão do *você* (763 ocorrências) que pode ser melhor interpretada, no eixo do tempo, à luz de três fases temporais (1870-99 (Fase I), 1900-39 (Fase II), 1940-79 (Fase III)). Num primeiro momento, verifica-se a produtividade do *você* (31% (1870-79), 17% (1880-89) e 16% (1890-99)) que ainda resguardava traços de cortesia da forma-fonte *vossa mercê*, sendo usado não só para atenuar pedidos (12), mas também para a referência ao interlocutor em contexto de discurso reportado (13).

- (12) (...) *Você* va pedindo a mamãe que lhe ensine a ler e escrever para com o tempo sustentarmos uã grande correspondencia (...) (Carta entre o avô João Pedreira e a sua neta Leonor, 1886.)
- (13) (...) aqui se falla muito que *Você* está ganhando dinheiro como advogado, que hé muito procurado, que tens conferencias com os homens mais notaveis, qehé(?) muito consultado sobre negocios do Brasil enfim que *tens* brilhante posição, nada disto me admira (...) (Carta entre os amigos Carlos e Rui Barbosa, XIX.)

Entre os anos de 1900 e 1939, verifica-se que o *você* e o *tu* já parecem dividir os mesmos espaços funcionais, passando o inovador *você* a tomar fôlego (45% (1900-09), 44% (1910-19), 47% (1920-29) e 41% (1930-39)) de modo a intensificar o seu nível de alternância com o *tu* (55% (1900-09), 56% (1910-19), 53% (1920-29) e 60% (1930-39)) nessas três primeiras décadas do século XX. Há de se atentar para o uso do *você* já movido por uma semântica de intimidade, como é possível observar em (14), evidenciando, pois, um maior grau de integração entre os cariocas unidos por laços familiares. Como hipótese interpretativa para a neutralização semântica sofrida pelo *você*, no decorrer do século XX, tem-se, sobretudo a partir da década de 1930, a modernização, a industrialização, a expansão de novas camadas sociais e a mobilidade na estrutura de classes como importantes contextos propulsores não só da reestruturação dos papéis sociais na sociedade carioca, mas também das mudanças relacionadas ao tratamento no interior dos grupos familiares e na particularidade das relações pessoais.

- (14) (...) Pode *você* bem calcular o vasio infinito que se fez na minha vida (Washington Luís - Francisco Brandão, 1934.)

De 1940 a 1979, observa-se o uso majoritário do *você*, espraiando-se como estratégia neutra, ou seja, como uma estratégia *coringa* na referência ao sujeito de 2P que inserido está na sociedade carioca contemporânea, como está ilustrado em (15).

- (15) São três e meia da manhã de domingo acabei de chegar do samba e ao subir me entregaram sua carta que em poucas linhas disse muitas coisas bonitas coisas que *você* sabe que sinto mas que não consigo passar para o papel (RJ, 30.01.77. Família Lacerda, Carta entre os amigos Carlinhos e Marcela.)

Passa-se à observação das formas treatmentais correlacionadas aos eixos temporal e social, atentando especificamente às relações sociais simétricas e assimétricas que as subsidiaram.

4. Análise das relações de poder e solidariedade com base na variação entre as formas *vossa mercê*, *você* e *tu* correlacionadas aos eixos temporal e social

Com base na Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), os dados de *tu* e *você* foram correlacionados às relações simétricas (entre iguais) e assimétricas ascendentes (de inferior para superior) e descendentes (de superior para inferior) distribuídas, por sua vez, em relação a intervalos temporais médios de 30 anos (1850-1879, 1900-1929, 1930-1959, 1960-1989), para as cartas mineiras, e entre 30 e 40 anos (1870-1899, 1900-1939, 1940-1979), para as cartas cariocas, como é possível observar nos gráficos 3 e 4.

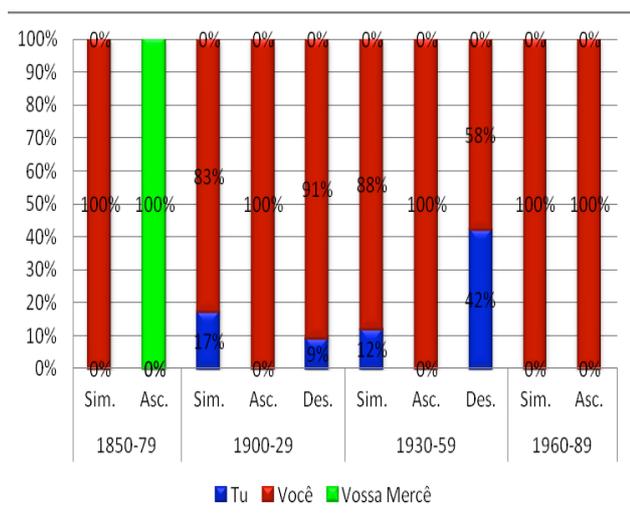


Gráfico 3. As formas *vmce*, *você* e *tu* e as relações sociais nas cartas mineiras (1850-1989).

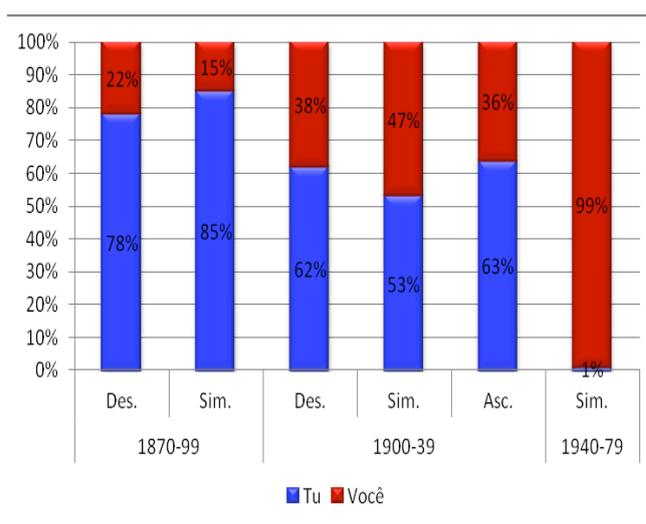


Gráfico 4. As formas *tu* e *você* e as relações sociais nas cartas cariocas (1870-1979).

De modo geral, verifica-se, à luz do gráfico 3, não só a prevalência do *você*, mas também o seu espraiamento pelos diferentes tipos de relações sociais nas missivas mineiras analisadas. Entre 1850 e 1879,

observam-se dados de *vossa mercê* e *você* dispostos pelas relações sociais assimétricas ascendentes (relações sociais de inferior para superior) e pelas relações sociais simétricas (relações sociais entre iguais), respectivamente, como é possível ilustrar de (16) a (19).

Dados de vossa mercê em relações sociais assimétricas ascendentes (de inferior para superior):

- (16) (...) Espero ser servido *vossa mercê* querendo emprestar-me (...) (RJFB. Ouro Preto, 22.05.1855. Carta de sobrinho para tia.)
 (17) (...) *vossa merce* ha de tirar os vinte mil reis (...) *vossa merce* aceite recomendações (...) (FS. Camargos, 05.07.1875. Carta de afilhado para padrinho.)
 (18) (...) *vossa merce* me conçedeo licença de boa vontade (...) (AMF. Juiz de Fora, 05.08.1874. Carta de filho para mãe.)

Dado de você em relação social simétrica (entre iguais):

- (19) (...) Mana e Comadre (...) acasa que *voce* mora amiassa próxima ruina (...) he de nescicidade que *voce* saia dela para não acabar desgraçadamente debaixo de suas ruínas (...) (AR. mineira idosa. 20.05.1855. Carta entre irmãs.)

Entre 1900 e 1929, o *você* divide o seu campo funcional com o *tu*, mantendo-se como a forma de referência ao sujeito de 2P preferida nas missivas mineiras analisadas marcadas pelas relações simétricas, em 83% dos dados, e assimétricas descendentes (relações de superior para inferior), em 91% dos dados, conforme pode ser observado de (20) a (24). Nas missivas assinaladas por assimetria social do tipo ascendente, isto é, marcadas por relações sociais travadas de inferior para superior, observa-se, como está ilustrado em (25), o uso categórico de *voce*, o que parece evidenciar um *você* já menos polido e, portanto, mais dessemantizado em relação à semântica de respeito herdada da forma nominal de tratamento que a originou (*vossa mercê*).

Dados de você em relação social simétrica (entre iguais):

- (20) (...) tenho imaginado que *voce* nao está bom (...) (FXR. São Caetano de Mariana, 26.02.1917. Carta entre irmãos.)
 (21) (...) se *voçê* me ver (...) *tu* conheces esto muito magra. (...) (MM. São Caetano, 27.04.1907. Carta entre primos.)

Dados de você em relação social assimétrica descendente (de superior para inferior):

- (22) (...) O fim desta é para *voce* ter a bondade de mandar a copia si já tirou (...) (FAS. Gama, 11.05.1911. Carta de mãe para filho).
 (23) (...) Arlindo quanto o que *voce* me escreveu eu não me admiro (...) (MCR. São Caetano, 26.03.1915. Carta de mãe para filha.)
 (24) (...) Arlindo quando *voce* tiver de vir cá por cauza do cartoro (...) (FAR. São Caetano, 27.02.1908. Carta de pai para filho.)

Dado de você em relação social assimétrica ascendente (de inferior para superior):

- (25) (...) dizendo-me ter sido *voce* intimado (...) (AS. Sabará.10.07.1907. Carta de sobrinho para tio.)

No período de 1930 e 1959, ainda que o *você* tenha prevalecido, sobretudo, nas relações simétricas, em 88% dos dados, e categoricamente, nas relações assimétricas ascendentes, como se observa de (26) a (29), é possível observar um maior nível de alternância com o *tu*, em 42% dos dados, nas missivas marcadas por assimetria social do tipo descendente, como está exemplificado de (30) a (34).

Dados de de tu e de você em relações sociais simétricas (entre iguais):

- (26) (...) o quanto *voce* sofreria com a perda de maria luiza. (...) (JCL. RJ, 26.10.1948. Carta entre irmãos.)
 (27) (...) com certeza, *vaes* ficar na pensão (...) (AL. Ibiracy, 05.09.1931. Carta entre irmãs.)
 (28) (...) Desde que soube que *andavas* adoentada (...) os votos que faço para que *recuperes* quanto antes a saude (...) (HL. RJ, 06.07.1933. Carta entre irmãs.)

Dado de você em relações sociais assimétricas ascendentes (de inferior para superior):

- (29) (...) e *voce*, quando nos dará o prazer de uma visita? (...) (CL. Lambari, 20.04.1950. Carta de sobrinha para tia.)

Dados de *tu* e de *you* em relações sociais assimétricas descendentes (de superior para inferior):

- (30) (...) os votos que faço a Deus para que te proteja concedendo graças e felicidades que és merecedora (...) (MRVL. BH, 15.07.1937. Carta de mãe para filha.)
- (31) (...) para que *continues* com saude assim (...) (MRVL. 18.07.1937. Carta de mãe para filha.)
- (32) (...) Sinto passar este dia longe de *vocei*, mas *terás*; ahi teu Pae manos para festejar (...) (MRVL. BH, 15.07.1937. Carta entre mãe e filha.)
- (33) (...) Espero em Deus que *voce* continue passando bem (...) (MRVL. 29.03.1939. Carta de mãe para filha.)
- (34) (...) Hontem D. Maria Rita Burnies, telefonou (...) disse todas aquelas cousas que *voce* ja esta acostumada a ouvir (...) (MRVL. 22.06.1941. Carta de mãe para filha.)

As ocorrências do *tu* foram observadas em cartas movidas por uma relação de assimetria descendente estabelecida entre mãe e filha (30-34) e por relação simétrica entre irmãs (27-28). Trata-se de dados de *tu* produzidos pela mãe¹⁹ da poetisa mineira Henriqueta Lisboa que pareceram refletir o *recato* linguístico necessário a uma referência precisa e íntima a sua filha cuja função social (professora e poetisa) lhe impõe como uma interlocutora que tem domínio da norma-padrão. Interessante é atentar ao fato de esses dados de *tu*-sujeito, circunscritos a uma relação de assimetria descendente, serem concretizados em uma carta em que o *you* figura em contexto sintático de complementação, o que evidencia a preferência da missivista por marcar a referência direta a sua filha pelo íntimo *tu*-sujeito, optando pelo *you* em função de não-sujeito, cf. (32). Nas cartas trocadas entre as irmãs Abigail Lisboa e Henriqueta Lisboa²⁰ interpretam-se os dados do íntimo *tu*, cf. (27) e (28), como expressão de uma postura linguística menos ousada, na referência a sua irmã, notoriamente reconhecida como uma informante muito letrada, mostrando-se, pois, em consonância com os preceitos da norma-padrão para a marcação do sujeito de 2P.

Em suma, o *you* parece ter se espreado por todas as relações sociais entre familiares e entre amigos (simétricas e assimétricas) controladas nas cartas mineiras em virtude de ter passado por um “processo de abstratização do sema de cortesia”, conforme discutido por Lopes (2010, p. 291). Nesse sentido, entende-se o fato de o *you* ter sido utilizado tanto pela elite brasileira, como ter se mostrado generalizado no uso doméstico (LOPES; MACHADO, 2005). O *vossa mercê*, por outro lado, teve o seu uso restrito às cartas da 2ª metade do século XIX (1850-1879), preso aos contextos pragmáticos das relações assimétricas ascendentes de inferior para superior como uma forma nominal de tratamento que manteve a sua semântica de Poder. Ao *tu*, coube um baixo índice de produtividade alcançando maiores frequências de uso nas relações familiares de *superior para inferior* das cartas mineiras novecentistas: de pais para filhos e entre irmãs.

Para as cartas cariocas analisadas, verifica-se, através do gráfico 4, a prevalência do *tu*, ainda que em alternância com o *you*, desde fins do século XIX até a fins do século XX. Entre 1870 e 1899, observa-se a predominância do *tu* nas relações simétricas e assimétricas descendentes, como está ilustrado de (35) a (37), com frequências de 85% e 78%, respectivamente, restando ao *you* as baixas frequências de uso de 22% e 15%, respectivamente, nas relações sociais assimétricas descendentes e simétricas, como se observa de (38) a (41).

Dado de *tu* em relação assimétrica descendente (de superior para inferior):

- (35) Pela tua carta de 1º vejo os motivos que *tens para* não *escreveres* todos os dias o *que* me pareciam justos. *Escrevas* quando *puderes*, ao menos uma vez por semana. (...) Dou te parabens por *teres* tido ocasião de mostrar tua applicação na aula de Dr E Lins. Nada satisfaz mais a quem estuda do *que* ser chamado á licção, porque assim os Mestres tem occasião de saber quanto se vale... (03.05.1898, Affonso Penna ao filho Affonsinho)

Dados de *tu* em relação social simétrica (entre iguais):

- (36) Antonico || Estimando que tudo *encontres* a teu gosto, peço-te que *desculpes* a demora devida somente ao facto de ter estado até agora ausente de Pariz o amigo a quem eu incumbira de as mandar gravar. (28.11.1882, Alberto Fiacho a Antonio Felizardo Cupertino do Amaral, amigos.)

¹⁹ Maria Rita de Vilhena Lisboa (Dona Sinhá).

²⁰ Henriqueta Lisboa, Escritora e Professora da Universidade Católica de Minas Gerais e da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais; Abigail Lisboa, irmã de Henriqueta Lisboa, interrompeu a sua atividade escolar ainda no Colégio de Sion, na cidade de Campanha (sul de MG), motivada por questões de saúde, o que a impediu de concluir um curso superior como o fizeram os demais irmãos.

- (37) Eu procuro me distribuir o mais possível para não me lembrar que *vossê* prosegue n'um impenetravel *mysterio*; que uma bella realidade appareça que *mandes* sanar a portaria (17/10/1899, Garcia a Oswaldo Cruz, amigos.)

Dados de você em relações sociais assimétricas descendentes (de superior para inferior):

- (38) Desta vez como não foi remetida ou recém mandada por mim a caixinha de encomendas que tua Mãe mandou para festejar a Rozinha tem havido demora sendo provável que a esta ora já Você tenha recebido. (JPF. RJ, 16.07.1879. Carta entre pai e filha.)
- (39) (...) Bebe me diz que voce come bem e esta engordando muito (...) (CBO. 17.02.1880. Carta de avô para neto.)

Dados de você em relação social simétrica (entre iguais):

- (40) Eu procuro me distribuir o mais possível para não me lembrar que *vossê* prosegue n'um impenetravel *mysterio*; que uma bella realidade appareça que *mandes* sanar a portaria (Carta entre os amigos Garcia e Oswaldo Cruz. 17.10.1899.)
- (41) Eu devo formar me como já disse na 2ª feira, si Deus quizer, eu só desejo não fazer figura vaiado pois o resultado tenho certeza de que não será disponível. Assim, pois, vou a festa. V. me espere. Quando digo que me espere não quero dizer que guarde jantar, porque jantarei na Barra (12.03.1886, Antonio-Elisa)

No período de 1900 e 1939, observa-se um maior nível de variação entre as formas *tu* e *você*, como está exemplificado de (42) a (47). A forma *tu* prevalece em todos os tipos de relação controlados, mesmo em contextos não esperados, como é o caso da relação assimétrica ascendente com 63%. Nesse caso, os dados se limitam a relações entre homens (filho e pai), como se vê em (42) e (43). Apesar de menos frequente, *você* apresenta seus maiores índices nas relações simétricas (47%). Os exemplos ilustram alguns desses usos.

Dados de tu em relação social assimétrica ascendente (de inferior para superior):

- (42) Querido Papae: Como *tens* passado? Hontem comecei a copiar a cabeça de Venus, não é muito difficil como pensava, mas tem uma cabelleira toda crespa e muito difficil a se fazer. (Carta de filho para pai, 11/09/1905)
- (43) Peço-te, meu Papae, que não te *esqueças* de me dar noticias de nossas flores de Petropolis e do Rio (Carta de filho para pai, 1910)

Dado de tu em relação social assimétrica descendente (de superior para inferior):

- (44) Estou um pouco indefluxado, mas é causa que não vale a pena. Ahi vai uma carta de M. Dias para *você* providenciar. Respondi-lhe que confiara esse negocio a *você* (Carta do pai Afonso Penna ao filho Affonsinho. 21.08.1905.)

Dado de tu em relação social simétrica (entre iguais):

- (45) Ernestina Vai esta só para avisar a Vocês que acabamos de chegar aqui, 6h da tarde, em boa saúde felismente, apesar do grande calor que *terás* tido, de passar alguns dias com nossos caros Paes, em Santa Fé, alegrando-os com sua companhia; e mais que todo convertendo tantas pobres almas que vivem ahi. (...) escreve Meu anjo a teu marido que por ti suspira aqui abandonado || Magalhães (1910, marido e mulher)

Dados de tu e você em relação social simétrica (entre iguais):

- (46) Quer publicar comosupplemento á 3ª edição, em pequeno livro do mesmo formato, os Conselhos, cartas etc que não se acham no texto. Se as Vozes acceitarem, não vejo nisso dificuldade, mas você é quem deve resolver. (...) Não *imaginas* como apreciei os nossos parentes de Portugal! São de uma cordialidade, de um affecto extraordinario! (FPFM. SP, 16.11.1927. Carta de irmão para irmão.)

Dados de tu e você em relações sociais de assimetria descendente (de superior para inferior):

- (47) Tenho tido noticias suas, não tenho escrito porque sei que não *tens* tempo para responder. Sinto bem *você* não ter mais calma para fazer o seu trabalho, não se alimentar bem e com socego. Agora *você* deve estar mais tranquilo e mais contente com a presença de Marieta e filhinhos (Carta da mãe Maria Guilhermina Penna ao filho Afonsinho. 23.09.1919.)

Entre os anos de 1940 e 1979, nota-se o avanço de *você* nas relações simétricas com uso quase categórico (99%), como está ilustrado em (48) e (49). Para essa fase, não foram analisadas cartas em que fossem estabelecidas relações assimétricas.

Dados de tu e você em relação social simétrica (entre iguais):

- (48) Já chegou o Padre Ceriale perguntou por *Você* Nossa Madre te manda lembranças o mesmo Irmã Maria Rosa - e Irmã Maria Agustinha, (a do gallinheiro) Quando acabaram as hostias que *Você* consagrou, não pude deixar de chorar - por ahi *Você* vê minha amizade por meu irmão. Recebe lembranças de Don Oreste Dona Augusta e do pobre quintero Don Juan. Quando visite o tumulto de nossa santa mãe não te *esqueças* de pedir pelas minhas intenções. (...) Pasei a manhã muito agradável escrevendo a *Você* parece que *estavas* aqui. (MRPFM. La Plata, 01.02.1948. Carta entre irmãos.)

Dado de você em relação social simétrica (entre iguais):

- (49) Hontem enviei-lhe, um estamento: "mas quem é burro, péde á Deus que o mate e o diabo que o carréguê". Deixe de lado a diplomacia, em nada alteraria minha amizade por você, mêmso que *you* ache alias com razão, que o "Glorioso Passado", não merece ser prefaciado por você, nada alteraria a nóssa cordialidade. (15.01.1966, Carta entre amigos, Família Brandão.)

Em síntese, foi possível acompanhar com maior precisão a partir do material disponível até agora, o espriamento gradativo de *você* nas relações simétricas: 15% na fase 1 (1870-1899), 47% na fase 2 (1900-39) e 99% na fase 3 (1940-79). Para os outros tipos de relação, principalmente as assimétricas descendentes, verificou-se, mais nitidamente nas duas primeiras fases, a perda gradativa no emprego de *tu* na produção escrita carioca.

Considerações finais

À luz da análise da dinâmica variável dos pronomes-sujeito *tu* e *você* nas cartas mineiras e cariocas confirmou-se a hipótese principal deste estudo de que o *você* tendo herdado do *vossa mercê* seu caráter indiretivo e atenuante, sobressaiu-se nas relações assimétricas ascendentes fomentadas na produção escrita não só dos mineiros, desenvolvida no decorrer do século XX, mas também dos cariocas na segunda metade do século XX. No intuito de responder às questões fomentadoras deste trabalho, encaminharam-se algumas generalizações acerca das estruturas sociais que subsidiaram as formas *tu* e *você* em sincronias passadas do PB.

(I) Em que nível de variação o *você* e o *tu* estavam na produção escrita de cariocas e mineiros dos séculos XIX e XX?

As cartas mineiras e cariocas evidenciaram realidades pretéritas distintas que muito se aproximam da atual realidade linguística em relação aos subsistemas tratamentais de referência ao sujeito de 2P. O *você* predominou, na produção escrita mineira, ao passo que, na produção escrita carioca, o nível de variação entre as formas *tu* e *você* se mostrou produtiva, ainda que o *você* tivesse alavancada a sua produtividade *pari passu* avançasse o século XX. Nesse sentido, observou-se que as epístolas mineiras e cariocas oitocentistas e novecentistas permitiram evidenciar os subsistemas tratamentais atualmente vigentes na atual sincronia do PB: Minas Gerais (*você*) e Rio de Janeiro (*você* ~ *tu*), ratificando a hipótese de que traços dos atuais subsistemas tratamentais já estariam visíveis em sincronias passadas do PB.

(II) Quais tipos de relações sociais subsidiariam a produtividade do *você* nas cartas cariocas e mineiras oitocentistas e novecentistas?

Nas cartas mineiras analisadas, as ocorrências de *vossa mercê* ficaram restritas às relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior) consubstanciadas em cartas de filho para mãe, de afilhado para padrinho e de sobrinho para tio efetivadas no decorrer da 2ª metade do século XIX. As exíguas frequências de uso de *tu* na produção escrita mineira se deixou evidenciar não só nas cartas de assimetria descendente (de mãe para filha), mas também nas epístolas movidas por relações sociais simétricas (entre irmãs e amigos), o que expõe a conservação da semântica de intimidade específico do solidário e íntimo *tu*. Considerando a ampla disseminação do *você* na produção escrita mineira tendo em vista não só as cartas de assimetria descendente (de superior para inferior), trocadas entre pai e filho, mãe e filho, sobrinho e tio, mas também as missivas orientadas pela relações sociais simétricas, trocadas entre primos, irmãos e amigos, verificou-se a sedimentação da solidariedade, sobretudo, no Brasil novecentista.

Nas cartas cariocas analisadas de fins do século XIX e do alvorecer do século XX, o uso do *tu* prevaleceu sobre o uso do *você*, sobretudo, nas relações simétricas e íntimas. Nos primeiros trinta anos do século XX,

observou-se a aceleração da alternância *tu* e *you*, ainda que o inovador tivesse se mostrado como uma estratégia de certa deferência nas missivas trocadas entre sobrinho e tia, filho e mãe. Nas relações sociais marcadas pela assimetria social do tipo descendente (de superior para inferior), o *tu* se mostrou mais produtivo nas epístolas trocadas entre tias e mães, respectivamente, aos seus sobrinhos e filhos. Ao longo do século XX, o *you* espalhou-se pelos distintos tipos de relações sociais, difundindo-se, pois, como uma legítima estratégia polifuncional.

Em suma, o *you*, no Brasil oitocentista, ainda conservava uma relativa formalidade, resguardada da sua origem nominal *vossa mercê*, que foi se perdendo gradativamente para a expressão atual da semântica da Solidariedade.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Afranio Gonçalves. Tratamento dos corpora de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). *A Norma Brasileira em construção: fatos linguísticos do século 19*. Rio de Janeiro: UFRJ, FAPERJ, 2005. p. 25-43.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, T. A. (Ed.). *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-449.
- CINTRA, Luis. F. Lindley. *Sobre "Formas de Tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte/ Coleção Horizonte 18, 1972.
- CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.
- CHAVES, Elaine. *Implementação do Pronome Você: a contribuição de pistas gráficas*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- GUY, Gregory; ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa - instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2014 [2006].
- HERNÁNDEZ-CAMPOY Juan Manuel; SCHILLING, Natalie. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2014 [2006]. p. 63-79.
- HOPPER, Paul John. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Company, Volume I, 1991. p. 17-35.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*. Volume 1: Internal Factors. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.
- LOBO, Tânia Conceição Freire. *Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil. Edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- LOPES, Célia Regina dos Santos; SOUZA, Janaína Pedreira Ferreira de. Formas tratamentais em cartas do Rio de Janeiro (1870 a 1979). Comunicação apresentada no *I Simpósio do LaborHistórico: História dos pronomes de tratamento no português brasileiro*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.
- LOPES, Célia Regina dos Santos; CAVALCANTE, Sílvia Regina de Oliveira. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de *you*-sujeito e retenção do clítico-te. *Linguística*. Vol. 25, p. 30-65, 2011.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. A persistência e a decategorização nos processos de gramaticalização. VITRAL, L.; COELHO, S. (Orgs.) *Estudos de Processos de Gramaticalização: metodologias e aplicações*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2010. p. 275-314.
- LOPES, Célia Regina dos Santos; MACHADO, Ana Carolina Morito. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, Célia Regina dos Santos. (Org.) *A Norma Brasileira em Construção*. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, FAPERJ, 2005. p. 45-66.
- LUCCHESI, Dante. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizador: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: GROBE, S.; ZIMMERMANN, K. (Eds.), *"Substandard" e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM, 1998. p. 73-99.

- MACHADO, Ana Carolina Morito. *As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- MENON, Odete Pereira da Silva. A história de *you*. GUEDES, Marymarcia; BERLINCK, Rosane de Andrade; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. *Teoria e análise linguísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP / São Paulo: Cultura Acadêmica Editorial, 2006. p. 99-160.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- MOTA, Maria Alice. *A variação dos pronomes 'tu' e 'you' no português oral de São João da Ponte (MG)*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- PERES, Edenize Ponzio. *O uso do you, ocê, cê em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- PEREIRA, Rachel de Oliveira. *O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna: um estudo diacrônico*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- ROMAINE, Suzanne. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. New York: Cambridge University Press, 1985 [2010].
- ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. *Goldvarb 2001*. A multivariate analysis application for Windows. York: 2001. Disponível em: <<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/manual/manualOct2001.html>>. Acesso em: 03 out. 2001.
- RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Língua e sociedade: a história do pronome 'You' no português brasileiro*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 2013.
- RUMEU, Márcia Cristina de Brito. Vestígios da pronominalização de *Vossa Mercê* > *You* em missivas cariocas e mineiras: uma incursão pelo português brasileiro escrito nos séculos XIX e XX. *Revista Veredas (UFJF)*, v. 16, nº 2, p. 36-55, 2012.
- SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, U. et al. (Eds.) *Sociolinguistics – An International Handbook of the Science of Language and Society*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988, p. 984-998.
- SILVA, Érica Nascimento. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- SOTO, Ucy. *Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira*. Niterói: Ed. da UFF, 2007.
- SOUZA, Janaína Pedreira Ferreira de. *Mapeando a entrada do you no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. *Tabuleiro de Letras*, 4, p. 01-32, 2012.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; LUCCA, Nívia Naves Garcia; DIAS, Edilene Patrícia Andrade; QUEIROZ, Carolina; MARTINS Germano Ferreira. Usos dos pronomes “you” e “tu” no português brasileiro. Comunicação apresentada no II SIMELP, Universidade de Évora, 2009.
- VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas Vianna. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- WARDHAUGH, R. Solidarity and politeness. In: _____. *An introduction to Sociolinguistics*. 3ª ed. Oxford: Blackwell textbooks in linguistics, 1997. p. 255–279.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, [1968] 2006.

Para um panorama sócio-diacrônico das formas de tratamento na função de sujeito na região Nordeste

Towards a socio-diachronic overview of the addressing forms in a subject position in the Northeast region (Brazil)

Recebido em 06 de maio de 2015. | Aprovado em 10 de junho de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i1.174>

Marco Antonio Martins¹
Aroldo Leal de Andrade²
Kássia Kamilla de Moura³
Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda⁴
Valéria Severina Gomes⁵
Zenaide de Oliveira Novais Carneiro⁶

Resumo: Apresentamos neste artigo uma análise sócio-diacrônica das formas de tratamento na função de sujeito em cartas pessoais dos estados da Bahia, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, na região nordeste, num recorte temporal que contempla os séculos XIX e XX. Os resultados mostram que nas cartas da região nordeste o subsistema de tratamento exclusivo de *you* é mais frequente em quase todas as décadas dos dois séculos observados. Esse quadro já se encontra bastante consolidado na primeira metade do século XX, mais especificamente na década de 1910. As escolhas das demais formas de tratamento estão diretamente vinculadas ao tipo de relação estabelecida entre os escreventes, considerando mais poder ou mais solidariedade nos diferentes contatos.

Palavras-chave: pronomes pessoais; formas de tratamento; *you*; cartas pessoais; nordeste.

Abstract: In this paper, we present a socio-diachronic analysis of address forms in subject function in personal letters of the states of Bahia, Pernambuco and Rio Grande do Norte, in a time frame covering the nineteenth and twentieth centuries. The results show that in the letters of the Northeast region the prevailing subsystem of address includes the pronoun *you* in almost every decade of the two centuries and that this framework was already well consolidated in the first half of the twentieth century, more specifically in the 1910s. The choice of other address forms is directly linked to the type of relationship established between the scribes, considering more power or more solidarity in various contacts.

Keywords: personal pronouns; treatment; *you*; personal letters; Brazilian Northeast.

¹ Professor Adjunto IV da Universidade Federal de Santa Catarina, credenciado no programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição, Bolsista PQ2-CNPq, Doutor em Linguística pela UFSC. marco.martins@ufsc.br.

² Doutor em Linguística e Pós-doutorando na Universidade Estadual de Campinas. aroldo.andrade@gmail.com.

³ Doutoranda em Estudos da Linguagem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. moura.kassia@gmail.com.

⁴ Professora Adjunto B da Universidade Estadual de Feira de Santana, credenciada no Mestrado em Estudos Linguísticos e no Mestrado Profissional em Letras da mesma instituição, Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Bahia, Pesquisadora FAPESB. marianafag@gmail.com.

⁵ Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco. lelavsg@gmail.com.

⁶ Professora Plena da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Doutora e com Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. zenaide.novais@gmail.com.

Introdução⁷

Estudos sociolinguísticos de cunho histórico-diacrônico realizados nos últimos anos no Brasil têm apresentado evidências de que a implementação de *você* no sistema pronominal no português brasileiro (PB) está diretamente associada ao pronome na função de sujeito (RUMEU, 2008; LOPES, 2009; LOPES; RUMEU; MARCOTULIO, 2011; LOPES; MARCOTULIO, 2011), e de que convivem na escrita brasileira dos séculos XIX e XX diferentes subsistemas de tratamento (LOPES; CAVALCANTE, 2011): (i) de *você exclusivo*, conforme exemplo em (01), a seguir; (ii) de *tu exclusivo*, como em (02); e (iii) de *alternância você~tu*, como em (03):

- (01) (...) Eu queria que **VOCÊ** fosse lá na 4ª feira (amanhã é feriado) e **CONVERSASSE** em meu nome com o chefe da casa a respeito do assumpto. Caso elles possam enviar o radio, **VOCÊ** peça para [inint.] no trem de 5ª feira pois eu tenho desejo de rever [inint.] com ingenho, depois de experimentar outros aparelhos – Outro pedio: **VOCÊ** procure tambem o Edvaldo Guimarães (o do seu Joaquim) e indique aelle dos rádios <[†]Philco> que [fol. 1v.] possuo, **bons**, e de preço equivalente ao 141 Victor, K. 80 G.E. etc. si puder, **PEÇA** para avaliar. [...] (de Mário Sette para o filho, 29 de outubro de 1937, Pernambuco/Acervo Mário Sette)
- (02) [...] ela me disse que eu tinha| direito de **TE** convidar; pois tanto eu| como **TU**, somos incluídos na família,| mas, creio, que **DEVES** estar bem cerca| do de afazeres, não é verdade? (de Ruzinete para Lourival, 18 de março de 1947, Rio Grande do Norte/Acervo Lorival e Ruzinete)
- (03) Talvez **VOCÊ** não entendo o que vai escrito > [...] Sem meu bem a maior certeza que posso dar **TE** é que em momento nem um esqueço de **VOCÊ** pois bem **SABIS** que é a maior representante de minha vida? (de Arnaldo para a esposa Maria, 1 de setembro de 1971, Bahia/Acervo Cartas da Família Oliveira)

Tendo em vista esse quadro, buscamos neste artigo apresentar uma análise da implementação da forma pronominal *você* em cartas pessoais do Nordeste brasileiro no curso dos séculos XIX e XX. Para tanto, analisaremos dados de cartas pessoais dos estados da Bahia, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, extraídos dos *corpora* que conformam o projeto *Para a História do Português Brasileiro*.

Os resultados aqui apresentados apresentam evidências de que nas cartas da Bahia, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte o subsistema de tratamento que vigora, em quase todas as décadas do recorte temporal investigado, é o de *você*, já bastante consolidado na primeira metade do século XX.

O *corpus* comum para os três estados da região nordeste é constituído de cartas pessoais, subdivididas em três subgêneros: cartas de amor, cartas de amigo e cartas de família. As cartas pessoais seguem um padrão composicional reconhecido que ancora o texto: o local, a data, o vocativo, a captação de benevolência, o corpo do texto, a despedida e a assinatura. Por meio dessas cartas, passamos a conhecer o entorno de quem as escreveu, sobre o local em que vivia, quando escreveu e sobre as estratégias linguísticas utilizadas. Essas estratégias expressam as variantes linguísticas de acordo com o tempo histórico, o local, o perfil social dos envolvidos, por vezes escasso, e a natureza tradicional do texto. Essas missivas revelam diferentes tipos de relação entre os escreventes.

Para embasar a descrição e a análise dos resultados, transitaremos pela análise variacionista na linha laboviana (LABOV, 1972; 1994), pela análise qualitativa com base nos fatores pragmáticos e nos papéis sociais dos interlocutores (CONDE SILVESTRE, 2007), que condicionam a opção por certas formas tratamentais e variantes, e pela análise das relações sociais classificadas de acordo com a dicotomia entre Poder e Solidariedade (BROWN;

⁷ Este artigo reúne resultados de projetos de pesquisa das equipes regionais dos estados da Bahia, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte vinculados ao *Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB)*, mais especificamente, ao grupo que estuda as formas de tratamento na diacronia do PB em cartas pessoais, coordenado pela profa. Dra. Célia Lopes. Agradecemos ao parecerista anônimo da Revista *LaborHistórico* pela sugestões e leitura atenta do texto. Marco Antonio Martins agradece o apoio financeiro do CNPq com a bolsa de produtividade PQ (processo 310728/2014-2). Aroldo de Andrade agradece o apoio financeiro da Fapesp (processo nr. 2011/19335-2, vinculado ao processo 2013-06078-9). Zenaide de Oliveira Novais Carneiro agradece à FAPESB, pelo apoio financeiro (Processo 5566/2010 - Projeto CE-DOHS Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão, vinculado ao processo CNPq 401433/2009-9 projeto Vozes do Sertão em Dados: *história, povos e formação do português brasileiro*).

GILMAN, 1960), entre relações simétricas e relações assimétricas (ascendentes e descendentes)⁸. Os resultados aqui apresentados corroboram o quadro de que as escolhas das formas de tratamento estão diretamente vinculadas ao tipo de relação estabelecida entre os escreventes, considerando mais poder ou mais solidariedade nos diferentes contatos. Em termos diacrônicos e diatópicos, o emprego de *você* e *tu* em cartas pessoais dos séculos XIX e XX dos três estados da região Nordeste contribuirá para o mapeamento do processo de gramaticalização de *você* na diacronia do PB.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: nas três primeiras seções, apresentamos uma breve caracterização dos *corpora* e a análise das cartas das diferentes regiões, considerando as especificidades das cartas por amostra e região; na seção 4, considerando os resultados das amostras por estado, buscamos apresentar um panorama sócio-diacrônico da distribuição do pronome *você* na função de sujeito na região nordeste.

1. As formas de tratamento na função de sujeito em cartas pessoais dos séculos XIX e XX: Bahia

Apresentamos nas três primeiras seções uma breve caracterização dos *corpora* e uma descrição e análise das formas de tratamento na função de sujeito em cartas pessoais de três estados do Nordeste brasileiro – Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Começamos pelo estado da Bahia.

1.1 - O corpus

A análise referente ao estado da Bahia baseia-se em 383 cartas, conforme distribuição apresentada no quadro a seguir. As referidas cartas estão digitalizadas em formato XML, por meio da ferramenta *eDictor*, e encontram-se *on-line*, como parte do *Corpus* Compartilhado PHPB-BA, na página do *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS)⁹.

<i>Década</i>	<i>Subcorpus de cartas</i>	<i>Quantidade de cartas</i>
1810-1850	Cartas para Vários Destinatários	7
1860	Cartas para Vários Destinatários	19
1870	Cartas para Vários Destinatários	18
1880	Cartas para Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo	18
1890	Cartas para Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo	151
1900	Cartas para Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo Cartas para Severino Vieira, Governador da Bahia	69
1910	Cartas Baianas: o acervo de João da Costa Pinto Victoria	10
1920	Cartas Baianas: o acervo de João da Costa Pinto Victoria Cartas do Acervo Dantas Jr.	19
1930	Cartas do Acervo Dantas Jr.	16
1940	Cartas do Acervo Dantas Jr.	18
1950	Cartas do Acervo Dantas Jr.	14
1960	Cartas do Acervo Dantas Jr.	3
1970	Acervo da Família Oliveira	2

⁸ As relações assimétricas consistem nos contatos estabelecidos entre interlocutores que ocupam posições hierárquicas de distanciamento. As relações assimétricas descendentes ocorrem, por exemplo, de pai/mãe para filho/a; já as relações assimétricas ascendentes ocorrem, por exemplo, de filho/a para pai/mãe.

⁹ Endereço para acesso do *corpus* é: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/cedohs/corpora.html>>.

1980	Correspondências Amigas, o acervo de Valente, Bahia	13
1990	Correspondências Amigas, o acervo de Valente, Bahia	6
Total		383

Quadro 01. Composição do corpus de cartas de remetentes baianos, por década.

Os acervos, editados em Carneiro (2005), são brevemente descritos a seguir:

1. Cartas para vários destinatários (1809-1904): 208 cartas; 38 baianos/114 remetentes (111 homens e 3 mulheres), oriundos, em sua maioria, da classe alta e letrada e nascidos entre 1724 e 1880. Boa parte dessas cartas foram escritas no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, seguidas das cartas escritas na Bahia, a maioria das quais foram enviadas por parentes, amigos e correligionários ao coronel Exupério Canguçu, provenientes da região da Chapada Diamantina e da Serra Geral, área de atuação desse coronel.

2. Cartas para Severino Vieira, Governador da Bahia (1901-1902): 102 cartas; 8 baianos/60 remetentes (57 homens e 3 mulheres), de maioria letrada e cidadina, compondo-se basicamente por remetentes cultos ou semicultos.

3. Cartas para Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo (1880-1903): 190 cartas; 43 baianos/43 remetentes (42 homens e 1 mulher). Trata-se de uma elite rural sertaneja, pouco letrada. Uma pequena parte é denominada aqui como semipopulares, composta, basicamente por vaqueiros, administradores das fazendas do Barão de Jeremoabo.

4. Cartas do Acervo Dantas Jr. (1902-1962¹⁰): 242 cartas, sendo 64 baianos/113 remetentes¹¹ com apenas 7 mulheres. A maior parte dos remetentes é formada por bacharéis em Direito, com altos cargos no período republicano em que viveram.

5. Cartas Baianas, o acervo de João da Costa Pinto Victoria (1911-1958): 102 cartas, sendo 5 baianas/5 remetentes. São cartas escritas por cinco mulheres semicultas e cultas, oriundas de Salvador, de Santo Amaro e do Rio de Janeiro. As cartas provêm de diversas regiões da Bahia, sendo a maioria da capital baiana, e outras de vilarejos e fazendas. As cartas desse acervo foram escritas por descendentes dos remetentes das "Cartas para Vários Destinatários", acervo do século XIX.

6. Correspondências Amigas, o acervo de Valente, Bahia (1980-1993): 79 cartas; 31 baianos/38 remetentes. Há, no conjunto de cartas manuscritas, 2 cartas datilografadas. São 38 remetentes, 31 do sexo feminino e 7 do sexo masculino. A quase totalidade das 77 cartas e 25 cartões é destinada a Adelmário Carneiro Araújo, nascido em Valente, em 17 de outubro de 1959. A maior parte dos remetentes é nascida ou radicada no interior da Bahia, jovens (20 a 30 anos) estudantes do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio.

7. Acervo da Família Oliveira (1962-1973): 23 cartas escritas por 2 remetentes. As cartas são de brasileiros representantes de um português semipopular.

De modo geral, essas cartas, conforme explicitado anteriormente, constituem a produção escrita de pessoas ilustres, cultas e cidadinas, com alto grau de escolaridade e letramento, e de pessoas semicultas, de áreas rurais da Bahia. No conjunto de cartas de escreventes ilustres, também são encontradas correspondências de familiares e amigos; por essa razão, mesmo exercendo cargos públicos (remetentes e destinatários) – como é o caso do acervo **Cartas para Severino Vieira**, governador da Bahia –, os escreventes tratam seus destinatários como amigo, com menos formalidade.

¹⁰ Sendo que 5 cartas são escritas por Dantas Jr. para seu pai (cartas 13, 14 e 16) e para ambos, pai e mãe (cartas 15 e 17).

¹¹ Há brasileiros naturais de diversos outros estados: sergipanos, pernambucanos, mineiros, cariocas e paulistas, cearense, capixaba, sul-mato-grossense e paraense. Dentre os 113 remetentes identificados, apenas 1 apresenta outra nacionalidade, a portuguesa, o Padre Antonio da Costa Gaito, Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas (Universidade de Coimbra).

1.2 - Descrição e análise

Na amostra da Bahia relativa ao período de 1810-1990, foram identificados 838 dados de formas de tratamento de referência à 2ª pessoa na posição de sujeito, entre sujeitos preenchidos e nulos. As formas imperativas não foram contabilizadas no cômputo geral. A distribuição dos dados de sujeito está na tabela 01 a seguir.

<i>Vossa Excelência</i>	<i>Vossa Senhoria</i>	<i>O Senhor</i>	<i>Vossa Mercê (Vosmecê)</i>	<i>Você</i>	<i>Vós</i>	<i>Tu</i>	<i>Total</i>
392 - 47%	30 - 3%	33 - 4%	8 - 1%	343 - 41%	26 - 3%	6 - 1%	838

Tabela 01. Distribuição geral das formas de tratamento na posição de sujeito em cartas baianas (1810-1990).

Nota-se que, na amostra de cartas baianas, há a polarização entre o tratamento de base nominal *Vossa Excelência* (47%) e a forma *você* (41%), sendo que aquela forma foi utilizada sobretudo nas cartas do século XIX. O pronome *tu* apresentou um emprego bastante marginal, com menos de 1% de frequência no *corpus* em análise. Foram identificados apenas 6 dados no total, categoricamente como sujeito nulo, que ocorreram, como era esperado, quando havia maior intimidade e solidariedade entre os interactantes, em certos tipos de relação pessoal, como é o caso das relações entre amigos, cf. exemplo em (04), e entre casais – em ocasiões mais informais –, cf. (05).

(04) Vê se **Ø COMBINAS** com o Pedreira e Sinim-|bu alguma cousa a meu respeito. (de F. M. Alvares d'Araujo para Martim Francisco, 19 de setembro de 1878, Bahia/Cartas para Vários Destinatários)

(05) Bem **Ø SABIS** | que é a maior representante de minha | vida? (de Arnaldo para a esposa Maria, 1 de setembro de 1971, Bahia/Acervo Cartas da Família Oliveira)

Outro resultado bastante particular, nessa amostra, foi a presença de *vós* em referência à segunda pessoa do singular: um traço bastante arcaizante para o português brasileiro, uma vez que esse uso era recorrente no português medieval. O exemplo em (06) ilustra o ocorrido com o emprego de *vós* (*pedisteis*) para se referir a um único destinatário, no caso em questão, o pai de Maria Augusta:

(06) Por Pompilio escrevi-vos hontem, e mandei | tudo quanto **Ø PEDISTEIS**. (de Maria Augusta para seu pai, 31 de maio de 1866, Bahia/Acervo Cartas para Vários Destinatários)

A terceira estratégia com baixíssimos índices de frequência foi *Vossa Mercê* e variantes, tratamento de base nominal da qual se originou *você*. Seu uso na amostra ocorreu de maneira bastante esporádica (8 dados – 1%) em cartas do século XIX. Cabe ressaltar que a forma ocorreu grafada como *vosmicê*, como se observa em (07), o que pode evidenciar que seu emprego registra uma transição entre o tratamento formal da origem (*Vossa Mercê*), e uma estratégia utilizada em relações de menor distanciamento, cf. (08). Importante se faz observar que os poucos dados apareceram, principalmente, em relações assimétricas ascendentes:

(07) [...] uma procuração para **VOSMICE** requerer por mim ao Senhor Dr. Juiz de Direito da Comarca, os meus direitos de Eleitor como tal ahi fui qualificado... (de Dechy Pinheiro Canguçu ao Coronel Exupério Pinheiro Canguçu, 25 de dezembro de 1887, Bahia/Acervo Cartas para Vários Destinatários)

(08) meu maior prazer é que **VOSMICÊ** minha| Madrinha e todos de nossa Familia tenham| sempre gosado perfeita saude e felicidades (de Dechy Pinheiro Canguçu para o Barão de Jeremoabo 25 de dezembro de 1887, Bahia/Acervo Cartas para Vários Destinatários)

Como mencionado anteriormente, os índices mais altos de frequência são para *Vossa Excelência* e *você* que, contudo, não ocorrem necessariamente no mesmo período de tempo e com os mesmos valores sociopragmáticos. *Vossa Excelência* aparece nas cartas com 40% de frequência na primeira metade do século XIX (1810-59), atingindo 82% na segunda metade daquele século. *Você*, por sua vez, apresenta uma ascensão abrupta no século XX. Sua

freqüência é bastante baixa no final do século XIX (14,3%), mas sobe para 92% entre 1900-29. Embora, no período de 1940-69, os índices sofram uma queda (50%), *ocê* atinge 100% na última fase do século XX (1960-99). A outra estratégia de base nominal, *Vossa Senhoria*, só se mostrou freqüente na primeira fase do século XIX (1810-59), com 60%. Esse quadro está sistematizado no gráfico 01 a seguir.

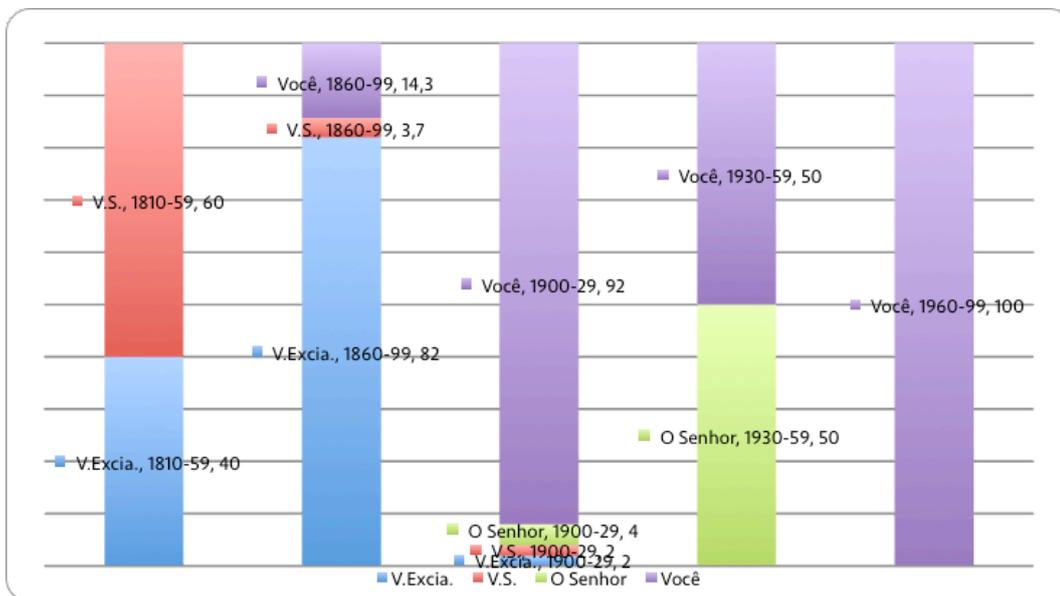


Gráfico 01. Distribuição das formas de tratamento mais produtivas ao longo do tempo em cartas baianas.

Adotando uma perspectiva mais qualitativa, nota-se como se distribuem as estratégias de tratamento em função dos eixos hierárquicos sociais. As relações sociais foram classificadas de acordo com a dicotomia entre Poder e Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), em relações simétricas e relações assimétricas (ascendentes e descendentes). Em cada uma, as relações estabelecidas entre o remetente e o destinatário foram consideradas como mais ou menos solidárias, a depender da relação interpessoal estabelecida. Assim, relações familiares mais próximas (marido-mulher, namorados, mãe-filho, tio-sobrinho etc.) foram classificadas como mais solidárias, ao passo que outras relações menos privadas ou mais distantes (primos distantes, compadres, patrão-empregado, colegas etc.) foram denominadas menos solidárias. O quadro a seguir sistematiza a distribuição qualitativa das formas de tratamento considerando essas diferentes relações:

Tipo de relação		Formas encontradas em cartas baianas
Simétrica	[+solidária]	VOCÊ Tu
	[-solidária]	V. Ex ^a V. S ^a O Senhor Vosmecê VOCÊ
assimétrica descendente	[+solidária]	VOCÊ
	[-solidária]	Vosmecê
assimétrica ascendente	[+solidária]	Vós Vosmecê
	[-solidária]	V. Ex ^a V. S ^a O Senhor

Quadro 02. Formas de tratamento encontradas em função das relações sociais nas cartas baianas.

Nas cartas baianas, *ocê* ocorre nas relações simétricas e nas assimétricas descendentes (superior-inferior), ao passo que, embora as estratégias de origem nominal também ocorram nessas relações, seu emprego é exclusivo nas relações de mais poder, como as assimétricas ascendentes (inferior-superior).

Uma informação importante sobre o comportamento do *ocê* nas cartas baianas pode ser depreendida do quadro acima. Diferentemente das demais regiões sul e sudeste, em que *ocê* começou por ser uma variante de

Vossa Mercê, ocupando os contextos de maior formalidade, como as relações assimétricas ascendentes (cf. LOPES, 2009; LOPES; RUMEU; CARNEIRO, 2013; LOPES; RUMEU; MARCOTULIO, 2011; RUMEU, 2004; 2008; 2013), na Bahia, a forma *you* parece ter entrado no sistema pronominal da 2ª pessoa por relações assimétricas descendentes e simétricas. Ainda que coexista com *Vosmecê* nessas relações, observa-se que esta é restrita às relações menos solidárias, ao passo que o *you* é utilizado preferencialmente em relações mais solidárias. Talvez por este comportamento particular, a forma *you* tenha ocupado muito rapidamente os contextos de maior intimidade, não deixando espaço para o pronome *tu*.

Assim, a suposta complexidade da distribuição variada de formas está no fato de estratégias diferentes atuarem nesses dois eixos ao longo dos dois séculos. Na primeira metade do século XIX, na Bahia, *Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria* são empregadas para marcar mais poder ao lado de *you*, que era empregado em contextos mais solidários. No século XX, a polarização já ocorre com outras formas. A partir principalmente dos anos 1930, *o/a senhor/a* passa a marcar poder, enquanto a solidariedade continua se estabelecendo com o emprego majoritário de *you*.

Na Tabela 02 abaixo apresentam-se os dados referentes ao uso de formas de *tu* e *you* nos paradigmas misto e exclusivo. Aqui foram excluídos os dados com formas nominais de tratamento, como *O senhor*, *Vossa Senhoria*. Nota-se que 99% dos dados são de *you*, e somente 5 dados de *tu* foram encontrados em dados de usuários que usam essa forma de maneira sistemática.

Simetria do tratamento nas cartas (sujeito)	Formas pronominais de 2ª	
	Tu	Você
Você-exclusivo	--	336/336 - 100%
Tu-exclusivo	5/5 - 100%	--
Tu e você	1/10 - 10%	9/10 - 90%
Total	6/351 - 2%	345/351 - 98%

Tabela 02. Distribuição das formas pronominais de segunda pessoa na posição de sujeito em cartas baianas.

Além de observar a distribuição das formas de tratamento na amostra, foi quantificado o preenchimento, ou não, do sujeito dessas ocorrências. Os resultados gerais obtidos são apresentados na Tabela 03, a seguir.

SUJEITO	REALIZAÇÃO		TOTAL
	Pleno	Nulo	
Vossa Excelência	223 - 57%	169 - 43%	392
Vossa Senhoria	16 - 53%	14 - 47%	30
O Senhor	18 - 54%	15 - 45%	33
Vosmecê	8 - 100%	0 - 0%	8
Você	192 - 56%	151 - 44%	343
Vós	0 - 0%	26 - 100%	26
Tu	0 - 0%	6 - 100%	6
TOTAL	457	381	838

Tabela 03. Distribuição das formas de tratamento quanto à expressão do sujeito (pleno ou nulo) nas cartas baianas (1810-1990).

Os resultados do preenchimento do sujeito mostram preferência pela realização plena do sujeito nas formas de tratamento que se originaram de um sintagma nominal, como é o caso de *Vossa Mercê* com 100%, *Vossa Excelência/Vossa Senhoria/O/A senhor(a)*, com taxas que variam de 53% a 58%, e até mesmo a forma pronominalizada *você* com 56%. As formas efetivamente pronominais, como é o caso de *tu* e *vós* para singular, ocorreram categoricamente como sujeito nulo, ou seja, a informação de segunda pessoa fica marcada apenas na desinência verbal.

A análise das cartas baianas mostra que, ao contrário do que se observa nas regiões sul e sudeste, há polarização entre o tratamento de base nominal *Vossa Excelência* e a forma *você*. Esse resultado, sobretudo aquele sistematizado no gráfico 01, mostra uma elevada taxa de *você* já no início do século. Passemos agora à análise das cartas de Pernambuco.

2. As formas de tratamento na função de sujeito em cartas pessoais dos séculos XIX e XX: Pernambuco

2.1 - O corpus

A análise referente ao estado de Pernambuco baseia-se em 126 cartas datadas de 1869 a 1969, divididas nos seguintes subgêneros: 83 cartas de família; 32 cartas de amigos; e 8 cartas de amor, conforme distribuição apresentada no quadro a seguir. Algumas dessas missivas encontram-se disponíveis no banco de dados do Projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB-PE)¹².

<i>Década</i>	<i>Subcorpus de cartas</i>	<i>Quantidade de cartas</i>
1860	Acervo de José Mariano Acervo de Ascenso Ferreira	2
1870	Acervo de José Mariano Acervo de Joaquim Nabuco	4
1880	Acervo de Joaquim Nabuco Acervo de Arthur Orlando	7
1890	Acervo de Joaquim Nabuco Acervo de Arthur Orlando Acervo de José Mariano	19 (com 5 de Arthur Orlando s/d)
1900	Acervo de Joaquim Nabuco Acervo de Arthur Orlando Acervo de José Mariano Acervo de Mário Sette Acervo de Waldemar de Oliveira	16
1910	Acervo de Arthur Orlando Acervo de Manoel Borba Acervo de Waldemar de Oliveira	30 (com 1 de Waldemar de Oliveira s/d)
1920	Acervo de Arthur Orlando Acervo de Arnaldo Guedes Acervo de Manoel Borba Acervo de Nelson Ferreira	17
1930	Acervo de Arnaldo Guedes Acervo de Gilberto Freyre Acervo de Mário Sette	13

¹² Endereço para acesso: <<https://sites.google.com/site/corporaphpb/corpusminimo>>.

1940	Acervo de Breno Braga Acervo de Gilberto Freyre	11
1950	Acervo de Gilberto Freyre	2
1960	Acervo de Gilberto Freyre Acervo de Nelson Ferreira	05 (om 3de Gilberto Freyre s/d)
	Total	126

Quadro 03. Composição do *subcorpus* de cartas de remetentes pernambucanos, por década.

As cartas fazem parte do acervo das correspondências ativas e passivas de Pernambuco entre os séculos XIX e XX, conforme breve distribuição seguinte:

1. Acervo de Arthur Orlando (22 cartas no período de 1894/1929): Arthur Orlando da Silva, brasileiro natural do Recife, nasceu em 29 de julho de 1858 e faleceu em 27 de março de 1916. Formou-se em Direito no Recife, atuando também na política e no jornalismo. No acervo de Arthur Orlando há cartas de diversos missivistas: Pupu, uma das suas três filhas; Izabel Maria Fragoso, sua sogra; Phaelante, amigo e jornalista; João Gonçalves, amigo; Estêvão de Sá, amigo; Maroca, Maria Arthur Fragoso da Silva, uma das três filhas; Elvira Fragoso, sua cunhada; Biluca, um das três filhas.

2. Acervo de José Mariano (5 cartas no período de 1869/1900): José Mariano Carneiro da Cunha nasceu em Ribeirão/PE, em 8 de agosto de 1850 e faleceu no Rio de Janeiro, em 8 de junho de 1912. Formou-se na Faculdade de Direito do Recife. Todas as cartas, dos subgêneros de família e de amigo, foram escritas por José Mariano, exceto uma escrita por um missivista que não assina, mas se identifica como irmão/amigo.

3. Acervo de Joaquim Nabuco (19 cartas no período de 1872/1909): Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo nasceu no Recife, em 19 de agosto de 1849, e faleceu em Washington, em 17 de janeiro de 1910. Foi um brasileiro político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. As cartas de Nabuco são todas ativas e pertencentes ao subgênero de amigo.

4. Acervo de Arnaldo Guedes (2 cartas no período de 1922-1930): Fizeram parte do *corpus* duas cartas passivas do acervo de Arnaldo Guedes. Não foram encontradas informações sobre o perfil social de Arnaldo Guedes nem dos autores que escreveram para ele, pois uma carta é assinada com o pseudônimo "Caramuru" e a outra é assinada com o prenome "Lourival".

5. Acervo de Ascenso Ferreira (1 carta de 1962): Ascenso Ferreira é um poeta pernambucano que nasceu no dia 9 de maio de 1895 em Palmares, cidade do interior de Pernambuco, e morreu no dia 5 de maio de 1965. A carta analisada foi enviada para Caio, com outra carta a ser entregue à Dona Neusa Brizola, tratando de questão referente ao Club Nordestino.

6. Acervo de Gilberto Freyre (10 cartas no período de 1939-1969): Do acervo de Gilberto Freyre, sociólogo e escritor pernambucano, todas as cartas são passivas e foram escritas pelos seguintes missivistas: Jarbas Pernambucano de Melo, filho de Ulisses Pernambucano e primo do sociólogo Gilberto Freyre; José Antônio Gonsalves de Mello Neto é considerado um dos grandes historiadores brasileiros e primo do sociólogo Gilberto Freyre; e Severino Jordão Emerenciano nasceu no município pernambucano de Catende, membro da Academia Brasileira de Letras. As cartas pertencem aos subgêneros de amigo e de família.

7. Acervo de Manoel Borba (16 cartas no período de 1923-1924): Manoel Antônio Pereira Borba nasceu no Engenho Paquevira, no município de Timbaúba, Pernambuco, no dia 19 de Março de 1864 e faleceu em 11 de Agosto de 1928. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1887. Em 1888 dedicou-se à magistratura, ocupando o cargo de promotor em Timbaúba. As cartas ativas e passivas, pertencentes aos subgêneros de amigo e de família.

8. Acervo de Mário Sette (13 cartas no período de 1905/1937): Mário Sette nasceu no Recife, no dia 19 de Abril de 1886 e faleceu no Recife, no dia 25 de Março de 1950. Pertenceu à Academia Pernambucana de Letras e ao Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco. No acervo há cartas do subgênero de família e só uma de amigo.

9. Acervo de Nelson Ferreira (1 carta de 1925): Nelson Ferreira Compositor e maestro, era natural de Bonito-PE, nasceu em 09.12.1902 e morreu em 21.12.1976, no Recife. A carta analisada foi enviada para a sua esposa Aurora Ramos Ferreira (Aurorinha), trata-se, portanto, de uma carta de amor.

10. Acervo de Waldemar de Oliveira (28 cartas no período de 1907/1917): Waldemar de Oliveira nasceu em Recife em 2 de maio de 1900 e faleceu em Recife em 18 de abril de 1977. Coursou medicina na Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, de 1917 a 1922, e Direito na Faculdade de Direito do Recife, onde tornou-se bacharel em Direito em 1929. Todas as cartas de Waldemar de Oliveira são ativas e para uma única interlocutora, a sua mãe.

11. Acervo de Breno Braga (8 cartas no período de 1941/1948): Não foi possível encontrar muitas informações sobre o perfil de Breno Braga, apenas saber que ele foi major do Exército Brasileiro e faleceu em 30 de março de 1992. As cartas do seu acervo são todas ativas e divididas entre os subgêneros de família e de amor.

As cartas pernambucanas coletadas são do acervo de pessoas ilustres e com um alto grau de escolaridade e letramento. Essa informação é bastante significativa para justificar o padrão predominantemente simétrico dos usos linguísticos identificados com relação às formas de tratamento no estado. No entanto, nesse conjunto de cartas de escreventes ilustres, também são encontradas correspondências de outros familiares e amigos que ampliam a margem de verificação de contextos de variação das formas de tratamento, especificamente dos pronomes *tu* e *ocê*.

2.2 - Descrição e análise

Em termos da totalidade de dados levantados, foram identificadas 354 sentenças com formas de tratamento de 2ª pessoa na posição de sujeito, sendo 279 dados de *ocê*, 64 dados de *tu*, 05 dados de *Vossa Mercê* e 06 ocorrências de *o/a senhor/a*, sem contar com os dados de imperativo, conforme números dispostos na Tabela 04 a seguir.

<i>Você</i>	<i>Tu</i>	<i>Vossa Mercê</i>	<i>O/A senhor(a)</i>
279/354 79%	64/354 18%	05/354 1,5%	06/354 1,5%

Tabela 04. Distribuição das formas de tratamento na posição de sujeito em cartas pernambucanas (1869-1969).

Na amostra de Pernambuco, todas as ocorrências de *Vossa Mercê* e *o/a senhor/a* foram identificadas nas cartas de missivistas masculinos e adultos. Quanto ao subgênero, os registros dessas formas estão em cartas pessoais entre amigos e familiares, filho e pai, excluindo, desse modo, as relações simétricas e mais íntimas estabelecidas nas cartas de amor. Estudos sobre o tema em amostras de outras regiões mostram que essas formas denotam traços de cortesia e respeito (LOPES; DUARTE, 2003). Embora sejam pouquíssimos dados de Pernambuco, é importante analisar a motivação para o emprego de formas de tratamento oriundas de sintagma nominal, observando quem as empregou, em que momento histórico, para quem e qual o efeito pretendido.

No caso do emprego da forma *o Senhor*, todos os seis dados ocorreram em uma só correspondência enviada por Joaquim Nabuco ao amigo Dr. Galvão no início do século XX, como em (09).

- (09) Para isto seria bom acostumar a águia que **O SR.** tem em si a visitar as Catacumbas. (de Joaquim Nabuco para o amigo Galvão, 20 de março de 1903, Pernambuco/Acervo de Joaquim Nabuco)

Na carta em que a ocorrência aparece, o vocativo já se encarrega de expressar um tom respeitoso ao se dirigir ao colega pela utilização do título de "Doutor" acompanhado do sobrenome. Esse tom mantém-se ao longo da missiva, mas aparece com menos distanciamento no fechamento da carta, ao alçar o destinatário da posição de colega à de amigo. O tratamento pareceu, no contexto discursivo, bastante adequado em função do conteúdo da

carta marcado pelo comentário crítico a um poema produzido pelo destinatário. A polidez e a cortesia expressas pela forma de tratamento adotada também ficam explícitas na introdução da crítica feita à obra (“Faço, se me **permite** a franquesa, algumas reservas quanto...”). A escolha tratamental e esse preâmbulo teriam o propósito de atenuar o ato da crítica, funcionando, na perspectiva de Brown e Levinson (1987) e seguidores, como uma estratégia de polidez que evitaria o conflito entre os interactantes.

No caso dos dados de *Vossa Mercê* (e formas assemelhadas), merece atenção o distanciamento temporal dos dois documentos em que essa forma apareceu. Em (10), as ocorrências situam-se no ano de 1869 (século XIX) e, em (11), trata-se de uma carta do final da década de 1950 (século XX), quase cem anos depois:

- (10) Mio querido Pae – deixe-me sua benção. Recebi a carta de vosmecê com Data de 25 do corrente e fico inteirado de tudo quanto nella **VOSMECÊ** me mandou diser. Remeto hoje cosido em uma estopa a roupa suja que aqui havia – segundo me ordena vosmecê em sua carta. [...] Recomendamos a todos, lanse sua benção a meos manos [inint.] sempre. Seo filho muito [amado] José Mariano (de José Mariano para o pai, 27 de abril de 1869, Pernambuco /Acervo de José Mariano)
- (11) Meu caro Prof. Gilberto Freire: Conforme combinamos aí vão algumas copias do seu magnifico prefacio ao “Morão, Rosa e Pimenta” – bem como os respectivos originais datilografados. Gostaria de, quando me **MANDASSE** o exemplar definitivo para impressão, receber os originais manuscritos para a exposição que será feita no lançamento do volume. Junto envio uma copia da desprerenciosa “nota do editor”. Gostaria que **PASSASSE** os olhos nessa pobre nota. O que penso do seu magnifico pre facio será dito em viva voz. Quem sabe se um jantarzinho de três ou quatro casais, no máximo, não seria oportuno para conversar sobre a matériá? A Maria da Penha está convalescendo de uma violenta pneumonia que veio forte. Logo que tudo se normalize combinaremos os por-menores se o meu caro amigo e senhora concordarem. eu e maria da penha formulamos para vossa mercê e toda a sua família os melhores votos de ano novo. deus guarde vossa mercê (de Jordão Emerenciano para Gilberto Freyre, 1959, Pernambuco/Acervo Jordão Emerenciano)

Em (10), encontra-se uma missiva enviada por José Mariano (jornalista) ao seu pai. O vocativo e a captação da benevolência, na abertura, revelam a afetividade e a proximidade respeitosa estabelecida entre os dois interlocutores. O tratamento mais respeitoso que cerimonioso evidenciado pelo uso de *Vosmecê* é mantido do início ao fim da carta. O emprego da variante representada na carta como *Vosmecê* evidencia uma das etapas de erosão fonética sofrida pelo tratamento original *Vossa Mercê*. Tal uso focaliza inclusive o desgaste semântico deste tratamento de mais distanciamento e cerimônia rumo a um traço de mais proximidade que será assumido por você ao longo do seu processo de gramaticalização. De qualquer forma, a escolha dessa variante não é aleatória e expressa ainda uma relação de poder marcada pela assimetria entre pai e filho, percebida também na construção com o verbo *ordenar* “Remeto hoje cosido em uma estopa a roupa suja que aqui havia – segundo **me ordena Vosmecê** em sua carta. (...)”.

Em (11), localizam-se trechos de uma carta enviada por Jordão Emerenciano (Bacharel em Direito e membro da Academia Pernambucana de Letras) a Gilberto Freyre. O conteúdo, iniciado pelo vocativo que se reporta a uma titulação do interlocutor, “Prof. Gilberto Freire”, trata da editoração de um livro, e o missivista envia a nota do editor para submissão do olhar do autor. Esse ato de solicitação é feito com certa dose de polidez, com o emprego do futuro do pretérito e do adjetivo que antecede o termo *nota* (“... **Gostaria** que passasse os olhos nessa **pobre** nota...”). Apesar de o uso de *Vossa Mercê* não retratar a norma linguística predominante nesse período e contexto, ele se justifica pela natureza do texto e pela intenção comunicativa. Já no fechamento, o missivista escreve primeiramente “Eu e Maria da Penha formulamos para vossa mercê e toda a sua Família os melhores votos de Ano Novo” com o intuito de captar a benevolência do destinatário e logo em seguida se despede: “Deus guarde vossa mercê”. Trata-se, pois, de uma prática convencional das missivas de sincronias passadas, que ficou preservada na seção de *despedida* do gênero textual em questão.

Passando agora especificamente à análise da variação entre *tu* e *você*, a Tabela 05 apresenta sua distribuição tendo em vista o controle da presença uniforme, ou não, do tratamento de segunda pessoa empregado na carta.

Simetria do tratamento nas cartas (sujeito)	Formas pronominais de 2ª P	
	Tu	Você
Você-exclusivo	--	261/261 – 100%
Tu-exclusivo	55/55 – 100%	--
Tu e você	9/27 – 33%	18/27 – 67%
Total	64/343 – 19%	279/343 – 81%

Tabela 05. Distribuição das formas pronominais de segunda pessoa na posição de sujeito em cartas pernambucanas.

Em termos da totalidade dos dados, verificou-se o emprego majoritário de *você* com 81% de frequência nas cartas pernambucanas. O uso de *tu* foi bastante esporádico (19%) e ocorreu predominantemente na primeira metade do século XX. Na análise do comportamento uniforme, ou não, nas cartas, observou-se, em primeiro lugar, que a maior parte dos dados de sujeito ocorreu nas cartas com uniformidade tratamental, seja de *você* (*você-exclusivo* – 261 dados) ou *tu* (*tu-exclusivo* – 55 dados).

A variação entre *tu* e *você* na mesma carta foi bastante esporádica, uma vez que, pelo perfil dos informantes, com alto nível de letramento, já era esperado o emprego bastante regular das formas de tratamento. O uso variável das duas formas na posição de sujeito, em uma mesma carta, deu-se nas primeiras décadas do século XX (entre 1900 e 1920). Tal comportamento esteve presente apenas com dois remetentes masculinos distintos. O primeiro deles, José Mariano, em (12), escreve para sua filha Yayá no ano de 1900. O segundo missivista, Waldemar de Oliveira, em (13), emprega ora *tu* e ora *você* em quatro cartas diferentes que foram dirigidas à sua mãe nos idos de 1916-17:

- (12) A esta hora já **DEVES** estar mais satisfeita porque já **TERÁ** recebido a carta que foi pelo Cordelliere. Não esperes cartas senão pelos va-pores transatlânticos, que são mais rapidos e não estão sujeitos a quarentena no Lasareto, como os vapores na-cionaes. Estimei bem que tivessem ido a Usina Beltrão. Assim irão se distrahir um pouco. Fiquei contente peloas noticias que me **DÁS** de Yoyô. Achei-o muito magro pelo retrato, mas **TU DISES** que elle agora está gordo e casado. (de José Mariano para a filha Yayá, 28 de novembro de 1900, Pernambuco /Acervo de José Mariano)
- (13) Resta **VOCÊ** apressar a remessa delle se não o receber até 12 de Agosto Pedirei a Erik ou à outro qualquer o mesmo dinheiro e pagal-o-hei logo que elle chegar. Para isto já se offereceu Erik. Segue o recibo da pensão com alguns extraordinarios que tomei devia ter seguido pelo ultimo correio mas esqueci-me. Quanto ao pagamento da frequência creio que não me dão recibo porem se me o derem, envia-lo-hei pelo primeiro correio. Fiquei satisfeito ao saber que **VOCÊ** gostou da conducta que tive, queira Deus que assim sempre aconteça Na segunda carta me **DIZES** que já devo ter recebido o dinheiro e que me devo matricular logo etc. (de Waldemar de Oliveira para a mãe, 06 de agosto de 1917, Pernambuco/Acervo Waldemar de Oliveira)

Em (12), é possível notar que houve o emprego majoritário, embora não exclusivo, de *tu* como sujeito nulo (*deves, dás, ao lado de tu dises*). O único dado de *você* na carta também era como sujeito nulo em uma oração encaixada (porque já *terá* recebido). Tal comportamento era esperado, uma vez que, como reiteradamente defende Duarte (1993), o português brasileiro era positivamente marcado para o parâmetro do sujeito nulo até, pelo menos, 1937. Em (13), e nas outras cartas de Waldemar para sua mãe, é a forma *você* que prevalece, enquanto o *tu* nulo ocorre esporadicamente. A tabela 06 (abaixo) apresenta a totalidade de ocorrências, com a maior frequência de uso de *você* pleno, revelando a persistência do uso da forma nominal explícita, e a maior frequência de *tu* nulo. O maior índice do *você* pleno aponta para a tendência, a partir da primeira metade do século XX, de marcação do sujeito no português brasileiro.

SUJEITO	REALIZAÇÃO		TOTAL
	Pleno	Nulo	
Você	174 62%	105 38%	279
Tu	06 9%	58 91%	64
TOTAL	180	163	343

Tabela 06. Distribuição das formas de tratamento quanto à expressão do sujeito (pleno ou nulo) nas cartas pernambucanas (1869-1969).

Considerando agora os fatores sociopragmáticos motivadores das duas formas de tratamento, os dados são organizados quanto às relações de poder e solidariedade estabelecidas e controladas com base no grau de parentesco e nos papéis sociais assumidos pelo remetente e destinatário das missivas. Observem-se os dados dispostos na tabela 07:

Tipo de relação entre informantes		Grau de Parentesco	Você	Tu
Relações simétricas		Amigos	82	22
		Irmãos	21	--
		Primos	14	--
		Marido-mulher	1	1
Relações assimétricas	Descendentes	Mãe-Filho	5	--
		Pai-Filho	58	29
	Ascendentes	Filho-Mãe	97	12
		Filho-Pai	1	--
TOTAL			279	64

Tabela 07. Distribuição das formas de tratamento nas relações entre os informantes.

Verificou-se, como já discutido, o predomínio de *você* nas variadas relações observadas nas cartas pernambucanas (com exceção da igualdade de dados na relação entre marido-mulher). Essa predominância confirma que a forma inovadora *você* teve sempre um comportamento híbrido, o que pode ter facilitado sua generalização no PB. Nessa amostra encontra-se um *você* que ora marcava mais intimidade como na carta escrita por Izabel Maria Fragoso para a filha Maria Fragoso Orlando da Silva, em (14), ora funcionava como estratégia de respeito como na correspondência de Waldemar de Oliveira para a sua mãe, solicitando dinheiro para a sua manutenção na Bahia, durante o curso de medicina, em (15).

- (14) Minha Filha
 Todos os dias espero receber carta sua perguntei a Joãozinho disce elle q' **VOCE** a muito não escreve a elle q' já **SE ESQUECEO** de escrever não basta o cuidado q' tenho em Eduardo. (de Arthur Orlando para a filha Izabel M^a Fragoso, 06 de setembro de 1895, Pernambuco/Acervo Orlando da Silva)

- (15) Minha querida mamãe (...) Não podia **VOCE** mandar me na segunda-feira, alguma coisa em carta não registrada? Seria um bom allivio para mim e estou bem certo não seria grande transtorno para **VOCÊ**, pois se estivesse ahi, **VOCÊ** me dando 200# diarios e 1000 semanaes, só me tinha dado 6.800, quantia inferior ao que me tem mandado. Já vê que sobre materia de dinheiro, não lhe estou dando grandes prejuisos. (de Waldemar de Oliveira para a mãe, 23 de novembro de 1916, Pernambuco/Acervo de Waldemar de Oliveira)

O emprego eventual de *tu* foi detectado nas relações assimétricas entre pais e filhos. Nas relações simétricas, *tu* ocorre, como previsto, nas relações íntimas entre amigos. Entre casais, localizou-se apenas um dado de *tu* e outro de *você* que serão discutidos oportunamente.

Em (16), há um exemplo de *tu* utilizado em uma correspondência trocada entre amigos numa relação solidária. Trata-se de uma carta escrita por Joaquim Nabuco ao amigo Salvador para solicitar um favor. A forma carinhosa com que o escrevente se dirige ao destinatário é marcada, desde seu início, pelo tom afetivo da saudação (*Meu caro Salvador*):

- (16) Meu caro Salvador,
[...] Ela é cunhada de Mistress Hallek aviuva do celebre general, e por qualquer modo **TU** saberás onde encontral-a. Na carta fallo em ti, e Ella, desejará muito conhecer te pelo que eu lhe digo, e estou certode que será um muito agradável conhecimento para ambos. Adeus, meu caro Salvador. Cada dia mais eu te invejo - fazendo votos para que não **VOLTES** tão cedo á esta <↑capital>do café. (de Joaquim Nabuco para o amigo Salvador, 25 de dezembro de 1875, Pernambuco/Acervo de Joaquim Nabuco)

Outro aspecto que reitera o que foi observado nos estudos sobre o tratamento no PB é a presença do *tu* nas relações assimétricas de superior-inferior (pai-filho). Em (17), há um dado extraído de uma correspondência de pai (José Mariano) para filha (Yayá). Trata-se de uma relação assimétrica descendente (pai-filha), mas com forte presença de marcas solidárias e de intimidade: uso de um adjetivo qualificativo (*querida*) e diminutivo (*filhinha*) na saudação; tom afetuoso e melancólico na despedida quando o pai pede por notícias (*fico triste*):

- (17) Minha querida filhinha Yayá.
[...] Vi portanto porque **SAUDASTE** essa que não chegou aqui. Já estou inteiramente bom. Foi bom que me **MANDASSES** o retalho d'A concentração que é para eu mandar um cartão de felicitações ao [inint.] e não sahir em falta maior. Eu devia ter telegraphado mas passou-me a data. Não deixes de me escrever sempre. Fico triste quando chega um vapor e não me traz noticias dahi. (de José Mariano para a filha Yayá, 13 de julho de 1900, Pernambuco/Acervo de José Mariano)

Nas relações assimétricas de inferior-superior, houve menor presença de *tu* como era esperado. Em (18), Mário Sette se dirige a sua mãe com formas do paradigma de *tu* (*podes*), dando notícias sobre as reconciliações familiares depois de um desentendimento entre os membros de duas famílias. Em (19), apesar do tom afetivo e íntimo, o estudante de medicina Waldemar de Oliveira emprega *você* para tratar sua mãe:

- (18) Minha adorada mãe.
Abençoe a mim e a Maria Laura. Até a presente data ainda não recebi uma carta escripta por ti, felicidade que anciosamente aguardo, como bem **PODES** calcular. (de Mário Sette para mãe, 16 de novembro de 1905, Pernambuco/Acervo de Mário Sette)
- (19) Minha Querida Mamãe Como **TEM** passado? Eu sahi doente, ás 11 horas hontem Porque **VOCÊ** não veio a Communhão hontem? (de Waldemar de Oliveira para a mãe, 14 de outubro de 1907, Pernambuco/Acervo de Waldemar de Oliverira)

A partir das décadas de 1910 e de 1919 (cf. Gráfico 03, na seção 4), a presença de *tu* foi cedendo espaço para a presença do *você*. Fica evidente que houve, desde então, uma mudança de comportamento com a difusão de *você* nos contextos discursivo-funcionais mais típicos do íntimo *tu*.

Embora se tenha observado nas cartas pessoais analisadas uma elevada simetria no tratamento justificada pelo alto grau de escolarização dos missivistas estudados, foi possível detectar o emprego ora de *tu* ora de *você* em cartas diferentes, mas escritas pelo mesmo missivista a um único destinatário. Trata-se de duas cartas trocadas por um casal. Como pode ser visto em (20) e (21), o conteúdo da carta definiu, com base na sua temática, o emprego de um tratamento mais íntimo (formas do paradigma de *tu*) ou menos íntimo (predomínio de formas do paradigma

de você). As duas cartas de amor foram enviadas por Arthur Orlando à esposa Maria Fragoso Orlando da Silva. A primeira carta, escrita em 1908, em (20), traz declarações amorosas e íntimas do casal; a segunda, escrita no mesmo ano, em (21), trata da compra de um imóvel. Em (20), o emprego exclusivo do *tu* condiz com o propósito comunicativo de expressar o afeto e a relação íntima do casal. Já em (21), a forma verbal em terceira pessoa (Que *acha?*) remete à interlocutora em segunda pessoa. Prevalece, nesse exemplo, o comunicado sobre a compra de uma casa, portanto, uma temática de menor intimidade.

- (20) Recife, 2 de Novembro de 1908
 [...] Não tenhas medo, minha febre não é paludismo, é loucura **POR TI**. Vem ver-me e olhar muito para mim. Não te esqueças de que é com as linhas de **TEUS** braços e com a cor de **TEUS** olhos que minha alma vai todos os dias desenhando o seu ideal. Arthur Orlando (de Arthur Orlando para a esposa Maria Fragoso, 02 de novembro de 1908, Pernambuco/Acervo de Arthur Orlando)
- (21) Recife, 5 de 9^{bro} de 1908
 Minha Babona
 Fui à Varzea e lá encontrei uma casa, no pateo das Igrejas, com jardim ao lado, grande sitio e abacateiros e laranjeiras e cajueiros e figueiras e videiras, e groselheiras, e videiras e grande cosinha com grande fogão de ferro, tanque, latrina, tudo por 100 Réis, garantindo por 3 mezes, ao todo, por tanto, 300 Réis. **QUE ACHA?** É preciso decidir quanto antes. Não se esqueça de mandar-me os meus Novos Ensaios. [...] Venha Babona. De teu velho babão. (de Arthur Orlando para a esposa Maria Fragoso, 05 de novembro de 1908, Pernambuco/Acervo de Arthur Orlando)

Cabe destacar que o comportamento observado nessa amostra de cartas pernambucanas revela pontos de oscilação entre *tu* e *você*, com o pronome *você* mostrando-se mais produtivo, assumindo, no início do século XX, uma posição majoritária. O gráfico 03 evidencia o forte predomínio da estratégia mais frequente (*você*), com a sua consolidação no início do século XX. A maioria dos dados de sujeito ocorreu com uniformidade de tratamento *você-exclusivo* ou *tu-exclusivo*, foram raros os casos de mistura dos dois paradigmas, tendo em vista o perfil dos escreventes. A variação das duas formas na posição de sujeito na mesma correspondência ocorreu apenas nas primeiras décadas do século XX. A totalidade de ocorrências evidencia a maior frequência de uso de *você* pleno e a maior frequência de *tu* nulo. Esse resultado aponta para a tendência de marcação do sujeito no PB, a partir da primeira metade do século XX.

3. As formas de tratamento na função de sujeito em cartas pessoais dos séculos XIX e XX: Rio Grande do Norte

3.1 - O corpus

A análise referente ao estado do Rio Grande do Norte baseia-se em 304 cartas privadas escritas no curso do século XX, conforme distribuição apresentada no quadro a seguir.

Década	Subcorpus de cartas	Quantidade de cartas
1916-1925	Acervo irmãos Paiva	65
1924-1944	Acervo Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade	88
1943-1944	Acervo de José Geraldo Fonseca para a sua mãe	32
1946-1972	Acervo de Lourival Rocha e Ruzinete Dantas	50
1973-1989	Acervo da família Rocha	20
1973-1999	Acervo do desembargador Manoel Onofre Júnior a diferentes remetentes	19

1992-1994	Acervo de Walter Oliveira a sua namorada Lúcia Suassuna	30
Total		304

Quadro 04. A composição do *subcorpus* de cartas de remetentes norte-rio-grandenses.

As cartas fazem parte do acervo do projeto PHPB-RN. A seguir, apresentamos uma breve descrição das amostras¹³.

1. Acervo irmãos Paiva (1916-1925): Esse conjunto reúne 65 cartas pessoais escritas por dois irmãos norte-rio-grandenses do sexo masculino: Theodósio Paiva nascido em 1858 e João de Paiva nascido no ano de 1867. Theodósio Paiva morava em Natal, era funcionário público Estadual e tinha uma vida política e social bastante ativa. João de Paiva morava em Monte Alegre/RN e gerenciava alguns bens de Theodósio Paiva nessa cidade. O conteúdo temático dessas cartas, em sua maioria, contempla questões comerciais, notícias pessoais e dos familiares.

2. Acervo Luís da Câmara Cascudo (1924-1944): conjunto composto de 88 cartas pessoais escritas por Luís da Câmara Cascudo ao seu amigo poeta Mario de Andrade no período de 1924 a 1944. O universo discursivo dessas cartas é bastante variado e inclui notícias da cidade e dos familiares, comentários sobre livros e viagens, bem como conversas sobre a economia e política nacional.

3. Acervo José Geraldo Fonseca (1943-1944): Esse conjunto reúne 32 cartas pessoais escritas pelo norte-rio-grandense José Geraldo Fonseca (1925-), nos anos de 1943 e 1944 e foram endereçadas a sua mãe. O conteúdo temático dessas missivas contempla notícias do dia-a-dia no colégio Diocesano Seridoense – em Caicó/RN, notícias do cotidiano do Fonseca e de suas viagens com a orquestra do colégio Diocesano.

4. Acervo Lourival Rocha e Ruzinete Dantas (1946-1972): O quarto conjunto de cartas familiares e de amor reúne a correspondência ativa e passiva de Lourival Rocha (1922-1992) e Maria Ruzinete Dantas, nesse acervo há cartas do namoro/noivado e depois do casamento do referido casal. Lourival estudou até o Ensino Médio, foi comerciante, até 1965, em várias cidades do RN e do Brasil. Teve uma vida pública bastante ativa, foi eleito prefeito de Patu/RN, em 1968. Ruzinete Dantas (1931-2014) estudou até a terceira série primária. Em 1947, casou-se com Lourival Rocha. Esse conjunto de cartas apresenta uma particularidade, pois reúne cartas de amor e cartas familiares de um período de Lourival e Ruzinete. Este conjunto está dividido da seguinte forma: 16 são cartas escritas por Ruzinete destinadas ao seu namorado/noivo/esposo Lourival Rocha e 34 escritas por Lourival são dedicadas a sua namorada/noiva/esposa Ruzinete. O conteúdo temático dessas cartas é bem diversificado, contemplando notícias pessoais, da família, dos partidos políticos, dos negócios e assuntos amorosos.

5. Acervo Joana Rocha¹⁴ (1973-1989): Esse conjunto reúne 20 cartas pessoais da família Rocha. São correspondências passivas de irmã para irmã, datadas de 1973 e de 1989. As senhoras Joana Rocha (remetente) e Antônia Rocha (destinatária) moravam em cidades distintas e trocavam notícias pessoais e familiares, por meio dessas epístolas.

6. Acervo Desembargador Manoel Onofre Júnior (1973-1999): Esse conjunto reúne 19 cartas escritas pelo desembargador norte-rio-grandense Manoel Onofre Júnior (1943-). Essas cartas são endereçadas a vários ilustres do RN e do país e tratam, quase que exclusivamente, de apreciações do referido desembargador acerca das produções bibliográficas de seus destinatários.

¹³ Para uma descrição mais acurada desses informantes, recomendamos a leitura dos seguintes textos: Moura (2013) e Lopes *et al.* (a sair).

¹⁴ Essas cartas foram doadas ao projeto PHPB-RN sem informações biográficas, logo dispomos de poucas informações sobre essas informantes. Sabe-se apenas que são potiguares e consanguíneas que trocavam correspondências constantemente, as demais informações foram inferidas a partir da leitura das cartas. É importante ressaltar que estamos fazendo um levantamento a fim de obtermos informações biográficas dessas missivistas.

7. Acervo Walter Oliveira (1992-1994): Esse conjunto reúne 30 cartas de amor escritas pelo missivista Walter Matias Oliveira (1960-) endereçadas a sua namorada Lúcia Suassuna (Lucinha) e o conteúdo temático trata de assuntos amorosos e notícias pessoais.

3.2 - Descrição e análise

Identificamos 892 ocorrências dos pronomes *tu*, *você* e *o/a senhora*, assim distribuídos:

<i>Você</i>	<i>Tu</i>	<i>A senhora</i>
756	86	50
84%	9%	5%

Tabela 08. Distribuição das formas de tratamento na posição de sujeito.

Todas as 50 ocorrências do pronome *a senhora* estão restritas à correspondência de José Geraldo Fonseca, no período de 1943-1944, endereçada à sua mãe, conforme exemplos (22) e (23) a seguir.

- (22) [...] Arranje um jeito de mandar minha mala, que penso que logo <↑que> ela chegue irei para o Ginásio. A bacia para e de qualquer cor e visto é [ilegível] mesmo como **A SENHORA** está <↑está> . Ainda não sei qual será o meu número, mais não há importância, pois as meninas aqui botam. (de José Geraldo para sua mãe, 28 de março de 1943, Rio Grande do Norte/Acervo José Geraldo Fonseca).
- (23) Mamãe Fiz ótima viagem como **A SENHORA** já deve saber. Padre Valfredo não me disse nada, tanto [espaço] assim [espaço] eu podia [espaço] ter passado mais dias por aí. (de José Geraldo para sua mãe, 7 de agosto de 1943, Rio Grande do Norte/Acervo José Geraldo Fonseca).

No que se refere aos dados relacionados à alternância *tu* e *você* nas cartas, os resultados parecem corroborar os resultados de Moura (2013): já no início do século XX, mais particularmente em cartas pessoais das décadas de 1910 e 1920, as formas associadas ao pronome de segunda pessoa *você* mostram-se bastante produtivas, ultrapassando, inclusive, as taxas de uso das formas associadas ao pronome *tu* no estado do Rio Grande do Norte.

Ao voltarmos nossa atenção para as relações entre os informantes, identificamos que, mais uma vez, observa-se a produtividade do *tu* nas missivas de cunho mais intimista. Esses dados estão sistematizados na tabela 09, a seguir.

RELAÇÃO ENTRE OS INFORMANTES	TU	VOCÊ
Irmão para irmão	2/41 - 4%	39/41 - 96%
Amigos	0/412 - 0%	412/412 - 100%
Namorado/noivo para namorada/noiva	29/303 - 9%	274/303 - 91%
Marido para mulher	1/3 - 33%	2/3 - 67%
Namorada/noiva para namorado/noivo	13/13 - 100%	0/13 - 0%
Mulher para marido	41/41 - 100%	0/41 - 0%
Irmã para irmã	0/29 - 0%	29/29 - 100%

Tabela 09. Distribuição das formas de tratamento nas relações entre os informantes do RN.

Identificamos que a forma inovadora *você* mostrou-se bastante produtiva em todas as relações. No entanto, apesar de as frequências de uso da forma inovadora *você* serem significativas, como mostra a tabela 9, nas relações amorosas e fraternais – cartas de namorado(a)/noivo(a) para namorada/noiva; de marido para

mulher; e de mulher para marido – percebemos um aumento nas taxas de uso do *tu*. Essas constatações, expressas em números na Tabela 9, parecem confirmar que as formas de *tu* são mais produtivas em relações simétricas.

Descritos os ambientes discursivos das cartas, observamos que os usos de *tu* são bastante motivados: (i) as 69 ocorrências de *tu* na década de 1940 estão circunscritas às correspondências amorosas de Ruzinete e Lourival – no período de namoro e noivado do casal; (ii) as 9 ocorrências de *tu* em cartas da década de 1950 são da escrita de Ruzinete que apresenta um sistema tratamental de *tu* categórico; e (iii) as 6 ocorrências de *tu* em cartas da década de 1990 são em cartas de amor escritas por Walter Oliveira para sua namorada – também um contexto que motiva o uso de formas do *tu* – conforme exemplo (24) a seguir.

- (24) Deixe-me andar assim no teu caminho, por toda a vida amor, de vagarinho até a morte me levar consigo... **TU ÉS** a vida da minha própria vida por isso e que te amo amo 365X365, que Deus te conserve bonita e bela para mim. (de Walter Oliveira para Lucinha, 31 de setembro de 1949, Rio Grande do Norte/Acervo).

De um modo geral, o pronome *você* é a forma mais produtiva que a forma *tu* no curso de todo o século XX. Observe-se na Tabela 10 a seguir a distribuição dos pronomes ao longo do século.

DÉCADA	TU	VOCÊ
1910-1919	2/25 - 8%	23/25 - 92%
1920-1929	0/175 - 0%	175/175 - 100%
1930-1939	0/183 - 0%	183/183 - 100%
1940-1949	69/113 - 62%	44/113 - 38%
1950-1959	9/9 - 100%	0/9 - 0%
1970-1979	0/0 - 0%	19/19 - 100%
1980-1989	0/22 - 0%	22/22 - 100%
1900-1999	6/296 - 3%	290/296 - 97%

Tabela 10. Distribuição de *tu* e *você* por década em cartas norte-rio-grandenses do século XX.

Esse quadro apresenta, da mesma forma que os demais estados do nordeste, uma diferença face ao quadro apresentado para a escrita carioca e de outros estados do Sul e Sudeste que apontam a década de 1930 como marco de uma mudança com a inversão do comportamento de *tu* e *você*, tornando-se o *você* majoritário com o declínio do pronome *tu* (cf. LOPES, 2009).

Os dados de *tu* correspondentes às décadas de 1940 e 1950 estão no conjunto de cartas amorosas trocadas entre os namorados e posteriormente noivos Ruzinete Dantas e Lourival Rocha. Há na amostra do casal cartas correspondentes ao período de namoro, noivado e casamento deles. Lourival e Ruzinete se casam no final da década de 1940 – muito provavelmente em final de 1947 de acordo com excertos de cartas de Ruzinete, conforme dados em (25) a seguir.

- (25) Lourival, entre papai, seu Amadeu Mamãe e D. Fransquinha **abordou-se o assunto de nosso consorcio; estes dias são da opinião de ser efetuado no fim do ano**: mas, seu Amadeu disse que fizessem logo, adiantando que ias a Pau-dos-Ferros, e quando voltasses, marcarias o tempo com o papai. (de Ruzinete para Lourival, 25 de maio de 1947, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete)

Nesse período de correspondência, até o final de 1947, ambos se tratam por *tu*, cujo uso é fortemente motivado pela natureza das cartas, conforme exemplos (26) e (27) a seguir. São cartas de amor.

- (26) Tenho por costume ir à mala todas as noites, ou como obrigação; passar um visto num presente que me deste, julgo até mesmo **TU** não lestras; mas, para mim significa tudo... (de Lourival para Ruzinete, 22 de outubro de 1946, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete)

- (27) Vou terminar pedindo para não **DEIXARES** tua noivinha passar mais tempo sem o bálsamo suavizador de tua presença. (de Ruzinete para Lourival, 1 de junho de 1947, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete)

O tratamento dispensado por Lourival a Ruzinete muda nas correspondências a partir do final de 1947 – depois do casamento – em que a forma tratamental *you* passa a ser empregada. O assunto das cartas também muda. De cartas de amor, a correspondência do casal passa a cartas familiares em que são tratadas questões domésticas e de organização da vida familiar, conforme (28) e (29) a seguir.

- (28) Tenho mais os 200 ovos levarei quando for se Deus quiser segunda à noite, diga se **VOCÊ** e os meninos já ficaram bons da gripe, fiquei bastante preocupado. Aqui vamos com saúde graças a Deus, apenas o inverno esta muito fraco quase totalmente seco. (de Lourival para Ruzinete, 12 de abril de 1972, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete)
- (29) Pelo nosso amigo Apolonio estou remetendo a importância de Cr\$ 250,00 (Duzentos e cinquenta cruzeiros), **VOCÊ** mande entregar a menina desta carta a importância de Cr\$ 30,00 conforme acusa na mesma,[...]. (de Lourival para Ruzinete, 16 de maio de 1972, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete)

Ruzinete é usuária de um sistema tratamental de *tu* categórico. Na função de sujeito, não há dados de *you*. Nas cartas de Ruzinete de todo o período correspondente às décadas de 1940 e de 1950, há dois usos de formas de *you* dispensados a Lourival em contextos sintáticos com possessivos e com infinitivo, conforme exemplos (30) e (31).

- (30) D. Francisquinha ainda está aí? **FINEZA DIZER** a ela que mamãe, brevemente irá a Mossoró, e por isso, peço-te avizar o regreço dela. (de Ruzinete para Lourival, 27 de janeiro de 1947, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete)
- (31) Recebi **SUA** cartinha com a qual fiquei bastante satisfeita pois há dias que havias saído e ainda não tinhas dado notícias de formas que não sabia se ias até Patu contudo peço-te que facês por vir o mais breve possível pois estou ansiosa que chegues apesar de que talvez ainda não estejas com saudades de casa. (de Ruzinete para Lourival, 14 de abril de 1951, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete)

Somado ao conteúdo temático, os usos da forma de tratamento *tu* estão fortemente motivados por contextos em que há um sujeito pronominal nulo, conforme resultados expressos na tabela a seguir.

Período	TU nulo	TU preenchido	VOCÊ nulo	VOCÊ preenchido
1910-1919	2/2 – 100%	0/2 – 0%	20/23 – 87%	3/23 – 13%
1920 - 1929	---	---	25/175 – 14%	150/175 – 86%
1930- 1939	---	---	25/183 – 14%	158/183 – 86%
1940-1949	68/69 – 98,5%	1/69 – 1,5%	11/44 – 25%	33/44 – 75%
1950-1959	9/9 – 100%	0/9 – 0%	---	---
1970-1979	---	---	0/19 – 0%	19/19 – 100%
1980- 1989	---	---	2/22 – 9%	20/22 – 91%
1990-1999	5/6 – 83%	1/6 – 17%	5/290 – 0,7%	285/290 – 99,3%

Tabela 11. Distribuição de *tu* nulo vs. *tu* preenchido e de *you* nulo vs. *you* preenchido em cartas norte-rio-grandenses do XX.

No que diz respeito à produtividade do preenchimento do sujeito com os pronomes *tu* e *you* na amostra, a análise nos permite identificar certa linearidade na realização do pronome *you* na posição de sujeito no curso do século XX. Observe-se que com exceção da década de 1910, a taxa de *you* preenchido é bastante alta no curso do

tempo. Como têm mostrado os estudos de Duarte (1993, 1995, 2012), a escrita brasileira no século XIX apresentava um uso significativo do sujeito pronominal nulo e, na segunda metade do século XX, começa a se observar uma mudança gradual a caminho do preenchimento do sujeito. Os exemplos apresentados a seguir, foram retirados do *corpus* e ilustram essa produtividade do *você*, na posição de sujeito lexicalizado.

- (32) João [...] A Fabrica ainda não recebera os20 fardos de lã que **V.** [?]pachou[inint.] para ella e aos quaes nos remetteo p[o]r [inint.] ser a[...] (de Theodósio para João de Paiva, 28 de setembro de 1918, Rio Grande do Norte/Acervo irmãos Paiva)
- (33) Eu fiquei em paz com você já pensou se ela faz um escandalo e dai como podemos ficar juntos por isso eu quero que **VOCE evite** tudo. Pelo menos isto será muito bom prá nós dois amôr (de Walter Oliveira para Lucinha, 30 de março de 1992, Rio Grande do Norte/Acervo de Walter de Oliveira)
- (34) Lucinha, achei lindo o cartão de aniversario que **VOCÊ** me **mandou**, **VOCÊ** é uma pessoa de muito bom gosto [...] (de Walter Oliveira para Lucinha, 18 de outubro de 1992, Rio Grande do Norte/Acervo de Walter de Oliveira)

Observe-se, ainda, que em relação ao *tu*, mesmo nas cartas da década de 1990, a forma nula do pronome ainda é muito frequente, diferentemente do comportamento do *você*, que aparece quase que categoricamente preenchido. Esse quadro já descrito em estudos anteriores, sobre a implementação de *você* na escrita brasileira do final do século XIX e início do XX, mostra que o preenchimento do sujeito é um ambiente favorecedor do uso da forma inovadora na gramática do PB (cf. LOPES; MACHADO, 2005; RUMEU, 2008; LOPES, 2009; LOPES, RUMEU; MARCOTULIO, 2011; LOPES; MARCOTULIO, 2011). Segundo esses estudos, o *você* está associado a uma gramática cujo sujeito pronominal tende a aparecer preenchido, enquanto o *tu* ainda é mais produtivo em contextos com sujeito nulo, conforme dados em (35) e (36) a seguir. De um modo geral, tal quadro se deixa, também, transparecer nas cartas norte-rio-grandenses.

- (35) Até o momento não sei se chegou às tuas mãos a minha ultima carta, a pesar de que na mesma disse que não respondeste para Páu- dos- Ferros, vista minha viagem em poucos dias depois, porém| agora **PUDERAS** escrever para mim com o endereço que darei abaixo. (de Lourival para Ruzinete, 3 de maio de 1947, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete).
- (36) Caso seja possível, **QUEIRAS** dar noticias de todos. Lourival Rocha. (de Lourival para Ruzinete, 7 de abril de 1949, Rio Grande do Norte/Acervo Lourival Dantas e Ruzinete).

A análise aqui apresentada, corroborando as assertivas já delineadas por estudos anteriores, evidencia que o conteúdo temático das cartas com maior intimidade favorece fortemente o uso do *tu* na escrita norte-rio-grandense do século XX, como já apontado em Moura (2013).

Considerando a proposta de Lopes e Cavalcante (2011) e os resultados aqui sistematizados, podemos dizer que, com base no conjunto de cartas do Rio Grande do Norte, o subsistema de tratamento que vigorou, em quase todas as décadas do século XX, é o de *você*, já bastante consolidado na primeira metade desse século.

4. Para um panorama diacrônico do pronome *você* na função de sujeito na região nordeste – à guisa de conclusão

A análise das cartas dos três estados do nordeste brasileiro mostra que, ao contrário do que outros trabalhos observaram para as regiões sul e sudeste (cf. LOPES, 2009; LOPES; RUMEU; CARNEIRO, 2013; LOPES; RUMEU; MARCOTULIO, 2011; RUMEU, 2004), o pronome *você* apresenta uma elevada taxa já na primeira década do século XX. Tendo em vista os resultados apresentados nas subseções anteriores, nas amostras da Bahia, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte o uso de *você* como forma de tratamento em contextos sócio-discursivos mesmo em relações simétricas é já bastante alto em cartas da década de 1900, ou mesmo antes no final do século XIX.

Considerando apenas a alternância entre *tu* e *você* na função de sujeito nas amostras analisadas nos três estados, apresentamos nos gráficos a seguir um panorama diacrônico dessas formas de tratamento na região Nordeste.

Nas cartas da Bahia, o uso de *tu* é marginal e o *você* é já muito frequente desde a década de 1860, no século XIX, conforme expressa o gráfico 02 a seguir.

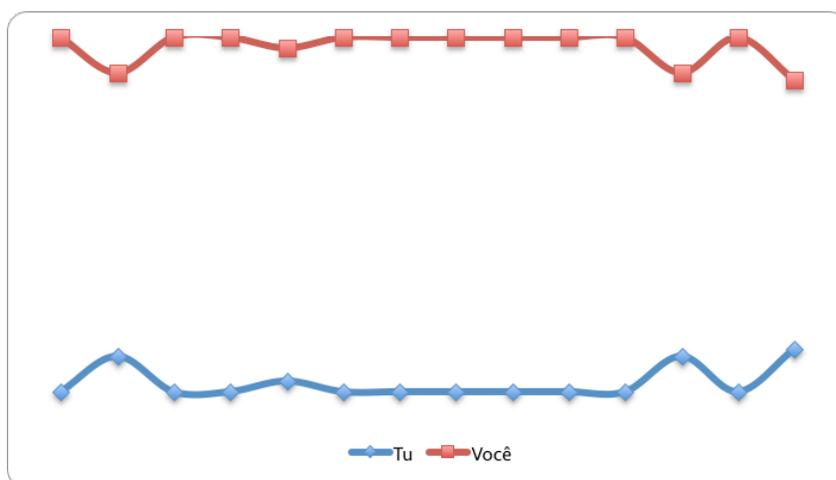


Gráfico 02. Distribuição de frequência de *você* e *tu* na posição de sujeito em cartas baianas (1860-1990).

Nas cartas de Pernambuco o uso de *você* na função de sujeito também é expressivo, e a presença de *tu* e rara e sócio-discursivamente motivada. O gráfico 03 a seguir mostra que o emprego de *você* começa a ascender no início do século XX, na década de 1910, generalizando-se como a estratégia mais recorrente.

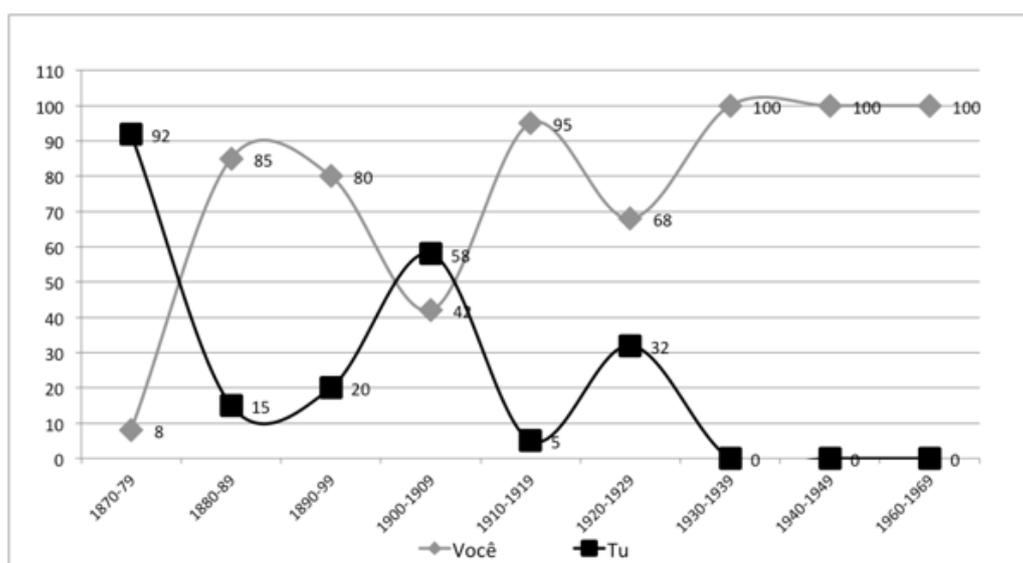
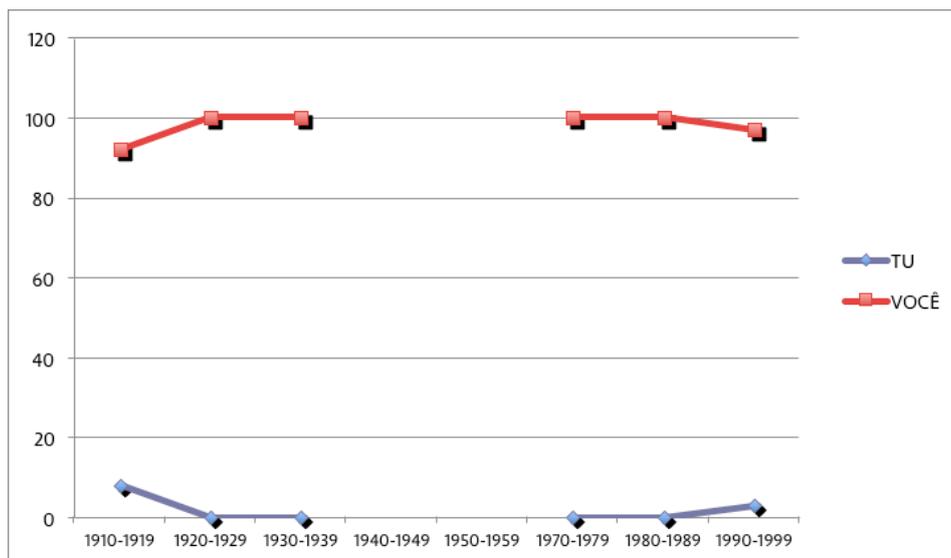


Gráfico 03. Distribuição de frequência de *você* e *tu* na posição de sujeito em cartas pernambucanas (1869-1969).

A distribuição desses dados ao longo do tempo revela a supremacia de *tu* em fins do século XIX (1870-79); o predomínio de *você* entre 1880-1900; a coexistência entre *tu* e *você* em dois períodos da primeira metade do século XX (década de 1900-10 e décadas de 1920-29); e o uso majoritário de *você* a partir de 1910.

O gráfico 04 a seguir, que reflete os dados expressos na Tabela 10 da seção 3, delinea o comportamento das formas tratamentais *tu* e *você* nas cartas do Rio Grande do Norte.

Gráfico 04. *tu/você* nas cartas norte-rio-grandenses no curso do século XX.

Dadas as especificidades dos usos do pronome *tu* na amostra do Rio Grande do Norte, sócio-discursivamente motivados pelas relações entre os informantes conforme discutimos na seção anterior, excluímos as cartas referentes às décadas 1940 e 1950, nas quais há um uso bastante motivado do pronome *tu*. Observe-se que, de igual modo aos estados da Bahia e de Pernambuco, o pronome *você* é a forma categórica já em cartas do início do século XIX, na década de 1910.

Os resultados aqui apresentados evidenciam que nos estados da Bahia, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, no nordeste brasileiro, o subsistema de tratamento que vigora, em quase todas as décadas dos séculos XIX e XX, é o *você*, já bastante consolidado na primeira metade do século XX. Corroboram ainda estudos que mostram que as escolhas das formas de tratamento estão diretamente vinculadas ao tipo de relação estabelecida entre os escreventes, considerando mais poder ou mais solidariedade nos diferentes contatos. Em termos diacrônicos e diatópicos, a verificação do emprego de *você* e *tu* em cartas pessoais dos séculos XIX e XX de três Estados da região Nordeste contribuirá para o mapeamento do processo de gramaticalização de *você* e suas consequências para os paradigmas de segunda pessoa na diacronia do PB.

Referências Bibliográficas

- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, T. A. (Ed.). *Style in Language*. Massachusetts: Ed. MIT Press, 1960. p. 253-276.
- CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LOPES, Célia Regina Santos. *Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX*. In: CORTINA, Arnaldo; NASSER, Sílvia Maria Gomes da Conceição (Org.). *Sujeito e linguagem*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 47-74.
- _____.; MACHADO, Ana Carolina Morito. Tradição e Inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós Ottoni. In: LOPES, Célia Regina Santos (Org.). *A norma Brasileira em Construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, 2005.
- _____. et al. *A reorganização no sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: posição de sujeito*. (a sair)
- _____.; RUMEU, Márcia Cristina de Brito; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. A configuração diatópica-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro. *Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*. Vol. 15, Números 1/2, p. 187-212, 2013.

_____.; RUMEU, Márcia Cristina de Brito; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. O tratamento em bilhetes amorosos no início do século XX: do condicionamento estrutural ao sociopragmático. In: COUTO, Letícia Regina; LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense (UFF), 2011. p. 315-348.

_____.; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. O tratamento a Rui Barbosa. In: BARBOSA, A.; CALLOU, D. *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011. p. 265-291.

_____.; CAVALCANTE, Sílvia Regina de Oliveira. A cronologia do Voceamento no Português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Linguística* (Madrid), v. 25, p. 30-65, 2011.

_____.; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. De "Vossa Mercê" a "Você": análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; MOTA, Maria Antónia (Org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-fólio, 2003. p. 61-76.

MOURA, Kássia Kamilla. *A implementação do VOCÊ em cartas pessoais norte-riograndenses do século XX*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

_____. *A Implementação do 'Você' no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: Um Estudo de Painel*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

_____. *Língua e sociedade: a história do pronome "você" no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

Caminhos para a investigação da alternância de pronomes de segunda pessoa em Santa Catarina

Directions for the investigation of second person pronouns variation in Santa Catarina, Brazil

Recebido em 05 de maio de 2015. | Aprovado em 15 de junho de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i1.175>

Christiane Maria Nunes de Souza¹
Izete Lehmkuhl Coelho²

Resumo: Neste estudo, com base nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, apresentamos resultados das primeiras pesquisas referentes à descrição da alternância dos pronomes *tu* e *você* em posição de sujeito em cartas pessoais de Santa Catarina, a partir de uma perspectiva diacrônica. Em um primeiro momento, analisamos cartas de florianopolitanos ilustres escritas nos séculos XIX e XX, constatando a entrada do pronome *você*, sempre em sua forma plena, nos dados do século XX. Partimos, então, para uma análise diatópica, em que comparamos missivas produzidas por informantes não ilustres das cidades de Florianópolis e Lages na segunda metade do século XX, apontando para uma preferência geral pelo uso da forma *tu* na capital catarinense e para uma preferência geral pelo uso da forma *você* na cidade do planalto – sendo que o pronome-sujeito *tu* manifesta-se majoritariamente em sua forma nula e o pronome-sujeito *você* manifesta-se majoritariamente em sua forma plena em ambas as localidades. Os resultados sugerem, além um já pressuposto contraste diacrônico (entrada do pronome *você* no sistema de tratamento do século XX), também um contraste diastrático (entre a escrita dos informantes ilustres e a escrita dos informantes não ilustres) e um contraste diatópico (entre a escrita da cidade de Florianópolis e a escrita da cidade de Lages).

Palavras-chave: pronomes de segunda pessoa; sujeito; cartas pessoais; diacronia; Santa Catarina.

Abstract: Based on the Theory of Variation and Change, in this paper the first results concerning the second person pronouns diachronic alternation in the subject position (*tu* ~ *você*) found in personal letters from Santa Catarina State (Brazil) are presented. Firstly, letters written in the 19th and 20th centuries by famous writers from Florianópolis are analyzed, indicating the entrance of *você* in the address forms system of Santa Catarina State in the 20th century. Then, in a diatopic analysis between letters written by non famous people from Florianópolis and letter written by non famous people from Lages in the second half of the 20th century, a preference for the pronoun *tu* in Florianópolis and for the pronoun *você* in Lages is shown. In both cities, *tu* is related to a null subject, while *você* is related to a full subject. Results suggest that, besides the diachronic contrast, it is also possible to identify a contrast between the letters written by famous and non famous people (diastratic variation) and a contrast between letters written in Florianópolis and Lages (diatopic variation).

Keywords: second person pronouns; subject; personal letters; diachrony; Santa Catarina State (Brazil).

¹ Doutoranda em Língua Portuguesa, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. souzacmn@gmail.com

² Professora Associada de Língua Portuguesa (Centro de Comunicação e Expressão, Departamento de Língua e Literatura Vernáculas) e do Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. izete@cce.ufsc.br

Introdução

Os esforços para a descrição da alternância entre *tu* e *você* em Santa Catarina se iniciaram no fim da década de 1980, com a publicação da dissertação de Ramos (1989), que focaliza a *avaliação* das formas pronominais que concorrem pela expressão da segunda pessoa do singular (P2) na cidade de Florianópolis, capital do estado. Com os trabalhos de Loregian (1996) e Loregian-Penkal (2004), a distribuição do *uso* de *tu* e *você* em quatro cidades catarinenses foi apresentada de modo sistemático, e é partindo desses dois últimos trabalhos que normalmente se desenvolvem os estudos cujo objeto é a variação pronominal de segunda pessoa, como os de Rocha (2012) e de Davet (2013), entre outros.

O estado de Santa Catarina, embora pequeno em território, exhibe, possivelmente em vista dos diversos processos migratórios por que passou, significativas diferenças de comportamento linguístico no que diz respeito aos pronomes de P2, perceptíveis inclusive àqueles que não se dedicam a estudar a variação e a mudança linguísticas. Não por acaso, a variação entre *tu* e *você*, reconhecida como um traço diferenciador de distintas localidades, atrai o olhar de pesquisadores que buscam descrever o português catarinense.

Ao longo da década de 1990 e no início dos anos 2000, a criação e o desenvolvimento do Núcleo de Pesquisa Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL), cujo principal objetivo foi a formação de um banco de dados com 288 entrevistas sociolinguísticas com falantes dos três estados da Região Sul, fomentaram a realização de pesquisas no âmbito da sincronia. Nesse contexto é que surgiram os trabalhos de Loregian (1996) e Loregian-Penkal (2004). Em 2008, o grupo de pesquisadores do VARSUL da agência UFSC abraçou a proposta do projeto nacional Para a História do Português Brasileiro (PHPB) e passou a se dedicar também aos estudos diacrônicos.

Coelho e Görski (2011) e Nunes de Souza (2011) foram provavelmente as primeiras autoras a investigarem a variação pronominal de segunda pessoa no português catarinense em uma perspectiva variacionista diacrônica. Para tanto, utilizaram como amostras peças teatrais coletadas pelo PHPB de Santa Catarina (PHPB-SC). Posteriormente, Nunes de Souza e Coelho (2013), já com amostras formadas por cartas pessoais, também provenientes do PHPB-SC, deram continuidade ao trabalho de descrição do português escrito no estado no decorrer dos séculos XIX e XX.

Essa retrospectiva, ao mesmo tempo em que ilumina a forma como este texto³ está organizado, também evidencia o momento em que se encontram as pesquisas acerca dos pronomes de P2 em Santa Catarina. Estamos nos primeiros anos de uma empreitada que promete ser longa: envolve a coleta, catalogação, edição, descrição e análise de dados escritos, sobretudo em cartas pessoais, em um estado pequeno, porém diversificado.

O objetivo principal deste texto é apresentar os frutos dos primeiros estudos diacrônicos sobre a variação pronominal de P2 (*tu* e *você*) na posição de sujeito em cartas pessoais catarinenses, provenientes do *corpus* do PHPB-SC. A descrição dos pronomes é conduzida com base na análise prévia de Nunes de Souza e Coelho (2013) e se desenvolve em duas direções: num primeiro momento, são focalizadas cartas escritas por florianopolitanos ilustres, separados no tempo por cerca de cem anos; na sequência, cartas escritas por catarinenses não ilustres na segunda metade do século XX são investigadas sob uma perspectiva diatópica, comparando-se missivas produzidas nas cidades de Florianópolis e Lages.

Compreendendo o pressuposto de que uma língua não deve ser estudada fora de seu contexto social (LABOV, 1972), iniciamos nossas discussões ressaltando algumas particularidades sócio-históricas do estado de Santa Catarina que podem estar relacionadas à distribuição, tanto sincrônica quanto diacrônica, dos pronomes de segunda pessoa *tu* e *você*. Em seguida, fazemos um apanhado dos resultados obtidos até o momento acerca da alternância dos pronomes de P2 na posição de sujeito em cartas pessoais escritas por ilustres florianopolitanos. Ampliando as discussões em torno do fenômeno, apresentamos, posteriormente, uma análise de missivas catarinenses produzidas na segunda metade do século XX, com ênfase no contraste entre as cidades de

³ Uma versão preliminar deste texto foi apresentada na forma de comunicação oral no *I Simpósio do LaborHistórico: História dos pronomes de tratamento no português brasileiro*, realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre os dias 11 e 13 de maio de 2015. Na ocasião, tivemos a oportunidade de dialogar com diversos pesquisadores da área. Na figura do professor Martin Hummel (Institut für Romanistik / Department of Romance Philology / Karl-Franzens-Universität), debatedor de nossa comunicação oral, agradecemos a todos os que ofereceram críticas e sugestões ao nosso trabalho. Quaisquer impropriedades que tenham vindo a permanecer na versão final do texto são de responsabilidade das autoras.

Florianópolis e Lages. Por fim, tecemos algumas considerações a respeito das contribuições, das limitações e dos possíveis desdobramentos deste trabalho.

1. Do presente para o passado: o colonizador e os pronomes

Santa Catarina, conforme já assinalado brevemente, agrega em seu território uma vasta variedade de etnias. Os principais colonizadores do estado são europeus – sobretudo portugueses/açorianos, alemães e italianos –, mas a área recebeu, também, africanos escravizados, bem como foi (e ainda é, em menor proporção) habitada por indígenas. O material investigado pelo grupo de pesquisadores do PHPB-SC concentra-se, em especial, nos séculos XIX e XX, período ao longo do qual ocorreram as imigrações italiana e alemã, que são posteriores à imigração açoriana, no século XVIII, e à ocupação portuguesa, que se deu desde o século XVI.

Nos trabalhos pioneiros de Loregian (1996) e Loregian-Penkall (2004), os resultados encontrados, que focalizaram dados de fala do final do século XX, deram indícios de que o grupo colonizador poderia ser um fator relevante para a preferência por um ou outro pronome de segunda pessoa. Utilizando entrevistas sociolinguísticas do Núcleo VARSUL, a autora investigou a distribuição dos pronomes *tu* e *ocê* em zonas urbanas de quatro cidades: Florianópolis (capital, colonizada por açorianos), Blumenau (colonizada por alemães), Chapecó (colonizada por italianos) e Lages (colonizada por um grupo misto de tropeiros paulistas, mineiros e gaúchos). Considerou, ainda, um bairro do município de Florianópolis, o Ribeirão da Ilha, confiando na hipótese de que, por se tratar de uma comunidade mais afastada, que um dia foi uma *freguesia*⁴, o bairro poderia conservar traços linguísticos açorianos (no caso, o pronome *tu*) em maior escala do que a zona urbana de Florianópolis.

Os resultados obtidos por Loregian-Penkall (2004) podem ser conferidos na Tabela 1, a seguir.

Santa Catarina															
Informante	Florianópolis			Ribeirão da Ilha			Lages			Blumenau			Chapecó		
	<i>tu</i>	<i>ocê</i>	<i>t/v</i>	<i>tu</i>	<i>ocê</i>	<i>t/v</i>	<i>tu</i>	<i>ocê</i>	<i>t/v</i>	<i>tu</i>	<i>ocê</i>	<i>t/v</i>	<i>tu</i>	<i>ocê</i>	<i>t/v</i>
FA	5	-	1	3	-	-	-	-	6	1	-	5	3	-	3
FB	2	-	4	1	-	2	1	2	3	-	1	5	1	-	5
Subtotal	7	-	5	4	-	2	1	2	9	1	1	10	4	-	8
MA	4	-	2	2	-	1	-	2	4	1	-	5	-	-	6
MB	2	1	3	1	-	1	-	2	4	-	3	2	2	2	2
Subtotal	6	1	5	3	-	2	-	4	8	1	3	7	2	2	8
Total	13	1	10	7	-	4	1	6	17	2	4	17	6	2	16

Tabela 1. Resultados gerais da distribuição de *tu/você* nos dados do VARSUL⁵ do estado de Santa Catarina⁶ (LOREGIAN-PENKALL, 2004).

Observa-se, na Tabela 1, que Florianópolis, dentre as quatro cidades, é aquela que apresenta uma maior preferência pelo uso do pronome *tu* em detrimento de *ocê* (13 informantes usam somente *tu* e um informante usa somente *ocê*). Destaca-se, ainda, que no bairro Ribeirão da Ilha nenhum informante fez uso somente da forma *ocê* ao longo da entrevista. Nas demais localidades, percebe-se que a maioria dos informantes usa de modo variável os dois pronomes. Em Lages, porém, há o maior número de informantes que preferem usar apenas a forma *ocê* (seis informantes usam somente *ocê* e um informante usa somente *tu*).

⁴ *Freguesia* é o nome dado aos locais onde os colonizadores se estabeleciam. Comumente, uma freguesia contava com uma igreja e uma praça voltadas para o mar, em torno das quais os moradores construíam suas casas.

⁵ No banco de dados VARSUL, a letra M significa que o informante é do sexo masculino; a letra F indica que é do sexo feminino. As letras A e B significam, respectivamente, que o informante tem entre 25 e 49 anos ou que tem 50 anos ou mais.

⁶ Além da Amostra-base do VARSUL, Loregian-Penkall (2004) analisou a Amostra Brescancini, também pertencente ao VARSUL, que conta com 12 entrevistas sociolinguísticas de informantes do bairro Ribeirão da Ilha, em Florianópolis.

É possível notar, com base nos resultados de Loregian-Penkal (2004), que a hipótese que relaciona colonização e preferência por um ou outro pronome de segunda pessoa encontra respaldo em dados empíricos: Florianópolis preserva em maior grau o pronome *tu*, herança dos colonizadores açorianos; Lages, que teve seu território percorrido por tropeiros (dentre os quais, muitos paulistas), tem o maior número de informantes que usa categoricamente a forma *você*.

Acrescente-se ao fator “colonização”, ainda, um acidente geográfico: a Serra Geral atravessa diagonalmente o estado de Santa Catarina, separando as cidades do litoral (como Florianópolis) das cidades do planalto (como Lages). O isolamento entre essas áreas manteve-se até o século XX, mais precisamente até a década de 1970, quando foi construída uma rodovia que liga o planalto ao litoral, a BR 282. Considere-se, ademais, que Florianópolis, município cuja maior porção do território é insular, teve sua primeira ponte entre a ilha ao continente construída na década de 1920. É recente, portanto, o contato entre as duas cidades.

Os critérios para seleção das localidades investigadas pelo VARSUL, sobretudo a oposição entre Florianópolis e Lages, se mostraram relevantes também no tratamento de outros fenômenos variáveis, como a expressão do modo subjuntivo (PIMPÃO, 2013) e a expressão do modo imperativo (CARDOSO, 2012). Por conta disso, ao selecionar as cidades que teriam seu dialeto estudado em uma perspectiva diacrônica, o grupo do PHPB-SC optou por fazer suas coletas, ao menos inicialmente, nos quatro municípios investigados sincronicamente pelo VARSUL. Para este trabalho interessam em particular as localidades de Florianópolis e Lages, que se destacaram na análise comparativa conduzida por Loregian-Penkal (2004).

No que diz respeito especificamente ao gênero *cartas pessoais*, os primeiros materiais coletados pelo PHPB-SC foram, como normalmente ocorre, correspondências de informantes ditos “ilustres”, nascidos na capital. Do século XIX, foram coletadas junto ao Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUIILL) da UFSC cartas escritas por Cruz e Sousa a sua noiva, bem como cartas de outros escritores endereçadas ao poeta simbolista. Do século XX, a partir da dissertação de mestrado *As cartas de Harry Laus e de sua tradutora francesa*, de Maria Albertina Freitas de Melo, defendida em 2001, foram coletadas cartas do também escritor Harry Laus endereçadas a sua amiga e tradutora de suas obras, Claire Cayron. Posteriormente, foi cedido ao PHPB-SC um conjunto de cartas de moças endereçadas a um mesmo jovem, datadas da década de 1960. Foi com esse material que Nunes de Souza e Coelho (2013) deram início às análises diacrônicas a respeito da variação dos pronomes de P2 em cartas pessoais.

As autoras investigaram a correlação entre os pronomes de segunda pessoa em posição do sujeito com os pronomes em posição de complementos acusativos, dativos e oblíquos em 42 cartas catarinenses. Buscaram, naquela ocasião, contrastar os resultados obtidos na análise de cartas do século XIX com aqueles encontrados em cartas do século XX e, para isso, utilizaram os três já referidos conjuntos de cartas, denominados, respectivamente, Amostra Cruz e Sousa, Amostra Harry Laus e Amostra do Vale.

Descrita mais detalhadamente, a Amostra Cruz e Sousa é composta por dez cartas produzidas nas décadas de 1880 e outras dez na década 1890 por três distintos remetentes: o poeta Cruz e Sousa escreve a sua noiva, Gavita; e Virgílio Várzea e Araújo Figueiredo, ambos também escritores atuantes no cenário político desterrense, escrevem a Cruz e Sousa. Da Amostra do Vale, foram selecionadas 12 cartas amorosas de seis moças moradoras das regiões da Grande Florianópolis e do Vale do Itajaí que escrevem, na década de 1960, a um mesmo destinatário, um jovem músico e professor de língua portuguesa nascido no Vale do Itajaí. Por fim, da Amostra Harry Laus foram selecionadas dez cartas enviadas pelo escritor, nascido em Tijucas, na Grande Florianópolis, a sua tradutora e amiga Claire, entre os anos de 1987 e 1992.

Os resultados gerais obtidos por Nunes de Souza e Coelho podem ser visualizados a seguir, na Tabela 2.

	Remetentes	Paradigma Tu		Paradigma Você	
Século XIX (20 cartas)	Virgílio Várzea (1882-1892)	(66)	100%	-----	
	Araújo Figueiredo (1888-1897)	(49)	100%	-----	
	Cruz e Sousa (1892)	(93)	100%	-----	
Século XX (22 cartas)	Remetente A (1964)	(23)	100%	-----	
	Remetente E (1965-1966)	-----		(34)	100%
	Remetente B (1966)	(10)	91%	(1)	9%
	Remetente L (1966)	(4)	22%	(14)	78%
	Remetente V (1968)	-----		(32)	100%
	Remetente O (1969)	(36)	61%	(23)	39%
	Harry Laus (1987-1992)	(103)	95%	(5)	5%
TOTAL	493 ocorrências	(384)	78%	(109)	22%

Tabela 2. Número total de formas do paradigma de *tu* e do paradigma de *you* em cartas pessoais catarinenses dos séculos XIX e XX. Adaptada de Nunes de Souza e Coelho (2013).

Dentre os números constantes na Tabela 2, que inclui todas as formas pronominais encontradas pelas autoras nas posições de sujeito e de complementos, alguns chamam a atenção. É possível notar, por exemplo, que não há dados de *you* no século XIX, em qualquer posição sintática. Já no século XX, observa-se a inserção do novo pronome no sistema catarinense, embora não seja possível reconhecer, em uma primeira impressão, a sistematicidade dessa mudança.

Nunes de Souza e Coelho (2013) procederam tanto a análises quantitativas quanto a análises qualitativas, e, em certa medida, interpretaram os resultados através de análises por indivíduo, considerando, sempre que possível, o informante e o contexto da interação. Foi constatado, assim, que a Informante E da Amostra Vale, embora faça uso categórico do pronome *you* em suas cartas, tem em seu vernáculo, como a própria informante documenta em uma missiva, o pronome *tu*:

- (01) Você também deve ter notado a diferença de tratamento que lhe dispensei [pessoalmente]. Vou explicar-lhe: considero o tratamento **you** muito impessoal por isso prefiro-o para cartas ou para pessoas totalmente desconhecidas. O mais costume usar **tu**. Como vê, a gramática e eu não nos damos. [Remetente E, 7 de fevereiro de 1966]

Esses e outros desafios foram lançados a partir desse primeiro mapeamento. À medida que discussões em torno da variação dos pronomes de P2 foram se desenvolvendo em eventos acadêmicos, no diálogo com estudiosos do mesmo fenômeno, as autoras detectaram algumas frentes de investigação que poderiam ajudar a elucidar a trajetória percorrida pelo pronome *you* no português catarinense.

Primeiramente, optaram pela separação entre cartas de informantes ilustres e cartas de informantes não ilustres, uma vez que o nível de letramento do missivista poderia interferir, de algum modo, no uso dos pronomes, proporcionando, eventualmente, análises incomensuráveis. Também consideraram, uma vez que o *corpus* do projeto PHPB-SC passa por constante expansão e já se encontra ampliado com amostras das quatro cidades catarinenses já referidas, realizar exames contrastivos entre localidades distintas, buscando identificar como, no trajeto percorrido desde a entrada do pronome *you* em Santa Catarina, se chegou à realidade descrita por Loregian-Penkall (2004) em dados sincrônicos de fins do século XX. Por fim, percebendo as proporções da tarefa, decidiram por dividi-la em partes, iniciando pela descrição dos pronomes usados em posição de sujeito. Essas três frentes de investigação foram, em certa medida, contempladas neste trabalho, como pode ser verificado nas discussões que se desenrolam nas próximas seções.

2. Do passado para o presente: de Cruz e Sousa a Harry Laus

Quando se parte em busca de cartas pessoais de sincronias passadas, em geral as que primeiro são encontradas são aquelas escritas por informantes ilustres, moradores de capitais, muitas vezes já editadas e catalogadas em outras fontes. Foi o que ocorreu com as cartas da Amostra Cruz e Sousa, que já estavam disponíveis na página do NUPILL na Internet, e com as cartas da Amostra Harry Laus, que já se encontravam transcritas na dissertação de mestrado de Melo (2001) – conforme já mencionado.

O Quadro 1, a seguir, apresenta de modo sistemático o recorte utilizado como amostra nesta análise de cartas de missivistas ilustres.

AMOSTRA ILUSTRES	
Século XIX: décadas de 1880 e 1890	Século XX: décadas de 1980 e 1990
20 cartas	17 cartas
Cruz e Sousa - Gavita	
Virgílio Várzea - Cruz e Sousa	Harry Laus - Claire
Araújo Figueiredo - Cruz e Sousa	
Total: 37 cartas escritas por quatro remetentes distintos	

Quadro 1. Amostras de missivistas ilustres (Amostra Cruz e Sousa e Amostra Harry Laus).

É preciso levar em consideração, ao tratar de documentos escritos por ilustres, que o grau de letramento desses indivíduos é, geralmente, mais alto, e que, além das diferenças que sabemos existir entre a escrita e a fala, temos que ter em mente que a escrita de um ilustre letrado pode não refletir a escrita dos demais indivíduos que viveram em uma mesma época. No caso dessas duas amostras, mais especificamente, é preciso considerar, também, que os missivistas são nascidos na capital, e que sua escrita não é necessariamente representativa da escrita de outros ilustres de localidades distintas dentro do estado de Santa Catarina.

A análise a que procedemos a seguir leva em conta 20 cartas da Amostra Cruz e Sousa, que já havia sido objeto de investigação em Nunes de Souza e Coelho (2013), e 17 cartas da Amostra Harry Laus, que havia sido analisada em um recorte menor no estudo anterior (cf. NUNES DE SOUZA; COELHO, 2013). Considerando o total de 223 ocorrências de pronomes de segunda pessoa na posição de sujeito nas duas amostras, chega-se à seguinte distribuição: 215 dados de *tu* e oito dados de *você*. Em um estudo diacrônico, no entanto, os resultados obtidos com a totalidade dos dados podem levar a uma generalização equivocada; é preciso considerar que os dados estão dispostos em uma linha do tempo.

A seguir, na Tabela 3, veem-se os resultados acerca da variação entre *tu* e *você* distribuídos em função do cruzamento de dois condicionadores: um de natureza extralinguística, o período em que foram produzidos – se no século XIX ou no século XX –; e outro de natureza linguística, o preenchimento do sujeito – se nulo ou expresso.

Sujeito	Amostra Cruz e Sousa 1880 e 1890		Amostra Harry Laus 1980 e 1990	
	Tu	Você	Tu	Você
Nulo	67/88 (76%)	0/0 (0%)	116/127 (91%)	0/8 (0%)
Expresso	21/88 (24%)	0/0 (0%)	11/127 (9%)	8/8 (100%)
TOTAL	88/88 (100%)	0/88 (0%)	127/135 (94%)	8/135 (6%)

Tabela 3. Frequência de pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito (nulos e expressos) em cartas pessoais catarinenses dos séculos XIX e XX.

Da forma como estão organizados na Tabela 3, os resultados permitem que se perceba a completa ausência do pronome *você* nas cartas escritas por Cruz e Sousa, Virgílio Várzea e Araújo Figueiredo nas duas últimas décadas do século XIX. Não se pode inferir, contudo, que ainda não havia, no português da capital catarinense, ocorrências desse pronome. Nunes de Souza (2011), em uma análise de peças teatrais escritas por autores florianopolitanos no decorrer dos séculos XIX e XX, identifica (embora em baixo número) o uso da forma *você* em posição de sujeito por parte de determinados personagens – em geral em relações assimétricas descendentes, associado, inclusive, a uma carga pejorativa – em textos datados da primeira metade do século XIX (3 ocorrências) e da segunda metade do século XIX (13 ocorrências). Na escrita dos missivistas ilustres considerados nesta análise, no entanto, o pronome *você* ainda não aparece.

Ainda com relação aos resultados referentes ao século XIX, nota-se que há predileção pelo não preenchimento do sujeito pronominal, ou seja, pelo sujeito nulo. Esses números vão ao encontro de outros estudos acerca do português brasileiro (DUARTE, 1993, 1995, entre outros), que indicam que o pronome nulo era, de fato, a estratégia preferida no século XIX, em detrimento do pronome expresso. O exemplo (02), a seguir, ilustra a preferência dos missivistas por essa estratégia.

- (02) Se o juramento que me **fizeste** dentro da igreja é sagrado e se **pensas** n'elle com amor, eu creio em ti para sempre, em ti que **és** hoje a maior alegria da minha vida, a unica felicidade que me consóla e que me abre os braços com carinho. [Carta de Cruz e Sousa para Gavita – 31 de março de 1892]

Um olhar qualitativo sobre os dados revela que boa parte dos 21 casos de sujeitos expressos encontrados nas cartas do século XIX se assemelha a uma estratégia discursiva de ênfase, utilizada em línguas de sujeito nulo para focalizar o sujeito pronominal. Em outras palavras, a presença de um pronome sujeito implica ênfase contrastiva e a sua omissão, neutralidade. Os exemplos em (03) e (04) ilustram o pronome expresso na função de foco contrastivo. Nota-se que, nesses casos, o pronome dificilmente poderia ser omitido.

- (03) Só **tu és** merecedôra de que eu te ame muito, como te amo, muito, muito, muito, e cada vez mais, com mais firmeza, sempre fiél, sempre teu escravo bom e agradecido, fazendo de ti, minha estrella, a esposa santa, adorada companheira dos meus dias. [Carta de Cruz e Sousa para Gavita – 14 de dezembro de 1892]
- (04) **Tu**, Gavita, não me **conheces** ainda bem, não sabes que amor eterno eu tenho no coração por ti, como eu adóro os teus olhos que me dão alegria, as tuas graças de mulher nova, de moça, carinhosa e amiga de sua boa mãe [Carta de Cruz e Sousa para Gavita – 31 de março de 1892]

Ao se observarem os números referentes à Amostra Harry Laus, no entanto, não se encontra convergência absoluta entre os resultados obtidos nesta análise e aqueles referentes a dados da Região Sudeste (cf. PAREDES SILVA; SANTOS; RIBEIRO, 2000; LOPES; MACHADO, 2005; RUMEU, 2008; LOPES, 2008, 2009; MACHADO, 2011; LOPES; RUMEU; MARCOTULLIO, 2011; entre outros). Em geral, considera-se que foi na década de 1930 que se iniciou de modo mais consistente uma mudança tanto com relação à opção pelo pronome *você* – que passa a ser a estratégia de P2 mais utilizada – quanto no que tange ao preenchimento do sujeito – que passa a ser expresso, cada vez mais, em sua forma plena – naquela região.

Nos dados produzidos pelo escritor Harry Laus nas décadas finais do século XX, entretanto, *tu* é o pronome majoritariamente utilizado e, em geral, em sua forma nula. *Você* fica reservado a poucos contextos, como será visto adiante, e apresenta-se, em todas as suas ocorrências, como sujeito pleno. Os exemplos em (05) e (06) ilustram a correlação entre pronome *tu* e sujeito nulo e entre pronome *você* e sujeito pleno na Amostra Harry Laus.

- (05) Fiz obras na casa de Porto Belo, agora tenho um banheiro privativo no meu quarto e onde era a cozinha é outro quarto e, com o fechamento e ampliação da varanda externa, aos fundos, lá ficou copa-cozinha. Quando **vieres, terás** mais conforto. [Carta de Harry Laus a Claire – 8 de dezembro de 1989]
- (06) Gostei muito de tua conferência sobre os problemas da tradução. Acho que é perfeita para ser dita ou lida no Brasil. Confesso que sempre me admirou muito o quanto **você consegue** ser fiel ao escritor, inclusive ao ritmo da frase. Também se aprende coisas sobre o português, como nossa oralidade, modulação, canto, etc. E achei excelente cito de o escritor ouvir o que escreve. É exato. [Carta de Harry Laus a Claire – 22 de novembro de 1987].

Na Amostra Harry Laus, a maior parte dos 11 casos de sujeito pronominal expresso *tu*, à semelhança do que foi apontado na Amostra Cruz e Sousa, também parece corresponder a estratégias de ênfase contrastiva, como ilustram os exemplos em (07) e (08). Novamente, os sujeitos pronominais nesses casos dificilmente seriam omitidos.

- (07) É isto. Um beijo (em retribuição àquele furtivo que me deste uma noite em que eu estava em minha mesa de trabalho e **tu** ias dormir). [Carta de Harry Laus a Claire – 20 de fevereiro de 1989].
- (08) O diretor será um rapaz daqui que trabalha em Los Angeles e apaixonou-se pelo roteiro e veio para cá cheio de esperanças. Já conseguimos o apoio da RBS (Rede Brasil Sul de Comunicações), a cadeira de tv mais importante do Sul. Quando o roteiro final estiver pronto, pretendo mandar-te uma cópia, pois quem sabe não se poderia vender o vídeo na França, e nesse caso, **tu** serias a tradutora dos diálogos. [Carta de Harry Laus a Claire – 20 de janeiro de 1988].

Nota-se que a escrita de Harry Laus conserva um sistema semelhante ao do século XIX, notadamente de língua de sujeito nulo. Os oito casos do pronome *ocê* – categoricamente expressos – são pouco representativos para indicarem alguma mudança pronominal em curso. Além disso, observa-se que contextos de *tu* e *ocê* são utilizados pelo autor para marcar diferentes estratégias ligadas a relações simétricas e assimétricas de poder e solidariedade, conforme discutimos a seguir.

No que tange às relações de simetria e assimetria estabelecidas entre remetentes e destinatários, na Amostra Cruz e Sousa há cartas entre noivos (de Cruz para Gavita) e entre amigos (de Virgílio Várzea e Araújo Figueiredo para Cruz e Sousa). A temática das cartas escritas pelo poeta a sua noiva é, via de regra, amorosa. Nas missivas trocadas entre amigos, a temática varia entre um conteúdo de natureza profissional – tratam de livros a serem publicados e de compras de material em outras cidades do Brasil, por exemplo – e um conteúdo de natureza mais pessoal – dizem que têm saudades, que visitaram a família do destinatário, reclamam da falta de notícias etc. Os exemplos (09), (10) e (11), a seguir, ilustram, respectivamente, a temática amorosa das cartas de Cruz e Sousa e as temáticas profissional e pessoal das cartas entre amigos.

- (09) Minha estremecida Vivi. A' hora em que te escrêvo tenho diante de mim teu retrato, que trago sempre comigo, que é o meu melhor companheiro e amigo. Adorada do meu coração, não **calculas** a saudade que sinto de ti, como desejo agora estar ao pé de ti, na alegria e na felicidade da tua presença querida, flôr da minha vida, consolo do meu coração. [Carta de Cruz e Sousa para Gavita – 14 de dezembro de 1892]
- (10) Alegra-me festivalmente isso, porque era uma justiça que te fazia a digna imprensa de Bagé, publicando os teus soberaníssimos versos nas folhas diarias e concorrendo eficazmente em seguida para que elles sâias tambem em volume. Isto é uma prova de sympathia do povo rio-grandense pela mentalidade moderna que **tu** tão caracteristicamente **representas** nessa escursão artistica na provincia dos pampas. [Carta de Virgílio Várzea para Cruz e Sousa – 17 de setembro de 1886]
- (11) No entanto nostalgico não vivo, nem desolado, porque ainda, segundo posso affirmar, continuo a ter a alma cheia de affectos para com todos, principalmente para comtigo que, comquanto passassemos tanto tempo sem nos communicar por meio da escripta, **continúas** a ser meu maior amigo, o mais altamente sincero e dedicado; porque vive junto de mim, habitando o mesmo castello de esperanças, a doce Eleita dos meus sonhos, achada entre as mais procuradas. [Carta de Araújo Figueiredo para Cruz e Sousa – 5 de agosto de 1895]

Na Amostra Harry Laus, o escritor trata de temáticas diferentes ao se dirigir a sua tradutora. Com o passar do tempo, remetente e destinatária desenvolvem, além de uma relação profissional entre escritor e tradutora, também uma relação de amizade – Harry visita Claire na França e Claire vem ao Brasil e hospeda-se na casa do escritor; Harry conhece a filha de Claire e a tradutora conhece as irmãs de Harry. Qualitativamente, é possível observar, em uma mesma carta, Harry Laus usando o pronome *ocê* para tratar de assuntos profissionais e o pronome *tu* para tratar de questões mais pessoais – conforme se observa nos exemplos (12) e (13).

- (12) Quelação é um tratamento à base de soro com aplicação duas vezes por semana, no início, depois uma vez por semana, com acompanhamento de diversos medicamentos de sustentação (minerais, vitaminas, etc). (...) Há um material impresso que vou conseguir para te **informares** a respeito. A medicina tradicional condena porque, se tudo der certo pelo novo método, cai por terra, por exemplo, a

necessidade de várias operações, como as chamadas “pontes de safena. Sobre “Teias”, o que eu disse para a moça é que **você**, geralmente, não **traduz** os nomes dos personagens mas que, no caso do Zenão, há o caso do filósofo, etc. Quanto ao jogo aliterativo que **citas** eu não havia percebido. [Carta de Harry Laus para Claire – 21 de janeiro de 1992].

- (13) Estou com tuas cartas de 10 e 11 e começo agradecendo as fotos de Anne Bihan que vou usar na divulgação do lançamento do Zenão, ou dos Zenões. Gostaria de ter o endereço dela para mandar um cartão. Como **dizes** que virá um artigo dela, agradecerei ambos. Veio também o folheto do Encontro de Tradutores e agora é a vez de se falar nas traduções que **você** já **fez**. [Carta de Harry Laus a Claire – 22 de novembro de 1987].

Na seção a seguir, passamos a analisar amostras de cartas de missivistas não ilustres, explorando, através de uma comparação entre amostras de Florianópolis e de Lages, a dimensão espacial da variação entre *tu* e *you* em Santa Catarina, que se mostrou relevante em estudos sincrônicos.

3. Seguindo em frente: uma análise comparativa entre Florianópolis e Lages

À medida que o Projeto PHPB-SC se desenvolve, outros materiais estão sendo coletados, transcritos e editados pelos pesquisadores. As amostras de cartas pessoais, antes concentradas na capital e escritas por informantes ilustres, agora já dão conta de missivas de outras localidades, e têm como remetentes e destinatários informantes não ilustres. Essa ampliação permitiu que novas análises fossem realizadas, como a comparação diatópica nesta seção apresentada, e possibilitou, inclusive, que recortes fossem feitos em determinadas amostras para, na medida do possível, garantir uma maior comparabilidade entre os conjuntos de cartas.

A Amostra Vale, utilizada por Nunes de Souza e Coelho (2013) em uma análise mais ampla, aqui é delimitada em virtude do local de onde escrevem as jovens missivistas. Observou-se que algumas informantes dessa amostra escreviam do Vale do Itajaí, enquanto outras escreviam da Grande Florianópolis. Com base na diferenciação no uso dos pronomes de P2 evidenciada por Loregian-Penkall (2004) com dados de fala do final do século XX, decidiu-se por opor cartas de não ilustres provenientes da capital a cartas de não ilustres oriundas de Lages – cartas essas que compõem a Amostra Medeiros.

A Amostra Medeiros é constituída por cerca de 70 missivas endereçadas a uma única destinatária, nascida em Urubici, um município cujo território já pertenceu a Lages e cuja colonização se assemelha à lageana. Entre os remetentes da Amostra Medeiros, há informantes tanto do litoral quanto do planalto, e aqui serão considerados somente aqueles que nasceram e viveram em Lages ou Urubici. A destinatária, embora urubiciense, viveu na cidade de Lages até ir para Florianópolis cursar o Ensino Superior. Foi basicamente no período em que a destinatária morou na capital que as cartas da Amostra Medeiros foram escritas.

O recorte utilizado recobre 15 correspondências (12 cartas e três bilhetes) escritas de mãe para filha, entre amigas e entre primas, na década de 1980. Para complementar a Amostra Medeiros, é acrescido um pequeno conjunto de seis cartas – aqui reunidas sob o rótulo Amostra de Sena –, sobre as quais se sabe apenas que foram escritas por dois lageanos nas décadas de 1950 e 1970 para dois distintos destinatários.

No Quadro 2, a seguir, pode ser visualizado o recorte selecionado para a análise comparativa entre cartas produzidas por informantes não ilustres de Florianópolis e de Lages.

AMOSTRA NÃO ILUSTRES	
Florianópolis – década de 1960	Lages – décadas de 1950, 1970 e 1980
16 cartas	18 cartas e 3 bilhetes
Sete remetentes distintas - jovem professor do Vale do Itajaí	Seis remetentes distintos - três destinatários
Total: 34 cartas escritas por treze remetentes distintos	

Quadro 2. Cartas de missivistas não ilustres (Amostra do Vale, Amostra Medeiros e Amostra de Sena).

Uma das vantagens de se analisar a correspondência de remetentes não ilustres é que eles, normalmente, não têm a mesma preocupação com a norma culta que escritores profissionais têm ao escrever – o que aproxima seu texto de uma linguagem mais informal e espontânea. Isso não quer dizer, contudo, que tais textos sejam necessariamente representativos da escrita de uma época. Será preciso, ainda, que um determinado volume de pesquisas diacrônicas acerca da variação entre os pronomes de segunda pessoa em Santa Catarina seja realizado para se ter ideia da representatividade das amostras selecionadas para esta análise.

Sobre esses informantes também importa salientar que, embora o parâmetro de comparação seja o fato de não serem ilustres, há entre eles diferenças de idade e escolaridade (e possivelmente outras ainda, não detectáveis através da leitura das cartas) que serão levadas em conta mais adiante, quando forem exploradas as relações de simetria e assimetria entre remetentes e destinatários. Diferentemente do que ocorre com informantes ilustres, que têm sua biografia conhecida, a identificação de determinadas características sociais de informantes não ilustres depende, na maior parte dos casos, da memória de quem doa suas cartas para pesquisa. Alguns aspectos, como o nível de letramento, podem ser também deduzidos pela leitura atenta das cartas pelo pesquisador.

Os resultados acerca da distribuição dos pronomes *tu* e *você* obtidos por meio da análise comparativa entre cartas de não ilustres florianopolitanos e lageanos podem ser conferidos na Tabela 4, a seguir, na qual se encontram organizados em função do cruzamento entre *localidade* e *preenchimento do sujeito*.

Sujeito	2ª metade do Século XX			
	Florianópolis		Lages	
	<i>tu</i>	<i>você</i>	<i>tu</i>	<i>você</i>
Nulo	66/73 (90%)	17/39 (44%)	11/15 (73%)	26/77 (34%)
Expresso	7/73 (10%)	22/39 (56%)	4/15 (27%)	51/77 (66%)
TOTAL	73/112 (65%)	39/112 (35%)	15/92 (16%)	77/92 (84%)

Tabela 4. Frequência de pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito (nulos e expressos) em cartas pessoais catarinenses de Florianópolis e Lages (2ª metade do século XX).

Certamente os números que mais chamam a atenção na Tabela 4 são aqueles que apontam para uma preferência pelo uso do pronome *tu* em Florianópolis e pelo uso do pronome *você* em Lages. Considerando-se que se trata de dados de escrita datados das décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, e que, em geral, as mudanças linguísticas ocorrem mais rapidamente na fala do que na escrita⁷, é possível estimar que a variação diatópica que se observa no uso dos pronomes de segunda pessoa em Florianópolis e Lages – também verificada em dados de fala da década de 1990 por Loregian-Penkál (2004) – é anterior à segunda metade do século XX. Esses resultados, da mesma forma, dão indícios de que diferenças relativas à colonização das duas cidades, associadas aos obstáculos geográficos entre o planalto e o litoral, podem ser um fator que interfere na variação entre *tu* e *você*.

Ainda com relação à Tabela 4, é possível notar que, respeitadas as preferências gerais de uso por uma ou outra forma pronominal em cada uma das cidades, o pronome *tu* é sempre mais usado como sujeito nulo e o pronome *você* como sujeito expresso, como os exemplos em (14) e (15) evidenciam. Essa associação entre o uso de *tu* e um menor preenchimento do sujeito e entre o uso de *você* e um maior preenchimento do sujeito pode ser considerada como um indicativo de que a variação entre sujeito nulo e sujeito pleno, no português catarinense e no português brasileiro de modo geral, está em maior grau relacionada a fatores internos ao sistema da língua, em detrimento de fatores externos, como *localidade*.

⁷ Aqui cabe uma ressalva apontada pelo professor Martin Hummel no debate de nosso trabalho no I Simpósio do LaborHistórico: Embora se possa compreender que as mudanças ocorram mais rapidamente na fala e que escrita por vezes demore em registrar as transformações por que passa a oralidade, também se pode entender que a escrita é espaço de inovação, uma vez que nela figuram construções e expressões próprias desse canal que, vez por outra, se estendem à língua falada.

- (14) Desejo que esta além de encontrá-lo com saúde e felicidade, o encontre ainda mais simpático do que o tenho em mente! Agradeço sinceramente sua cartinha, não só pelo fato de **teres** mandado, mais sim por **teres** feito com que em horas de labuta diária me viesse a mente uma linda recordação como a [de certas] horas que a seu lado eu passei! [Amostra de Florianópolis, Carta da Remetente O – 22 de janeiro de 1969]
- (15) Espero que vocês estejam bem com a minha ausência. Aqui está tudo bem, ou mais ou menos bem. O Itazir não anda muito legal e eu precisava que **você olha**-se aí neste livro de Remédios o remédio de nome PET MOSOL, não sei se [rasurado] escreve junto ou separado. O irmão dele me falou que ele anda tomando muito e nós não sabemos para o que serve. Se você conseguir me mande dizer o mais rápido possível. Pois ando muito preocupada. [Amostra de Lages, Carta da Remetente F – 03 de agosto de 1983]

Embora os resultados gerais exibidos na Tabela 4 ofereçam um panorama da distribuição dos pronomes de segunda pessoa na escrita de Florianópolis e de Lages na segunda metade do século XX, o exame de particularidades dos informantes pode, ainda, ajudar a elucidar algumas questões envolvidas na variação entre *tu* e *você* nessas localidades.

A Tabela 5, a seguir, mostra a distribuição dos pronomes *tu* e *você* por informante na Amostra do Vale (Florianópolis) e nas Amostras Medeiros e de Sena (Lages).

	Remetentes	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	
Amostra Florianópolis	Remetente E	0/20	0	20/20 100%
	Remetente Z	2/3	67%	1/3 33%
	Remetente C	5/5	100%	0/5 0%
	Remetente L	2/8	25%	6/8 75%
	Remetente O	58/65	89%	7/65 11%
	Remetente B	4/5	80%	1/5 20%
	Remetente T	2/6	33%	4/6 67%
TOTAL	112 ocorrências	74/112	66%	39/112 34%
Amostra Lages	Remetente W	13/19	68%	6/19 32%
	Remetente A	1/20	5%	19/20 95%
	Remetente B	0/3	0%	3/3 100%
	Remetente F	1/12	8%	11/12 92%
	Remetente R	0/7	0%	7/7 100%
	Remetente S	0/31	0%	31/31 100%
TOTAL	92 ocorrências	15/92	16%	77/92 84%

Tabela 5. Distribuição dos pronomes *tu* e *você* por informante nas amostras de Florianópolis e de Lages (século XX).

Pode-se observar, na Tabela 5, que praticamente todas as missivas de informantes da Amostra do Vale – cuja temática geral são as relações amorosas entre as remetentes e o destinatário – apresentam comportamento linguístico variável no que diz respeito à alternância entre os pronomes de segunda pessoa na posição de sujeito, à exceção da Remetente C, que faz uso categórico de *tu*, e da Remetente E, que faz uso categórico do pronome *você*. Ressalte-se, no entanto, que a Remetente E é a autora do exemplo (1), em que justifica sua preferência pela forma *você* na escrita e pela forma *tu* na fala; ou seja, a Remetente E é, na verdade, uma falante de *tu*. Ainda com relação à Amostra do Vale, ressalte-se que a maioria das remetentes que varia entre os dois pronomes dá preferência à forma *tu*.

Na junção das amostras lageanas Medeiros e de Sena, nota-se que, à exceção do remetente W, os demais têm comportamento ou categórico ou semicategórico, em relação ao uso de *você* como sujeito. A temática das missivas lageanas parece ter pouco a esclarecer com respeito a essa exceção: as cartas da Amostra Medeiros são trocadas entre familiares e entre amigas, e as cartas da Amostra de Sena são cartas de amor e de amizade.

Um olhar qualitativo sobre os dados revela que o Remetente W apresenta um nível de letramento diferente dos demais informantes de Lages. Em suas cartas há variações e erros de grafia que não são encontrados nos textos dos demais missivistas. O exemplo (16) ilustra alguns dos fenômenos que aparecem nas cartas do Remetente W.

- (16) Bem debes saber que **interecei** que **vosse** se acertasse com o José novamente **muinto** conselho dei a ele não sei se **viz**-bem ou mal o outro rapaz **tambem** não **éra** mau **mais** estava muito errado em debochar o outro por isto e eu **éra comtra**, fiquei satisfeito quando **sube** que **vosse** estava bem com o José (...)
[Amostra de Lages, Carta do Remetente W]

Resta a dúvida acerca da relação entre o nível de letramento do informante e o uso dos pronomes de segunda pessoa: é possível que o Remetente W tenha outras razões para preferir o pronome *tu* que escapam à visão dos analistas. Ademais, nem mesmo quem doou as cartas do Remetente W para pesquisa sabe caracterizar socialmente o informante – o que dificulta o levantamento de hipóteses que expliquem tal comportamento linguístico.

A seguir, são tecidas algumas considerações no que tange a essa e a outras limitações deste estudo, bem como a contribuições apresentadas em relação à descrição do português escrito catarinense e a futuros encaminhamentos nos estudos sobre a variação entre os pronomes *tu* e *você* no estado de Santa Catarina.

Algumas considerações acerca deste estudo

Reunimos neste trabalho os primeiros resultados diacrônicos sobre a variação pronominal de P2 (*tu* e *você*) na posição de sujeito em cartas pessoais escritas por ilustres e não ilustres catarinenses, extraídas do *corpus* PHPB-SC. Observamos dois contrastes: o primeiro, entre um uso conservador do pronome *tu* com sujeito nulo pelos remetentes ilustres florianopolitanos e um uso variável dos pronomes *tu* nulo e *você* expresso pelos não ilustres, indicando uma instância de variação diastrática; o segundo, entre um uso majoritário do pronome *tu* por não ilustres de Florianópolis e um uso majoritário do pronome *você* por não ilustres de Lages, indicando uma instância de variação diatópica. Esses resultados refletem, em certa medida, o caráter heterogêneo do estado de Santa Catarina.

Os resultados apresentados, no entanto, precisam ser relativizados, uma vez que as amostras aqui analisadas são ainda pouco representativas da escrita catarinense. Essa limitação está relacionada diretamente ao tamanho das amostras e ao período em que as cartas foram escritas – elas são muito espaçadas no tempo (entre Cruz e Souza e Harry Laus são 100 anos, por exemplo) –, e é reflexo do momento em que se encontram os trabalhos de coleta, transcrição e edição do grupo PHPB – há períodos de tempo em que ainda não há material coletado (não há, por exemplo, missivas produzidas por não ilustres no século XIX). Outra limitação diz respeito a dificuldades encontradas na caracterização social dos missivistas não ilustres, isto é, à dificuldade de acesso ao perfil social desses informantes.

Como já apontamos, este trabalho apresenta os primeiros resultados de uma empreitada que está apenas começando. É preciso, ainda, que sejam realizadas outras pesquisas diacrônicas com material escrito de Santa Catarina. Como desdobramentos deste trabalho, propomos: a ampliação das amostras, a análise de outras funções sintáticas e a análise diatópica considerando também amostras de outras localidades, como Blumenau e Chapecó, que também fazem parte do *corpus* PHPB-SC.

Referências bibliográficas

CARDOSO, B. *Um estudo variacionista das formas imperativas nas cidades de Florianópolis e Lages: uma questão de encaixamento?* Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M. A variação no uso dos pronomes tu e você em Santa Catarina. In: LOPES, C.; REBOLLO, L. (Orgs.). *Formas de tratamento em Português e Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da UFF, 2011. p. 263-287.
- DAVET, J. C. T. *Estudo da concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis-SC: algumas implicações identitárias*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1993. p. 107-128.
- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio "Evite Pronome" no Português Brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LOPES, C. R. dos S. Retratos da variação entre "você" e "tu" no português do Brasil: sincronia e diacronia. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.). *Português Brasileiro II - contato lingüístico, heterogeneidade e história*. 1 ed. v. 2. Niterói: EDUFF, 2008. p. 55-71.
- LOPES, C. R. dos S. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX. In: CORTINA, A.; NASSER, S. M. G. C. (Orgs.). *Sujeito e Linguagem: Séries Trilhas Linguísticas*. v. 17. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2009. p. 47-74.
- LOPES, C. R. dos S.; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, C. R. dos S. (Org.) *A Norma Brasileira em Construção*. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, FAPERJ, 2005. p. 45-66.
- LOPES, C. R. dos S.; RUMEU, M. C. de B.; MARCOTULIO, L. L. O tratamento em bilhetes amorosos no início do século XX: do condicionamento estrutural ao sociopragmático. In: LOPES, C. R. dos S.; COUTO, L. R. (Orgs.) *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. 1 ed. Niterói: Editora da UFF, 2011. p. 315-348.
- LOREGIAN, L. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- LOREGIAN-PENKAL, L. *Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- MACHADO, A. C. M. *As formas de Tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- MELO, M. A. F. de. *As cartas de Harry Laus e de sua tradutora francesa*. Dissertação (Mestrado em Literatura), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- NUNES DE SOUZA, C. M. *Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística das formas de tratamento*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- NUNES DE SOUZA, C. M.; COELHO, I. L. O sistema de tratamento em Santa Catarina: uma análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX. *Revista do GELNE*, vol. 15. n. 1/2, p. 213-243, 2013.
- PAREDES SILVA, V. L.; SANTOS, G. M. dos; RIBEIRO, T. de O. Variação na 2ª pessoa: o pronome sujeito e a forma do imperativo. *Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 115-123, 2000.
- PIMPÃO, T. S. *Uso variável do presente no modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX*. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- RAMOS, M. P. B. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.
- ROCHA, P. G. *O sistema de tratamento do português de Florianópolis: um estudo sincrônico*. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- RUMEU, M. C. de B. *A implementação do 'você' no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

TE e LHE como clíticos acusativos de 2ª pessoa em cartas pessoais cearenses

TE and LHE as accusative forms of 2nd person in personal letters of Ceará, Brazil

Recebido em 10 de maio de 2015. | Aprovado em 13 de junho de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i1.176>

Francisco Jardes Nobre de Araújo¹

Hebe Macedo de Carvalho²

Resumo: Este estudo objetiva analisar a alternância dos pronomes *te* e *lhe* como oblíquos de 2ª pessoa, na função de acusativo, em cartas pessoais cearenses, escritas durante o século XX, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972; 1994). A amostra a ser analisada é composta por 186 cartas pessoais escritas por cearenses. Busca-se investigar a atuação dos grupos de fatores tipo semântico do verbo; estrutura do verbo; posição do clítico em relação ao verbo e a variável extralinguística década em que as cartas foram escritas. Os dados analisados foram submetidos ao programa computacional *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e indicam que a) como acusativo de 2ª pessoa, a forma *te* (60%) é mais recorrente do que a forma *lhe* (40%); b) verbos do tipo *dicendi* favorecem o uso de *lhe* (68%), enquanto verbos de sentimento o desfavorecem (12%); c) nas ocorrências de ênclise, *lhe* foi mais frequente (60%) do que *te* (40%); e d) a variação de *te~lhe* acusativo nos anos 1940-1959 foi de 44% de *te* e 56% de *lhe*, havendo um uso bem maior de *te* (70%) do que de *lhe* (30%) nos anos de 1980-1999.

Palavras-chave: variação pronominal; pronomes oblíquos; formas *te* e *lhe*; cartas pessoais; sociolinguística variacionista.

Abstract: This study analyzes the alternation of pronouns *te* and *lhe* for the 2nd person, in the function of accusative in personal letters written in Brazilian Portuguese during the 20th century, in the light of the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972; 1994). The sample to be analyzed consists of 186 personal letters written by people from the state of Ceará. The aim is to investigate the performance of groups of factors: semantic type of the verb; structure of the verb; position of the clitic, in addition to extra-linguistic variable decade in which the letters were written. Data were submitted to the computer program *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) and indicate that a) as accusative of 2nd person, the form *te* (60%) is more recurrent than the form *lhe* (40%); b) *dicendi* verbs favour the use of *lhe* (68%), while verbs of feeling disfavor it (12%); c) in the enclises, *lhe* was most common (60%) than *te* (40%); and d) the *te~lhe* accusative variation was more balanced in the first two periods analyzed, with a much greater use of *te* (70%) in the last period (1980-1999).

Keywords: pronominal variation; oblique pronouns; *te* and *lhe* forms; personal letters; variationist sociolinguistic.

¹ Doutorando em Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Brasil. jardsnobre@hotmail.com.

² Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Brasil. macedohebe@hotmail.com.

Introdução

Estudos sobre o uso das formas de tratamento no português brasileiro (LOPES, 2005; SILVA, 2011; RUMEU, 2013) mostram que, já no início do século XX, a forma *você* (aglutinação da expressão de cortesia *Vossa Mercê*) passou a concorrer com o pronome *tu*, de uso íntimo, ocasionando uma série de variações entre as formas de 3ª pessoa do singular substitutivas do *você* como oblíquos e possessivos (*o/a, lhe, se, si, seu*) e as de 2ª pessoa do singular (*te, ti, teu*), substitutivas do *tu* naquelas funções.

Conforme Coutinho (1976, p. 254), há duas formas homônimas do pronome *te*, proveniente de dois étimos latinos distintos: um deles é *tē*, com função de acusativo, o outro é *tibi* (*tibi > tii > ti > te*), com função de dativo, tendo havido perda da tonicidade em ambos os casos. Essas funções estão bem gramaticalizadas na língua portuguesa, e talvez por essa razão é que Ferreira (2010, p. 2013) apresente em seu dicionário duas entradas diferentes para esse pronome: *te*, com função de OD, e *te*, com função de OI ou CN. Já o pronome *lhe* veio do latim *illi* do, dativo de *ille* (“aquele”), passando por **eli* no latim vulgar, *li* e *lhi* no português arcaico, e, atualmente, *lhe* (COUTINHO, 1976).

Este estudo recorta, à luz da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972; 1994), a alternância entre os clíticos *te* e *lhe* como complementos verbais acusativos. Serão realizadas análises de dados em que essas formas se alternam para fazer referência à 2ª pessoa do discurso. Os exemplos seguintes ilustram esse recorte.

- (01) Aqui todos os meus filhos estão bons e *te* saúdo [C087]³
 (02) Preciso saber + ou - a data que você está aqui, preciso *lhe* vê [C173]

Observe, com base nos exemplos, que os clíticos *te* (01) e *lhe* (02) fazem referência à 2ª pessoa do discurso, o destinatário da carta. Em (01), trata-se de uma carta de família em que a autora escreve a seu irmão; já em (02), temos uma carta de amigo, em que a remetente se dirige a um ex-colega de escola.

A amostra de cartas é composta por 186 cartas pessoais escritas por cearenses durante os anos de 1940 a 1999, coletadas no município de Quixadá, no sertão central do Ceará, a 167 km da capital Fortaleza. Essas missivas foram trocadas entre amigos, entre familiares (irmãos, filha/mãe, sobrinha/tia, primos, cunhados) e entre namorados, são, portanto, cartas de amigo, cartas de família e cartas de amor que versam sobre questões pessoais, como confissões, pedidos de desculpas, queixas, dificuldades financeiras ou de amenidades do cotidiano, como descrição de viagens, comportamentos de crianças, rotina de trabalho etc. Das 186 cartas, 94 cartas foram escritas por homens e 92 escritas por mulheres.

Ainda que existam dificuldades em constituir *corpora* com fontes históricas, há diversos estudos sociolinguísticos no Brasil (LOPES; MACHADO, 2005; SALES, 2007; ANDRADE, 2011; RUMEU, 2013) que têm se debruçado sobre documentos históricos para a pesquisa de fenômenos linguísticos. Compôr banco de dados com base em fontes documentais escritas, como cartas pessoais, acarreta algumas dificuldades, porque, em geral, esses documentos são exíguos e, muitas vezes, de difícil acesso. O pesquisador que decide se debruçar sobre fontes históricas conta com o acaso desses documentos de sincronias passadas que resistiram ao tempo. Além dessas dificuldades, os documentos históricos acarretam o que Labov (1994, p. 11) chama do problema dos “maus dados”: a escrita dos documentos históricos nem sempre reflete os legítimos traços da língua vernacular dos autores dos textos e, muitas vezes, essas fontes não favorecem a localização de informações precisas acerca da caracterização do perfil social dos autores.

Este artigo tem como objetivo geral apresentar o estudo acerca da variação *te ~ lhe* com referência à 2ª pessoa, na função de acusativo, em cartas pessoais. Controlamos três variáveis linguísticas, a saber, o tipo semântico do verbo, a estrutura do verbo da oração e a posição do clítico na oração, e uma variável extralinguística, que foi a década em que as cartas foram escritas.

Este estudo sobre a alternância *te ~ lhe* acusativo surgiu da tentativa de compreender como essa variação se dá na escrita de cartas pessoais cearenses. Dessa forma, interessa-nos saber: qual o percurso da

³ O código entre colchetes remete à identificação das cartas da amostra que compreende C001 a C186.

variação ao longo do século XX no português escrito no Ceará? O que condiciona tal variação, especialmente o uso do *lhe* acusativo, em competição com o *te*, nas cartas cearenses?

Os dados, após armazenados eletronicamente e codificados, foram submetidos ao pacote de programas *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), ferramenta computacional para análise de fenômenos linguísticos variáveis. Os resultados serão apresentados na seção de análise dos dados.

1. Pressupostos Teóricos

Este estudo parte dos pressupostos da Sociolinguística Laboviana (LABOV, 1972; 1994), que assume a relação língua e sociedade como processos heterogêneos imbricados mutuamente. Nesse sentido, as línguas humanas são condicionadas por forças linguísticas/internas e extralinguísticas/externas constantes que refletem seu funcionamento dinâmico, estruturado, ordenado e passível de ser estudado. Estrutura linguística e heterogeneidade são, portanto, reflexos do funcionamento do sistema linguístico.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) concebem as línguas – seja do ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada. O pressuposto básico é de que as línguas mudam porque variam e as línguas variam devido à influência de fatores relacionados aos falantes, elementos desprezados pela primeira grande escola de estudos linguísticos do Ocidente – o estruturalismo, cujo nome mais emblemático é o suíço Ferdinand de Saussure.

Sob essa perspectiva de estudo, a variável linguística é concebida como uma representação abstrata do curso da variação realizada por duas ou mais formas variantes em competição sob efeito da ação simultânea de vários fatores passíveis de quantificação estatística. Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), o estudo da língua que opera com a ideia da heterogeneidade sistemática precisa adotar o princípio que desvincula a estrutura linguística da homogeneidade e precisa descrever ordenadamente a diferenciação numa língua que serve à comunidade. Os autores também ressaltam que as gramáticas nas quais uma mudança linguística ocorre representam gramáticas de comunidade de fala.

Descrever a regularidade da variação em termos de frequência de uma variante ou outra e quais ambientes linguísticos e sociais são mais significativos para a atuação do fenômeno linguístico estudado constituem objetivos centrais dos estudos sociolinguísticos. Ressalte-se que, segundo Labov (1994), há casos de variação estável em que uma determinada variante permanece, ao longo dos séculos, refletindo comportamento linguístico do indivíduo estável por todo o tempo de sua vida, e a comunidade, conseqüentemente, permanece estável, não havendo, portanto, variação para analisar. A variação estável na comunidade de fala não envolve mudança. A Teoria da Variação e Mudança Linguística entende que as línguas humanas são continuações históricas que acompanham as gerações sucessivas de indivíduos, sendo as mudanças que ocorrem numa língua ao longo do tempo resultados da variação entre as formas linguísticas durante certo período.

Em geral, o estudo de sincronias passadas apresenta algumas dificuldades, como por exemplo, localizar documentos que sobreviveram às intempéries do tempo e que atendam as exigências da pesquisa. Além disso, os documentos que sobrevivem ao tempo, muitas vezes, tornam difícil o resgate de aspectos sociais dos escribas, exigência fundamental em estudos de natureza sociolinguística histórica. Acerca disso, Labov comenta que:

embora saibamos o que foi escrito, não sabemos nada acerca do que foi entendido e não estamos em condição nenhuma de desenvolver experimentos controlados sobre a compreensão transdialetal. Nosso conhecimento do que era distintivo e do que não era é severamente limitado, uma vez que não podemos usar o conhecimento dos falantes nativos para diferenciar variantes distintivas de não distintivas (LABOV, 1994, p. 11)⁴.

⁴ No original: "Though we know what was written, we know nothing about what was understood, and we are in no position to perform controlled experiments on the crossdialectal comprehension. Our knowledge of what was distinctive and what was not is severely limited, since we cannot use the knowledge of native speakers to differentiate nondistinctive from distinctive variants." Tradução nossa.

Labov (1994, p. 11) afirma que “a Linguística Histórica pode ser pensada como a arte de fazer o melhor uso dos maus dados”⁵. Para o autor, os documentos históricos, por um lado, são valiosos porque mostram de alguma forma, o modo como a língua era usada em determinada época. Por outro lado são empobrecidos porque esses documentos

sobrevivem por acaso, não por intenção, e a seleção que está disponível é o produto de uma série imprevisível de acidentes históricos. As formas linguísticas em tais documentos são frequentemente distintas do vernáculo dos autores e, em vez disso, refletem esforços de captar um dialeto normativo que nunca foi a língua nativa de nenhum falante. Como resultado, muitos documentos são marcados com os efeitos da hipercorreção, da mistura de dialetos e de erros do escriba (LABOV, 1994, p. 11)⁶.

Apesar de tais dificuldades, estudos diacrônicos ou de sincronias passadas com base em fontes históricas (SALES, 2007; OLIVEIRA; LOPES, 2007; ANDRADE, 2011; SILVA, 2011; RUMEU, 2013) têm sido amplamente realizados à luz da Sociolinguística. Os documentos antigos constituem alternativas interessantes para se conhecer determinados estágios de uma língua em épocas mais remotas.

Os estudos no campo da Sociolinguística Variacionista com dados de língua escrita, numa perspectiva diacrônica ou de sincronias passadas, consideram cartas pessoais documentos históricos importantes para o estudo da variação e mudança linguística por serem correspondências realizadas entre duas pessoas, apresentarem marcas de tratamento dispensados ao destinatário e serem textos mais “soltos” em relação ao seguimento da norma-padrão (RUMEU, 2013, p. 112), o que pode favorecer o aparecimento de formas em competição.

O estudo em tela se desenvolve à luz desses pressupostos sociolinguísticos e busca contemplar, especificamente, o problema das restrições (*the constraints problem*), à medida que busca analisar os possíveis condicionadores linguísticos e extralinguísticos da variação das formas pronominais *te* e *lhe* em cartas pessoais escritas no estado do Ceará.

2. A variação das formas pronominais *te* e *lhe*

Conforme Lyons (2011, p. 235), na maioria das línguas naturais, existe uma distinção entre o que se chama convencionalmente de pronomes de tratamento polidos e pronomes de tratamento familiares para se referir ao interlocutor (2ª pess sg).

Brown e Gilman (1960) observam, à luz da teoria T-V (T de *tu* e V de *vos*, em latim), que o uso dessas formas de tratamento norteia-se por dois princípios, o de “poder” – quando um dos interlocutores ocupa uma posição superior, seja pela idade, seja pelo *status* social, seja pela ocupação de um cargo, seja pela força física – e de “solidariedade” – quando os interlocutores apresentam condições sociais comuns (mesma faixa etária, mesmo *status* social etc.) ou certo grau de intimidade entre si. No primeiro caso, o superior dirige-se ao subalterno com uma forma T e é tratado por este com uma forma V. No segundo caso, os interlocutores ou se tratam, de forma recíproca, com V ou com T, a depender do grau de intimidade entre eles: T para as relações mais íntimas, V para as mais formais.

Duarte (1993) afirma que a competição das formas *tu* e *você* se acentuou no início do século XX, o que pode ter ocasionado a variação entre as formas oblíquas de *tu* e *você*. Ainda segundo a autora, em pesquisa realizada com peças teatrais de comédias de costumes escritas durante o período de 1845 até 1992, a distinção entre as formas T (*tu, te, ti, teu*) e V (*você, o/a, lhe, se, si, seu*), em uso no português do Brasil (PB), torna-se mais frequente nos seus dados por volta da década de 1930. A forma V assume os valores comunicativos de polidez e de formalidade, bem como passou também a ser usado como forma T, ocasionando a competição dessas variantes entre si. Rumeu (2013), que estudou o pronome *você* em cartas de

⁵ No original: “Historical linguistics can then be thought of as the art of making the best use of bad data”. Tradução nossa.

⁶ No original: “Historical documents survive by chance, not by design, and the selection that is available is the product of an unpredictable series of historical accidents. The linguistic forms in such documents are often distinct from the vernacular of the writers, and instead reflect efforts to capture a normative dialect that never was any speaker’s native language. As a result, many documents are marked with the effects of hypercorrection, dialect mixture, and scribal error.” Tradução nossa.

uma família carioca escritas em fins do século XIX e na primeira metade do século XX, também afirma que *ocê* passou a ser mais produtivo nos anos 30, nas cartas cariocas estudadas.

A variação entre as formas *te* e *lhe* constitui uma das variações pronominais mais recorrentes no português falado no Brasil, em diversas regiões do país. Bagno (2012, p. 230) reconhece a forma *lhe*, como índice de 2ª pessoa na fala culta do PB, como um recurso legítimo e ressalta que a alternância das variantes *te* e *lhe* apresenta variação regional: o pronome *te* predomina em São Paulo e em grande parte de Minas Gerais (RAMOS, 1997; MOTA, 2008), onde *tu* caiu em desuso. Já o pronome *lhe* é muito frequente no Nordeste, especificamente nos estados do Ceará e da Bahia (ALMEIDA, 2009).

A forma *lhe* (do latim *illi*, “àquele”), dativo da 3ª pessoa do singular, a que as gramáticas tradicionais atribuem a função de objeto indireto (OI) com referência a pessoas, tem sido usada na língua também na função de objeto direto (OD), como observam Nascentes (2003) e Monteiro (1994), por exemplo. Uma vez que *lhe*, forma de 3ª pessoa, passou a ser usado como dêitico para indicar a 2ª pessoa, registra-se a variação desse pronome com *te*, o que pode ser verificado em (3), trecho de uma carta de amigo novecentista. O exemplo que segue foi retirado da amostra que compõe o banco de dados deste estudo.

- (03) Você não imagina como *lhe* esperei na agência [...] Não sei bem o que eu faria se algum dia eu *te* reencontrasse [C058]

Note-se, em (03), a típica variação laboviana: duas formas alternantes para o mesmo referente com a mesma função no mesmo contexto.

Sales (2007, p. 66) estudou os aspectos linguísticos e sociais no uso dos pronomes pessoais em cartas pessoais baianas novecentistas e afirma que, no *corpus* de seu trabalho, o uso do clítico *lhe* como acusativo (função de OD) e como dativo (função de OI) é muito frequente em seus dados, de modo que as construções só ocorrem como complementos de verbos transitivos diretos (VTD) ou com verbos transitivos diretos e indiretos (VTDI), mas nunca com transitividade só indireta. A autora ressalta que o uso de *lhe* como acusativo pode indicar ser este parte da gramática dos informantes. Seus resultados demonstraram que só houve ocorrências de *lhe* com referência ao interlocutor (2ª pess), não havendo, na amostra analisada, ocorrências de *lhe* com remissão à 3ª pess.

Para Machado (2006, p. 99), a consolidação do *ocê* com referência à 2ª pessoa pode remontar o século XX, por volta de 1918, alterando “substancialmente o comportamento do preenchimento dos sujeitos ao longo do século XX, visto que o aumento da frequência de uso das formas plenas está intimamente ligado ao aumento da produtividade do *ocê*”. Tendo o *ocê* entrado em competição com *tu* e, assim, adquirido também a função de forma T, passou-se a recorrer a expressões nominais para substituir as formas V. Como bem afirma Lopes (2007),

a implementação de *ocê* e *a gente* no sistema de pronomes pessoais gerou uma série de reorganizações gramaticais, tanto no subsistema de possessivos, quanto no de pronomes que exercem função de complementos diretos ou indiretos (LOPES, 2007, p. 116).

Para a autora, a combinação entre as formas do paradigma de *tu* e as formas do paradigma de *ocê* já é tão natural no PB que não se pode mais continuar falando de “falta de uniformidade de tratamento”. Lopes e Cavalcante (2011) demonstram que os usos das formas *tu* e *ocê* apresentam distribuição variável em diversas regiões brasileiras. Para Lopes e Cavalcante (2011, p. 35), a codificação da 2ª pessoa singular [-formal], no PB, apresentaria hoje as formas variantes descritas no quadro a seguir.

Função	Nominativo (Sujeito)	Acusativo (Obj. direto)	Dativo (Obj. indireto)	Oblíquo	Possessivo
Formas	tu ~ <i>ocê</i>	te ~ <i>lhe</i> ~ você ~ Ø	te ~ <i>lhe</i> ~ a/para você ~ Ø	contigo ~ prep+ ti ~ prep + <i>ocê</i>	teu ~ seu ~ de <i>ocê</i>

Quadro 1. Quadro pronominal no português brasileiro nos diversos contextos morfossintáticos – proposto por Lopes e Cavalcante (2011, p. 35).

As autoras ressaltam que essa distribuição não é uniforme em todo o território brasileiro, apresenta “variação a depender de fatores de ordem geográfica, sociolinguística e pragmática” (LOPES; CAVALCANTE, 2011, p. 35). O quadro acima nos interessa especificamente no que se refere à variação das formas de 2ª pessoa *te~lhe* com função de acusativo, tomada aqui como objeto de investigação na escrita de cartas pessoais.

Com relação ao uso de *lhe*, Nascentes (2003, p. 447) diz que o emprego de *lhe* dativo se atenuou, usando-se de preferência as expressões *a ele, para ele, a você, para você*, seguindo uma tendência analítica da língua. Se se considerar a assimilação do *lhe* como pronome com função acusativa, parece haver uma regularização no PB: *me* e *te*, acusativo e dativo, e *lhe*, também, acusativo e dativo.

A considerar esses dados, perguntamo-nos em que medida as cartas cearenses espelham a variação *te~lhe*, qual a frequência, em termos de tendência, desse uso na escrita dessas cartas novecentistas e que motivações linguísticas condicionam o uso dessa variação. É o que pretendemos apresentar neste artigo.

A seguir serão detalhados os procedimentos metodológicos adotados para a coleta e a codificação das cartas da amostra.

3. Procedimentos metodológicos adotados para a análise das cartas

Para compreender os aspectos da variação entre as formas *te/lhe*, fizemos uma pesquisa de caráter empírico e documental, tendo como *corpus* 186 cartas escritas por cearenses, estratificadas por décadas em que foram escritas e sexo dos remetentes. Para a constituição do *corpus*, foram estabelecidos os seguintes critérios:

- a) os documentos históricos deveriam apresentar a estrutura do gênero carta pessoal;
- b) os autores das cartas deveriam ter nascido e vivido até a juventude no estado do Ceará;
- c) as cartas deveriam ser escritas por pessoas não ilustres;
- d) as cartas deveriam ser escritas entre 1940 e 1999;
- e) a coleta das cartas deveria ser feita diretamente com o proprietário do acervo, para facilitar e garantir a identificação de informações sociais a respeito dos remetentes e dos destinatários;
- f) as cartas poderiam ter sido escritas e trocadas entre parentes, amigos, namorados, noivos ou cônjuges;
- g) as cartas que comporiam a amostra deveriam ser escritas por homens e por mulheres.

Os critérios supracitados foram adotados com o objetivo de atender, ao máximo, as exigências metodológicas propostas pela Sociolinguística Variacionista, no tocante à estratificação do *corpus*.

3.1 - Amostra das cartas pessoais cearenses analisadas

Para este trabalho, expõem-se em análise 186 cartas pessoais cearenses trocadas entre amigos, entre familiares e entre namorados, estratificadas por décadas do século XX e sexo dos remetentes. A estratificação por década pode ser conferida no quadro 2, a seguir.

Cartas pessoais cearenses			
1940 a 1959	1960 a 1979	1980 a 1999	Total
26 cartas	80 cartas	80 cartas	186

Quadro 2. Amostra de cartas pessoais cearenses por décadas.

A distribuição de cartas ficou prejudicada nas décadas de 1940 e de 1950, dada a ausência de cartas cearenses durante esse período. Consciente dos limites que o *corpus* imprime ao trabalho nos termos da Sociolinguística histórica, resta ao pesquisador fazer o melhor uso dos dados de que dispõe. Como alerta Labov (1994, p. 11), os documentos históricos (neste caso, as cartas) sobrevivem por acaso, não por intenção, e a seleção que está disponível é o produto de uma série imprevisível de acidentes históricos. Assim, a amostra tem, por exemplo, mais cartas de pessoas que mantinham com seus destinatários uma relação simétrica (de igual para igual, como amigos, cunhados, primos, irmãos e cônjuges) do que de pessoas que mantinham uma relação assimétrica (de poder, como pai e filho, patrão e empregado, tio e sobrinho etc.); mais cartas escritas por homens do que por mulheres; mais cartas escritas por adultos do que por jovens; mais cartas escritas a partir da segunda metade do século XX do que nas décadas anteriores; as cartas dos anos 1940 aos anos 1960 são predominantemente de adultos para adultos, enquanto as cartas escritas a partir dos anos 1970 até o ano 1999 são principalmente de jovens para jovens. Tais características inviabilizam um equilíbrio na composição das células representativas dos diversos segmentos que envolvem a amostra (década, sexo do remetente, idade do remetente, relação remetente/destinatário etc.). Com o objetivo de manter as células sociais relativamente equilibradas, dividimos o período de 1940 a 1999 em três blocos de 20 anos: 1º período: 1940-1959, 2º período: 1960-1979, 3º período: 1980-1999. Controlamos também a variável 'sexo do remetente', embora não apresentemos os resultados referentes à atuação desse grupo de fatores neste estudo. O quadro 3, a seguir, explicita essa estratificação.

Décadas	Sexo dos autores das cartas	
	Masculino	Feminino
1940 e 1950	14	12
1960 e 1970	40	40
1980 e 1990	40	40
Total	94	92

Quadro 3. Amostra de cartas por década e por sexo da autoria das cartas.

O quadro mostra que houve equilíbrio no número de cartas por sexo dos remetentes das cartas nas quatro últimas décadas, sendo 40 cartas escritas por homens e 40 escritas por mulheres. Já as décadas de 1940 e de 1950 são compostas por apenas 14 cartas escritas por homens e 12 cartas escritas por mulheres. No total, são 94 cartas escritas por homens e 92 escritas por mulheres.

Uma vez detalhada a amostra que subsidiou este estudo, serão apresentadas as variáveis linguísticas e a variável extralinguística década controladas para efeito de análise dos dados.

3.2 - Variáveis

Variável dependente

A variável dependente é a alternância entre os clíticos *te* e *lhe* como complemento verbal acusativo.

Variáveis independentes linguísticas

Controlamos três variáveis linguísticas, a saber: *tipo semântico do verbo* (verbos de atividade, cognitivos, *dicendi*, existenciais, materiais, perceptivos, relacionais, sentimentais); *estrutura do verbo* (forma simples, forma complexa); *posição do clítico* (verbo na 1ª posição absoluta, verbo em oração não inicial, próclise em oração justaposta ou coordenada sem conectivo, próclise em oração subordinada reduzida não antecedida de preposição, próclise após conjunção, próclise após advérbio, próclise após substantivo, próclise após pronome, próclise após verbo auxiliar, próclise após preposição, ênclise) e *tempo/modo e formas nominais dos verbos* (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do

indicativo, futuro do presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo, imperativo, infinitivo, gerúndio, particípio).

Neste texto, por questão de espaço, serão apresentadas as variáveis linguísticas tipo semântico do verbo, estrutura do verbo da oração e posição do clítico detalhadas a seguir.

Em seguida, apresentaremos a variável extralinguística década em que as cartas foram escritas.

Tipo semântico do verbo

Os verbos que compõem essa variável foram codificados com base na categorização semântica proposta por Scheibman (2000) que propõe nove categorias, a saber: *verbos de cognição* (cognitivos): os que descrevem alguma atividade mental; *verbos de atividade corporal*: os que descrevem gestos ou interações corporais; *verbos existenciais*: os que expressam existência ou acontecimento; *verbos de sentimento* (sentimentais): os que indicam emoção ou desejo; *verbos materiais*: os que se referem a ações ou atitudes concretas ou abstratas; *verbos de percepção* (perceptivos): os que indicam percepção ou atenção; *verbos possessivos/relacionais*: os que indicam posse ou pertinência; verbos relacionais: os que se expressam uma característica do ser; e *verbos dicendi*: os que indicam ações verbais.

A nossa hipótese, ao controlar esse grupo de fatores, era a de que verbos que expressam sentimento (*desejar, querer, esperar, amar* etc.) e verbos de percepção (*ver, ouvir, encontrar* etc.) desfavorecem o uso de *lhe* como 2ª pessoa, uma vez que, por ser esse um pronome usado tradicionalmente na língua como forma V, carrega ainda traços de formalidade e distanciamento, sendo por isso evitado com verbos que expressam intimidade e proximidade.

A seguir, damos exemplos de ocorrência dos clíticos com cada um desses tipos de verbos:

a. verbos de cognição (cognitivos):

(04) a Nazaré tem vontade de *ti conhecer* [C031]

(05) A irmã que não *lhe esquece* [C042]

b. verbos de atividade corporal⁷:

(06) o Arlindo *te abraça* [C079]

c. verbos existenciais: não houve exemplos de clíticos acusativos com verbos existenciais.

d. verbos de sentimento:

(07) Irmãos, sempre tenho em lembrança os dias em que trabalhamos juntos pois *ti amo* [C011]

(08) beijos dos netinhos que *lhe amam* [C053]

e. verbos materiais:

(09) que a virgem mãe de Deus *te cubra* com o manto [C093]

(10) assim como Deus *lhe levantou* para trabalhar ahi, pode levantar outro [C008]

f. verbos de percepção (perceptivos)

(11) mas quando *te vi* percebi que não era tristeza [C058]

(12) Eu bem quisera ter tempo para escrever, ou melhor, está sempre *lhe vendo* [C025]

g. verbos possessivos/relacionais⁸:

(13) tua irmã que sempre *te tem* em lembrança [C006]

h. verbos relacionais: não houve exemplos de clíticos acusativos com verbos existenciais.

i. verbos *dicendi*

(14) Caro irmão desde agora *ti convido* a fazeres um exforço a vir a festinha em Pomta-de-Serra [C011]

⁷ Não houve ocorrência de *lhe* com esse verbo.

⁸ Não houve ocorrências de *lhe* com esse tipo de verbo.

- (15) todos nós *lhe saudamos* em nome do Senhor Jesus [C002]

Estrutura do verbo da oração

Como dissemos, codificamos os verbos da amostra em formas simples (*escrevo*) e formas complexas (*tenho escrito, devo escrever*). Nossa hipótese para esse grupo de fatores era que *lhe* seria mais frequente em estruturas complexas, enquanto *te* o seria em formas simples.

Exemplificamos a seguir as ocorrências de *te* e de *lhe* com verbos nas diferentes estruturas:

a. formas simples

- (16) da tua irmã que não *te esquecesse* [C143]
 (17) e eu sabendo que não *lhe encontro* em Quixadá neste dia, deixo para ir só no dia 17 [C013]

b. formas complexas

- (18) como é que eu sendo esquecida não *consigo te esquecer*. [C058]
 (19) Como eu *esperava encontrar-lhe* em Belém do Pará [C022]

Posição dos pronomes *te~lhe* em relação ao verbo

Os pronomes oblíquos átonos da língua portuguesa dependem dos verbos que os regem e podem ser usados antes ou depois destes. Numa fase anterior da língua, ocorria também a intercalação do pronome à forma verbal no futuro do presente ou no futuro do pretérito. A essas posições, dá-se, respectivamente, o nome de *próclise*, *ênclise* e *mesóclise*.

Nesta pesquisa, partimos da hipótese de que os autores das cartas cearenses preferem a próclise por ser a tendência atestada no português do Brasil (PAGOTTO, 1992; COELHO, 2003; SCHEI, 2003), sendo a ênclise usada quando o enunciador busca seguir rigorosamente as prescrições gramaticais construídas com base no “discurso sobre a norma culta” no Brasil (PAGOTTO, 1999, p. 51).

Esse grupo de fatores foi adaptado do estudo de Cavalcante, Duarte e Pagotto (2011), que detalha os contextos variáveis de próclise e ênclise do português europeu e do português brasileiro.

Exemplificamos a seguir as ocorrências de *te* e de *lhe* nas diferentes posições em relação ao verbo regente:

a. verbo na 1ª posição absoluta:

- (20) *Te cuida* gata e não me traia [C165]
 (21) *Lhe* aconselho ainda [C070]

b. próclise em oração justaposta ou coordenada sem conectivo⁹:

- (22) *Te amo, te quero* [C184]

c. próclise após conjunção:

- (23) Aqui todos os meus filhos estão bons *e te saúdo* [C087]
 (24) acha *que lhe esqueci*, mas não [C075]

d. próclise após advérbio:

- (25) tua irmã que *sempre te* tem em lembrança [C013]
 (26) está *sempre lhe* vendo [C025]

e. próclise após substantivo:

- (27) A sua querida irmã *Ernestina lhe* espera [C034]
 (28) assim como *Deus lhe* levantou para trabalhar ahi [C008]

⁹ Não houve casos de *lhe* nessa posição.

f. próclise após pronome:

- (29) Espero que *esta te* encontre com saúde [C038]
 (30) todos *nós lhe* saudamos em nome do Senhor Jesus [C002]

g. próclise após verbo auxiliar:

- (31) espero que esta *va ti* encontrar gozando as mesmas [C031]
 (32) ele então *ia lhe* convidar para ires a Campina Grande [C130]

h. próclise após preposição:

- (33) O que eu puder fazer *para ti* ajudar eu estou aqui [C170]
 (34) Mamãe eu tenho tanta vontade *de lhe* ver [C041]

i. ênclise:

- (35) muitos irmãos desejavam conhecer-*te* pessoalmente [C043]
 (36) Saudo-*lhe* com o versículo 33 de Romanos do capítulo II [C013]

Variável independente extralinguística: *décadas em que as cartas foram escritas*

Na amostra, as cartas foram estratificadas por décadas e sexo dos remetentes. Contudo, neste texto, os resultados por sexo não serão apresentados¹⁰. São, portanto, 94 cartas escritas por homens e 92 cartas escritas por mulheres.

Décadas

As cartas estão estratificadas pelas seguintes décadas:

- Décadas de 1940 e 1950
- Décadas de 1960 e 1970
- Décadas de 1980 e 1990

A nossa expectativa era de que o *lhe* com referência a 2ª pessoa em alternância com o *te* se acentuasse ao longo das décadas nas cartas cearenses. Passemos para a análise e interpretação dos resultados.

4. Análise da alternância *te~lhe* acusativo em cartas cearenses

Em termos totais, foram levantadas 149 ocorrências dos clíticos *te* e *lhe* com função de acusativo, sendo 90 (60%) de *te* e 59 (40%) de *lhe*. O gráfico 1, a seguir, ilustra esses resultados.

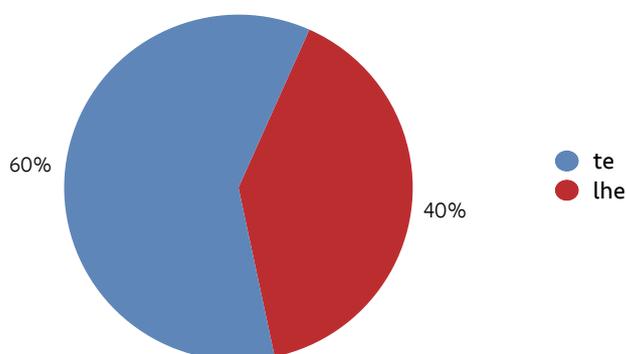


Gráfico 1. Percentual das formas *te* e *lhe* acusativo nas cartas analisadas.

¹⁰ Para o conhecimento desses resultados, cf. Araújo (2014) em http://www.repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/8903/1/2014_dis_fjnaraujo.pdf.

Como dissemos, a forma *lhe* originou-se do latim *illi*, dativo de *ille* (“aquele”). Para Nascentes (2003, p. 447) o emprego dativo de *lhe* se atenuou seguindo uma tendência da língua de regularizar as formas de funções semelhantes. Ou seja: como *te* tanto é dativo (*Isso te pertence?*) quanto acusativo (*Isso te incomoda?*), o clítico *lhe*, ao entrar em competição com *te*, passou também a servir tanto como dativo quanto como acusativo, equiparando-se aos outros oblíquos (*me, te, se, nos e vos*), que se usam em ambas as funções.

Após amalgamações e exclusões, o *GoldVarb X* selecionou como variável significativa apenas o tipo semântico do verbo. A atuação desse grupo de fatores será analisada a seguir.

4.1 - Tipo semântico do verbo

Como dissemos, seguimos a classificação de Scheibman (2000), que define *dicendi* como verbos que indicam ações verbais. Nesse sentido, incluímos como verbos *dicendi* verbos como *abençoar, parabenizar, convidar*. Daí a ocorrência de pronomes acusativos também com os verbos *dicendi* na amostra.

Os verbos cognitivos, segundo o autor, são os que descrevem alguma atividade mental (*conhecer, esquecer*). Como só houve um dado de verbo possessivo-relacional (tua irmã que sempre *te tem* em lembrança - C006), resolvemos amalgamá-lo com os verbos cognitivos devido ao aspecto semântico do verbo nesse dado.

As sete ocorrências de verbos categorizados como de *atividade corporal*, aqueles que descrevem gestos ou interações corporais (*abraçar, beijar*), apresentaram nocautes. Todas ocorreram com a forma *te*. Assim, fizemos a amalgamação com verbos materiais que exprimem ações ou atividades (*fazer, escrever*).

Os resultados desse grupo de fatores podem ser conferidos na tabela seguinte.

Tipo semântico do verbo	TE	LHE	Total
Dicendi convidar, abençoar	6 (32%)	13 (68%)	19
Cognitivos/ Possessivos- relacionais conhecer, esquecer	16 (64%)	9 (36%)	25
Materiais/De atividade fazer, escrever	31 (63%)	18 (37%)	49
Sentimentais amar, estimar	22 (88%)	3 (12%)	25
Perceptivos ver, encontrar	15 (48%)	16 (52%)	31
Total	90 (60%)	59 (40%)	149

Tabela 1. Tipo semântico do verbo em relação ao uso dos pronomes *te* e *lhe*.

Observando a primeira linha, verificamos que a forma *lhe* foi mais frequente em verbos *dicendi*: 13 (68%) das 19 formas de *lhe* ocorreram com esse tipo de verbo. Interessante observar que, dos 25 dados de verbos sentimentais, 22 (88%) ocorreram com a forma *te*. Esse dado confirma nossa expectativa de que verbos que exprimem sentimento desfavorecem o uso de *lhe* como 2ª pessoa por guardar traços de formalidade e distanciamento, sendo por isso evitado com verbos sentimentais, que expressam intimidade e proximidade.

Como dissemos, esse grupo de fatores foi o único selecionado como significativo pelo programa. Os resultados estão expostos na tabela seguinte.

Tipo semântico do verbo	LHE	P.R
Dicendi	13/19 (68%)	0,78
Perceptivos	16/31 (52%)	0,63
Materiais / Atividade	18/49 (37%)	0,49
Cognitivos / Possessivos relacionais	9/25 (36%)	0,48
Sentimentais	2/25 (12%)	0,18
Total	58/149 (40%)	-

Tabela 2. Tipo semântico do verbo em relação ao uso de *lhe*.

Note-se, na tabela 2, que os verbos *dicendi* foram favorecedores (0,78) de *lhe*, e os verbos sentimentais desfavorecedores (0,18), confirmando a nossa expectativa.

Os fragmentos abaixo mostram *lhe* em função acusativa com verbos *dicendi*, seguindo a classificação adotada:

- (37) todos nós *lhe* saudamos em nome do Senhor Jesus [C004]
- (38) Sirvo-me da presente para convidar-*lhe*, e a igreja do Senhor aí, para se fazer presente no dia 11 de agosto ... [C069]

Os dois casos de *lhe* acusativo com verbos sentimentais foram:

- (39) beijos dos netinhos que *lhe* amam [C053]
- (40) Mais uma vez volto a *lhe* aborrecer [C070]

4.2 - Posição dos pronomes *te~lhe* em relação ao verbo

Passemos para a variável posição dos pronomes *te~lhe* em relação ao verbo.

Em termos gerais, a próclise foi, nas cartas cearenses, a posição mais frequente; do total de 149 ocorrências, 139 (94%) são de próclise e 10 (6%) são de ênclise. Esse dado reforça a assertiva de estudiosos (CASTILHO, 2012; BAGNO, 2012), que atestam ser a próclise a posição preferida do PB. Contudo, a fim de rastrear os contextos sintáticos da posição do *te~lhe*, fizemos um controle mais detalhado desses contextos. Essa variável é, portanto, uma adaptação da análise proposta em Cavalcante, Duarte e Pagotto (2011). Os resultados podem ser conferidos na tabela seguinte.

Posição dos clíticos	TE	LHE	TOTAL
Verbo na 1ª posição absoluta	6 (86%)	1 (14%)	7
Oração justaposta ou coordenada sem conectivo	4 (100%)	0	4
Próclise após conjunção	13 (62%)	8 (38%)	21
Próclise após advérbio	19 (61%)	12 (39%)	31
Próclise após substantivo	12 (60%)	8 (40%)	20
Próclise após pronome	8 (61%)	5 (39%)	13
Próclise após verbo auxiliar	13 (56%)	10 (44%)	23
Próclise após preposição	11 (55%)	9 (45%)	20
Ênclise	4(40%)	6 (60%)	10
Total	90 (60%)	59 (40%)	149

Tabela 3. Posição dos clíticos *te* e *lhe* nas cartas cearenses.

A tabela mostra que, dentre os casos de próclise, a forma *te* prevaleceu sobre a forma *lhe* com uma diferença considerável, não havendo um só tipo de próclise em que *lhe* tenha sido mais recorrente do que *te*. Vejamos:

Das 7 ocorrências de verbo na 1ª posição absoluta, 86% são de *te* e 14% (1 ocorrência apenas – *Lhe* aconselho ainda [C070]) de *lhe*; os 4 casos de orações justapostas ou coordenadas aparecem com *te* em posição de próclise categoricamente.

Em todos os outros casos de próclise, *te* prevalece sobre *lhe* com função referencial de 2ª pessoa do discurso: próclise após conjunção (*te* - 62% e *lhe* - 38%); próclise após advérbio (*te* - 61% e *lhe* - 39%); próclise após substantivo (*te* - 60% e *lhe* - 40%); próclise após pronome (*te* - 61% e *lhe* - 39%); próclise após verbo auxiliar (*te* - 56% e *lhe* - 44%); próclise após preposição (*te* - 55% e *lhe* - 45%). Apesar dos poucos dados, a ênclise parece ser, nas cartas cearenses, a posição preferida do *lhe* (60% dos 10 casos). Na seção de metodologia, é possível conferir exemplos desses contextos sintáticos.

Segundo Brown e Gilman (1960), à luz da teoria T-V (T de *tu* e V de *vos*, em latim), o uso dessas formas de tratamento norteia-se por dois princípios: o de “poder” e de “solidariedade”. Em geral, as formas T são usadas em relações que estabelecem intimidade entre os interlocutores e as formas V são mais formais.

Tais resultados parecem espelhar essa direção: o *te* – forma T – foi a forma preferida nas cartas pessoais cearenses trocadas entre amigos, entre familiares (irmãos, filha/mãe, sobrinha/tia, primos, cunhados), portanto, em situações mais informais e íntimas.

Acreditamos que, por ainda carregar o traço de formalidade das formas de cortesia, o pronome *lhe* – forma V – foi menos usado nas cartas pessoais. Interessante observar que, na posição de ênclise, essa foi a forma preferida pelos autores. Tal fato se coaduna com a formalidade que essa posição sintática parece imprimir no português brasileiro. A ênclise não é a posição natural da gramática do português brasileiro: “o português europeu generaliza a ênclise, e o português brasileiro, a próclise” (CAVALCANTE; DUARTE; PAGOTTO, 2011, p. 6).

Os 6 casos de *lhe* em posição de ênclise são:

- (41) *Saudo-lhe* com o versículo 33 de Romanos do capítulo II [C013]
- (42) *Sirvo-me da presente para convidar-lhe*, e a igreja do Senhor aí, para se fazer presente [C029]
- (43) Como eu esperava *encontrar-lhe* em Belém do Pará, levei para ali o seu último recibo [C022]
- (44) *parabenizo-lhe* por está esperando um filho [C131]
- (45) Francisco já que vou custar a *ver-lhe* [C058]

(46) isto é só vou *ver-lhe* em dezembro [C058]

Dos 6 casos de ênclise com *lhe* acusativo, três – (41), (42) e (43) – foram usados em cartas escritas por homens que ocupam o ofício de pastor evangélico e são endereçadas para o mesmo destinatário que também é pastor. A ocorrência (44) foi escrita por uma mulher à sua cunhada, e as ocorrências (45) e (46) foram usadas numa mesma carta escrita para um amigo ex-colega de escola do remetente.

4.3 - Estrutura do verbo

A fim de verificarmos o comportamento dos clíticos quanto à posição em relação à estrutura do verbo na amostra, realizamos o cruzamento desses dois fatores e obtivemos o resultado que expomos na tabela 4:

	TE		LHE		Total de ocorrências
	Formas simples	Formas complexas	Formas simples	Formas complexas	
Próclise com verbo na 1ª pos. absoluta	6 (80%)	0	1 (14%)	0	7
Próclise em oração justaposta ou coordenada sem conectivo	0	0	4 (100%)	0	4
Próclise após conjunções	13 (62%)	0	8 (38%)	0	21
Próclise após advérbios	19 (66%)	0	10 (34%)	2 (100%)	31
Próclise após substantivos	12 (63%)	0	7 (37%)	1 (100%)	20
Próclise após pronomes	8 (62%)	0	5 (38%)	0	13
Próclise após verbo auxiliar	0	13 (57%)	0	10 (43%)	23
Próclise após preposição	11 (58%)	0	8 (42%)	1 (100%)	20
Ênclise	2 (33%)	2 (50%)	4 (67%)	2 (50%)	10
Total	75/118 (64%)	15/31 (48%)	43/118 (36%)	16/31 (52%)	149

Tabela 4. Posição dos clíticos *te* e *lhe* na oração vs. estrutura das formas verbais.

Ao todo, dos 149 dados, 64% são de formas *te* com verbos simples e 48% com formas complexas. Observa-se que o clítico *te* acusativo foi muito frequente especialmente com verbos simples (64%) e exclusivamente em posição de próclise nesses contextos sintáticos.

Em orações com verbo na 1ª posição absoluta (7 casos), a forma *te* foi a mais usada pelos autores, com 80% de uso. Só houve uma ocorrência de *lhe* acusativo nessa posição (*lhe* aconselhamos), que também ocorreu com verbo em forma simples.

Esses resultados espelham nossa expectativa de encontrar mais próclise nas cartas cearenses por ser essa a tendência de uso preferida do português do Brasil. Esses dados corroboram resultados de outros estudos (cf. PAGOTTO, 1992; COELHO, 2003; SCHEI, 2003; CAVALCANTE; DUARTE; PAGOTTO, 2011), bem como refletem o encaixamento dessa posição proclítica na sintaxe brasileira.

Apesar dos poucos dados, 59 ocorrências de *lhe*, é possível afirmar, em termos percentuais, que essa forma foi mais usada com verbos com estruturas complexas (52%). Como já dissemos, dos 10 casos de ênclise, 6 ocorreram com *lhe*, sendo 4 (67%) com verbos simples e 2 (50%) com verbos de estrutura complexa. Essas duas ocorrências de *lhe* em verbos de estrutura complexa estão transcritas abaixo:

- (47) Como eu *esperava encontrar-lhe* em Belém do Pará, levei para ali o seu último recibo [C022]
 (48) isto é só *vou ver-lhe* em dezembro [C058]

Vejamos, agora, como a alternância *te~lhe* acusativo se deu ao longo das décadas em que foram escritas as cartas da amostra.

4.4 - *Te e lhe* distribuídas por décadas do século XX

Como explicamos, analisamos as ocorrências de *te* e de *lhe* em 186 cartas pessoais escritas por cearenses entre os anos de 1940 e 1999, dividindo esse período em intervalos de 20 anos: 1940 a 1959, 1960 a 1979 e 1980 a 1999. Com o objetivo de compreender a distribuição dessas formas, nas cartas cearenses, ao longo dos períodos controlados, apresentamos a seguir os resultados dessa variável.

Períodos	TE	LHE	TOTAL
I - 1940-1959	7 (44%)	9 (56%)	16
II - 1960-1979	34 (54%)	29 (46%)	63
III - 1980-1999	49 (70%)	21 (30%)	70
Total	90 (60 %)	59 (40%)	149

Tabela 5. Frequência de *te* e *lhe* por décadas do século XX.

Nota-se, na amostra, que, em termos totais, o *te* foi a forma mais frequente, com 60% de uso. Essa frequência de *te* acusativo aumentou ao longo dos três períodos analisados: 44% em I, 54% em II e 70% em III. Já a forma *lhe* acusativo com referência à 2ª pessoa do discurso apresentou um decréscimo, em termos percentuais, ao longo dos períodos: 56% em I, 46% em II e 30% em III.

Ressaltamos que, nos anos de 1940 a 1959, foram analisadas 26 cartas enquanto nos cada um dos demais períodos (60-79 e 80-99) foram 80 cartas. Ainda assim, consideramos um alto percentual de *lhe* nos anos de 1940-1959, visto que dos 16 casos de *te~lhe*, 9 casos, ou seja, 56%, são de *lhe* com função sintática de acusativo com referência à 2ª pessoa, quando a gramática normativa (CUNHA, 1986; BECHARA, 2003) diz que a forma pronominal *lhe* exerce apenas função sintática de dativo.

A seguir, no gráfico 2, ilustramos a trajetória de *te~lhe* na amostra.

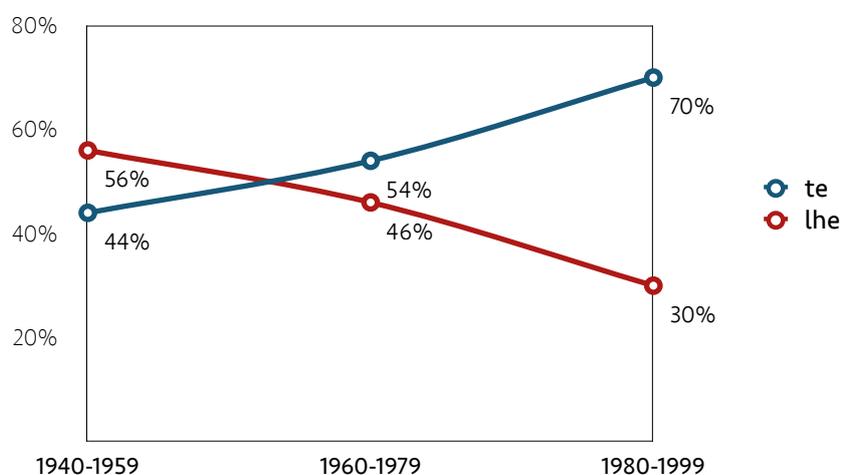


Gráfico 2. Frequência de *te* e *lhe* acusativo por décadas do século XX.

Inicialmente, havíamos suposto que, no período de 1940-59, essa forma-função do *lhe* fosse pouco frequente. Conforme o estudo de Duarte (1993), a competição entre *tu* (do qual *te* é a forma objetiva) e *ocê* (cuja forma objetiva é *lhe*) começa a se intensificar a partir da década de 1930 e, na amostra do *Corpus Compartilhado Diacrônico: cartas pessoais brasileiras* (OLIVEIRA; LOPES, 2007), nas 97 cartas trocadas por um casal de noivos do Rio de Janeiro entre os anos 1936 e 1937, são raríssimas as ocorrências de *lhe* com valor de 2ª pessoa. Entretanto, como vimos, nas cartas cearenses, o *lhe* já é bastante usado (56%) em 1940-50.

Em geral, havíamos presumido que o *lhe* se acentuaria ao longo das décadas. Após os resultados, essa expectativa é contrariada: essa forma decaiu ao longo das décadas nas cartas cearenses novecentistas: 56% em 1940-59, 46% nos anos 1960-1979 e 30% nos anos de 1980-1999. Observe que em 1960-79 a alternância entre *te~lhe* apresenta uma competição acirrada, nas cartas cearenses.

É importante dizer que as 26 cartas de 1940-50 foram escritas por 20 pessoas diferentes, todas para a um mesmo destinatário, o pastor José Alencar de Macedo. São cartas de evangélicos, alguns parentes do pastor (irmãs de sangue e cunhados) e outros amigos ou pastores como ele. As cartas deixam transparecer pouca intimidade entre os interlocutores, razão, talvez, por que a forma *lhe* (56%) – forma V, de formalidade e distanciamento – se faça mais frequente do que *te* (44%) – forma T, de intimidade e proximidade (BROWN; GILMAN, 1960) –, nas cartas desse período. Para ilustrar o que afirmamos, observem-se os exemplos abaixo:

- (49) Ainda não tinha *lhe* escrito porque até então não tínhamos certeza da sua residência (...) Zeca passo agora contarte algo de alguma couza da minha vida ministerial (...) O Juvito tem *lhe* escrito? (...) Zeca eu te envio esta minha fotografia, que terei quando estava no Pará; pesava 75 Kilos. (...) Iracema vai *lhe* escrever algumas cousas (...) todos nós *lhe* saudamos em nome do Senhor Jesus. [C002].
- (50) assim como Deus *lhe* levantou para trabalhar ahi, pode levantar outro (...) digo isto não para *lhe* militar¹¹, mais sim pela consideração [C008]

A carta 002 do exemplo (49) é de família, enviada por um pastor evangélico a seu cunhado também pastor. Note que nela ocorrem muitos clíticos, mas apenas um tem função acusativa, que é justamente *lhe* com um verbo *dicendi*. Apesar de *te* também aparecer nessa carta, é *lhe* que prevalece. Já a carta 003 do exemplo (50) é de amigo desse um pastor e apresenta apenas duas ocorrências de clítico, ambas de *lhe* acusativo.

Quanto às cartas das duas últimas décadas, temos predominantemente cartas de amigos, escritas por jovens entre 15 e 25 anos. Foram 80 cartas escritas por 33 pessoas diferentes. Percebe-se nessas correspondências uma relação de informalidade e de intimidade, o que pode ter favorecido o *te*. Os trechos abaixo ilustram o que afirmamos:

- (51) queria poder estar aí e até ser uma pessoa em que pudesse fazer você esquecer quem tanto *te* magoou (...) O que eu puder fazer para *ti* ajudar eu estou aqui (...) um dia você irá encontrar alguém que realmente *te* ama (...) quero *lhe* mostrar que não devemos nos desesperar (...) estou aqui para *te* ajudar. *Te* Adoro meu amigo [C170]
- (52) quero *te* encontrar linda e maravilhosa (...) irei *te* ver logo hoje (...) ainda *te* adoro (...) o ônibus está correndo para eu *te* ver (...) *te* amo, *te* quero (...) estou marcando no relógio os minutos que faltam pra *te* encontrar. Estou com vontade de *te* beijar, de *te* abraçar, de *te* amar. [C184]

A carta 170 do exemplo (51) é de uma garota de 17 anos a um amigo seu de mesma idade. Note-se o acusativo sendo aí codificado sob duas formas alternantes: *você* e *te/ti*. A forma *lhe* aparece na carta, mas com função de dativo. Note-se, ainda, a presença de verbos de sentimento (*amar*, *adorar*, *magoar*) que, como vimos, favorecem o uso de *te*.

Já a carta 184 (exemplo 52) é uma carta de amor, escrita por um jovem a sua namorada enquanto ele viaja a seu encontro. Nesta correspondência, o uso de *te* é categórico e predominam verbos de sentimento (*adorar*, *amar*, *querer*), de percepção (*encontrar*, *ver*) e de atividade corporal (*beijar*, *abraçar*, *amar*, este no sentido de “praticar o amor físico com” [FERREIRA, 2010]).

Apesar de predominar *te* nas cartas dos anos 1980-90, encontramos ainda neste período cartas em que o uso de *lhe* acusativo se faz presente, como em (53), uma carta de amigo, da mesma autora da carta 170:

¹¹ Melindrar.

- (53) que Deus *lhe* acompanhe. Não *lhe* escrevi antes pois estou um pouco ocupada, pois como *lhe* falei (...) preciso *lhe* vê (...) queria *lhe* pedir se possível mandasse para mim duas letras de música (...) *te* agradeço por tudo, *te* adoro [173]

Note-se aí o uso de *lhe* tanto como acusativo (*lhe acompanhe, lhe vê*) quanto como dativo (*lhe escrevi, lhe pedir*). O mesmo se dá com *te*: acusativo em *te adoro* e dativo em *te agradeço*.

Note-se ainda que a presença de verbos de sentimento (*amar, adorar, magoar, querer*), nos fragmentos de cartas acima, imprimem um certo tom de informalidade e intimidade entre os interlocutores. Interessante observar o forte uso de *te* nesses fragmentos.

Considerações finais

Na produção das 186 cartas escritas por cearenses, o controle da alternância entre *te~lhe* como clíticos acusativos de 2ª pessoa evidenciou as frequências de 60% de *te* e 40% de *lhe*. O *te* em competição com *lhe* foi mais recorrente nas cartas cearenses.

A variável tipo semântico do verbo foi a única selecionada significativamente pelo *Goldvarb X*. Os resultados mostram que verbos *dicendi* – considerando a classificação de Scheibman (2000) – favorecem o uso de *lhe* e verbos de sentimento desfavorecem esse uso. Os verbos de sentimento foram usados preferencialmente com o clítico *te*.

O detalhamento dos contextos sintáticos da variável posição dos clíticos *te~lhe*, nas cartas cearenses novecentistas, demonstrou que:

- ocorrências de verbo na 1ª posição absoluta favoreceram o uso de *te* (86%);
- os 4 casos de orações justapostas ou coordenadas foram de *te* categórico em posição de próclise;
- em todos os outros casos de próclise, *te* foi favorecido: próclise após conjunção (*te* - 62% e *lhe* - 38%); próclise após advérbio (*te* - 61% e *lhe* - 39%); próclise após substantivo (*te* - 60% e *lhe* - 40%); próclise após pronome (*te* - 61% e *lhe* - 39%); próclise após verbo auxiliar (*te* - 56% e *lhe* - 44%); próclise após preposição (*te* - 55% e *lhe* - 45%);
- a ênclise apresentou 60% de *lhe* (6 dos 10 casos) nas cartas cearenses.

Vale ressaltar que os 6 casos de *lhe* em ênclise estão concentrados num pequeno conjunto de cartas escritas por homens que ocupam o ofício de pastor evangélico e foram endereçadas para o mesmo destinatário que também é pastor. É necessário, portanto, ampliar a amostra a fim de investigar com mais detalhes até que ponto esses resultados espelham a escrita cearense ou são reflexos do estilo dos autores dessas cartas.

O cruzamento da posição do clítico vs. estrutura do verbo o clítico *te* acusativo ocorreu especialmente com verbos simples (64%) e exclusivamente em posição de próclise. Esses resultados confirmam nossa expectativa de encontrar um alto percentual de próclise nas cartas cearenses do século XX por ser essa a tendência de uso dos pronomes clíticos do português do Brasil. O *lhe* foi menos usado nas cartas e, dos poucos 16 casos, a próclise prevalece. Só ocorreram 2 casos de ênclise com verbos de estrutura complexa (Como eu *esperava encontrar-lhe; só vou ver-lhe* em dezembro).

A variável extralinguística década em que as cartas foram escritas evidenciou que houve um aumento no uso de *te* acusativo ao longo dos anos 40 e 50 (44%), 60 e 70 (54%) e 80-90 (70%). Já a forma *lhe* acusativo com referência à 2ª pessoa do discurso apresentou um decréscimo, em termos percentuais, ao longo desses anos: 56%, 46% e 30%, respectivamente.

Ressaltamos que nos anos de 40 e 50 foram consideradas menos cartas (26 cartas) do que nos demais anos (80 cartas por período - 60-79 e 80-99) e durante esse período foram contabilizadas 16 ocorrências de *te~lhe*, sendo 9 casos, ou seja, 56%, *lhe* com função sintática de acusativo com referência à 2ª pessoa. Apesar dos poucos dados, avaliamos que esse é um alto percentual dessa forma-função, considerando que, em geral, a gramática normativa (CUNHA, 1986; BECHARA, 2003) nem menciona essa função sintática da forma pronominal *lhe*.

Em geral, essas cartas deixam transparecer pouca intimidade entre os interlocutores, razão, talvez, por que a forma *lhe* (56%) – forma V, de formalidade e distanciamento – se faça mais frequente do que *te* (44%) – forma T, de intimidade e proximidade (BROWN; GILMAN, 1960) –, nas cartas desse período.

Salientamos que se faz necessário não só ampliar a amostra das décadas de 40 e 50, bem como rastrear documentos históricos de períodos anteriores a esse, a fim de compreender melhor o uso de *lhe* acusativo, bem como o comportamento variável dos clíticos em tela, na escrita cearense.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, G. de S. *Quem te viu quem lhe vê: a expressão do objeto acusativo de referência à segunda pessoa na fala de Salvador*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- ANDRADE, M. L. da C. V. de O. Gênero social e norma linguística: estudo de formas de tratamento em cartas pessoais. In: PRETI, D. (Org.). *Variações na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2011. p. 111-131.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. *American Anthropologist* 4 (6), p. 24–39, 1960.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTE, C. R. O., DUARTE, M. E. L., PAGOTTO, E. G. *Clíticos no século 19: uma questão de posição social?* (no prelo), 2011. Disponível em: <[http://: sites.google.com/site/silviare/Home/documentos](http://sites.google.com/site/silviare/Home/documentos)>.
- COELHO, T. M. S. *A sínclise dos substantivos pessoais átonos no português oral culto de Fortaleza: aspectos sociolinguísticos*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.
- COUTINHO, I. L. *Gramática histórica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1976.
- CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, A.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- LABOV, W. *Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Alabama Press, 1972.
- _____. *Principles of Linguistic Change: Internal factors*. Oxford / Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.
- LOPES, C. R. S. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). *Ensino de gramática – descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 103-119.
- _____; CAVALCANTE, S. A cronologia do ‘voceamento’ no português brasileiro: expansão de você sujeito e retenção do clítico te. *Linguística*. vol. 25, p. 30-65, 2011.
- _____; MACHADO, A. C. M. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, C. R. S. (Org.) *A Norma Brasileira em Construção*. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, FAPERJ. 2005. p. 45-66.
- LYONS, J. *Lingua(gem) e Linguística: uma introdução*. Trad. Marilda Winkler Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- MACHADO, A. C. M. *A implementação de “Você” no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- MOTA, M. A. *A variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no português oral de São João da Ponte (MG)*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- NASCENTES, A. *Estudos filológicos*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.
- OLIVEIRA, R.; LOPES, C. *Retratos da mudança no sistema pronominal: Usos tratamentais cariocas na diacronia e sincronia*. Edital Jovem Cientista da FAPERJ, Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.sigmafoco.scire.coppe.ufrj.br/UFRJ/sigma/projetos/consulta/relatorio.stm?app=PROJETOS&codigo=15418&buscas_cruzadas=ON>.
- PAGOTTO, E. *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

- _____. *A norma das constituições e a constituição da norma no século XIX*. Comunicação apresentada no III Seminário para a história do português do Brasil. Campinas: UNICAMP, 1999.
- RAMOS, J. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: HORA, D. (Org). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 43-59.
- RUMEU, M. C. de B. *Língua e sociedade: a história do pronome "Você" no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.
- SALES, I. A. *Aspectos linguísticos e sociais no uso de pronomes em cartas pessoais baianas*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.
- SCHEI, Ane. *A colocação pronominal do português brasileiro: a língua literária contemporânea*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP. São Paulo, 2003.
- SCHEIBMAN, J. Local patterns of subjectivity. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 61-90.
- SILVA, E. N. A. A variação entre as formas pronominais da segunda pessoa "tu" e "você" em cartas de 1930. In: SILEI, 2, 2011. Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 132-53.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

Os pronomes dativos de 2ª pessoa na escrita epistolar carioca

The dative pronouns of 2nd person in personal letters written in Rio de Janeiro

Recebido em 25 de maio de 2015. | Aprovado em 30 de junho de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i1.177>

Thiago Laurentino de Oliveira¹

Resumo: Neste artigo, analisam-se as formas pronominais dativas de 2ª pessoa, quais sejam: os clíticos *te* e *lhe*, os sintagmas preposicionados *a ti*, *para ti*, *a você* e *para você* e o objeto nulo (sem realização fonética). Entende-se por dativo o argumento interno dos verbos de dois ou três lugares, com papel temático de alvo ou fonte, substituível por *lhe*. Discutem-se os fatores linguísticos e extralinguísticos que atuaram no (des)favorecimento dessas variantes durante o período de difusão do *você* no português brasileiro, por volta dos anos 1930 (cf. DUARTE, 1995). Descreve-se, também, a combinação do clítico dativo *te* com o sujeito *você* em construções como “*Você* leu o livro que eu *te* dei?”. Tal combinação, analisada tradicionalmente como “ruptura” da uniformidade de tratamento, é uma construção amplamente aceita e sem estigma social no PB atual (BRITO, 2001). O *corpus* de análise é constituído por 318 cartas particulares escritas por cariocas e fluminenses no período de um século (1880-1980). Como aparato teórico-metodológico, aplicam-se os pressupostos da sociolinguística variacionista laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994) e os da sociolinguística histórica (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012).

Palavras-chave: pronome; dativo; segunda pessoa; carta pessoal; português brasileiro.

Abstract: In this paper, I analyze the dative pronoun forms of 2nd person, namely: the clitics *te* and *lhe*, the prepositional phrases *a ti*, *para ti*, *a você* and *para você*, and null object (without phonetic realization). I understand dative like the internal argument of the two or three places verbs, with thematic role of target or source and replaceable by clitic *lhe*. I discuss linguistic and extralinguistic factors that acted in the (dis)favoring these variants during the *você* diffusion period in Brazilian Portuguese, circa 1930s (DUARTE, 1995). I also describe the combination of *te*-dative with *você*-subject in constructions like “*Você* leu o livro que eu *te* dei?”. Such combination, traditionally considered as “break” the uniformity of treatment, is a construction widely accepted and no social stigma in the current BP (BRITO, 2001). The data sample is collected from 318 private letters written by people from the city of Rio de Janeiro during one century (1880-1980). I adopt the assumptions of Labovian variationist sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994) and historical sociolinguistics (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012).

Keywords: pronoun; dative; second person; private letter; Brazilian Portuguese.

¹ Doutorando em Língua Portuguesa, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Bolsista do CNPq. thiago.laurentinodeoliveira@gmail.com

Introdução

Apresentam-se, neste trabalho, alguns resultados relativos à variação entre as formas pronominais dos paradigmas de *tu* e *você* na função de complemento verbal dativo, observada em perspectiva diacrônica, a partir da variedade carioca/fluminense. Estudos recentes, como os de Rumeu (2004, 2008), Machado (2006, 2011) e Souza (2012), têm observado que a forma de tratamento *Vossa Mercê*, que surge no século XV, passou por um processo de gramaticalização, resultando no pronome de referência à segunda pessoa do singular (2SG) *você*. Ao longo do século XIX, principalmente na variedade brasileira, tal forma pronominal passou a concorrer com o pronome *tu*, herdado do sistema de pronomes pessoais latino. A inserção de *você* e sua gradual difusão no quadro pronominal ocasionou, no português brasileiro (PB), a coexistência de diferentes representações para a 2ª pessoa do singular.

Também em perspectiva diacrônica, outros trabalhos, feitos a partir de cartas pessoais e peças teatrais dos séculos XIX e XX (cf. DUARTE, 1995; MACHADO, 2011; SOUZA, 2012), apontam que a forma *você*, em função de sujeito, teria suplantado o emprego de *tu*, na escrita, a partir das décadas de 1920-30. Em outras funções sintáticas, contudo, o *você* não se difundiu na mesma intensidade, como no caso das funções de complemento verbal.

Diante desse quadro, analisam-se os mesmos séculos investigados pelos estudos mencionados a fim de observar como se dava a representação da 2ª pessoa do singular na função de complemento dativo. Para tanto, adota-se como *corpus* um conjunto de cartas pessoais produzidas por brasileiros residentes no Rio de Janeiro (cidade e/ou estado). A discussão dos dados ancora-se nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994) aliados às contribuições da sociolinguística histórica (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012).

A partir da análise do referido *corpus*, pretende-se discutir as seguintes questões: (i) quais eram as formas de dativo de 2ª pessoa do singular utilizadas na escrita particular de cariocas/fluminenses entre as décadas de 1880 e 1980? (ii) Que fatores linguísticos e extralinguísticos deveriam atuar no (des)favorecimento dessas variantes? (iii) o emprego das variantes acompanhava o paradigma pronominal de 2SG verificado na posição de sujeito (*você/tu*)? (iv) em que momento da diacronia considerada é possível encontrar a combinação entre formas pertencentes a paradigmas diferentes?

Como possíveis respostas a essas questões, assumem-se as seguintes hipóteses. Considerando o fato de que a inserção do *você* como forma de representação de 2SG se dá principalmente na posição de sujeito, acredita-se que o clítico *te*, por ser a forma original de 2SG, seria a variante mais frequente na diacronia estudada. Em consonância com Lopes e Cavalcante (2011), acredita-se, também, que, a partir da difusão do *você*, a frequência de objetos nulos de 2P teria aumentado, configurando como uma estratégia de “esquiva” no contexto de variação. O clítico *lhe*, outra variante dativa em análise, apresentaria uma frequência de uso instável, figurando, principalmente, como uma marca de formalidade e indicando certo distanciamento entre remetente e destinatário (cf. GOMES, 2003). Os sintagmas preposicionados apresentariam baixa recorrência na representação da 2SG, frente às demais estratégias; além disso, com o aumento no uso do *você*, as formas *a você* e *para você* passariam a substituir as formas *a ti* e *para ti* na variedade carioca/fluminense.

Ao lado das hipóteses descritas, postula-se, ainda, que a dita “uniformidade de tratamento” não seria uma realidade absoluta da escrita epistolar, sendo, na realidade, uma artificialidade da tradição normativa que sobrevive até hoje nos compêndios gramaticais (cf. BRITO, 2001; LOPES, 2012). Os subgêneros do gênero carta pessoal, determinados pelo grau de proximidade entre os indivíduos e pela finalidade/tema da mensagem, também atuariam diretamente no uso de determinadas variantes.

O artigo encontra-se organizado da seguinte maneira: além da introdução, descreve-se o objeto de estudo na seção 1; apresentam-se os pressupostos teóricos e a metodologia adotada para o levantamento e a análise do *corpus* na seção 2; os resultados e a análise dos pronomes dativos de 2ª pessoa do singular são discutidos em 3; em 4, reúnem-se as considerações finais deste trabalho.

1. Descrevendo o objeto de estudo

O dativo caracteriza-se, desde o latim, pela hibridéz e multiplicidade tanto de contextos morfossintáticos quanto de sentidos veiculados, fato que torna difícil, em muitos casos, a formulação de uma definição

razoavelmente precisa. No âmbito deste trabalho, utiliza-se a definição proposta por Mateus *et alii* (2003, p. 289), segundo as quais o dativo/Objeto Indireto (OI) é tido como “o argumento interno de verbos de dois ou três lugares com o papel semântico de Alvo ou Fonte”.

As referidas autoras apontam ainda outras propriedades típicas do Dat/OI: a animacidade do argumento, isto é, o constituinte OI é, na maioria dos casos, [+animado]; a possibilidade de cliticização para os casos em que o OI é um pronome pessoal, sendo a forma clítica *lhe* a principal marca do caso dativo (p. ex., “Ela mandou um presente *para você*” > “Ela *lhe* mandou um presente”); a presença das preposições *a* ou *para*² quando assume a forma de um sintagma preposicional.

A partir de um viés mais semântico, Van Hoecke (1996) e Berlinck (1996) afirmam que o argumento dativo constitui o polo de orientação para o qual tendem as ações e os processos expressos pela predicação da sentença. Este é um traço comum a todos os constituintes considerados como dativos; de maneira mais ou menos concreta (a depender da semântica do elemento predicador), haveria no dativo a instanciação de um estágio final, de um ponto terminal.

Diversos estudos acerca da expressão do dativo no português brasileiro têm demonstrado, dentre outras coisas, uma tendência ao apagamento do pronome clítico de terceira pessoa (*lhe*) ao lado do aumento progressivo na utilização de sintagmas preposicionais introduzidos pela preposição *para*. O apagamento do *lhe* não representa, todavia, o desaparecimento deste clítico, uma vez que ele sofre tal processo na terceira pessoa (3SG), enquanto que, em alguns dialetos, é utilizado como referência à segunda pessoa (2SG). Essa mudança também teria se difundido, principalmente, após a entrada da forma *você* no paradigma de 2SG.

No que tange, especificamente, à representação pronominal da 2ª pessoa do singular, foco central deste artigo, o complemento dativo aparece, no *corpus* selecionado, sob a forma dos clíticos *te* e *lhe*, dos sintagmas preposicionais *a ti*, *para ti*, *a você* e *para você*. Além dessas variantes, registrou-se ainda o dativo nulo, sem realização grafo-fonética³. Sendo assim, constata-se que os dados de dativo computados na amostra podem ser divididos em três grupos, segundo a sua organização morfossintática: (i) clítico; (ii) sintagma preposicional e (iii) objeto nulo. Em (01-03), são apresentados alguns exemplos dessas estratégias, extraídos do *corpus*:

- (01) pronome clítico:
- a. Não **te** conto a maior, quero dizer **te** conto sim. Teu pai me chamou para voltar à sua casa quando eu pudesse. [02-08-1978]
 - b. Eu não apressei-me em escrever **lhe** falando no seu novo despacho porque a falar a verdade não fiquei contente com o lugar que **lhe** deram (...). [14-11-1874]
- (02) sintagmas preposicionais:
- a. (...) diz-se que Você é quem influe para que a revolução continue, enfim atribuam **a ti** tudo, nunca vi maior injustiça, espero que tudo isto desapareça e que venha a verdade. [25-04-1894]
 - b. São 11 horas preciso dormir, se não fosse isso seria capaz de ficar a noite toda **escrevendo para ti**, dizendo tudo quanto sinto por ti, porque quando estou junto de ti a emoção embarga-me a voz, faz-me fugir as palavras, e fico mudo. [02-03-1937]
 - c. Maria e eu **enviamos** um afetuoso abraço a Yolanda e **a você**. [04-04-1972]
 - d. Bia **vou mandar prá você**, como presente de aniversário, uma fita do grupo ‘Balão Mágico’. Espero que você a curta bastante, ok? [24-10-1985]
- (03) objeto nulo:
- a. Fora o que já **ø** contei, não tenho feito nada de extraordinariamente interessante. [08-05-1983]
 - b. A sua conta eu **ø** mando depois vou juntar tudo o que você me deve não tenho pressa do cobre, enquanto estiver na sua mão não gasto eles (...) [25-08-1907]

² Em um reduzido número de casos, o dativo pode ser encabeçado por uma preposição diferente de *a* e *para*. Por exemplo, quando o argumento dativo assume o papel semântico de FONTE, é mais comum (senão a única possibilidade) que ele seja encetado pela preposição *de*, especialmente no PB: “A Maria tomou a caneta *de você*” > “A Maria *lhe* tomou a caneta”; “O João roubou um beijo *de ti*” > “O João *te* roubou um beijo”.

³ Considerou-se a ocorrência dos dativos nulos nos contextos em que, pela estrutura argumental do verbo, estava prevista a realização de um constituinte com relação gramatical de objeto indireto. Para mais detalhes, ver a seção de pressupostos teóricos e metodológicos.

Após a breve descrição do fenômeno apresentada anteriormente, faz-se necessário, antes de discutir os resultados obtidos durante a pesquisa, comentar os principais pressupostos teóricos que nortearão as análises bem como os critérios e decisões metodológicos adotados.

2. Pressupostos teóricos e metodológicos

Para embasar a discussão feita em torno dos pronomes dativos de 2SG, recorre-se, neste trabalho, a uma conjugação entre o que se convencionou chamar de sociolinguística laboviana (SL) e sociolinguística histórica (SH). Essas “sociolinguísticas” constituem, na realidade, duas ramificações da sociolinguística *lato sensu*. Por essa razão, SL e SH compartilham entre si vários aspectos, tais como: a observação e descrição da dita heterogeneidade ordenada, entendendo que a realidade do sistema linguístico não é homogênea e, por isso mesmo, as línguas naturais apresentam processos de variação regidos por um conglomerado de fatores estruturais e sociais; o reconhecimento de que toda mudança emerge da variação linguística; o controle de fatores externos ao sistema linguístico que podem condicionar processos de variação/mudança nas línguas; a constituição de *corpora* de análise que objetivam registrar a ação das variáveis linguísticas em dados reais de uso.

Já em Weinreich, Labov e Herzog (1968) pode-se constatar que a relação entre a configuração das línguas do presente e do passado sempre foi um fato que chamou a atenção dos estudiosos da sociolinguística. Os postulados teóricos reunidos em *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* visavam justamente a modificar a perspectiva que existia, até então, acerca da mudança linguística. Dentro da perspectiva sociolinguística, os fatores extralinguísticos passam a ser vistos como condicionadores, que, articulados aos fatores linguísticos, podem acelerar ou refrear o avanço de uma mudança em curso.

Por que, então, falar nessas “duas sociolinguísticas”, se, em princípio, ambas estariam assentadas sobre os mesmos pressupostos? Na realidade, a diferença crucial entre SL e SH reside na metodologia e nos objetivos da investigação; enquanto a SL focaliza, mormente, uma sincronia atual, explorando dados da língua falada e identificando e analisando processos de variação, a SH atém-se a sincronias passadas, através de dados da língua escrita, e, na maioria dos casos, investiga processos de variação no passado que se consolidaram em mudança no presente. Em outras palavras, a SL buscaria compreender a língua do passado com base no que se tem na língua do presente, ao passo que a SH faria o caminho inverso, resgatando o(s) estágio(s) anterior(es) da língua a fim de compreender como se chegou à língua do presente.

Ao longo da segunda metade do século XX, entretanto, não se observa um desenvolvimento expressivo de estudos no campo da SH, tal como ocorreu para a SL. Devido às grandes dificuldades enfrentadas no trabalho com os dados históricos, a vertente variacionista desenvolvida por Labov apresentou um progresso maior quanto à constituição de *corpora*, metodologia de pesquisa, estudos de caso e análise da variação e mudança linguística. No Brasil, ainda são poucas as pesquisas cujos pressupostos teórico-metodológicos pertencem estritamente à SH. Muitas vezes, os estudiosos tentam aplicar os postulados e princípios variacionistas labovianos para as sincronias passadas, o que, na realidade, constitui um equívoco para o tratamento de dados históricos.

Em primeiro lugar, é quase impossível constituir um *corpus* histórico aos moldes labovianos, com um número relativamente equilibrado de informantes de diferentes faixas etárias, sexos e categorias sociais. Isso se deve ao fato de, como assinala Conde Silvestre (2007), a SH trabalhar com um material enviesado, que sobreviveu “por acaso” à ação do tempo. Tal material torna inconcebível pensar, por exemplo, em uma análise do valor social das variantes de determinado fenômeno entre homens e mulheres de certos períodos históricos, uma vez que esse material pode sequer ter existido.

Além do caráter eminentemente fragmentário do texto histórico, existe ainda o problema da conservação por meio escrito. Diferentemente dos fenômenos investigados pela SL, que, em princípio, são escolhidos pelos pesquisadores, na SH os estudiosos limitam-se a estudar aquilo que estiver disponível no material encontrado⁴.

⁴ Uma observação importante: a não detecção de um fenômeno linguístico dentro do *corpus* não significa que ele não tenha existido em estágios precedentes da língua; do mesmo modo, o levantamento de certas variáveis no *corpus* não significa que elas tenham sido amplamente utilizadas na língua falada. Há uma série de fatores de ordem linguística e social que condicionam o aparecimento ou não das formas gramaticais em textos de sincronias passadas e o pesquisador que venha a trabalhar com SH deve ter consciência disso. A esse respeito, ver Hernández-Campoy e Schilling (2012).

Dessa forma, o trabalho em SH está, em boa medida, condicionado ao *corpus* com que o linguista irá trabalhar; somente após uma inspeção do material linguístico coletado, é possível dizer se a pesquisa é viável ou não.

Outro ponto que precisa ser levado em conta diz respeito aos informantes. Hernàndex-Campoy e Schilling (2012) assinalam como problemas recorrentes a questão da *autoria* (quem são os verdadeiros autores dos documentos? Os textos podem ter sido escritos pela mão de terceiros?), da *autenticidade* (Que norma linguística é reproduzida no documento? Até que ponto o informante faz usos linguísticos autoconscientes?) e da *validade social e histórica* (Em que modelo de sociedade/comunidade o informante vivia? Que particularidades dessa sociedade/comunidade poderiam interferir na escrita do informante?).

Diante desse breve panorama acerca das questões com que lidam os estudiosos dentro da SH, fica evidente a incongruência que seria aplicar indistintamente a metodologia da pesquisa laboviana para os dados históricos. Cabe, então, ao pesquisador formular a metodologia de coleta e análise dos dados mais profícua para o fenômeno que esteja sendo investigado. Dentro dessa metodologia, é preciso que se considere, por exemplo, o gênero textual mais propício ao aparecimento do fenômeno investigado, a disponibilidade de material para o recorte cronológico estudado e a quantidade de informações disponíveis sobre os informantes e/ou a sociedade/comunidade em que viveram.

No presente estudo, a motivação para adotar o gênero carta pessoal como *corpus* é de ordem discursiva. Graças ao caráter dialógico desse gênero, o remetente utiliza, com certa frequência, formas pronominais para se dirigir ao destinatário. Portanto, o gênero epistolar constitui um material bastante adequado para a obtenção de dados do fenômeno investigado.

Quanto ao recorte cronológico, vale ressaltar que seria tarefa bastante difícil (ou mesmo impossível) encontrar materiais de língua falada para as sincronias mais recuadas no tempo (finais do século XIX e começo do século XX). Nesse sentido, os dados oriundos de cartas pessoais são novamente bastante adequados, pois elas se aproximam, segundo Koch e Oesterreicher (1985, 1994), às situações de interação comunicativa mais imediata (reproduzem uma “conversa à distância”) e são mais suscetíveis a apresentar variação linguística.

A proximidade temporal do recorte cronológico considerado traz algumas vantagens para a pesquisa de caráter sócio-histórico, como, por exemplo, a legibilidade do material encontrado, a possibilidade de obter informações mais precisas acerca da sociedade na qual viveram os informantes e as transformações históricas pelas quais esta sociedade passou. Entretanto, há também problemas que não podem ser ignorados.

O primeiro problema refere-se à disponibilidade de materiais do passado, algo que se torna ainda mais difícil para documentos pessoais: por razões de valorização social (cf. ELPASS, 2012), era um hábito da sociedade de outros tempos que as pessoas descartassem ou destruíssem textos particulares, por diferentes razões. A falta de consciência para a preservação de documentos é mais latente nas categorias mais baixas da sociedade. Com isso, o material disponível em arquivos públicos pertence, na maioria dos casos, a pessoas ilustres cujos parentes julgaram importante preservar seus escritos, conservando a memória através dos documentos. Não raro, encontram-se cartas de artistas, escritores e políticos, como o *corpus* da Família do ex-presidente da República Affonso Penna (1906-1909), situado no Arquivo Nacional-RJ, transcrito e editado por Pereira (2012) e utilizado parcialmente neste trabalho.

O segundo problema seria a disponibilidade de informação sobre os autores das missivas. Tal entrave também é mais acentuado para os dados das classes mais baixas da população. Uma vez que os indivíduos das classes altas, em geral, têm interesse em preservar seus escritos, as informações biográficas disponíveis acerca dos mesmos são mais numerosas. Junte-se a isso o fato de eles serem pessoas ilustres, com destaque na sociedade em que viveram. Em contrapartida, os poucos documentos que restam de indivíduos das classes baixas trazem escassos dados biográficos, tornando seus autores praticamente anônimos. O pesquisador que lida com esses materiais fica praticamente restrito a informações presentes nos próprios documentos.

O terceiro e último problema incide na questão da representatividade da amostra. O sociolinguista histórico não tem como obter mais dados, visto que seu trabalho restringe-se ao que sobrou do passado. Isso constitui um forte obstáculo, visto que a quantidade e a qualidade dos textos variam consideravelmente de um recorte temporal para outro. É tarefa árdua – por vezes, impossível – obter uma quantidade razoável de dados cujos informantes possuam as mesmas características linguísticas e sociais a fim de comparar os dados entre si. Confrontar dados de diferentes sincronias obtidos de informantes com perfis sociolinguísticos díspares pode

distorcer os resultados da análise. O pesquisador deve respeitar tais diferenças para não negligenciar os fatores sociais e externos que atuam sobre os usos linguísticos.

As cartas particulares compiladas para o *corpus* deste trabalho são marcadas pela heterogeneidade no plano linguístico e no nível social: coletaram-se desde documentos escritos por brasileiros ilustres, como o médico e sanitarista Oswaldo Cruz, até cartas trocadas por um casal de noivos, completamente anônimos. A fim de reunir um número relevante de dados, recorreu-se a três fontes diferentes: acervos de pesquisa e documentação; publicações de pesquisadores em obras de edição; *corpora* utilizados em teses e dissertações sobre pronomes.

Dos acervos de documentação, foram consultados o *Departamento de Arquivo e Documentação* (DAD) da *Casa de Oswaldo Cruz* (COC), situado na cidade do Rio de Janeiro, e o *Corpus Compartilhado Diacrônico* (CCD), disponível online no site do Laboratório de História do Português Brasileiro da Universidade Federal do Rio de Janeiro⁵. No DAD, encontra-se a documentação pessoal do médico Oswaldo Cruz e sua família. Os Acervos *Cupertino do Amaral*, *Affonso Penna Júnior*, *Land Avellar* e *“Casal dos anos 30”* foram acessados através do CCD. Os documentos organizados em publicações foram extraídos de duas obras: *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*, organizado pelos professores Dinah Callou e Afranio Barbosa e publicado em 2011; *Língua e Sociedade: A história do pronome “Você” no português brasileiro*, da professora Márcia Rumeu, publicado em 2013. O primeiro título reúne 17 cartas endereçadas ao político e diplomata brasileiro Rui Barbosa. A obra de Rumeu (2013) consiste na publicação da tese de doutorado da autora, defendida em 2008. No livro, Rumeu apresenta ainda 170 missivas das Famílias Pedreira Ferraz e Magalhães. Dos trabalhos acadêmicos que adotaram cartas particulares como *corpus*, foram consultadas as dissertações de Souza (2012), Pereira (2012), Silva (2012) e a tese de Paredes Silva (1988).

O controle quantitativo dos dados foi o parâmetro adotado para estabelecer equilíbrio na amostra. Para cada um quarto de século analisado⁶ (1880-1980), levantou-se uma média de 200 dados. Isso justifica, por exemplo, a maior ou menor quantidade de cartas e/ou informantes de determinada amostra em certo período. Em seguida, esses dados foram codificados e submetidos ao programa estatístico *GOLDVARB-X*, a fim de obter as frequências das variantes segundo cada um dos grupos de fatores controlados.

Os fatores que se mostraram determinantes para o aparecimento dos dados nas cartas são de ordem discursiva: o tema/assunto abordado pelo remetente (íntimo, familiar, social, político etc), o tom adotado pelo remetente (amigável, repressivo, autoritário, romântico) e a implicação do interlocutor na cena discursiva condicionaram a frequência e produtividade dos dados de pronomes dativos com referência à segunda pessoa do singular.

Dividiu-se, ainda, o conjunto de 318 documentos selecionados como *corpus* de análise em três “subgêneros” do gênero *carta particular*⁷, a partir de dois parâmetros preestabelecidos – a temática predominante no texto e o grau de intimidade entre o remetente e o destinatário. São eles:

- (a) *cartas pessoais*: são aquelas trocadas entre amigos, em que geralmente havia pouca intimidade entre remetente e destinatário. Nessas cartas, verifica-se uma temática variada, embora predomine o envio e/ou solicitação de notícias de ordem pessoal. As cartas endereçadas a Rui Barbosa e as cartas do acervo da Família Brandão fazem parte desse subgênero;
- (b) *cartas familiares*: são aquelas trocadas entre membros pertencentes a uma mesma família, geralmente enviando ou solicitando informações sobre os entes comuns, tratando de assuntos ou negócios familiares ou pedindo favores; nessas cartas, há um grau de intimidade mediano, pois, apesar da proximidade familiar, prevalecem as relações interpessoais assimétricas (por exemplo, entre pai/mãe e filho ou tio e sobrinho). As cartas da Família Pedreira Ferraz e do acervo de Affonso Penna Júnior fazem parte desse subgênero;

⁵ <<http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico>>.

⁶ Os anos de 1880 e 1980 não devem ser tomados como um recorte cronológico preciso; eles são utilizados para referenciar as décadas que demarcam o ponto inicial e final da diacronia analisada.

⁷ Evidentemente, nem todas as amostras se circunscrevem totalmente em um único subgênero. No acervo do médico Oswaldo Cruz, por exemplo, há cartas amorosas e familiares; no acervo Cupertino do Amaral, há cartas familiares e pessoais; na amostra de Cartas Cariocas (1979-1985), há cartas familiares, pessoais e amorosas. Dessa maneira, as amostras que compõem o *corpus* não devem ser tomadas como unidades coesas quanto ao subgênero de carta particular.

- (c) *cartas amorosas*: são aquelas trocadas entre casais de namorados ou noivos, em que predomina uma temática afetivo-emocional, tratando do relacionamento amoroso em si, com elevado grau de intimidade. As cartas do “Casal dos anos 30” e do acervo da Família Lacerda fazem parte desse subgênero.

Feitas as considerações teóricas e metodológicas relevantes ao tema investigado, parte-se, agora, para a análise e apreciação dos resultados obtidos.

3. Análise e resultados

Dos 318 documentos analisados, obteve-se um total de 811 ocorrências de complemento dativo com referência à 2ª pessoa do singular. No Gráfico 1, expõe-se a distribuição das variantes em estudo.

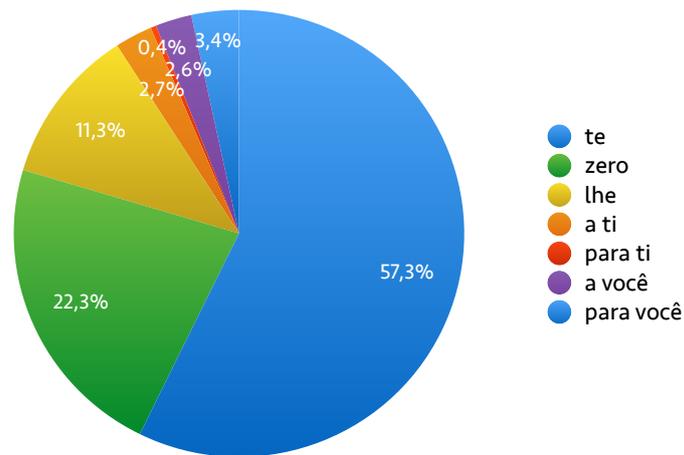


Gráfico 1. Percentual de ocorrência das variantes dativas nas cartas cariocas e fluminenses (1880-1980).

Como se pode observar, mais da metade dos dados de complemento dativo corresponde ao clítico *te*: 464 das 811 ocorrências levantadas no *corpus*, o que representa 57,2% da amostra. A segunda variante mais frequente foi o objeto nulo, com 22,3% (181 dados). O clítico *lhe* é a terceira forma mais produtiva, correspondendo a 11,3% das ocorrências (92 dados). Dentre as variantes de sintagma preposicionado, nenhuma atingiu 5% da amostra; contabilizamos 3,4% de *para você* (28 dados), 2,7% de *a ti* (22 dados), 2,6% de *a você* (21 dados) e 0,4% de *para ti* (3 dados).

A fim de analisar diacronicamente os dados de dativo de 2SG coletados, divide-se, no Gráfico 2, a frequência das variantes em quartos de século:

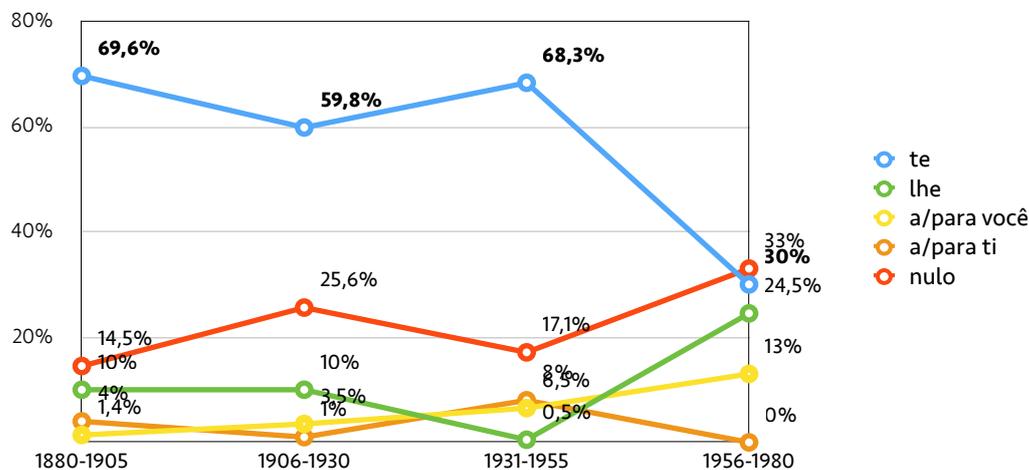


Gráfico 2. Percentual de ocorrência das variantes dativas na diacronia analisada (1880-1980).

Primeiramente, nota-se que o clítico *te*, assim como foi verificado no Gráfico 1, representa mais da metade da amostra em três quartos do período focalizado, sofrendo uma diminuição de percentual de frequência apenas no 4º período (de 68,3% no período anterior para 30,0% no período em questão). É também no último período que há maior equilíbrio no emprego das estratégias, especialmente entre o clítico *te*, o objeto nulo (32,5%) e o clítico *lhe* (24,5%). Os sintagmas preposicionados *a você* e *para você* totalizam 13,0% (4,0% para o primeiro e 9,0% para o último). A representação ilustrada pelo gráfico permite visualizar também o desaparecimento gradativo dos sintagmas preposicionados relacionados ao paradigma de *tu* nos documentos produzidos no Rio de Janeiro (*a ti* e *para ti*), acompanhado do aumento nas taxas de sintagmas preposicionados relacionados ao *você* (*a você* e *para você*).

Nas próximas linhas, apresenta-se a distribuição das variantes de acordo com as amostras que compõem o *corpus*. Cada tabela representa um quarto de século analisado.

1º período (1880-1905): a supremacia do tratamento de 2SG *tu*

1º período (1880-1905)	<i>te</i>	<i>zero</i>	<i>lhe</i>	<i>a ti</i>	<i>para ti</i>	<i>a você</i>	TOTAL
Cruz	73	6	-	2	-	1	82
	89,1%	7,3%	-	2,4%	-	1,2%	38,5%
Pedreira	17	7	2	-	1	-	27
	63,0%	25,9%	7,4%	-	3,7%	-	12,7%
Rui Barbosa	46	8	3	5	-	-	62
	74,2%	12,9%	4,8%	8,1%	-	-	29,1%
Penna Jr.	3	1	-	-	-	1	5
	60,0%	20,0%	-	-	-	20,0%	2,3%
Cupertino	10	9	17	-	-	1	37
	27,0%	24,3%	46,0%	-	-	2,7%	17,4%
TOTAL	149	31	22	7	1	3	213
	69,9%	14,6%	10,3%	3,3%	0,5%	1,4%	100%

Tabela 1. Distribuição das variantes dativas entre as amostras do 1º período (1880-1905).

Cinco das dez amostras utilizadas apresentaram dados de pronomes dativos de 2ª pessoa do singular para o 1º período: a amostra do médico Oswaldo Cruz, a coleção da Família Pedreira Ferraz-Magalhães, a amostra de cartas endereçadas a Rui Barbosa, a coleção de missivas da família do ex-presidente Afonso Penna e a amostra da família Cupertino do Amaral. Neste subconjunto, percebe-se o predomínio das formas relacionadas ao paradigma de *tu*: verifica-se uma frequência de 69,9% para o clítico *te*, 3,3% para o sintagma *a ti* e 0,5% para o sintagma *para ti*. Cabe destacar que a forma de 2SG utilizada na posição de sujeito dessas cartas é predominantemente o *tu*, fato que poderia justificar, de certa forma, os índices registrados na Tabela 1.

Neste período, o objeto nulo é a segunda variante mais produtiva, tendo sido contabilizado nas cinco amostras. O clítico *lhe* ocorre com mais frequência nos dados da Família Cupertino, como consequência de um tratamento mais respeitoso e distanciado entre os escreventes. O sintagma preposicionado *a ti* é mais recorrente do que o *para ti*, como atestam os dados da família Cruz e das cartas a Rui Barbosa. Alguns exemplos das ocorrências comentadas são dados abaixo:

- (04) (...) as tempestades que a muito tempo se desencadearão sobre esta terra tenho fé em Deus andem passar, tudo voltará a seus eixos, espero ainda ver-te grande, feliz, estimado e muito contente no seio de tua família, o futuro **a ti** pertence, os dias felizes virão, tenha confiança no teu destino [05-03-1895]
- (05) Tenho te escripto muitas cartas, tenho tirado dos jornaes tudo que diz respeito **a ti** e que te pode interessar, tenho remetido (...) [05-03-1895]
- (06) Peço-**lhe** que remeta a carta inclusa para Petrópolis, não querendo eu mandá-la daqui diretamente com receio que extravie. [12-02-1873]
- (07) Peço-**lhe** que me responda sobre isto e também me diga quanto lhe devemos das duas publicações que o Espinola mandou fazer. [14-11-1874]

2º período (1906-1930): o início do espraiamento de você como variante de tu

2º período (1906-1930)	<i>te</i>	<i>zero</i>	<i>lhe</i>	<i>a ti</i>	<i>para ti</i>	<i>a você</i>	<i>para você</i>	TOTAL
Cruz	30	-	-	1	1	-	-	32
	93,8%	-	-	3,1%	3,1%	-	-	16,1%
Pedreira	17	5	8	-	-	-	1	31
	54,8%	16,2%	25,8%	-	-	-	3,2%	15,6%
Avelar	49	41	9	-	-	5	-	104
	47,1%	39,4%	8,7%	-	-	4,8%	-	52,3%
Penna Jr.	23	5	3	-	-	-	1	32
	71,9%	15,6%	9,4%	-	-	-	3,1%	16,1%
TOTAL	119	51	20	1	1	5	2	199
	59,8%	25,6%	10,1%	0,5%	0,5%	2,5%	1,0%	100%

Tabela 2. Distribuição das variantes dativas entre as amostras do 2º período (1906-1930).

Integram o 2º período dados das Famílias Cruz, Penna e da Pedreira Ferraz-Magalhães. Além dessas, que já figuravam no 1º período, contabilizam-se ainda dados retirados de cartas da Família Land Avelar. Chama a atenção o aparecimento mais expressivo da forma *lhe* em três das quatro amostras em questão. Qual seria a razão? Assume-se, por hipótese, que, nesse momento, a difusão do *você* no sistema desencadeia uma profunda instabilidade no uso dos pronomes, decorrente de um sistema mesclado na posição de sujeito (cf. RUMEU, 2008; LOPES, 2011). Detectam-se sete variantes de dativo (frente às cinco do período precedente). Sendo assim, parece que o clítico *lhe* torna-se mais recorrente, estabelecendo a simetria formal entre as posições de sujeito e objeto indireto.

Embora se verifique o acréscimo de *lhe*, o clítico *te* continua sendo a estratégia preferida. Não é mais possível afirmar, contudo, que os dados de *te* ocorram apenas relacionados ao pronome-sujeito *tu*, tendo em vista que foram encontrados exemplos da combinação “*você*-sujeito + *te*-dativo”. O objeto nulo mantém-se também como a segunda variante mais recorrente em duas das quatro amostras do período, ficando atrás do *lhe* na amostra da Família Pedreira Ferraz, que, no 1º período, registrava aquela estratégia como a segunda mais frequente. Seguem exemplos desse período:

- (08) Diga ao Edgard que recebi a carta dele que não respondo porque a resposta é a que agora dou **a você**. [13-05-1917]

- (09) O dicionário serviu bem e mamãe mandou pelo Tito agradecer **a você**, bem como tudo que mandou-lhe. [08-06-1917]
- (10) Visto que o retrato lhe agradou, vou ver si tiro outro com o rabut francez; mandarei logo **para você** e para os outros irmãos. [10-04-1921]
- (11) Você querendo me favorecer, compra **para você** e só será meu quando eu te pagar. [12-02-1909]

3º período (1931-1955): variação tu e você consolidada

3º período (1931-1955)	te	zero	lhe	a ti	para ti	a você	para você	TOTAL
Casal	122	30	1	13	1	4	8	179
	68,2%	16,8%	0,5%	7,3%	0,5%	2,2%	4,5%	90,0%
Pedreira	14	4	-	1	-	1	-	20
	70,0%	20,0%	-	5,0%	-	5,0%	-	10,0%
TOTAL	136	34	1	14	1	5	8	199
	68,3%	17,2%	0,5%	7,0%	0,5%	2,5%	4,0%	100%

Tabela 3. Distribuição das variantes dativas entre as amostras do 3º período (1931-1955).

Só foram encontrados dados de dativo em duas amostras do 3º Período: as cartas trocadas entre o “casal dos anos 1930” e entre alguns membros da Família Pedreira Ferraz. É interessante observar que a amostra do casal registra, pelo menos, um dado de cada uma das sete variantes do complemento dativo, o que evidencia um acentuado processo de variação. O clítico *lhe*, que no 2º período teve uma frequência expressiva, registra um índice bastante baixo. Em contrapartida, o clítico *te* segue com uso hegemônico (68,3%), seguido do objeto nulo (17,2%). Torna-se mais claro do que no período anterior que o pronome *você* na função de sujeito passou a se combinar livremente com o *te* em função dativa, derrubando qualquer possibilidade de evidência em favor de uma “uniformidade de tratamento”. Os exemplos comprovam as ocorrências dessa combinação:

- (12) Muito **te** agradeço tudo que Você fez por nossa irmasinha; coitada; tenho tanta pena; e isto de longe que seria vêr de perto como ella está. [28-11-1933]
- (13) Muitas penas passa minha alma – em um papelinho **te** conto e Você responde tambem não na carta, senão a parte. [01º-02-1948]
- (14) (...) eu fiquei triste de você brigar no escritório eu peço-**te** para ficares mais calmo, manda-me dizer por que você brigou com Senhor Mario. [22-09-1936]
- (15) eu escrevo para minha casa depois o Antoninho **te** entrega e de pois você rasga ou manda para mim. [19-01-1937]

Cumpre destacar ainda a elevação nos índices do sintagma preposicionado *a ti*. Esse aumento decorre de aspectos de ordem discursivo-pragmática e sintática presentes nas cartas do 3º período: nesse recorte temporal, concentra-se um número considerável de cartas amorosas, escritas principalmente pelo remetente JOS, da amostra do “Casal dos anos 1930”. É um traço característico do subgênero o tom lírico-romântico assumido pelo remetente, que marca uma posição de submissão/subserviência em relação ao destinatário. Dentre as estratégias sintáticas utilizadas para marcar essa relação entre o emissor e o receptor, figura o uso do sintagma preposicionado, nesse caso *a ti*, uma forma tônica usada em contextos de ênfase, contraste ou em estruturas topicalizadas. Portanto, tal variante seria favorecida nas cartas amorosas (i) discursiva e pragmaticamente, por ser uma estratégia que concede proeminência discursiva à figura do receptor, e (ii) sintaticamente, por ser uma

variante que pode ocorrer numa construção de tópico ou foco (diferentemente dos clíticos). Os exemplos a seguir ilustram essa explicação:

- (16) Minha querida só **a ti** é que pertence todo o meu amor, só de ti minha flor que eu espero todo o meu ideal, a esperança que brota de meu peito cresce de uma forma espantosa, envolvendo-nos e unindo-nos cada vez mais [22-09-1936]
- (17) e para ti minha flor recebe com amor muitos beijos deste teu apaixonado noivinho, que só **a ti** pertence. [05-10-1936]
- (18) Vivemos eternamente um para o outro, amando cada vez mais, esquecendo as dores de agora, o meu coração terá eternamente em teu peito batendo dando-te vida, e o teu viverá em meu peito dando-me vida e alento para continuar dedicando **a ti** todo o amor que mereces [16-03-1937]

4º período (1956-1980): generalização de você

4º período (1956-1980)	<i>te</i>	<i>zero</i>	<i>lhe</i>	<i>a você</i>	<i>para você</i>	TOTAL
Brandão	-	2	34	5	-	41
	-	4,9%	82,9%	12,2%	-	20,5%
Lacerda	15	27	1	3	3	49
	30,7%	55,1%	2,0%	6,1%	6,1%	24,5%
Cartas Cariocas	45	36	14	-	15	110
	41,0%	32,7%	12,7%	-	13,6%	55,0%
TOTAL	60	65	49	8	18	200
	30,0%	32,5%	24,5%	4,0%	9,0%	100%

Tabela 4. Distribuição das variantes dativas entre as amostras do 4º período (1956-1980).

São representativos do 4º período os dados da Família Brandão, da Família Lacerda e dos “cultos cariocas”. A combinação dos dados presentes nessas amostras proporciona um painel curioso quanto às ocorrências das variantes. Em primeiro lugar, o resultado peculiar na amostra de cartas da Família Brandão deve-se ao estilo excessivamente formal adotado na escrita do seu remetente, que se coloca, a todo tempo, em condição de respeito e apreço para com seu destinatário, o “embaixador”. Não por acaso, dessa amostra advém mais da metade dos dados do clítico *lhe* registrados para o período (69,4%, ou seja, 34 dos 49 dados dessa variante).

Em relação ao informante da Família Lacerda, um fato curioso: essa é a única amostra em que a frequência de objeto nulo (55,1%, isto é, 27 dos 49 dados) superou a frequência do clítico *te* (30,7%, ou seja, 15 dos 49 dados). Contabilizou-se, todavia, ao menos uma ocorrência de cada uma das cinco estratégias presentes no 4º período nos documentos desse informante.

Entre os dados extraídos das “cartas cariocas”, vê-se que o *te* persiste como estratégia preferida (41,0%, 45 dos 110 dados obtidos), seguido do objeto nulo (32,7%, 36 ocorrências). Os índices de *lhe* e *para você* são praticamente os mesmos. Os dados dessa amostra são os que mais se aproximam ao que pode ser encontrado atualmente na variedade carioca – falada e escrita –, em especial, naquela utilizada pelos indivíduos usuários da norma culta: um uso indiscriminado do clítico *te*, seguido do apagamento do dativo (objeto nulo); em menor escala, o emprego do clítico *lhe*, restrito a situações de maior formalidade, e do sintagma preposicionado *para você* (como um uso enfático ou expressivo, principalmente). Vejam-se alguns exemplos desse período:

- (19) O Academico Ministro Hermes Lima tambem está escrevendo suas memorias, devem sair este ano (...), si ele não **lhe** oferecer um livro, que aliás disse-me que ia **lhe** oferecer eu **lhe** enviarei. [20-04-1971]

- (20) (...) você pediu ao Roberto um retrato de Tio Martinho, Roberto prometeu mas nunca **lhe** deu, você contou isto ao Visconde, o Visconde escreveu-me e eu **lhe** enviei, um “negativo” por carta, você agradeceu, aí começou o “bate bola”. até hoje.
- (21) Quero saber o que se passa por essa cabecinha oca aí. O que voce pensa de mim agora? Peço **o** também respostas sinceras. [14-04-1977]
- (22) Fiquei preocupado quando disse que não recebeu ainda nenhuma outra carta, mas eu **o** mandei uma com algumas fotos minhas e com uma foto que gosto muito, de Guarapari na qual estava junto com voce. [15-08-1978]
- (23) Então **te** pergunto. Se você puder comprá-lo e me enviar, não seria mais barato? Ou melhor ainda, se você pudesse fotocopiá-lo (xerocá-lo) acho que seria ainda mais barato. [??-07-1983]
- (24) Há dois anos atrás se ele **te** proposse casamento você nem piscaria, garanto. [??-03-1982]

À primeira vista, seria possível pensar em uma redução do uso de *te*; entretanto, o que parece ter ocorrido, na realidade, foi um aumento na frequência das demais variantes. Parece que a orientação normativa em relação à uniformidade de tratamento é a grande responsável pelo “reaparecimento” expressivo dos clíticos *lhe* nas cartas do 4º período, já que as amostras são formadas por indivíduos com maior domínio sobre os modelos de escrita. Vale ressaltar que, ainda assim, entre os informantes das “cartas cariocas”, o *te* continuou sendo a forma mais frequente, revelando certa “imunidade” desta variante ao paradigma adotado para a função de sujeito (exclusivamente *tu*, exclusivamente *você* ou alternância *tu/você*). O *te* é uma marca legítima de 2ª pessoa do singular, sempre apresentou altos índices de uso e seu uso “não uniforme” não gera estigma social. Na combinação desses fatores pode estar a resposta para explicar “sobrevivência” de tal clítico no sistema pronominal do PB.

Além de analisar a distribuição e frequência das variantes dativas de 2SG, foram realizadas também análises multivariadas, através das quais se buscou correlacionar alguns fatores linguísticos e extralinguísticos ao fenômeno investigado. Tendo em vista o número de variantes relacionadas à variável dependente, optou-se por fazer rodadas binárias que contrapuseram o clítico *te* às demais formas menos produtivas, mas presentes na amostra. Tais análises parciais também se justificam pelo fato de o clítico *te* ter sido a variante majoritária em todos os grupos de fatores analisados. Ao todo, foram feitas três rodadas binárias: *te* vs. *objeto nulo*; *te* vs. *lhe* e *te* vs. *sintagmas preposicionados*. No primeiro caso, analisaram-se as duas formas mais produtivas no *corpus*; no segundo, foram confrontados os dois clíticos (o *te*, original de 2SG e o *lhe* que migrou da 3SG); por fim, contrapôs-se o clítico mais produtivo aos sintagmas preposicionados do paradigma de *tu* (*a ti*, *para ti*) e do paradigma de *você* (*a você*, *para você*)⁸.

Quanto às variáveis independentes, dois grupos de fatores foram correlacionados à variável dependente: a forma pronominal utilizada na posição de sujeito e o subgênero de carta particular.

O controle da variável forma pronominal utilizada na posição de sujeito tem como objetivo traçar um paralelo entre o sistema de 2SG predominante na posição de sujeito e as formas do complemento dativo, a fim de verificar se haveria ou não correlação no uso das estratégias nessas duas posições sintáticas. As possibilidades previstas por este grupo foram propostas em Lopes e Cavalcante (2011): remetentes com uso exclusivo do pronome *tu* como sujeito em uma mesma carta, remetentes com uso exclusivo de *você* como sujeito em uma mesma carta e remetentes com mescla de tratamento entre *tu* e *você* em uma mesma carta. A hipótese relacionada a esse grupo de fatores é que o uso do clítico *te* não seria condicionado pelas formas na posição de sujeito, visto que este apresenta uma produtividade significativa nos contextos de mescla de tratamento e mesmo nos contextos com uso exclusivo de *você*.

⁸ Embora se reconheça que, em alguns contextos sintáticos, o clítico *te* não constitui, no sentido laboviano, uma variante legítima dos sintagmas preposicionados, tal decisão metodológica respalda-se no fato de que, em sentido amplo, ambas as formas constituem variantes tratamentais, uma vez que estabelecem sempre referência à 2SG e, em um grande número de contextos, são intercambiáveis:

1. João **te** deu um presente João deu um presente **a ti / para ti / a você / para você**.
 2. As últimas notícias **te** interessam As últimas notícias interessam **a ti / para ti / a você / para você**.

A segunda variável controlada, subgênero de carta particular, tem como objetivo principal examinar se os subgêneros listados na seção 2 (carta pessoal, carta familiar e carta amorosa) condicionariam, de alguma maneira, o uso das formas de dativo. Por hipótese, supõe-se que as cartas amorosas favoreceriam o uso de formas relacionadas ao pronome *tu*, já que este subgênero traria consigo um traço lírico-romântico típico do discurso amoroso. Além disso, acredita-se que o clítico *lhe* tenha seu uso favorecido pelas cartas em que há menor grau de intimidade entre remetente e destinatário (nas cartas familiares e, principalmente, nas cartas pessoais).

A seguir, serão apresentados os resultados das rodadas binárias, com número de ocorrências, frequências e pesos relativos calculados com o auxílio do programa *GoldVarb-X*.

Variantes dativas mais produtivas: clítico te vs. objeto nulo

Na Tabela 5, apresenta-se o resultado da rodada binária entre o clítico *te* e o objeto nulo:

<i>Grupo de Fatores</i>	<i>Fatores</i>	<i>Nº/T</i>	<i>Frequência</i>	<i>P.R.</i>
Forma utilizada na posição de sujeito	Tu	194/229	84,7%	.525
	Você	85/165	51,5%	.417
	Tu/Você	184/234	78,6%	.595
Subgênero da carta pessoal	Pessoal	91/127	71,7%	.679
	Familiar	180/263	68,4%	.400
	Amorosa	193/255	75,7%	.512

Tabela 5. Análise multivariada das formas dativas *te* x \emptyset (Valor de aplicação: clítico *te*).

O resultado obtido para a variável *forma utilizada na posição de sujeito* demonstra que o clítico *te*, em oposição ao objeto nulo, é levemente favorecido pelas cartas em que há alternância entre *tu* e *você* na posição de sujeito, conforme indica o peso relativo de 0.595. Nas cartas em que há o uso exclusivo da forma *tu* na posição de sujeito, esse índice é ainda menor (0.525), o que pode indicar uma variação mais acentuada entre o preenchimento *versus* o não preenchimento do dativo nesse tipo de carta. Já nas cartas em que há o uso exclusivo da forma *você* na posição de sujeito, o peso relativo aponta para um desfavorecimento da estratégia clítica (0.417); nesse contexto, o dativo nulo seria favorecido. O exemplo a seguir traz uma ocorrência de dativo nulo extraído de uma carta em que há uso exclusivo do *você* na posição de sujeito:

- (25) E eu \emptyset peço que você não compre muito para as crianças que eu estou num esforço de valorizar o que eles têm. Se você me aparecer com muita coisa por aqui eu não vou deixar você lhes dar. Eles só saberão o valor das coisas se não as tiverem com total facilidade. [31-08-1980?]

Quanto ao *subgênero de carta particular*, os resultados revelam que as cartas pessoais parecem favorecer o emprego do clítico *te* (peso relativo: 0.679), em oposição ao objeto nulo. As cartas amorosas também favoreceram, em menor escala, o uso da variante clítica (0.512). As cartas familiares foram as que mais desfavoreceram o emprego do *te*, (peso relativo: 0.400). A variante nula, portanto, foi favorecida nesse subgênero. Uma possível explicação para esse resultado seria a natureza das relações entre remetente e destinatário nessas cartas e a neutralidade do objeto nulo (cf. BERLINCK, 2005): nas cartas familiares, predominam as relações assimétricas entre remetente e destinatário (pai e filho, tio e sobrinho etc). Assim, a natureza neutra do objeto nulo, que não encerra em si nenhum valor sociopragmático claro (intimidade ou formalidade, por exemplo), pode ter favorecido o uso dessa variante nesse tipo de carta em oposição ao clítico *te*, que, em vários contextos, pode exprimir intimidade ou proximidade entre remetente e destinatário (que é característica das cartas amorosas e pessoais, nas quais predominam relações simétricas). Os exemplos a seguir ilustram a ocorrência do clítico *te* e do dativo nulo em excertos de uma carta amorosa e de uma carta familiar, respectivamente:

- (26) Minha querida tu sabes perfeitamente que toda a oportunidade que posso aproveitar é somente para escrever ~~te~~, porque não me saes, um único segundo da lembrança (...) [16-03-1937]

- (27) (...) ficamos sabendo que você estivera doente, o que mamãe já desconfiava por falta de cartas suas. Estimamos que agora esteja bom e **o** pedimos notícias. [08-06-1917]

Sendo assim, pode-se dizer, com base nas frequências e nos pesos relativos encontrados na rodada binária, que o clítico *te* foi favorecido pelos subgêneros carta pessoal e carta amorosa, e quando o escrevente empregava exclusivamente *tu* ou alternava entre *tu* e *você* na posição de sujeito. Em contrapartida, os ambientes que se mostraram mais propícios ao emprego do objeto nulo foram: as amostras de cartas familiares e as cartas em que se empregava predominantemente *você* na posição de sujeito.

Variantes dativas de origens distintas: clítico te vs. clítico lhe

A Tabela 6 traz os resultados da rodada binária entre os clíticos *te* e *lhe*:

Grupo de Fatores	Fatores	Nº/T	Frequência	P.R.
Forma utilizada na posição de sujeito	Tu	194/195	99,5%	.942
	Você	83/158	52,5%	.028
	Tu/Você	184/191	96,3%	.598
Subgênero da carta pessoal	Pessoal	91/136	66,9%	.366
	Familiar	178/223	79,8%	.231
	Amorosa	193/195	99,0%	.853

Tabela 6. Análise multivariada das formas dativas *te* x *lhe* (Valor de aplicação: clítico *te*).

Os índices registrados quanto ao grupo *forma pronominal de 2SG empregada na posição de sujeito* são, em alguns casos, previsíveis, visto que o *te* é altamente favorecido nas cartas com uso exclusivo de *tu* na posição de sujeito (0.942), seguido das cartas com uso variável de *tu* e *você* como sujeito (0.598). Esses resultados são semelhantes ao que foi observado na rodada anterior, em que se opôs *tu* e objeto nulo. Dois índices, contudo, precisam ser analisados atentamente. Em cartas com uso exclusivo de *você* na posição de sujeito, o clítico *te* foi fortemente desfavorecido (0.028). Esse resultado parece ter sofrido influência das missivas do primeiro e quarto períodos: nas primeiras, há um uso do *você* ainda com caráter de pronome de tratamento; nas últimas, o uso “simétrico” do *você* com o clítico *lhe* aparece em cartas de remetentes com alto domínio dos modelos de escrita e que, portanto, parecem tentar seguir uma uniformidade de tratamento:

- (28) Anexo mando **lhe** uma carta de Hélio Tellegrino e gostaria que você refletisse sobre o que ele fala, tá? [??-03-1982]
- (29) Você disse que encontrou com o Pieroni, não é? Devo **lhe** confessar que sinto um carinho muito grande por ele. [??-03-1982]

Os resultados para o grupo *subgênero de carta particular* demonstram que, nas cartas amorosas, o clítico *te* foi bastante favorecido frente ao clítico *lhe*, como indica o peso relativo de 0.853. Já nas cartas familiares e pessoais, embora tenham sido registrados percentuais de frequência consideravelmente altos (79,8% e 66,9%, respectivamente) para o clítico *te*, tal variante foi desfavorecida, conforme sinaliza o peso relativo de 0.231 para as cartas familiares e de 0.366 para as cartas pessoais. Sendo assim, nestes subgêneros, o emprego do clítico dativo *lhe* foi favorecido: dos 92 dados de clítico *lhe*, apenas 2 foram registrados em cartas amorosas; os outros 90 dados dividem-se igualmente entre as cartas pessoais e familiares.

No que se refere às assertivas de Gomes (2003) e de outros estudiosos que afirmam que, no dialeto da área do Rio de Janeiro, o pronome *lhe* teria adquirido caráter de formalidade, os resultados obtidos nessa rodada parecem sustentar essa hipótese: na área do Rio de Janeiro, o clítico *lhe* sempre deteve um traço sociopragmático associado à formalidade. Percebe-se que, em diversas cartas familiares e pessoais, remetentes e destinatários de

diferentes décadas (i) não possuíam alto grau de intimidade, ou (ii) tratavam de assuntos financeiros e/ou políticos que exigiam um tom de seriedade na escrita. Um número expressivo de clítico *lhe* aparece nesses casos, motivados pelo caráter [+formal] dessa variante. Os exemplos abaixo ilustram essas ocorrências:

- (30) Alarico Land Avellar para o pai: Bom é, todavia, que ele se lembre que já possuo 5/7 do negócio e que, de nenhum modo, me fará de tolo. Agora, em vez de histórias do José, peço-**lhe** que procure o rapaz e fale-**lhe** diretamente, pondo o negócio em pratos limpos. [09-09-1916]
- (31) Anna Espínola ao primo Cupertino: Já tive notícia de ter João recebido os 100\$, o que de novo **lhe** agradeço. Porém o que ainda não sei é que quantia Maninha estregou-**lhe**, porque eu mandei dizer a ela que entregasse 200\$. Peço-**lhe** que me responda sobre isto e também me diga quanto **lhe** devemos das duas publicações que o Espinola mandou fazer. [14-11-1874]
- (32) Francisco Soares Brandão ao “Embaixador”: (...) não ofereça, mais livros, venda, na certa não **lhe** escrever, mostrando interesse em possuir o livro, não ofereça diga que está a venda em tal livraria e envie o endereço (...). [25-06-1972]

Em suma, analisando especificamente as formas clíticas de dativo de 2SG presentes no *corpus* (clítico *te* vs. clítico *lhe*), observou-se que a variante *te* foi favorecida nas cartas em que se utilizava somente o pronome *tu* na posição de sujeito e naquelas em que havia alternância entre *tu* e *você* na posição de sujeito. Além disso, as cartas amorosas favoreceram mais intensamente o uso dessa variante. Por outro lado, constatou-se que o emprego do clítico *lhe* foi propiciado pelas cartas familiares e pessoais e naquelas em que se empregava majoritariamente *você* em posição de sujeito.

Variantes conservadoras e inovadoras: clítico te vs. sintagmas preposicionados

Apresenta-se, na Tabela 7, o resultado da rodada binária entre o clítico *te* e as formas dativas preposicionadas. Como mencionado em linhas anteriores, o intuito dessa rodada era opor a variante mais frequente na amostra (*te*) aos sintagmas preposicionados que, de maneira geral, apresentaram baixa frequência de ocorrência. Apesar das notáveis diferenças estruturais existentes entre essas variantes, optou-se por confrontá-las a fim de identificar possíveis fatores linguísticos e extralinguísticos que favoreceriam uma estratégia em detrimento de outra. O resultado da rodada é exposto abaixo:

Grupo de Fatores	Fatores	Nº/T	Frequência	P.R.
Forma utilizada na posição de sujeito	Tu	194/211	91,9%	.733
	Você	85/120	70,8%	.147
	Tu/Você	184/205	89,8%	.500

Tabela 7. Análise multivariada das formas dativas *te* x *sintagmas preposicionais* (Valor de aplicação: clítico *te*).

Em primeiro lugar, cabe destacar que, nesta rodada, a variável *subgênero de carta particular* não foi significativo estatisticamente, fato que justifica a análise apenas da *forma pronominal utilizada na posição de sujeito*. Em relação a esta variável independente, observa-se que o clítico *te* registrou um peso relativo elevado nos contextos em que há o uso exclusivo de *tu* (0.733). Nos contextos em que há o uso exclusivo do pronome *você* na posição de sujeito, o emprego da variante *te* é desfavorecido em termos do seu peso relativo (0.147).

Esse resultado parece evidenciar que, nas cartas em que há o uso exclusivo do *você* na posição de sujeito, outras formas variantes diferentes do clítico *te* ganham espaço para representar o dativo de 2SG. Nesse caso, os sintagmas preposicionados foram favorecidos nos documentos analisados.

Outro índice de peso relativo que merece comentário é o verificado para a mescla de tratamento na posição de sujeito: nesse contexto, a variante *te* registra 0.500, ou seja, exatamente 50% de chances de ocorrer. À primeira vista, isso parece não significar muito; porém, vale lembrar que, no binário *te* x *Sintagmas preposicionados*, opõe-se o clítico a quatro variantes (*a ti, para ti, a você e para você*). Assim sendo, o peso relativo observado sinaliza que, nas

cartas em que há alternância entre *tu* e *você* na posição de sujeito, a variação na expressão do dativo também se mostra mais intensa, com as diferentes variantes em competição.

Considerações finais

Com base nos resultados obtidos pela análise empreendida acerca da representação da 2ª pessoa do singular na posição de dativo em cartas particulares escritas entre as décadas 1880 e 1980 por cariocas e fluminenses, é possível sumarizar alguns aspectos sobre o assunto.

Primeiramente, é preciso sublinhar a importância da Sociolinguística histórica dentro desse estudo. Dada a natureza e especificidade do *corpus* histórico, seria inviável analisar os dados obtidos a partir de fatores como gênero, faixa etária ou classe social, pois as informações disponíveis para informantes do passado são, em geral, incompletas, fragmentárias e escassas. Em contrapartida, a análise da variação em perspectiva histórica torna-se factível se se conjuga aos princípios teóricos da sociolinguística laboviana os procedimentos metodológicos propostos pela sociolinguística histórica. Assim, foi possível observar a dinâmica das variantes de dativo de 2SG na diacronia carioca/fluminense.

Verificou-se que o clítico *te* era, de fato, a forma pronominal de complemento dativo mais frequente na escrita dos informantes da diacronia estudada. Um fato curioso que pôde ser evidenciado na análise dessa variante foi sua “aparente imunidade” à estratégia utilizada na posição de sujeito. Isso significa dizer que, independentemente do subsistema de tratamento empregado nessa posição – exclusivamente *tu*, exclusivamente *você* ou mescla entre *tu* e *você* –, o clítico *te* ocorria e com produtividade relativamente alta em quase todas as amostras apreciadas, podendo combinar-se com o pronome *você*.

Outra constatação feita em nossa pesquisa diz respeito ao objeto nulo. Conforme indicaram os resultados quantitativos, esta parece sempre ter sido a segunda variante de complemento dativo mais empregada. Além disso, os dativos nulos sofrem uma elevação de frequência notável após os anos 1930, ou seja, no período indicado pelos estudiosos em que a forma *você* começa a ser utilizada em textos escritos com estatuto de pronome pessoal.

O clítico *lhe* figurou no *corpus* analisado como uma variante de frequência irregular, cujo uso apareceu extremamente condicionado a variáveis de ordem linguística e extralinguística. A referida estratégia não sofreu aumento significativo de recorrência após a gramaticalização do *você*. Dito de outro modo, o pronome *você*, ao passar a ser utilizado como pronome pessoal, não trouxe consigo em grande intensidade a forma *lhe* para referência à 2ª pessoa do singular. Esta atua como dativo na escrita carioca/fluminense em contextos bem definidos, associado, principalmente, a cartas com menor grau de intimidade entre remetentes e destinatários conferindo caráter de formalidade.

Os sintagmas preposicionados registraram baixos índices de frequência em todos os períodos analisados. Sendo assim, percebeu-se que as três estratégias de realização do dativo – clítico, objeto nulo e sintagma preposicionado – apresentam uma organização estrutural diferente daquela observada para os complementos de 3SG, em que os índices das formas preposicionadas superam os índices dos clíticos (cf. FREIRE, 2000, 2005). Além disso, é interessante observar, ao longo do século investigado, o desaparecimento gradual de *a/para ti* seguido da emergência de *a/para você* na variedade do Rio de Janeiro.

No âmbito discursivo, constatou-se que os subgêneros do gênero carta particular influenciaram diretamente a ocorrência das variantes. De maneira geral, os resultados indicaram que o clítico *lhe* relaciona-se diretamente ao baixo grau de intimidade entre missivista e destinatário e, por isso, foi mais frequente em cartas trocadas entre amigos ou pessoas próximas dentro de um dado círculo de convivência social. Por outro lado, os sintagmas preposicionados *a/para ti* foram registrados, em sua grande maioria, nos dados extraídos das cartas amorosas, com um traço lírico-romântico marcante.

A uniformidade de tratamento não se revelou, na amostra, como uma realidade linguística concreta na escrita epistolar de fins do século XIX e quase todo o século XX. Encontra-se, em boa medida, a combinação *Você*-sujeito com *te*-dativo nos dados de indivíduos com diferentes graus de domínio de escrita (inclusive entre os “cultos”). Sendo assim, adotando os resultados dessa pesquisa, não haveria uma motivação/herança de cunho histórico para a preservação nos compêndios gramaticais e escolares de lições nas quais é prescrito o uso uniforme dos pronomes de referência à segunda pessoa.

Referências bibliográficas

- BERLINCK, R. A. O Objeto indireto no português brasileiro: um estudo diacrônico. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et al. (Orgs.). *Estudos de linguística histórica do português*. Araraquara: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2005. p. 123-139.
- _____. The Portuguese dative. In: VANBELLE, N.; VAN LANGENDONCK, N. (Eds.). *Case and grammatical relations across languages*. The dative. v. 1. Descriptive Studies. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996. p. 119-151.
- BRITO, O. R. M. de. "Faça o mundo te ouvir". *A uniformidade de tratamento na história do português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2001.
- CALLOU, D.; BARBOSA, A. (Orgs.). *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011.
- CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.
- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio 'Evite pronome' no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- ELSPASS, S. The Use of Private Letters and Diaries in Sociolinguistic Investigation. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 156-169.
- FREIRE, G. C. *A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- _____. *Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- GOMES, C. A. Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. (Orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003. p. 81-96.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; SCHILLING, Natalie. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 63-79.
- KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Oralidad y escrituralidad a la luz de la Teoría del Lenguaje. In: _____. *Lengua Hablada en La Rumania: español, francés, italiano*. Madrid: Editorial Gredos, 2007. p. 20-42.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford & Cambridge: Blackwell, 1994.
- LOPES, C. R. dos S. O quadro de pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. *Matraga*, v. 19, n. 30, p. 116-141, 2012.
- _____. Tradição e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais no início do século XX. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP, São José do Rio Preto), v. 55, p. 361-392, 2011.
- _____.; CAVALCANTE, S. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Revista Lingüística* (Madrid), v. 25, p. 30-65, 2011. Disponível em: <http://www.linguisticalfal.org/25_linguistica_030_065.pdf>. Acesso em 03 set. 2013.
- MACHADO, Ana Carolina Morito. *As formas de tratamento no teatro brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- _____. *A implementação de "você" no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- PAREDES SILVA, V. L. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

PEREIRA, R. de O. *O tratamento em cartas amorosas e familiares da família Penna: um estudo diacrônico*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

RUMEU, M. C. de B. *Língua e Sociedade: a história do pronome “Você” no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

_____. *A implementação do ‘você’ no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

_____. *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, E. N. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, P. F. *O Tratamento no Início do Século XX: Uma análise sociopragmática das cartas da família Land Avellar*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SOUZA, J. P. F. de. *Mapeando a entrada do Você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

VAN HOECKE, W. The Latin dative. In: VAN BELLE, W.; VAN LANGENDONCK, W. *The dative*. v. 1: Descriptive studies. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 3-37.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, [1968] 2006.

A variação *teu/seu*: um estudo diacrônico e sincrônico

The "teu/seu" variation: a diachronic and synchronic study

Recebido em 08 de maio de 2015. | Aprovado em 15 de junho de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i1.178>

Rachel de Oliveira Pereira¹

Resumo: O presente trabalho orienta-se para o estudo da forma possessiva *teu* em oposição à forma *seu*, através de duas perspectivas: na diacronia e na sincronia. Para a análise diacrônica, observa-se a utilização das estratégias possessivas em cartas pessoais de diferentes famílias datadas de 1870 a 1980. No total foram utilizadas 143 cartas para compor o *corpus*, no entanto, com o intuito de fazer uma análise mais confiável, tais cartas foram divididas em torno de 10 cartas por década. Na análise sincrônica, observou-se a variação entre as formas possessivas através de esquetes do canal "Porta dos Fundos". Desta maneira, busca-se descrever a utilização dessas formas, observando seus usos de acordo com a situação comunicativa estabelecida, através dos padrões discutidos pela teoria do Poder e Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960). O estudo também leva em conta os pressupostos teóricos da teoria variacionista quantitativa laboviana (LABOV, 1994), visando identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que determinam o uso dos pronomes possessivos referentes à segunda pessoa do singular. Em síntese, este estudo preliminar aponta que as formas possessivas tendem a acompanhar o comportamento do sujeito na diacronia e que o possessivo *seu*, aparentemente, possui um comportamento polifuncional.

Palavras-chave: pronomes possessivos; variação; diacronia; sincronia; *teu/seu*.

Abstract: The current work is oriented towards the study of the possessive form "teu" in opposition to the form "seu", through two viewpoints: in diachrony and in synchrony. Regarding the diachronic analysis, the use of possessive strategies is observed in personal letters from different families dated from 1870 to 1980. In total, 143 letters were used to compose the *corpus*, however, to conduct a more reliable analysis, the letters were divided into 10 letters per decade. Regarding the synchronic analysis, the variation between possessive forms was observed through sketches from the show "Porta dos Fundos". In this manner, we seek to describe the use of these forms, noting their uses according to the communicative situation established by the standards discussed in the theory of Power and Solidarity (BROWN; GILMAN, 1960). The study also takes into account the theoretical assumptions of quantitative theory variationist Labovian (LABOV, 1994), aiming to identify the linguistic and extralinguistic factors that determine the use of pronouns of possessive pronouns referring to the second person singular. In summary, this preliminary study suggests that the possessive forms tend to track the subject's behavior in the diachronic and the possessive "seu" apparently has a multi-functional behavior.

Keywords: possessive pronouns; variation; diachronic; synchronic; "teu/seu".

¹ Doutoranda em Língua Portuguesa, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Bolsista do CNPq. oliveira.rpereira@gmail.com

Introdução

É possível afirmar que, nos últimos anos, a alternância entre *tu/você*, como estratégia de referência ao interlocutor, tornou-se objeto de diferentes estudos sincrônicos e diacrônicos. De acordo com tais estudos, o pronome *tu* configurou-se como a estratégia mais recorrente entre os séculos XIX e início do XX, ocorrendo preferencialmente nulo nas relações de maior intimidade entre homens. A forma *você*, por outro lado, entre os séculos XVIII e XIX, passou por um processo de gramaticalização, sendo empregada como sujeito pleno, principalmente em cartas femininas ou em relações que conferiam menor intimidade entre os participantes (RUMEU, 2008). Segundo Souza (2012), em estudo sobre a variação entre *tu* e *você* especificamente na posição de sujeito, a forma *você* teria suplantado o pronome *tu* a partir da década de 1930.

Interessante comentar que os trabalhos diacrônicos mostraram que a forma *você*, por ser oriunda do pronome de tratamento *Vossa Mercê*, ora comportava-se como uma variante do pronome *tu* (exemplo 01), ora era empregada em contextos de maior distanciamento entre os interlocutores, também sendo utilizada para amenizar pedidos e ordens (exemplo 02), como se vê a seguir:

- (01) Talvez **você** | lhe preste bom serviço | ficando ahi mais tem- | po para ver o que ha a | respeito, escrever lhe sem- | pre dando noticias emfim | com o seu tino e amabilida- | de **podes** perceber o que | há é preciso cuidado que | sabem iludir a gente; as- | sim **prestarás** bom serviço | a Papai que muito precisa | e que nos quer tanto bem. | **Você** ahi é pessoa amiga | dedicada de toda confian- | ça de Papai e isso nos va- | le muito e muito agora. (Carta de Maria Guilhermina Penna a Affonso Penna Júnior em 16/11/1908)
- (02) (...) não **tenhas** man | dado o que me **disseste** doaria a Camara | para ser collocada no lugar de honra seria | bom que no dia 7, **voce** vissi e não podendo | talvez o Amarilio com algum companheiro | que [*pudessi*] discursar e fazer propaganda eu | mandaria a condução. (Carta de Manuel Penna a Affonso Penna Júnior, em 24/08/1909)

Os estudos sincrônicos corroboram os resultados encontrados em tais estudos diacrônicos, mostrando que o pronome *tu*, mesmo tendo sido suplantado pela forma *você*, quando aparece na fala, como descreve Maia (2012, p. 122), geralmente é encontrado em informantes masculinos, que o utilizam “em atos de fala mais solidários e diretos, sinalizando certeza, ordem e obrigação”. Já a forma *você* continua sendo mais produtiva na fala feminina, por ser “menos marcada socialmente” (MAIA, 2012, p. 122). Seu emprego ocorre com maior profusão “em atos de fala neutros e/ou menos ameaçadores ao interlocutor, quando se quer indicar uma possibilidade ou quando se faz um aconselhamento” (MAIA, 2012, p. 122).

Além disso, estudos sincrônicos como o de Vargas (2010) mostram que a forma *você* também é utilizada, a partir da década de 1970, como uma estratégia bastante expressiva de indeterminação do sujeito, como comenta o cronista João Ubaldo Ribeiro, que critica, justamente, o fato da forma *você* ser utilizada não somente como uma estratégia de referência ao interlocutor, mas também como uma forma para não se referir a um sujeito específico:

Não pretendia voltar a escrever sobre como a língua vai mudando, por não se quer ser chamado de velho caturra, mas esta semana (ou, segundo a atual usança, “nesta semana”), (...) outra usança: estabeleceu-se o “você”, no lugar do nosso bem mais respeitável “se”. Agora não se faz mais nada, é você quem faz. Por exemplo, a afirmação “deve-se checar” é substituída por “você deve checar”. De novo, só se ouve falar assim e de novo temo que se transforme em regra, até porque você escuta muito isso dos próprios professores e você sabe que, quando, você aprende algo na infância, você nunca esquece e aí você usa na vida o que você aprende na escola. (*O Globo*, 7 de Junho de 2009 *apud* Vargas 2010, p. 11)

Nesse sentido, todos os estudos feitos até então permitem que se afirme que a entrada do pronome *você* no quadro de pronomes do português brasileiro provocou um verdadeiro redesenho das formas pronominais e verbais, configurando morfológica e sintaticamente o português moderno. Lopes e Marcotulio (2013) vão ainda mais além e afirmam que as formas acusativas (complemento direto) e dativas (clíticos dativos ou sintagmas preposicionados pelas preposições *a* ou *para*) são os contextos em que mais se mantém

as formas originais do paradigma de *tu*. Por outro lado, as formas oblíquas (complementos de preposições) e genitivas (possessivos) estão mais propensas à implementação das formas ligadas ao paradigma de *você*.

Assim, fazem-se necessários mais estudos sobre a variação existente em outros contextos morfossintáticos, com a finalidade de ampliar o entendimento sobre a variação no tratamento do português brasileiro². Lopes e Marcotulio (2013, p. 12) comentam que as formas genitivas, isto é, os pronomes possessivos possuem comportamento diferenciado dos demais pronomes, uma vez que “formas acusativas e dativas do paradigma de *você* tendem a ter implementação nula ou limitada; por outro lado, a forma genitiva *seu* mostra uma alta taxa de produtividade”. Dessa maneira, o presente estudo objetiva analisar a variação existente entre as formas simples de pronomes possessivos, isto é, *teu/tua/seu/sua* diacrônica e sincronicamente, buscando explicar o que faz a forma possessiva *seu/sua* ter um comportamento diferenciado.

Para a realização deste trabalho, pretende-se realizar duas etapas distintas de análise da variação possessiva. Primeiro, será realizado um estudo de longa duração (1870 a 1980), com base em cartas pessoais, verificando os contextos linguísticos e extralinguísticos que influenciam na variação entre os pronomes possessivos referentes à segunda pessoa. Em um segundo momento, analisar-se-á a distribuição das formas possessivas na atual sincronia a partir da análise de filmes, roteiros e diálogos do projeto NURC. Para tanto, a análise quantitativa e qualitativa dos dados baseia-se nos pressupostos da sociolinguística variacionista (LABOV, 1994; WEINREICH; HERZOG; LABOV, 1968). No entanto, como os trabalhos que verificavam a variação no sujeito já mostraram que, a depender do contexto e da situação comunicativa, o emprego pronominal pode mudar, tal hipótese também será levada em consideração para analisar a variação das formas possessivas. Dessa forma, a variação das formas *teu/seu* também será analisada a partir da ótica da teoria de Poder e Solidariedade proposta por Brown e Gilman (1960).

Assim sendo, o presente estudo possui duas hipóteses norteadoras. A primeira é a de que se acredita que a variação encontrada nos pronomes possessivos comporta-se de maneira similar aos resultados encontrados no que concerne à variação observada no contexto morfossintático de pronome reto e verbo-não imperativo, ou seja, sujeito pleno e nulo, respectivamente. Dessa maneira, acredita-se que o possessivo *seu* acompanha a entrada da forma *você* no quadro pronominal. Assim, supõe-se que alguns dos contextos linguísticos, como o paralelismo formal, e extralinguísticos, a exemplo do período histórico e a simetria entre a relação estabelecida entre os interlocutores, que regem a variação entre *você* e *tu* na posição de sujeito, serão os mesmos observados na variação dos pronomes possessivos.

Por outro lado, a outra hipótese de estudo é a de que o possessivo *seu/sua*, por estar relacionado à forma *você*, teria o mesmo comportamento polifuncional do pronome pessoal correspondente, isto é, ora seria empregado como variante do possessivo *teu/tua*, ora seria empregado em contextos comunicativos que distanciam os interlocutores e ora não se configuraria como, de fato, um pronome possessivo prototípico, ou seja, relacionando-se a posses genéricas, estando dessa maneira relacionado à indeterminação do sujeito a que o pronome *você* se refere.

1. Pressupostos teóricos e metodológicos

1.1 - A Teoria da Variação e os fatores sociais

O final da década de 1960 constitui-se como um momento de virada para a linguística, uma vez que é nesse período que começam a surgir os primeiros trabalhos sociolinguísticos e, com isso, uma mudança significativa com relação ao conceito de língua e ao objeto de estudo da Linguística. Nesse sentido, o estudo proposto por Weinreich, Labov e Herzog (1968) acabou por revolucionar as correntes linguísticas existentes até então, já que a heterogeneidade passou a ser considerada como uma característica inerente a qualquer língua, sendo esta suscetível às pressões sociais, o que, claramente, comprometia o estudo da língua fora de seu contexto social. Tal visão contrariava correntes anteriores a este estudo, como o estruturalismo e o

² Destacam-se os estudos de Oliveira (2014), Souza (2014), Rumeu (2013) Marcotulio (2012) e Lopes e Cavalcante (2011) que mostram as reorganizações pelas quais passaram as formas acusativas, dativas, oblíquas e genitivas.

gerativismo, que concebiam a língua por ela mesma, como uma estrutura abstrata, passando a desconsiderar o que fosse distinto desse objeto de estudo.

Labov (1972, p. 197) critica arduamente a língua abstrata de Saussure e seus seguidores, como Chomsky, que não considerava os fatores sociais importantes para a mudança linguística, como fica claro no fragmento abaixo:

Por esta razão, a Escola de Genebra saussuriana é freqüentemente mencionada como a escola “social” da lingüística. (...) No entanto, de modo bastante curioso, os lingüistas que trabalham dentro da tradição saussuriana (e isso inclui a grande maioria) não levam em conta de modo nenhum a vida social: trabalham com um ou dois informantes em seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento de *langue*. Além disso, insistem em que as explicações dos fatos lingüísticos sejam derivadas de outros fatos lingüísticos, não de quaisquer dados “externos” sobre o comportamento social.

Autores como Mollica (2003), por exemplo, defendem que seria impossível desvincular a língua de sua função sociocomunicativa. Portanto, na concepção da autora, entende-se que a sociolinguística age nas fronteiras entre a língua e a sociedade, com foco principal nos empregos concretos da língua. Assim, tem-se a percepção de que todas as línguas humanas possuem a mudança como característica inerente e essencial, sendo assim, heterogêneas e dinâmicas.

Desse modo, é possível definir a sociolinguística, em sentido mais abrangente, como uma subárea da Linguística responsável por estudar a língua aliada a aspectos sociais, ou seja, analisando a correlação entre os aspectos linguísticos e sociais. Nesse sentido, na sociolinguística, todas as línguas são inerentemente dinâmicas e heterogêneas, ou seja, variáveis. Assim, o maior objeto de estudo da sociolinguística é a variação, já que, como afirma Mollica (2003, p. 10), a mesma é entendida “como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”. Desta forma, na sociolinguística, acredita-se que a variação é desencadeada tanto por fatores estruturais como também sociais. É necessário, portanto, entender a sociolinguística como afirmou Calvet (1993, p. 12): “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”.

Dessa forma, utilizar a sociolinguística para a realização do presente estudo é fundamental, uma vez que a escolha tratamental pelos falantes é devido aos valores que cada forma pode assumir na interlocução. Nesse sentido, fatores linguísticos atuam fortemente na variação existente nas formas possessivas, uma vez que se acredita que o contexto em que o pronome está inserido pode influenciar nas escolhas linguísticas feitas pelo falante.

No entanto, não se pode desconsiderar o valor que a interação social tem nas escolhas linguísticas realizadas pelos falantes. Assim, acredita-se que, dependendo do contexto e da situação comunicativa, o tratamento ao interlocutor pode variar. Por isso, analisar a variação entre pronomes possessivos de segunda pessoa apenas pela ótica da Teoria da Variação não é suficiente para analisar o fenômeno linguístico, fazendo-se necessário observar a variação *teu/seu* no âmbito, também, da pragmática, que será brevemente mostrada a partir de agora.

1.2 - O casamento de duas teorias: a sociopragmática

Segundo Marcondes (2008), o emprego do termo *pragmática* deu-se por Charles Morris e Mario Bertolini, em 1938, sendo definida como a relação entre a linguagem e seus falantes. Entretanto, a corrente linguística evoluiu passando a ser definida como o estudo da linguagem em seu contexto de uso, ou seja, a comunicação, a utilização concreta da língua. Nesse sentido, a significação linguística é entendida como a interação existente entre falante e ouvinte, no contexto da fala, considerando os elementos socio-culturais em uso, assim como os seus objetivos e conseqüências.

Vidal (2002), em trabalho sobre os conceitos básicos da pragmática, afirma que um dos principais pontos de interesse da pragmática seriam os princípios que regulam o uso da linguagem na comunicação, isto é, as circunstâncias que influenciam o emprego de determinado emprego concreto por um falante em determinada situação comunicativa, assim como a interpretação que o destinatário tem. A pesquisadora comenta sobre a pragmática:

La pragmática es, por tanto, una disciplina que toma en consideración los factores extralingüísticos que determinan el uso del lenguaje, precisamente todos aquellos factores a los que no puede hacer referencia un estudio puramente gramatical: nociones como las de *emisor*, *destinatario*, *intención comunicativa*, contexto verbal, *situación* o *conocimiento del mundo* van a resultar de capital importancia.³ (VIDAL, 2002, p. 13)

Nesse sentido, o estudo das formas de tratamento ganha destaque, uma vez que a maneira como os interlocutores se tratam na interação verbal pode significar a escolha de uma forma tratamental em detrimento de outra. Entretanto, tal escolha só é explicada através de um estudo minucioso das diferentes situações comunicativas em que essas formas aparecem, tentando esclarecer as intenções mais diversas dos interlocutores.

Assim, com o intuito de efetuar um estudo sobre as diferentes estratégias possessivas de referência à segunda pessoa, é importante que uma cuidadosa averiguação das relações estabelecidas entre os participantes da situação comunicativa seja realizada. Dessa forma, objetivando entender tais relações, faz-se necessário discutir algumas teorias de base pragmática e os limites para a análise em questão, como a dicotomia poder e solidariedade, de Brown e Gilman (1960) e a teoria da polidez, proposta por Brown & Levinson (1987), aliando-as aos preceitos da sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

Brown e Gilman (1960), no trabalho *The pronouns of Power and Solidarity*, analisam as regras de tratamento regentes em vinte diferentes línguas, quase todas de origem indo-europeia. Os autores concluem que a escolha das estratégias de tratamento à segunda pessoa do discurso é regulamentada por relações denominadas de poder e solidariedade. Segundo essa proposta, essas relações estariam presentes em todas as formas de interação entre os interlocutores.

Assim sendo, o conceito de *poder* é definido como o domínio que uma pessoa exerce sobre outra em determinada situação comunicativa. Dessa forma, para que seja estabelecida uma relação de poder, faz-se necessária a interação de pelo menos duas pessoas e que a relação entre elas não seja simétrica, uma vez que os participantes não podem ter poder na mesma área de comportamento. Dessa maneira, percebe-se que o poder está presente em relações assimétricas.

Na contramão da relação de poder, em que a hierarquia é importante para que se entenda a assimetria de tratamento, a *solidariedade* pressupõe um mesmo nível hierárquico decorrente de relações sociais simétricas.

A teoria da polidez, idealizada por Brown e Levinson (1987), é outra teoria bastante utilizada. Segundo os autores, em uma situação comunicativa, os participantes possuem duas propriedades básicas que podem explicar seu comportamento no que tange a interação. A primeira propriedade é denominada de *racionalidade* e, de acordo com ela, cada indivíduo possui um modo de raciocinar que pode ser definido de modo preciso e que o conduz aos meios necessários para chegar aos fins a que deseja alcançar. A segunda propriedade é a imagem pública que cada indivíduo constrói para si próprio, buscando manter o prestígio no meio social em que se vive. A imagem pública possui duas vertentes: a face positiva e a negativa. A primeira consiste na personalidade (imagem) desejada pelos interactantes, ou seja, a maneira como os indivíduos desejam ser vistos pela sociedade. A face negativa, por outro lado, está relacionada ao território, ao direito de sofrer perturbação, à preservação pessoal, o que remete à liberdade de ação e liberdade para não sofrer imposição por parte dos outros.

Na concepção dos autores, qualquer ato de fala pode ser considerado uma ameaça à face do interlocutor, pois a imagem pública é muito vulnerável e a interação é apenas um esforço para preservá-la. Dessa maneira, as estratégias de polidez são utilizadas para reforçar a imagem positiva do emissor e interlocutor, garantindo a harmonia do processo interacional. Quando há uma estratégia que suaviza a

³ A pragmática é, portanto, uma disciplina que toma em consideração os fatores extralingüísticos que determinam o uso da linguagem, precisamente todos aqueles fatores aos quais não se pode fazer referência a um estudo puramente gramatical: noções como as de *emissor*, *destinatário*, *intenção comunicativa*, contexto verbal, *situação* ou *conhecimento de mundo* vão resultar de grande importância. Tradução nossa.

imposição de um ato que ameace a face positiva do interlocutor, tem-se um caso de polidez positiva, e quando esse ato ameaça a face negativa, a estratégia utilizada é a polidez negativa.

Assim, acredita-se que, no que se refere aos pronomes possessivos, a proteção da face estaria ligada ao emprego que o falante faz do pronome. Isso é: em contextos discursivos em que haveria a possibilidade de ferir a face do outro, seriam utilizadas estratégias para amenizá-la, como, por exemplo, o emprego de uma forma tratamental mais respeitosa. Dessa forma, não é possível dissociar a variação *teu/seu* do seu contexto de uso.

A partir de agora explicar-se-á um pouco sobre o *corpus* que servirá de base para a pesquisa. Pretende-se explicar os motivos pelos quais se faz necessária uma amostra completamente diversificada.

1.3 - Descrição do *corpus*: a necessidade de uma amostra diversificada

O estudo que se pretende fazer sobre a utilização dos possessivos de segunda pessoa será realizado diacrônica e sincronicamente, uma vez que a literatura linguística carece de estudos mais amplos e descritivos sobre o tema.

Partindo de tal princípio, optou-se por observar o emprego dos pronomes possessivos, na diacronia, em cartas pessoais, que vão dos anos de 1870 a 1980 e totalizam 143 cartas⁴. O estudo de Pereira (2012) mostra a importância de dividir e delimitar bem o *corpus*, já que o mesmo pode, muitas vezes, ser o responsável pela variação tratamental encontrada, dependendo do caráter mais íntimo e pessoal estabelecidos entre remetente e destinatário. Tendo isso em vista, o tipo de carta também será controlado para que os resultados sejam analisados da maneira mais idônea possível.

Nesse sentido, apesar do *corpus* possuir mais de 300 cartas, para a realização da análise piloto, foram selecionadas apenas 10 cartas de cada década. Além disso, é importante ressaltar que o material não está distribuído de maneira igualitária, isto é, há décadas com mais de 100 cartas, enquanto outras que não chegam a 20 missivas. Com a intenção de não enviesar a análise, optou-se por não utilizar todas as cartas da amostra, visto que algumas décadas terão mais material do que outras. Por isso, pensou-se em um número de cartas mais ou menos próximo para cada década: em torno de 30 cartas. A tabela a seguir ilustra a distribuição das cartas selecionadas para a realização desse estudo, baseada em Oliveira (2014):

<i>Década</i>	<i>Título da amostra</i>	<i>Número de documentos analisados</i>
1870 - 1940	Família Pedreira Ferraz - Magalhães	39
1870 - 1880	Família Ottoni	5
1870 - 1890	Família Cupertino do Amaral	11
1880 - 1910	Família Oswaldo Cruz	7
1890 - 1920	Família Penna	11
1990 - 1910	Família Land Avellar	5
1930	Casal dos Anos 30	4
1940 - 1950	Família Washington Luís	15
1960 - 1970	Família Brandão	20
1970 - 1980	Cartas Cariocas	26

Quadro 1. A distribuição do *corpus* diacrônico.

⁴ Deve-se destacar que tal número corresponde às cartas utilizadas para se fazer a análise piloto. Para a tese propriamente dita não há número fechado de cartas por família, mas sim, número de dados por década estudada. Material disponível em <<http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico/>>.

É importante ressaltar que o estudo também objetiva observar a variação entre os possessivos de segunda pessoa na atual sincronia. No entanto, a tarefa de dar prosseguimento à pesquisa através de cartas pessoais mostrou-se impossível, já que não foram encontradas cartas posteriores à década de 1980 e, com o advento da internet e da troca de e-mails, mais difícil ainda seria encontrar missivas dos anos 2000.

Devido a essa problemática, viu-se a necessidade de buscar outros materiais que permitissem o estudo dos possessivos de segunda pessoa. Devido a isso, o emprego dos possessivos foi analisado a partir de 24 roteiros, produzidos em 2013, do canal de vídeos Porta dos Fundos⁵. Tal escolha dá-se devido à necessidade de identificar como o possessivo é empregado atualmente, como é seu comportamento. Apesar de roteiros serem uma representação e, muitas vezes, ocorrerem usos linguísticos marcados e estereotipados, ainda assim, servem como importantes ferramentas linguísticas de estudo.

2. Análise Diacrônica

A análise da variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa se deu sob a análise de 147 cartas pessoais, divididas entre as décadas de 1870 a 1980. Os resultados gerais ilustram uma maior utilização de *teu/tua* com 53% das utilizações, já o emprego de *seu/sua* obteve 47% de usos. No entanto, tais resultados não indicam como se deu a variação entre as duas formas de possessivos ao longo do tempo, o que fica mais claro através do gráfico abaixo:

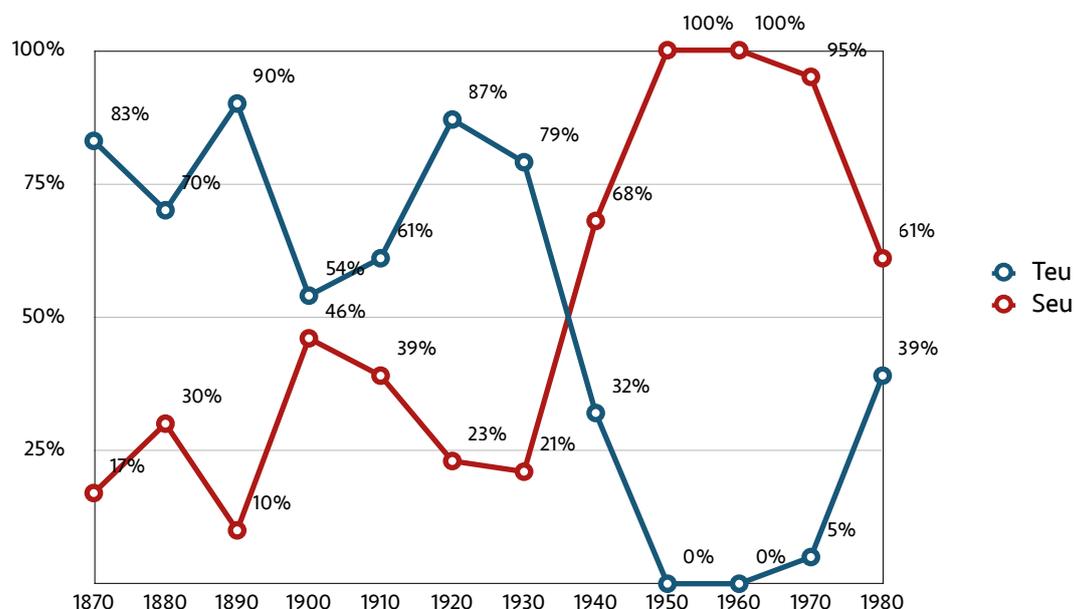


Gráfico 1. A variação *teu/seu* ao longo do tempo.

O gráfico mostra que o fator temporal é de extrema necessidade para delinear a variação entre as formas possessivas *teu/seu* entre nos anos de 1870 a 1980. É possível observar que as frequências dos possessivos se mostram polarizadas: enquanto o predomínio de *teu* se dá de 1870 até a década de 30 do século XX, o possessivo *seu* passa a ter maior índice de emprego a partir de 1940, sendo categórico nas décadas de 1950 e 1960.

Tais resultados encontrados podem ser comparados aos resultados de Souza (2012) no que se refere à análise da variação tratamental entre *tu* e *você*, na posição de sujeito, observando, também, a distribuição com relação ao tempo histórico, como se pode observar a seguir.

Apesar de se acreditar que um dos fatores que motiva a variação das formas possessivas seja justamente o sujeito, não se analisou tal fator a fundo, uma vez que Souza (2012) fez uma análise

⁵ Disponível em: <<http://www.portadosfundos.com.br/>>.

aprofundada sobre a variação *ocê* e *tu* no mesmo corpus diacrônico utilizado para este estudo. Nesse sentido, é interessante verificar os resultados que a pesquisadora encontrou ao analisar a variação, na posição de sujeito, entre *tu* e *ocê*, com relação ao longo do tempo:

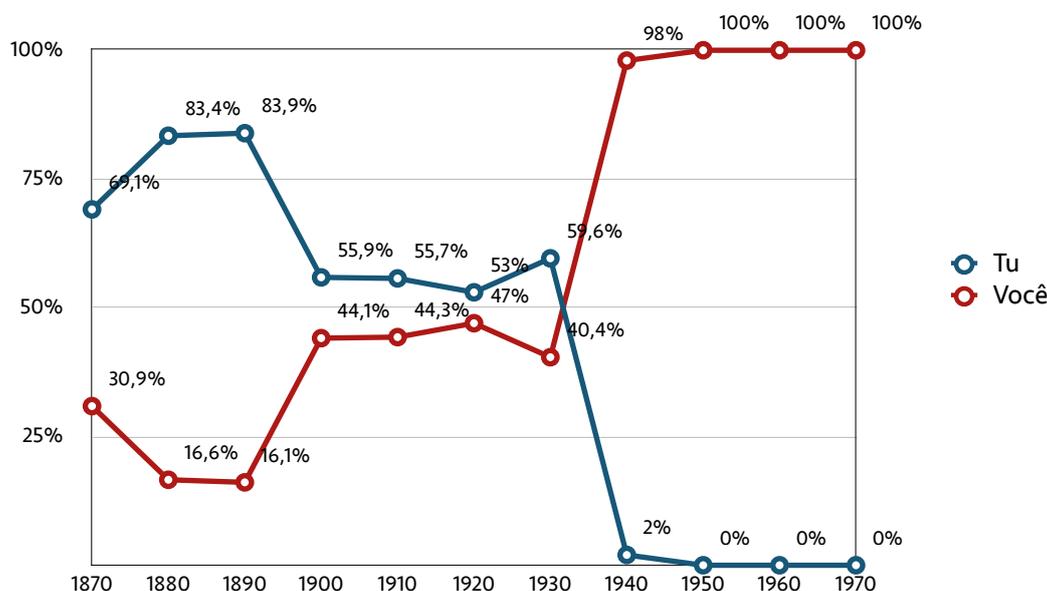


Gráfico 2. Distribuição das formas *você* e *tu* ao longo do tempo.

Comparando os dois resultados, nota-se que, apesar dos índices serem díspares, aparentemente, a variação entre as formas possessivas *teu/seu* acompanha a variação entre *tu* e *você*, já que, na pesquisa de Souza (2012), o predomínio de *tu*, na posição de sujeito se dá, também, até 1930, sendo suplantado por *você* a partir da década de 1940.

A partir de agora serão apresentados os resultados referente à seleção feita pelo programa estatístico *Goldvarb*. Foram selecionados, na rodada geral com dados das cartas escritas de 1870 a 1980, dois grupos de fatores:

- 1) O tratamento na posição de sujeito;
- 2) A relação entre remetente e destinatário.

Os resultados vistos até então mostram que a variação *teu/seu* acompanha a variação existente entre *tu* e *você* na posição de sujeito. Nesse sentido, acredita-se que, em cartas cujo sujeito é *você*, o possessivo empregado seria o correspondente ao pronome, ou seja, *seu*. Por outro lado, em cartas com exclusiva utilização de *tu* sujeito, haveria o emprego de possessivos *teu*. Assim sendo, a tabela a seguir ilustra os resultados encontrados da variação *teu/seu* levando-se em consideração qual era o sujeito empregado nas missivas:

Fatores	Aplicação/Total	%	PR
Somente <i>tu</i>	5/194	3%	0.056
Somente <i>você</i>	192/231	83%	0.906
Mista	4/19	21%	0.056
Não se aplica	37/57	65%	0.0635

Tabela 1. O tratamento como sujeito. Valor de aplicação: *seu*.

Ao se pensar nesse grupo de fatores, observou-se que havia quatro tipos diferentes de cartas: aquelas com uso de *você* sujeito, cartas com emprego exclusivo de *tu* sujeito, cartas em que apareciam tanto *você*

quanto *tu* na posição de sujeito e cartas em que não havia qualquer referência ao sujeito empregado, isto é, cartas sem tratamento de sujeito.

Nesse sentido, a tabela 1 aponta para o resultado que já se esperava: a análise do peso relativo apontou que cartas em que há uso exclusivo de *você* sujeito favorecem o emprego de *seu* (0.906) ao passo que nas cartas em que ocorria o emprego restrito de *tu* desfavorecem a utilização de *seu* (0.056). A tabela ainda mostra que nas cartas em que não há qualquer referência de sujeito, há o favorecimento, mas não tão elevado, ao uso de *seu* (0.635), enquanto nas cartas mistas, com uso tanto de *tu* e *você* na posição de sujeito, favorece-se o emprego de *teu* (0.056). Os exemplos a seguir ilustram as utilizações de possessivos em correlação com o sujeito das missivas:

- (03) Antes de tudo, rendamos graças á Deos | pela continuação da saude e paz de espirito | que **gosas** em paz com os **teus** e toda Santa Fé. | [espaço] Vou seguir o exemplo que me **dás** | na ultima carta, que separou me de **tua** | Mãe, escrevendo me - á mim, assim como | aella á parte. (Família Pedreira, em 4/10/1879)
- (04) Recebi **suas** cartas, mas | com um dia de demora | D' ahi resulta só hoje | poder enviar lhe a | incommenda. | Como **tens Você**, a **tua** | Mãe e Marido e Pae | e irmãos passado? (Família Pedreira, em 7/02/1877)
- (05) Ahi vão as **suas** encomendas e | Algumas de caza e uvas de | que vi **Você** achar gosto. | Muito cuidado, muito cuidado nos | filhos com a saúde de [ambos] | e até breve por todo o mez | de Novembro como lhes | prometti. (Família Pedreira, em 11/10/1876)
- (06) Prezado parente e amigo F Brandão Neto || Por telegrama já lhe agradeço as felicitações | que me mandou por motivo de meu anni- | versario natalicio. Isso significa que recebi | Esperando **sua** resposta, muito cordialmente | primo e amigo, | Washington Luis (Fundo Washington Luis, sem data precisa, década de 1940)

Os exemplos acima apenas ilustram o comportamento dos possessivos já descrito. No entanto, chama a atenção o exemplo (06), que demonstra o emprego do possessivo em uma carta que não há qualquer referência de sujeito. Apesar de não haver sujeito expresso, pelo conteúdo da carta e emprego de algumas palavras e expressões, como *Prezado parente e amigo* e *muito cordialmente*, pode-se perceber certo distanciamento entre remetente e destinatário, inferindo que os dois mantinham, bem possivelmente, um relacionamento não tão próximo. Nota-se mais um exemplo:

- (07) Prima Sophia | (...) | Recebi **sua** carta de 22 de Agôsto, e agora a de 25 do mesmo | mês encaminhando-me o livro do Dr. Martinho da Rocha, sôbre o vul- | to de Dr. Francisco de Mello Franco. | Junto envio-lhe um agradecimento ao Dr. Martinho da Rocha, | que rogo fazer chegar a destino. | Dou-lhe os parabens por estar "na pista certa" para encon- | trar os **seus** ascendentes do lado Mello Franco. A melhor pista é | a que é marcada por documentos. | (...) | Pedindo que muito me recomende afetosamente a todos os **se-** | **us**, aqui fico sempre pronto a dar-lhe quaisquer outras informa- | ções que estejam a meu alcance. | Muito Cordialmente | Washington Luis (Fundo Washington Luis em 30/10/1949)

Novamente, percebe-se que há certo grau de distanciamento entre Washington Luis e aquela a quem a carta se destina, mesmo sendo os dois parentes. Pode-se notar, mais uma vez, que a carta não trata de assuntos íntimos, ou seja, seu teor não é de proximidade. Além disso, o missivista se utiliza do termo *cordialmente*, que é responsável por deixar clara a relação não íntima dos dois primos.

Nesse sentido, observou-se que, apesar de haver cartas em que não há qualquer emprego direto de sujeito, é possível identificar pelo teor das missivas se a carta representa uma relação mais ou menos próximas entre remetente e destinatário. Assim sendo, verificou-se que, nas cartas sem sujeito, quando há distanciamento entre remetente e destinatário, é comum o emprego de *seu* e suas variedades. Por outro lado, quando as missivas ilustravam uma relação mais íntima entre os informantes, havia emprego de *teu* e variantes. Seguem os exemplos:

- (8) Padre Jeronymo meu irmão querido | Antes de começar a quaresma venho converçar um pou- | co comtigo ainda que por carta, desde que não posso de | mos. Recebi hontem **tua** carta, muito te | agradeço, precisava uma palavrinha de | meu irmão que tão bem compreendeu | meu coração. Meu irmãozinho querido | nas **tuas** orações ponha uma supplica | para que Nosso Senhor dé um geito na mi- | nha vida. | (...) | [espaço] Adeus meu irmão querido, um gran- | de abraço cheio de saudades. Muito gostei | da imagem que me mandou | [espaço] **Tua** irmã que muito te estima | Sor Maria Auxiliadora (Família Pedreira, em 16/02/1926)
- (9) Querido Filho | [espaço] **Tua** carta escripta a 20 de fevereiro, | veiu romper o involuntario silencio | que ha uns dois mezes reina entre nós. | Ambos com o tempo bem tomado e | tranquillos a respeito dos outros que sa- | bemos estarem no serviço de Deus e por- | tanto entregues a um bom Senhor, vamos | deixando passar o tempo, mas não se pas- | sa um dia sem que **teu** nome seja repe- | tido por mim junto ao Altar. **Tuas** | noticias me consolaram muitissimo e | me vêm sempre suavisar o espinho cons- | tante que o estado continuo de Leonor | fere meu coração. (Família Pedreira, em 23/09/1919)

Os exemplos mostram um comportamento interessante acerca dos possessivos. Em (08) e (09) pode-se observar que, apesar de não haver nenhum sujeito explícito nas cartas, as mesmas caracterizam-se por apresentarem assuntos mais íntimos e próximos, além do uso de expressões que deixam a proximidade entre remetente e destinatário bem explícita, como *querido*. Desse modo, o possessivo empregado nas cartas refere-se a *teu* e suas variedades.

Dessa maneira, é possível identificar que os possessivos, de certa maneira, comportam-se, na diacronia, da mesma forma como os pronomes *tu* e *ocê* eram utilizados no período em questão: diferentes estudos (RUMEU, 2008; PEREIRA, 2012; SOUZA, 2012) já comprovaram que no século XIX e início do XX, o pronome *tu* era empregado em cartas cujas relações estabelecidas entre os informantes eram bem próximas e íntimas, sendo empregado, principalmente por homens. Já a forma *ocê* possuía um comportamento polifuncional, ora sendo variante do pronome *tu*, ora sendo uma forma empregada para demonstrar um caráter cerimonioso e distante entre remetente e destinatário. Justamente por isso, era mais usualmente encontrado nos discursos femininos, uma vez que, talvez, na sociedade da época, não fosse de bom tom que mulheres tratassem os homens de maneira direta e igualitária.

Assim sendo, percebe-se que, aparentemente, os pronomes possessivos acompanham o emprego dos pronomes retos, não só no paralelismo, como a princípio se supunha, mas, também sendo empregados tanto no trato informal, como em ocasiões em que se exija mais cerimônia, principalmente no que se refere ao emprego do possessivo *seu*, já que ele, já na diacronia, apresenta o mesmo caráter polifuncional descrito ao pronome *ocê*, aparecendo tanto em relações mais íntimas, sendo uma variante do possessivo *teu*, como em cartas em que se nota distanciamento entre os informantes.

Relação entre remetente e destinatário

Outro grupo de fatores selecionado pelo programa estatístico como importante para a variação entre as formas possessivas *teu/seu* foi a simetria. Acredita-se que as relações sociais estabelecidas entre remetente e destinatário poderiam vir a interferir nas escolhas das formas possessivas empregadas nas cartas. Assim, são estabelecidas três relações entre os interlocutores: (i) assimétrica ascendente (de um remetente inferior para um destinatário superior), (ii) assimétrica descendente (de um remetente superior para um destinatário inferior) e (iii) simétrica. Imagina-se que as relações assimétricas tenderiam a uma deferência no tratamento, enquanto as relações entre iguais não. A tabela a seguir ilustra os resultados encontrados.

É importante destacar que os dados referentes à relação assimétrica de inferior para superior foram desconsiderados na realização do peso relativo, uma vez que houve *knockout*: nesse fator só havia seis dados e todos eles eram relativos ao possessivo *seu*, ou seja, não houve variação. Observe-se a tabela:

Fatores	Aplicação/Total	%	PR
Superior-inferior	30/177	17%	0.329
Simétricas	202/318	63%	0.598

Tabela 2. A relação entre remetente e destinatário. Valor de aplicação: *seu*.

A tabela aponta que as relações estabelecidas entre um remetente superior para um destinatário inferior representam apenas 17% de dados de *seu*, desfavorecendo o seu uso (0.329). Seguem alguns exemplos abaixo:

- (10) Daqui a um anno has de estar de ta- | manho, que tem hoje **teu** irmão e | has de ir com elle á escola de Madame | Paul ou de outra mestra, para poder | escrever-me, sem precisar que papai | ou thio Julio te pegue na mão. | Adeos, meu querido Misael, abençoa- | te, e de todo o coração te abraça || **Teu** vovô muito camarada || C. B. Ottoni (Família Ottoni, carta de Christiano Ottoni para seu neto, Misael Ottoni, em 22/12/1879)
- (11) Affonsinho || Recebi hoje **teu** cartão pedindo | a **tua** correspondência só tem | um cartão de Dona Maria Amalia | felicitando te pelo **teu** bonito exame | e ella mandou me contar que | o Fausto teve distinções em todos | os exames que ja tinha conclui- | do o curso e que breve iria | tomar conta de alguma pro- | motoria. (Família Penna, carta de Maria Guilhermina Penna para seu filho, Affonso Penna Júnior, em 20/02/1899)
- (12) Meu Embaixador, estou lisonjeado | com o **seu** prefacio, minha irmã | Ana Maria, viuva Queiroz Mattoso, acaba | de ouvir a leitura e acha bom demais. | Vamos responder a **sua** carta de10p.p. (Família Brandão, de Francisco Brandão ao embaixador e amigo Heitor Lyra, em 20/10/1966)

Os exemplos acima ilustram os empregos de possessivos em cartas em que havia a relação assimétrica de superior para inferior (exemplos 10 e 11) e relação assimétrica de inferior para superior (exemplo 12). O emprego de *teu* e suas variantes no primeiro caso e *seu* no segundo está de acordo com o que se esperava, já que em relações assimétricas cujo remetente é inferior aquele a que se escreve, o mínimo que se pressupõe é que a carta será escrita com certo distanciamento, tratando de assuntos não tão íntimos e, por isso, cabem tratamentos que mostrem justamente essa relação menos próxima.

Por outro lado, os resultados mostraram que as relações simétricas favorecem o emprego de *seu*, tanto na frequência, com 63%, como também o peso relativo (0.598). Nota-se que tais valores são relativamente equilibrados. Seguem alguns exemplos:

- (13) Fiquei sem | cara para escrever (se é que não precisamos | dela para isto) e sabia que voce não leria minhas | cartas. Fiquei indeciso ate que recebi uma | carta **sua** com a qual fiquei espantado principal- | mente quando não li os palavrões que esperava. (Família Lacerda, carta de Carlinhos à namorada Marcela, em 19/09/1977)
- (14) Nesta ultima | carta voce enrolou tanto que quase não consegui abrir | a carta. Mas, mais uma vez consegui entender o que quiz | me dizer: que sente minha falta e que vamos esperar | a **sua** volta para ver o que que dá. | Sinto muito **sua** | falta tambem e concordo com voce quanto ao tempo que | perdemos o ano passado. Mas, quem sabe, recuperaremos. (Família Lacerda, carta de Carlinhos à namorada Marcela, em 15/09/1978)

Apesar de, a princípio, a relação social simétrica favorecer a forma possessiva *seu* e suas variantes, observou-se que o resultado não é unânime ao longo do tempo, isto é, enquanto há o maior predomínio de *teu*, esse era o possessivo empregado nas relações simétricas, ao passo que quando *seu* passou a ser mais empregado de maneira geral, ele passou a ser mais empregado, obviamente, nas relações simétricas. A tabela a seguir deixa essa divisão mais clara:

<i>Relação simétrica</i>		
<i>Décadas</i>	<i>Teu</i>	<i>Seu</i>
1870	1 – 6%	15 – 94%
1880	13 – 87%	2 – 13%
1890	22 – 92%	2 – 8%
1900	13 – 81%	3 – 19%
1910	16 – 84%	3 – 16%
1920	9 – 75%	3 – 25%
1930	22 – 79%	6 – 21%
1940	8 – 32%	17 – 68%
1950	-	25 – 100%
1960	-	25 – 100%
1970	5 – 5%	90 – 95%
1980	7 – 39%	11 – 61%
Total	116 – 36%	202 – 64%

Tabela 3. Relação entre remetente e destinatário *versus* período histórico.

A tabela ilustra bem o que foi comentado: no geral, há maior utilização de *seu*, com 64% de frequência. No entanto, tal emprego não se dá de maneira igualitária em todas as décadas. Sendo assim, de 1880 a 1930, há predomínio quase que exclusivo de *teu*, com exceção da década de 1870. A partir da década de 1940 há o maior emprego de *seu*. Tendo como base tais resultados, a hipótese a ser discutida na tese é a de que as formas *você-seu*, na verdade, acompanharam as mudanças sociais para um perfil mais solidário e menos hierarquizado.

É importante ressaltar que os resultados aqui apresentados são originados a partir de uma rodada geral, que juntou comportamentos distintos. Sendo assim, é possível afirmar que tais resultados são, na verdade, a média calculada pelo programa estatístico ao longo de 100 anos de produções escritas. No entanto, observando o gráfico (1), pode-se perceber que a variação *teu/seu* passa por dois grandes momentos: (i) o período de predomínio na utilização de *teu* e variantes, que se dá de 1870 a 1930 e (ii) o período em que o possessivo *seu* suplanta *teu*, a partir da década de 1940. Além disso, é possível verificar um período mais acirrado de variação entre as duas formas possessivas, observado nas décadas de 1900 e 1910. A tabela a seguir ilustra o que foi comentado:

		Teu	Seu	Total/Grupo	
				Teu	Seu
Grupo 1	1870	83%	17%	83%	17%
	1880	70%	30%		
	1890	90%	10%		
	1920	87%	23%		
	1930	79%	21%		
Subgrupo 1	1900	54%	46%	57%	
	1910	61%	39%	43%	
Grupo 2	1940	32%	68%	11%	89%
	1950	-	100%		
	1960	-	100%		
	1970	5%	95%		
	1980	39%	61%		

Tabela 4. A utilização de *teu* e *seu* ao longo do tempo.

A tabela deixa claro que as formas possessivas, ao longo do tempo, apresentam comportamentos distintos. Dessa maneira, para um estudo mais completo e pontual, é necessário que se façam rodadas separadas de cada grupo, para que as particularidades neles existentes não sejam perdidas.

3. Análise Sincrônica

A partir de agora, serão analisados os dados relativos à atual sincronia. Assim, tem-se o objetivo de ver como a variação possessiva de segunda pessoa se distribui na presente época.

Deve-se ressaltar que as utilizações encontradas na análise sincrônica não são reais, uma vez que a amostra analisada é uma representação, podendo ocorrer utilizações linguísticas deveras estereotipadas, mas que, apesar disso, podem ser importantes contribuições linguísticas.

Para o estudo em questão foram analisadas duas esquetes da Porta dos Fundos, que serão apresentadas a partir de agora.

Esquetes – Porta dos Fundos

Porta dos Fundos é um canal brasileiro de internet que produz conteúdo audiovisual duas vezes por semana. Os vídeos são curtos, com menos de cinco minutos de duração, todos de comédia, sempre representando situações cotidianas de maneira caricata. O canal apresenta situações representadas, sem dados reais de fala. No entanto, apesar disso, servem como importante material linguístico de análise, pelo seu caráter dialógico que propicia o uso de formas de segunda pessoa. Outra questão diz respeito ao roteirista, que elaborou os esquetes tendo em vista sua concepção de mundo e de língua, partindo de situações cômicas e irônicas do cotidiano. Assim, foram analisados 24 esquetes diferentes do *Porta dos Fundos*. Entretanto, serão apresentadas aqui apenas duas.

Objetiva-se, com os esquetes, ver, mesmo que em uma representação, como se dá a atual distribuição das formas possessivas no português brasileiro.

Esquete 1 – Traveco da firma

O esquete narra a história de Maurício, um funcionário de uma firma que faz bicos à noite como travesti. Ao achar que tinha conseguido um cliente, vê que, na verdade, esse cliente era um amigo do trabalho, Jorge. Os dois passam a conversar sobre o que levou Jorge a se prostituir, claro, que em tom de piada. A tabela a seguir apresenta o tratamento no sujeito empregado pelos personagens:

	<i>Tu</i>	<i>Você</i>
Maurício	2	4
Jorge	-	4
Total	2	8

Tabela 5. A distribuição do sujeito.

A tabela evidencia que o pronome *você* é mais empregado no esquete, embora apareçam dois dados de *tu*. No entanto, a tabela não mostra que os usos dos dois pronomes se dão de forma diferenciada: no início da narrativa, quando Jorge finge não conhecer Maurício, o tratamento empregado é *você*. No entanto, ao notar que não dá mais para disfarçar a situação, o tratamento utilizado entre os dois amigos é *tu*, como se vê a seguir:

- (15) MAURÍCIO – Não sei do que **você** está falando, não, meu amor!
 JORGE – Maurício, sou eu, Jorge, da firma! Para a palhaçada que sou eu!
 (...)
 MAURÍCIO – Não me explana, não, porra! Hein?! Fica quieto, porra!
 (...)
 JORGE – Maurício... Maurício, **você** tá se prostituindo, cara? **Você** virou puta?!
 MAURÍCIO – Nunca precisou de dinheiro, não? **Tu** nunca precisou de dinheiro na vida?

No entanto, a utilização dos pronomes possessivos não seguiu à risca a mesma utilização que teve o sujeito, como fica evidenciado na tabela abaixo:

	<i>Teu</i>	<i>Seu</i>
Maurício	3	-
Jorge	1	-
Total	4	-

Tabela 6. A distribuição dos pronomes possessivos.

A tabela mostra um uso exclusivo da forma possessiva *teu/tua*, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

- (16) JORGE – Maurício, volta aqui! Parou. Pelo amor de Deus! Sou **teu** amigo, cara. Humano. A gente assistia *Rin Tin Tin* junto. Podia ter me pedido dinheiro emprestado...
 (...)
 MAURÍCIO – Aliás, Se você veio procurar uma coisinha maneirinha (*gesticula, insinuando sexo*) Eu diria que o Chico é a **tua** pedida. Dizem que o Chico tem uma boquinha de veludo... Eu não sei. Mas é rodado. Ele estar aqui é sorte **tua**. (*vira-se para o Chico*) Ô, Chico! Cliente!

Os exemplos deixam claro que a relação entre Jorge e Maurício é de total proximidade, já que os dois se conhecem há bastante tempo e são amigos. Desse modo, a relação estabelecida entre os dois é de intimidade, o que favorece o emprego de formas íntimas de tratamento, como o pronome *tu* e, por consequência, as formas possessivas relacionadas ao paradigma do pronome, *teu/tua*.

A seguir o outro esquete do Porta nos Fundos.

Esquete 2 – Setor de RH: Supergêmeos

A história satiriza o desenho Superamigos e a inutilidade dos personagens Supergêmeos, Zan e Jayna. Assim, é feita uma esquete em que Zan é demitido do emprego por entender que não é útil à irmã e à história. Nesse sentido, como se trata de uma conversa com algum superior (Erasmus), a relação estabelecida entre os irmãos e o setor de RH não é íntima, nem solidária. Pelo contrário, é invasiva e a linguagem deve ser muito bem pensada e cuidada, uma vez que se trata de uma demissão. A tabela a seguir ilustra as ocorrências de sujeito:

	<i>Tu</i>	<i>Você</i>
Erasmus	-	5
Zan	-	2
Jayna	-	-
Total	-	7

Tabela 7. A distribuição do sujeito.

Como se esperava, por se tratar de uma situação em que os interlocutores não são próximos ou íntimos, há o predomínio exclusivo do pronome *você*. Acredita-se que, no que tange à utilização dos possessivos, haverá o predomínio de *seu*, que é uma forma não-marcada. A tabela a seguir ilustra as ocorrências de possessivos encontradas no esquete:

	<i>Teu</i>	<i>Seu</i>
Erasmus	-	2
Zan	-	-
Jayna	-	-
Total	-	2

Tabela 8. A distribuição dos pronomes possessivos.

Percebe-se que, nesse esquete, há uma tendência do possessivo em seguir o sujeito que está sendo empregado. No entanto, é interessante ilustrar um dado de *seu* encontrado na história:

- (17) Zan – Ah... Ah!!! O problema sou eu então?! É isso? O problema sou eu?
 Erasmus – Não, de forma alguma! Ninguém é problema aqui. Todo mundo tem o **seu** valor. Você inclusive... (*pega a pasta pra ler*) Pode se transformar em... em... Deixa eu ver... (*pausa*) Água? É isso?
 (...)
 Erasmus – Zan, Zan. Olha só, eu entendi. Acho que chegamos no ponto aqui... O pessoal tá tendo uma certa dificuldade pra te encaixar. Eles acabam pegando missões onde tem poça, ou balde de água, ou estaca de gelo... Você vai concordar comigo que a **sua** participação está restringindo um pouco o potencial da equipe.

A fala de Erasmo ilustra um uso de *seu* que não era visto até então: o de indeterminador da posse. Percebe-se que, no contexto, não há um sujeito determinado, já que expressões como *todo mundo* e *ninguém* servem, justamente, para indeterminar o sujeito. É interessante observar que, nesse caso, o possessivo *seu* aproxima-se da sua forma original, isto é, fazer referência à terceira pessoa. Assim, quando Erasmo diz que *todo mundo tem seu valor*, afinal, a quem pertence esse valor? Não há uma posse direta e determinada, diferentemente de *Você vai concordar comigo que a sua participação está restringindo um pouco o potencial da equipe*, em que o possessivo *sua* se refere tanto a algo possuído como a um possuidor de fato.

Considerações finais

A análise, ainda que pontual e limitada, já traz alguns esclarecimentos no que tange à utilização dos pronomes possessivos. Na diacronia, em primeiro lugar, percebe-se que o grupo de fatores *período histórico* é de extrema importância para se entender a distribuição dos pronomes possessivos ao longo do tempo. O grupo apontou que as formas possessivas tendem a acompanhar o comportamento do sujeito, isto é, predomínio de *tu* e *teu* até 1930 e, posteriormente, emprego de *você* e *seu*.

Foi possível identificar também que, na diacronia, a relação estabelecida entre os remetentes e destinatários é importante para que se entenda um pouco da variação existente entre as formas possessivas. Nesse sentido, em contextos em que a proximidade entre os interlocutores era grande, há o emprego de *teu/tua*, ao passo em que o emprego de *seu/sua* se dá, majoritariamente, nas relações que não se configuram como solidárias.

Na sincronia, percebe-se que há o maior emprego de *seu/sua*, embora ainda apareça em variação com *teu/tua*. No entanto, ressalta-se que, atualmente, é possível identificar um comportamento do possessivo *seu* que não é identificado nas diacronias passadas: o de indeterminador de posse. Dessa maneira, pretende-se discutir tal questão de maneira mais aprofundada na tentativa de entender se *seu/sua* está associado ao *você* indeterminado ou a outras formas de terceira pessoa para indeterminar o sujeito.

Entretanto, aparentemente, a forma possessiva *seu/sua* possui um comportamento multifuncional como o pronome *você*: ora é utilizado como variante de *teu*; ora é empregado para mostrar distanciamento ou neutralidade nas relações entre os interactantes; ora é empregada para indeterminar a posse.

Referências bibliográficas

- ABRAÇADO, J. O possessivo seu – diferentes tipos de ambigüidade e de posse. *Gagroatá*, n. 9, p. 193-203, 2000.
- BRAVO, Diana. Categorías, tipologías y aplicaciones. Hacia una redefinición de la 'cortesía comunicativa'. In: _____. (Org.) *Estudios de la (des)cortesía en español*. Buenos Aires, Dunken, 2005. p. 21-52.
- _____.; BRIZ, Antonio. *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Editorial Ariel, 2004.
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEOK, T. A. (Ed.). *Style in Language*. Massachusetts: Ed. MIT Press, 1960. p. 253-276.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universal in language usage*. Cambridge: Cambridge University, 1987.
- CALVET, L-J. *Sociolingüística*. Uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUARTE, M. Eugênia L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1993. p. 107-128.
- KATO, M. A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini. *DELTA*, v. 1, n. 1-2, p. 107-120, 1985.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

- LOPES, C. R. S.; CAVALCANTE, Sílvia Regina de Oliveira. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Revista Lingüística* (Madrid), v. 25, p. 30–65, 2011. Disponível em: <http://www.linguisticalfal.org/25_linguistica_030_065.pdf>. Acesso em 08 fev. 2014.
- MARCOTULIO, L. *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês de Lavradio*: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez lingüística. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- MAIA, Viviane dos Santos. "Tu vai para onde?... Você vai para onde?": manifestações da segunda pessoa na fala carioca. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- MENON, O. P. S. Reestruturação do sistema possessivo em português. *Anais do VIII Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná*. Umuarama: UNIPAR/FAFID, p. 334-338, 1995.
- _____. Seu/de você: variação e mudança no sistema dos possessivos. In: HORA, D. (Ed.). *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 79-92.
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolingüística*: o tratamento da variação. São Paulo: 2003.
- NEGRÃO, E.; MÜLLER, A. L. As mudanças no sistema pronominal do Português Brasileiro: substituição ou especialização de formas? *D.E.L.T.A.*, v. 12, n. 1, p. 125-152, 1996.
- OLIVEIRA, Thiago Laurentino de. *Entre o lingüístico e o social*: complementos dativos de 2ª pessoa em cartas cariocas (1880 – 1980). Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no Português do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.
- _____. Variação no sistema possessivo da terceira pessoa. *Tempo Brasileiro*, n. 78-79, p. 54-72, 1984.
- PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- _____. O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. *DELTA*, v. 1, n. 1-2, p. 1-16, 1985.
- PAREDES SILVA, V. L. *Cartas cariocas*: a variação do sujeito na escrita informal. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.
- PEREIRA, Rachel de Oliveira. *O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna*: um estudo diacrônico. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- RUMEU, Márcia C. de B. *Língua e Sociedade*: a história do pronome "Você" no português brasileiro. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; LUCCA, Nívia Naves Garcia; DIAS, Edilene Patrícia Andrade; MARTINS, Carolina Queiroz; GERMANO, Ferreira. *Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro*. Comunicação apresentada no II SIMELP, Universidade de Évora, 2009.
- _____. (Ed.). *Padrões sociolingüísticos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- _____. Estertores da forma seu na língua oral: resultados sociais. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. de.; _____. (Eds.). *Padrões sociolingüísticos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 297-307.
- SOUZA, Janaina Pedreira Fernandes. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal*: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1990.
- VARGAS, Amanda de Santana Campos. *Estratégias pronominais de indeterminação*: um estudo diacrônico. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].
- VIDAL, M. *Introducción a la pragmática*. Barcelona: Ariel, 2002.

A categoria socioprofissional: uma proposta de abordagem para o estudo das formas de tratamento

*The social-professional classification:
a way to approach the study of forms of address*

Recebido em 20 de maio de 2015. | Aprovado em 30 de junho de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i1.179>

Vanessa Martins do Monte¹

Resumo: O presente artigo propõe a inserção de uma nova categoria para analisar o uso das formas de tratamento (doravante FT's) em língua portuguesa, especificamente no português brasileiro setecentista e oitocentista. Uma das principais categorias utilizadas em pesquisas que buscam descrever e analisar a história e o uso das FT's são aquelas ligadas à simetria e à assimetria das relações epistolares, que procuram estabelecer as FT's preferenciais de acordo com o tipo de relação. A partir de um *corpus* constituído por cartas oficiais lavradas na capitania de São Paulo entre 1765 e 1775, procedeu-se à classificação das relações epistolares em simétricas e assimétricas, apoiada em rigoroso estudo do contexto sócio-histórico da época. Verificou-se, no entanto, que, independentemente da simetria ou assimetria da relação, a FT preferencial era *vossa mercê*. A fim de comprovar se se tratava de uma particularidade da amostra, ampliou-se o *corpus* de pesquisa, acrescentando-se documentação de natureza semelhante com datação tópica variada, a saber: capitanias do Rio de Janeiro, de Santa Catarina e da Bahia, além de cartas da região da Baixada Santista. Novamente, constatou-se o largo uso da abreviatura correspondente à FT *vossa mercê* tanto nas relações simétricas quanto assimétricas. Propõe-se, então, o uso da categoria socioprofissional do remetente e do destinatário — de acordo com abordagem teórica desenvolvida por Marquilhas (2000) — associada à classificação da relação epistolar nos eixos simétrico e assimétrico. A categoria socioprofissional é fator relevante para a escolha de FT's, conforme demonstrado por Monte (2013). O tratamento entre a categoria socioprofissional dos militares, por exemplo, dá-se quase exclusivamente por *vossa mercê*, independentemente da simetria/assimetria da interlocução, enquanto eclesiásticos marcavam linguisticamente as posições hierárquicas superiores por meio do uso de FT's de alto valor honorífico, como *vossa senhoria* e *vossa reverendíssima*.

Palavras-chave: formas de tratamento; filologia; cartas; *vossa mercê*; século XVIII.

Abstract: This paper proposes to add a new category to analyze the use of the forms of address in Portuguese, specifically in eighteenth and nineteenth-century Portuguese of Brazil. One of the main categories used in literature to describe and analyze the history and use of the FT's are those related to symmetry and asymmetry of the epistolary relationship. From a *corpus* formed by official letters carved in the captaincy of São Paulo between 1765 and 1775, it proceeded to the classification of epistolary relationships in symmetric and asymmetric, based on rigorous study of the socio-historical context of the period. It was found, however, that regardless of symmetry or asymmetry of the relationship, the preferred FT was *vossa mercê*. In order to check if it was a peculiarity of the sample, it has expanded the corpus of research by including similar documentation from varied places, namely: captaincies of Rio de Janeiro, Santa Catarina and Bahia, as well letters from the Baixada Santista region. Again, there was a wide use of the corresponding abbreviation of *vossa mercê*, both in symmetric and asymmetric relationships. It is proposed, therefore, the use of socio-professional category of the sender and the recipient - according to theoretical approach developed by Marquilhas (2000) - associated with the classification of the

¹ Professora Doutora da Área de Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil. vmmonte@gmail.com

epistolary relationship in symmetric and asymmetric axes. The socio-professional category is a relevant factor for choosing FT's, as demonstrated by Monte (2013). The treatment inside the socio-professional category of the military, for example, is made almost exclusively by *vossa mercê*, regardless of symmetry / asymmetry of the dialogue, while ecclesiastical marked linguistically the higher hierarchical positions through the FT's use of high honorific value, such as *vossa senhoria* and *vossa reverendíssima*.

Keywords: forms of address, philology, letters, *vossa mercê*, 18th century.

Introdução

O estudo das formas de tratamento (doravante FT's) em sincronias pretéritas requer uma seleção cuidadosa e, por vezes, difícil do *corpus*. Sabe-se que documentos de caráter interativo, como as cartas, são excelentes fontes de pesquisa, já que é possível localizar no texto do remetente a forma linguística eleita para tratar o destinatário, seu interlocutor naquela situação de comunicação (LOPES, 2012). Além da relação entre remetente e destinatário, é importante observar o que rodeia determinada relação epistolar. Assim, são dados a se investigar: se se trata de pessoas ilustres, pertencentes à elite, se escrevem a seus pares, se se dirigem a familiares e amigos, se o conteúdo da carta é íntimo, entre outros fatores.

Todas essas possibilidades que envolvem uma determinada relação epistolar são fundamentais para a descrição qualitativa da escolha e do uso das FT's. Quando se pesquisa textos do passado, especificamente dos períodos anteriores ao século XIX, torna-se mais complexa a recuperação da identidade e a consequente determinação de um perfil biográfico mínimo de autores e destinatários de missivas, ainda mais quando não se trata de pessoas ilustres. E tanto do ponto de vista linguístico quanto histórico é importante a recolha de documentos produzidos pelos chamados 'figurantes mudos' da história (SAMARA, 2005, p. 40). Pelo lado linguístico, tendem a ser testemunhos de um estado menos cuidado da língua, aproximando-se da norma popular coeva. E, pela perspectiva historiográfica, são fontes pouco exploradas, que podem trazer informações novas sobre determinados temas. A tentativa de se constituir um *corpus* que seja representativo do português brasileiro dificulta ainda mais a questão, visto que obter dados acerca da naturalidade dos escribas é tarefa árdua, e que pode, muitas vezes, resultar infrutífera.

Por outro lado, a importância de se reunir documentação com essas características reside no fato de ser crucial o levantamento de dados que possam colaborar com a construção da história das FT's no Brasil. Segundo Ramos (2011, p. 290), continua-se "ainda por fazer uma história das formas de tratamento no Brasil". Nesse sentido, manuscritos produzidos por gente comum, e não pertencente à alta esfera de poder, constituem importante amostra de análise. O quadro dos tratamentos brasileiros é ainda mais complexo que o de Portugal. E este último levou Cintra (1972) a compor uma das principais obras sobre o tema, justamente por conta de um comentário de dois pesquisadores ingleses que afirmaram que o sistema de tratamento do português era complexo e antiquado. Acrescente-se à complexidade dos tratamentos do português europeu a particularidade brasileira: nosso atual sistema de tratamento apresenta áreas em que ocorrem as formas *tu* (com e sem concordância) e *você*, além do processo de redução fonética deste pronome (*ocê*, *cê*). Uma das questões cruciais, portanto, é entender as causas da distribuição diatópica de *tu* e *você*, bem como o predomínio de um pronome sobre o outro. Nesse sentido, o estudo de documentação antiga, sobretudo produzida por aqueles nascidos na colônia, que apresente alto uso da FT *vossa mercê* pode auxiliar a responder essa questão, considerando-se que o pronome *você* é resultado do processo de gramaticalização da antiga FT *vossa mercê*.

A partir desse cenário, recolheu-se um conjunto de 74 cartas oficiais, lavradas na capitania de São Paulo, entre 1765 e 1775, procedendo-se à edição semidiplomática das mesmas e à pesquisa sobre a naturalidade e demais dados biográficos que pudessem ser localizados sobre os remetentes dos manuscritos. Foi possível identificar a naturalidade de mais da metade dos 55 remetentes, que, em sua maioria, haviam nascido no Brasil (MONTE, 2013). Além disso, a recolha de tais dados permitiu uma classificação mais precisa das relações epistolares nas três categorias tradicionais: relação simétrica, relação assimétrica ascendente e relação assimétrica descendente.

A partir desse *corpus*, doravante denominado *corpus* inicial, suficientemente descrito e contextualizado, discute-se a possibilidade de inserção de uma nova categoria de análise para a descrição e para explicações sobre o uso das FT's em língua portuguesa, especificamente no português brasileiro setecentista e oitocentista. As categorias frequentemente utilizadas em pesquisas do gênero são aquelas ligadas à simetria e à assimetria das relações epistolares, que, aliadas a teorias pragmáticas, como a da semântica do poder e da solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), procuram estabelecer as FT's preferenciais de acordo com o contexto simétrico ou assimétrico da comunicação.

A partir do *corpus* acima descrito, procedeu-se à classificação das relações epistolares em simétricas e assimétricas. Independentemente da relação verificada, simétrica ou assimétrica, a FT escolhida era quase unânime: as abreviaturas equivalentes à FT *vossa mercê*, que aparece abreviada em 100% das ocorrências. Em apenas 13 das 74 cartas verificam-se outras FT's que não *vossa mercê*. Realizou-se um detido exame paleográfico

das abreviaturas de todas as FT's encontradas, tendo em vista que surgem abreviadas na totalidade das ocorrências, como é frequente em documentos coevos.

O fato de *vossa mercê* aparecer em todos os tipos de relação parece apontar para uma expansão de seus contextos de uso, já que, diferentemente de FT's como *vossa senhoria* e *vossa excelência*, que conservam ainda atualmente traços semântico-pragmáticos de cortesia, a FT *vossa mercê* vai perdendo gradualmente seus traços cortesões, passando a ser usada em múltiplos contextos, como se demonstra pela análise dos *corpora*. Percurso semelhante é realizado, no século seguinte, pelo tratamento *você*, documentado em cartas pessoais do século XIX (RUMEU, 2013).

Ao lado da assimetria e da simetria das relações epistolares e a partir da contextualização sócio-histórica dos documentos, foi possível entrever outra possibilidade de analisar o uso das FT's nas cartas: a categoria socioprofissional dos remetentes e destinatários. Para comprovar a eficiência de tal categoria na análise das FT's, elegeram-se *corpora* de cotejo, constituídos também de cartas, que abarcassem período semelhante ao do *corpus* inicial.

Apresenta-se, a seguir, um breve panorama das FT's em questão, enfatizando a FT *vossa mercê*.

1. Breve panorama histórico das formas de tratamento

A origem da forma *vossa mercê* está relacionada à *mercê* real, remontando ao século XIV, quando são registradas suas primeiras ocorrências, nas atas das Cortes de 1331, sem concorrer com outras formas nominais. Construções como "pedir por *mercê*", no entanto, já eram atestadas desde o século XIII, nas Cantigas de Santa Maria (LUZ, 1958). A forma *vossa mercê* era utilizada exclusivamente como tratamento dado ao rei. No século XV, tal forma passa a concorrer com outras, como *vossa senhoria* e *vossa (real) alteza* (CINTRA, 1972). É nesse século, segundo Cintra (1972), que se situa o desuso do pronome de cortesia *vós* para o tratamento real. Até então, *vós* era o tratamento mais frequente dado ao rei e à rainha.

No século XVI, há uma generalização do uso de *vossa mercê* como forma de tratamento respeitosa e ela passa a ser dirigida também a fidalgos e condes. Segundo Cintra (1972), tal forma era usada no início do século XVI em casos especiais e bem determinados sempre que uma personagem queria se mostrar cortês com outra pertencente à pequena burguesia das grandes cidades; já em finais do mesmo século, porém, a FT não revelava a cortesia necessária para tratar com os altos cargos da corte. Inicia-se, nessa época, a perda de seu valor honorífico. Por isso, "durante séculos, vai tornar-se numa aspiração de todo aquele que quer subir na escala social o ser tratado por *Vossa senhoria*." (CINTRA, 1972, p. 22).

Houve duas leis que versaram sobre a regulação do uso das formas de tratamento, conhecidas como 'leis da cortesia'. A primeira delas, de 1597, promulgada por D. Filipe II, chamava-se "Lei sobre os estilos de falar e escrever" e foi editada por conta "das grandes desordens, e abusos que se tem introduzido no modo de falar, e escrever, e que vão continuamente em crescimento, e tem chegado a muito excesso, de que tem resultado muytos incouenientes" (LEI SOBRE OS ESTILOS DE FALAR E ESCREVER, 1597, p. 239.). A segunda, de 1739, promulgada por D. João V, é criada devido principalmente à extensão do uso da FT *vossa senhoria*, que estava sendo utilizada de forma abusiva, segundo o texto da lei (cf. CINTRA, 1972).

A FT *vossa mercê* é mencionada apenas na primeira lei, de 1597, como forma a ser utilizada genericamente, inserida na fórmula "Deus guarde a *vossa mercê*", colocada no final de cartas.

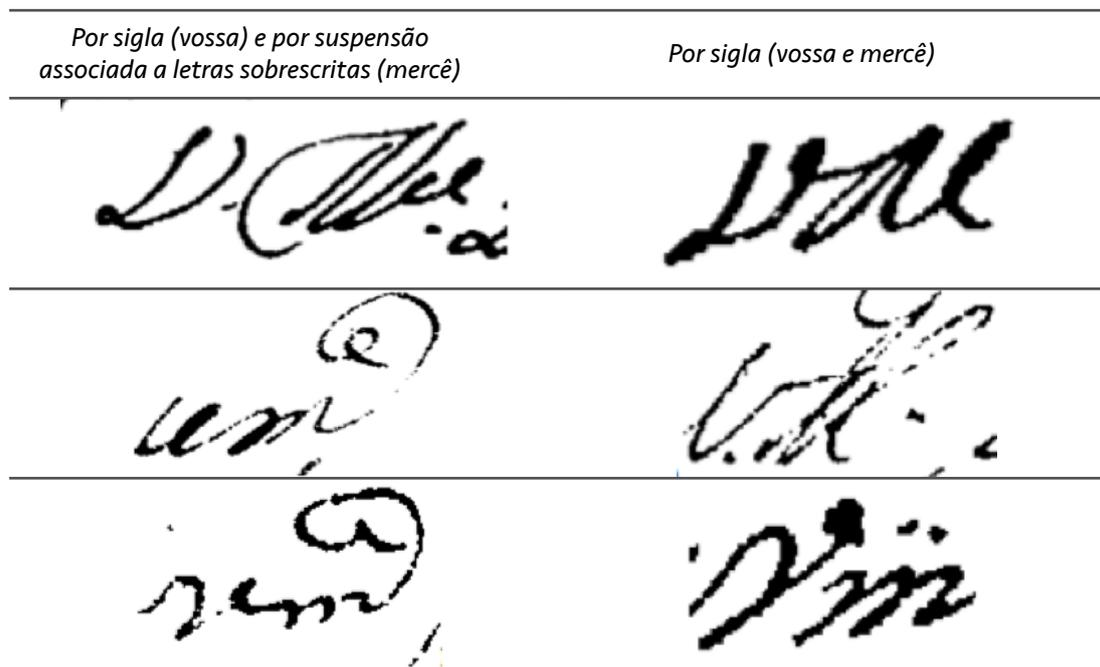
Os militares são mencionados na lei de 1739, ao tratar das formas a serem usadas com governadores de praças e capitânias. A lei não determinava um tratamento específico, *vossa excelência* ou *vossa senhoria*, apenas afirmando que ficam "todos obrigados a dar o tratamento, que conforme a graduação de seus postos lhes tocar entre os Militares" (CINTRA, 1972, p. 137). Esperava-se, portanto, que houvesse diferença de tratamento entre os militares do *corpus* inicial de acordo com a patente que possuíam.

2. As abreviaturas das formas de tratamento documentadas em manuscritos

As FT's localizadas nos *corpora* ora analisados são exclusivamente representadas por abreviaturas de diferentes tipos. Ora abreviam-se integralmente ambas as palavras, grafando-se apenas as iniciais "V" e "M"

abreviatura por sigla, ora abrevia-se parte da segunda palavra, escrevendo-se “Mce” ou “Me” abreviatura por contração ou síncope, normalmente com letra sobrescrita (MEGALE; TOLEDO, 2005).

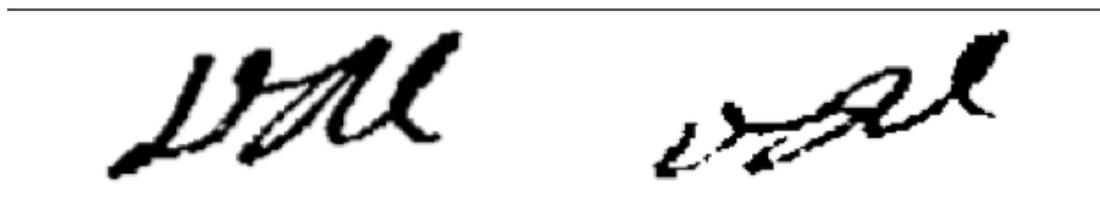
A seguir, encontram-se alguns exemplos de abreviaturas extraídos dos fac-símiles.



Quadro 1. Abreviaturas da FT *vossa mercê*².

Deve-se ressaltar que não é possível afirmar que estágio dessa FT a abreviatura representa. Atestam-se, por exemplo, no início do século XX, variações no processo de gramaticalização que resultou no pronome *você*, como: “vossemecê”, “vosmecê”, “vosmincê”, “vossuncê”, “voncê”, “vassuncê”, “vancê” e “vacê” (BASTO, 1927; AMARAL, 1955). Opta-se, na edição, pelo desenvolvimento da FT integral: *vossa mercê*, marcando-se em itálico as letras que não constam do original, em acordo com as “Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português do Brasil” (MEGALE; CAMBRAIA; CUNHA, 2001). Não se encontrou nenhuma norma de edição específica relativa ao desenvolvimento das abreviaturas de formas de tratamento.

Pelo fato de as FT’s em manuscritos coloniais aparecerem, na maioria dos casos, abreviadas, é imprescindível análise paleográfica cuidada que respalde o correto desenvolvimento das mesmas³, sob o risco de se editar uma FT por outra, conforme apontado por Monte (2013). As figuras a seguir, abreviaturas de um mesmo punho, poderiam ser lidas, respectivamente, como a abreviatura de *vossa mercê* e de *vossa senhoria*.



Quadro 2. Abreviaturas de FT’s.

No entanto, segundo Monte (2013, p. 190), no exemplo da esquerda

² As imagens do *corpus* utilizadas neste artigo pertencem ao Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

³ Note-se que, ainda que raramente, são atestadas FT’s desenvolvidas, como pode ser verificado no ofício 2387 do Projeto Resgate Barão do Rio Branco, editado pela pesquisadora Renata Munhoz, que nos alerta para essa particularidade. Encontra-se neste ofício, de 1768, a FT “Vossa Excellencia” grafada como tal.

é possível observar-se claramente o traçado do grafema *v* e do grafema *m*, iniciado a partir do final do grafema anterior, no alto do regramento imaginário utilizado pelo escriba. O *ductus* de tal grafema é composto por quatro traços: o primeiro desce em direção à linha inferior do regramento, o segundo torna a subir, formando-se com esses dois traços a haste inicial do grafema *m*; o terceiro traço é composto pela forma de uma letra *u*, descendo do ponto onde termina o segundo traço e subindo novamente à linha superior, onde se inicia o quarto e último traço, que desce em direção à linha inferior.

Já em relação à abreviatura da direita,

somente pela observação detida do *ductus* do grafema *m*, é possível compreender o traçado [...]: na realização do primeiro traço, o punho desce em direção à parte inferior do regramento virtual, porém de forma a realizar um ângulo mais aberto entre o traço final do grafema *v* e este primeiro traço do grafema *m*; o segundo traço sobe, mas não até atingir o topo do primeiro, terminando na metade deste apenas, de onde já é iniciado o terceiro traço, que não chega a formar a letra *u* como no exemplo anterior, uma vez que o traço desce muito pouco em direção à linha inferior, já subindo novamente para o início do último traço, que também desce pouco. (MONTE, 2013, p. 190)

Dessa forma, comprova-se o cuidado paleográfico a ser observado quando se estudam formas de tratamento, sobretudo nominais, em manuscritos de sincronias pretéritas.

3. Apresentação do *corpus* inicial e dos *corpora* de cotejo

O *corpus* utilizado para a análise, conforme descrito na introdução, constituiu-se de um conjunto de 74 cartas manuscritas, escritas entre 1765 e 1775, na capitania de São Paulo⁴. As cartas são classificadas como documentos da administração colonial em circulação pública, de acordo com categorização proposta por Barbosa (1999, p. 149): trata-se tanto de documentos "de caráter deliberativo oficial, quanto os de requerimento pessoal junto à estrutura de poder, em que pelo menos um dos interessados esteja na condição de pessoa jurídica ou de representação oficial do Estado."

Seus remetentes são majoritariamente militares, naturais da terra, além de eclesiásticos e ocupantes de outros cargos da administração colonial, como ouvidor, juiz de fora e intendente. As companhias de ordenanças e os corpos de auxiliares, instituições militares da época, deveriam ser formadas prioritariamente por aqueles nascidos na capitania (BELLOTTO, 2007; LEONZO, 1979). Para os postos de patente mais elevada, requeria-se, além disso, que fossem possuidores de cabedais.

A pesquisa acerca da naturalidade dos remetentes do *corpus* confirmou que os militares, se não nascidos na colônia, aí residiam há pelo menos 18 anos. Dos 55 remetentes, foi possível localizar 27. Desses 27, 67% nasceram no Brasil e 33%, em Portugal. Dos portugueses, mais da metade vivia no Brasil há pelo menos 18 anos. Dos 18 brasileiros localizados, 15 certamente nasceram em alguma vila da capitania de São Paulo. Dos 15 militares identificados, 10 nasceram seguramente em alguma vila da capitania de São Paulo, sendo que quatro deles vinham de famílias que estavam no Brasil há 6 gerações (MONTE, 2013). Sendo assim, pode-se afirmar que se trata de um *corpus* representativo do português do Brasil, mais especificamente do português da capitania de São Paulo, que se estendia por território bem mais vasto do que corresponde hoje o atual estado de São Paulo.

As FT's encontradas nas cartas editadas são, por ordem de frequência: *vossa mercê*, *vossa senhoria*, *vossa excelência*, *vossa reverendíssima* e *vossa majestade*. O uso da FT *vossa mercê* é majoritário: verifica-se em 61 das 74 cartas.

No *corpus* inicial, em todos os tipos de relação, tanto no eixo da simetria quanto no da assimetria, constatou-se o uso majoritário da FT *vossa mercê*. Ressalte-se que, devido ao contexto sócio-histórico a que pertencem os documentos, torna-se complexo estabelecer a simetria/assimetria de algumas relações epistolares. Tome-se como exemplo o caso de uma carta enviada de um capelão, Francisco Ângelo Xavier de Aguirre, a um

⁴ Das 74 cartas, seis foram escritas em capitanias vizinhas (Rio de Janeiro, Minas e Goiás) e uma foi escrita em Buenos Aires. Todas, no entanto, tratam de assuntos relativos à capitania de São Paulo, tendo sido dirigidas a ocupantes de cargos da administração colonial paulista.

capitão, Manoel Antônio de Carvalho. Trata-se de duas esferas sociais distintas, a dos eclesiásticos e a dos militares, sendo delicado determinar quem estava em posição superior ou inferior.

A partir dessa constatação, o *corpus* foi seccionado de acordo com o que se convencionou denominar categoria socioprofissional do remetente. Tal classificação se mostrou extremamente produtiva para analisar o uso das FT's. Com o objetivo de comprovar a validade do uso da categoria socioprofissional como instrumento de análise, optou-se pela ampliação do *corpus*, criando-se *corpora* de cotejo, constituídos de documentos rigorosamente editados de época e tipologia próximas.

Teve-se o cuidado de selecionar documentação de cotejo de constituição semelhante ao *corpus* inicial para que se tornasse possível a comparabilidade dos dados. Assim os *corpora* de cotejo apresentam as seguintes características:

- a) compostos por documentos setecentistas e oitocentistas, do período de 1764 a 1877 (semelhança de datação cronológica);
- b) constituídos de espécies documentais semelhantes: cartas e ofícios;
- c) formados por documentos da administração colonial em circulação pública, sendo classificados como documentação oficial em oposição à documentação pessoal ou privada;
- d) publicados seguindo normas conservadoras de edição semidiplomática, garantindo a fidedignidade das edições;
- e) datação tópica variável, tendo sido lavrados em diferentes capitanias, para ser possível a análise diatópica contrastiva;
- f) nomes e/ou cargos de remetentes e destinatários textualmente presentes, o que permite a correta classificação dos mesmos nas categorias socioprofissionais⁵.

Cartas e ofícios catarinenses do século XVIII, editados por Schreiner (2007), constituíram um ponto de cotejo interessante, visto que envolvem o governador interino da capitania, o militar João Alberto de Miranda Ribeiro, que possuía a patente de tenente-coronel. Encontram-se as FT's *vossa excelência*, *vossa senhoria* e *vossa mercê*.

Também envolvendo militares, a documentação editada por Silveira (2004), lavrada na Baixada Santista entre 1777 e 1827, traz dados de contraste sobre o uso das FT's pelos militares, sobretudo no início do século XIX, já que a maioria foi escrita nesse século. A FT preferencial é *vossa mercê*, apesar de algumas missivas oitocentistas enviadas a militares de altas patentes apresentarem a FT *vossa senhoria*.

Cartas baianas do século XVIII (LOBO, 2001), provenientes da antiga Comarca de Ilhéus, escritas por desembargadores-ouvidores ou juizes ordinários serviram como ponto de comparação do uso das FT's dirigidas a outros cargos da administração pública, também presentes nas cartas paulistas, como juizes e ouvidores. Documenta-se no conjunto de cartas selecionadas dessa obra apenas a FT *vossa mercê*.

As cartas de autoria do vice-rei Marquês do Lavradio, editadas por Marcotulio (2008), enviadas a diversos governadores das capitanias, revelam uso de FT's distintas em missivas remetidas a um mesmo destinatário. O governador de Santa Catarina, Francisco de Souza de Menezes, é tratado tanto por *vossa mercê* quanto por *vossa senhoria*. Nas cartas de *vossa mercê* o conteúdo parece exercer papel preponderante na opção por essa FT, já que se trata de assunto militar, como, por exemplo, nomeação de capitães e remessa de presos.

Em cartas setecentistas da administração pública, editadas por Rumeu (2004), verifica-se o uso de *vossa excelência* e *vossa mercê*. Trata-se de correspondência envolvendo governadores de capitanias e ocupantes de altos cargos da administração geral da colônia, como é o caso do ajudante de ordens Afonso Botelho de Sampaio e Souza.

Em virtude de número representativo de cartas do *corpus* paulista envolver eclesiásticos, optou-se por cotejar o uso das FT's com documentação eclesiástica dos séculos XVIII e XIX editada por Mota (2011). São documentos oficiais de diversas espécies documentais (petições, provisões, requerimentos, cartas etc.), referentes ao Convento da Lapa, na Bahia, lavrados entre 1764 e 1877. Assim como nas cartas paulistas enviadas a altos cargos

⁵ Nos raros casos em que não foi possível identificar textualmente a categoria socioprofissional dos envolvidos nas missivas, recorreu-se ao conteúdo do documento, aliado à contextualização sócio-histórica do mesmo, para a correta classificação na categoria socioprofissional.

eclesiásticos, documentam-se as FT's *vossa excelência*, acompanhada ou não da expressão *reverendíssima*, *vossa senhoria*, que poderia vir seguida da expressão *ilustríssima*, e *vossa reverendíssima*.

4. A categoria socioprofissional

A proposta de se utilizar a categoria socioprofissional de remetentes e destinatários para analisar o uso das FT's adveio da observação do *corpus* inicial. Verificou-se que os militares, independente da patente que possuíam, tratavam-se entre si por *vossa mercê* e que moradores, padres e juizes também escolhiam essa FT para se dirigir aos militares. Ou seja, era um indício de que, independente da posição superior ou inferior do remetente, o grupo constituído pelos militares parecia condicionar o uso da FT. Se um militar de alta patente tratava seu subordinado por *vossa mercê* e um morador que necessitava fazer um pedido à autoridade da vila, posto ocupado à época pelos capitães e sargentos das companhias de ordenanças, também utilizava a FT *vossa mercê*, tem-se um exemplo de uso da FT tanto em uma relação assimétrica descendente quanto em uma assimétrica ascendente. Essa expansão dos contextos de uso parece apontar para o caráter híbrido que *vossa mercê* já possuía na segunda metade do setecentos.

A abordagem das categorias socioprofissionais respalda-se no trabalho de Marquilhas (2000), que estudou a documentação seiscentista relativa aos tribunais do Santo Ofício, mais especificamente os depoimentos e documentos judiciais conservados como provas das denúncias, escritos por mãos inábeis, foco de seu estudo. Os ricos dados disponíveis sobre os depoentes, extraídos das fontes inquisitoriais, como sexo, idade, local de residência e classe socioprofissional, foram associados a propostas de categorização para comunidades semelhantes à do *corpus* português, como aquelas dos tribunais de Toledo e da alta Andaluzia.

Para o *corpus* paulista, na ausência de dados semelhantes relativos aos remetentes e destinatários das missivas, visto não se tratar de um contexto como o dos tribunais do Santo Ofício, que requeriam um levantamento preciso sobre os depoentes, foi necessário levantar a classe socioprofissional por meio dos próprios documentos, associando-se pesquisas de cunho sócio-histórico sobre a realidade da administração colonial pública à época.

As cartas forneciam importantes informações sobre os destinatários, principalmente nas seções mais fixas, como o fecho complementar, constante da seção de despedida⁶. Expressões frequentes, como "De *Vossa Merce* | Soldado *muito attento*", informam que se trata da categoria socioprofissional dos militares. Além disso, o conteúdo da missiva aliado à pesquisa sócio-histórica esclarece a posição de remetentes e destinatários. Há muitas cartas relatando a dificuldade em recensar os moradores a fim de elaborar um rol a ser enviado ao capitão-general. Tal tarefa, segundo a historiografia (BELLOTTO, 2007; LEONZO, 1979), era de responsabilidade dos militares. Comprova-se, então, que o remetente pertencia a essa categoria socioprofissional.

Além das informações constantes dos próprios documentos, levou-se em conta as pesquisas da historiografia sobre a administração no Brasil colonial (BELLOTTO, 2007; SALGADO, 1985; WEHLING; WEHLING, 2005).

Foram estabelecidas cinco esferas socioprofissionais que contemplam variados cargos da administração colonial, conforme se pode observar no quadro a seguir, extraída de Monte (2013, p. 128):

⁶ O fecho complementar é uma estrutura recorrente nas cartas setecentistas, fazendo parte da seção de despedida das mesmas. Constitui-se pela expressão "De + FT + expressão de reverência", como no exemplo "De *Vossa Merce* Servo e Criado *muito amante*". Para mais informações sobre a estrutura diplomática das cartas, conferir Monte (2013), seção 2.6.

1. Administração geral - alta esfera	rei, vice-rei, governador, desembargador
2. Administração local	ouvidor, provedor, juiz de fora, juiz ordinário, juiz de vintena, intendente do ouro, guarda-mor das minas
3. Eclesiásticos	vigário capitular, frei, padre, pároco, capelão
4. Militares	sargento-mor, ajudante de ordens, capitão-mor, capitão, tenente, alferes, sargento
5. Moradores	agricultores, mineradores

Quadro 3. Proposta de categorização socioprofissional.

A administração geral corresponde à alta esfera de poder: o rei de Portugal e aqueles que lhe respondiam diretamente sobre assuntos relativos à administração da colônia, como o vice-rei, os governadores das capitanias e os desembargadores. A segunda esfera, da administração local, contempla os representantes da administração local, cuja ação acontecia dentro dos limites da capitania sobre o qual eram responsáveis, onde normalmente residiam. Trata-se dos cargos da justiça e da fazenda, a saber: ouvidor, juiz de fora, intendente do ouro, entre outros. Os eclesiásticos, figuras fundamentais e bastante presentes na documentação da época, são agrupados na terceira esfera. A quarta esfera é constituída pelos militares, ou seja, todos aqueles que possuíam patentes nas companhias de ordenanças e de auxiliares. A última esfera contempla os remetentes que escreveram à administração pública para fazer pedidos relativos a assuntos pessoais que requeriam uma ação do poder público, ou seja, aqueles que escreveram do lugar de moradores que eram das capitanias⁷.

Ressalte-se que não há ordem hierárquica entre as esferas, trata-se apenas de uma numeração com fins didáticos. É claro, no entanto, que as missivas dirigidas de qualquer uma das esferas à primeira delas, da administração geral, sempre constituirão uma relação assimétrica ascendente, e, na via inversa, assimétrica descendente. O mesmo não acontece em relação às demais esferas se comunicando entre si.

Tal proposta de categorização socioprofissional mostra-se produtiva para a classificação das relações epistolares tanto no *corpus* inicial, constituído por documentação lavrada na capitania de São Paulo, quanto nos *corpora* de cotejo, cuja datação tópica recobre a vila de Santos (SILVEIRA, 2004) e as capitanias do Rio de Janeiro (MARCOTULIO, 2008; RUMEU, 2004), de Santa Catarina (SCHREINER, 2007) e da Bahia (LOBO, 2001; MOTA, 2011). Todos aqueles envolvidos nessa documentação, tanto na posição de remetentes quanto de destinatários, enquadram-se nas categorias acima descritas.

5. Aplicação da categoria socioprofissional aos *corpora* de análise

Partindo-se da leitura dos documentos dos *corpora* de cotejo e da contextualização sócio-histórica dos mesmos, procede-se à classificação abaixo exemplificada. A metodologia utilizada para o levantamento de dados consistiu da marcação de todas as ocorrências das FT's, independentemente da posição do documento em que ocorriam, se nas estruturas mais fixas das cartas ou se na parte de texto livre, e da posição sintática que ocupavam⁸. Convém ressaltar que em apenas um documento de todos os *corpora* abaixo analisados constatou-se a mistura de FT's. Trata-se de uma carta do *corpus* inicial de análise, em que ao longo do documento o remetente se dirige ao destinatário usando a FT *vossa mercê*, porém usa a abreviatura relativa à FT *vossa senhoria* no fecho complementar.

Após o levantamento exaustivo das FT's presentes na documentação, classificaram-se os remetentes e os destinatários de acordo com a posição ocupada nas esferas das categorias socioprofissionais, lugar do qual se comunicavam.

⁷ São exemplos de assuntos pessoais: prejuízos causados pela fuga de um escravo, denúncias de crimes, defesas de supostas falsas acusações recebidas, pedidos para beneficiar filhos, afilhados, amigos e criados, compra de casas ou chácaras, entre outros.

⁸ Diferentemente das cartas pessoais do final do século XIX e do século XX, as cartas setecentistas e oitocentistas da administração pública analisadas não apresentam mistura de FT's, assim não há cartas mistas.

<i>Categoria socioprofissional do destinatário</i>	<i>Forma de tratamento preferencial</i>	
<i>Capitania de São Paulo</i>		
Alta esfera - Administração Geral	Rei	vossa majestade
	Governador	vossa excelência
Administração Local	vossa mercê	
Eclesiásticos	Altos cargos	vossa senhoria / vossa reverendíssima
	Padres e madres	vossa mercê
Militares	vossa mercê (9)	
<i>Capitania do Rio de Janeiro</i>		
Alta esfera - Administração Geral	Governadores	vossa excelência / vossa senhoria (10)
Militares	vossa mercê	
<i>Capitania de Santa Catarina</i>		
Alta esfera - Administração Geral	Vice-rei	vossa excelência
	Governador	vossa excelência / vossa senhoria (11)
Administração local	vossa mercê	
<i>Capitania da Bahia</i>		
Administração local	vossa mercê	
Eclesiásticos	Altos cargos	vossa excelência (reverendíssima) / vossa senhoria (ilustríssima) / vossa reverendíssima

Quadro 4. Categorias socioprofissionais dos destinatários e Formas de tratamento.^{9/10/11}

O primeiro dado a se destacar do quadro acima é o fato de haver pouca ou nenhuma variação na FT preferencial dentro de cada categoria socioprofissional, independente da capitania onde o manuscrito foi lavrado. Assim, a FT preferencial se mostra uniforme ao longo do vasto território abrangido pela documentação. Ou seja, um representante da administração local, por exemplo um juiz, era tratado pela FT *vossa mercê* independente da localidade em que exercia tal cargo: um juiz baiano foi assim tratado, bem como um juiz catarinense e um juiz paulista.

A uniformidade diatópica dos tratamentos, dessa forma, reforça a produtividade de se analisar o uso das FT's pelo viés das categorias socioprofissionais, sobretudo quando se trata de documentos da administração colonial em circulação pública.

Com relação às FT's em específico, observa-se que o uso das FT's de alto valor honorífico, como *vossa excelência*, *vossa senhoria* e *vossa reverendíssima*, fica reservado à alta esfera de poder, tanto da administração geral quanto dos eclesiásticos. Os governadores de capitanias, que possuíam a patente de capitão-general, eram tratados por *vossa excelência* ou *vossa senhoria*. Os eclesiásticos que ocupavam altos cargos, como arcebispo,

⁹ Nas cartas do século XIX, editadas por Silveira (2004), a patente militar mais alta, tenente-coronel, recebeu o tratamento de *vossa senhoria* em documentos oitocentistas. Tal dado aponta para uma diferenciação linguística por meio das FT's para aqueles que possuíam altos postos de comando a partir desse período.

¹⁰ O governador da capitania de Santa Catarina é tratado tanto por *vossa senhoria* quanto por *vossa mercê*. Nas cartas de *vossa mercê*, o conteúdo das missivas é estritamente militar.

¹¹ O governador tenente-coronel interino de Santa Catarina, que não possuía a patente de capitão-general, é tratado em alguns documentos por *vossa mercê*. O fato de não possuir tal patente pode explicar o uso variável da FT.

vigário capitular, madre abadessa, eram tratados pelas mesmas formas, que poderiam vir acompanhadas das expressões *reverendíssima* ou *ilustríssima*. Tal uso indica que, no interior da categoria socioprofissional dos eclesiásticos, havia uma diferenciação linguística no tratamento àqueles que ocupavam as posições superiores da hierarquia.

Já com relação aos militares, não se verifica o mesmo comportamento, sendo todos tratados por *vossa mercê*, independentemente da patente possuída. Esse comportamento contraria a hipótese elaborada a partir da leitura da lei de cortesia de 1739, que afirmava que se devia atribuir o tratamento conforme os postos que os militares ocupavam¹².

Tal dado atesta também o maior valor honorífico atribuído às formas *vossa senhoria* e *vossa excelência* em relação à FT *vossa mercê*. Convém lembrar que as leis de cortesia nem chegaram a dispor sobre quem deveria ser tratado por *vossa mercê*, atestando que a FT já não apresentava cortesia suficiente para tratar aqueles que pertenciam à corte.

Pode-se sintetizar o uso das FT's verificado nos *corpora* pesquisados de acordo com o quadro a seguir:

<i>Categoria socioprofissional do destinatário</i>	<i>Forma de tratamento preferencial</i>
Administração Local (juizes, ouvidores etc.) Militares Eclesiásticos comuns (padres)	vossa mercê
Alta esfera - Administração Geral	vossa excelência e vossa senhoria
Eclesiásticos - altos cargos	vossa excelência (reverendíssima) vossa senhoria (ilustríssima) vossa reverendíssima

Quadro 5. Consolidação do uso das FT's de acordo com a categoria socioprofissional.

Ao se constatar que a FT *vossa mercê* era amplamente utilizada para a comunicação entre aqueles que lidavam de perto com as questões cotidianas das capitanias, como os militares, que tiveram papel fundamental na capitania de São Paulo, os juizes e os ouvidores, os padres, entre outros, percebe-se que tal FT carregava a cortesia necessária para o tratamento entre tais classes socioprofissionais. Deve-se ressaltar que tanto moradores que necessitavam da ajuda de um capitão-mor para resolver questões de âmbito pessoal, quanto um subordinado seu, tratavam-no por *vossa mercê*. Por outro lado, o capitão-mor tratava seus subordinados usando a mesma FT. Mesmo entre dois capitães-mores, a FT escolhida era *vossa mercê*.

Ilustra-se no quadro a seguir essa diversidade de relações, verificada no *corpus* paulista:

¹² Atesta-se o uso da FT *vossa senhoria* apenas em três cartas dirigidas a um militar que ocupava alto posto, de comandante das expedições ao Tibagi, atuando bem próximo ao governador Morgado de Mateus. Acredita-se que tanto sua alta patente quanto sua proximidade da alta esfera de poder são os fatores responsáveis pela eleição da forma de maior valor honorífico.

<i>Categoria socioprofissional do remetente</i>	<i>Categoria socioprofissional do destinatário</i>	<i>Forma de tratamento</i>	<i>Relação epistolar</i>	<i>Assunto da missiva</i>
militar capitão-mor	militar capitão-mor	vossa mercê	simétrica	pagamento de patentes de militares
eclesiástico capelão	militar capitão-mor	vossa mercê	categorias diferentes	agradecimento
morador	militar capitão	vossa mercê	categorias diferentes	prejuízos causados na fazenda por soldados
militar alferes	militar tenente	vossa mercê	assimétrica ascendente	notícia sobre a prisão de soldados desertores
militar capitão-mor	militar sargento-mor	vossa mercê	assimétrica descendente	notícia sobre a prisão de mulher adúltera

Quadro 6. Relação de cartas e classificação socioprofissional.

Verifica-se, no quadro acima, a produtividade do uso de *vossa mercê*, presente em todos os tipos de relação epistolar. A segunda coluna indica que todos os destinatários das missivas fazem parte da categoria socioprofissional dos militares. Esse dado, associado ao fato de os remetentes pertencerem a categorias socioprofissionais diversas, demonstra que a posição ocupada pelos destinatários das missivas dentro do contexto sócio-histórico era um fator importante para a escolha das FT's à época.

O cotejo com *corpora* de natureza semelhante, lavrados em outras capitanias, reforça tal hipótese, mostrando que os militares, assim como os representantes da administração local, eram preferencialmente tratados por *vossa mercê*. Dessa forma, é interessante pesquisar como se constituíam e se distribuíam tais categorias em cada uma das capitanias.

No caso específico de São Paulo, sabe-se que os militares exerceram um papel fundamental na sócio-história da capitania, desde o início da colonização (SILVA, 2009). Na época da documentação editada, coincidente com o período de governo de Morgado de Mateus, nono governador e capitão-general da capitania de São Paulo (AMARAL, 2006), estruturam-se as companhias auxiliares e de ordenança, com a principal função de defender a colônia das ofensivas espanholas. Como a capitania havia sido extinta em 1748 e restaurada em 1765 (BELLOTTO, 2007), era necessário que se recrutassem moradores para preencher os postos vagos nessas companhias, bem como assegurar que as ordens dadas pelos governadores estavam sendo cumpridas em cada uma das vilas. Esse contexto foi um dos responsáveis pela intensa comunicação escrita lavrada no período de 1765 a 1775. Além disso, é possível confrontar a descrição presente nas obras da historiografia paulista com a realidade narrada nas cartas editadas.

Uma informação fundamental relativa aos militares, envolvidos na vasta maioria dos documentos paulistas editados, é o fato de serem naturais da terra, informação confirmada pela pesquisa sobre a naturalidade dos mesmos, efetuada no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo (sobretudo em registros de casamento), no Arquivo Público do Estado de São Paulo (principalmente em autos de inventário e contas de testamento) e também na **Genealogia Paulistana** (LEME, 1903). Tal fato, além de essencial para as pesquisas sobre a história da língua portuguesa no Brasil e em São Paulo, auxiliando na formação de *corpus* rico constituído de documentos escritos por genuínos paulistas, constitui importante pista para descrever as diferentes FT's usadas ao longo do Brasil. Nos locais em que foi mais frequente a presença de portugueses, ocupantes da alta esfera de poder, exercendo cargos da administração geral, como governadores e demais cargos que respondiam direto ao rei, tais como Santos e Rio de Janeiro, nota-se a preferência pela FT *tu*¹³. Já em locais em que havia muitos militares e

¹³ Ressalte-se que as pesquisas atuais sobre a distribuição dos pronomes de tratamento nos referidos locais apontam para um ganho de espaço do pronome *você* a partir da década de 1940 (LOPES; MARCOTULIO; RUMEU, 2015).

ocupantes de cargos da administração local, que eram preferencialmente exercidos pelos naturais da terra, verifica-se o uso maior da FT *você*. Ainda são necessárias pesquisas mais extensas, que deem conta do contexto sócio-histórico específico de cada uma das capitânicas, mas parece haver uma relação próxima entre a distribuição de categorias socioprofissionais e a FT preferencial, consequentemente entre a maior presença de população nativa e o uso das FTs.

O caso de a documentação paulista apresentar alto índice de *vossa mercê* e os lugares por onde passaram as tropas paulistas apresentar predomínio de *você* não parece ser fortuito. Segundo Menon e Loregian-Penkall (2002 apud COELHO, GÓRSKI, 2011, p. 269),

a implantação de *você* no sul do Brasil deve ter acontecido como resultado da penetração dos paulistas, durante o período em que viajavam para comprar gado, atingindo primeiro Curitiba, passando pelo planalto catarinense (em regiões como Lages, por exemplo) e parte do Rio Grande do Sul (Vacaria). E essa transmissão ocorreu no mesmo momento em que se deu o povoamento dessas cidades, a partir da segunda metade do século XVIII.

Sobre Lages, inclusive, quando do intento de lá instalar um povoamento, Morgado de Mateus escolhe como dirigente um capitão-mor, que era proprietário da região desde 1754: Antônio Correia Pinto (MONTE, 2013). Ou seja, um militar, provavelmente paulista, é designado para desenvolver a vila de Lages.

Considerações Finais

Conforme demonstrado pela análise das FT's nos *corpora* descritos, a classificação dos envolvidos nas relações epistolares de acordo com a proposta de categorias socioprofissionais se mostrou produtiva para documentos da administração colonial em circulação pública. A uniformidade na escolha das FT's no tratamento a cada uma das categorias socioprofissionais comprova que se tratava de uso consolidado e conhecido por aqueles que participavam da tradição escrita no período colonial.

A alta frequência da FT *vossa mercê* entre os militares, os administradores locais e os padres aponta para uma importante via de análise da história das FT's no Brasil, uma vez que tais categorias eram normalmente ocupadas pelos naturais da terra. Segundo a pesquisa sobre o *corpus* paulista, dos 27 remetentes localizados, 67% haviam nascido no Brasil e, dos 33% de portugueses, metade estava na colônia há pelo menos 18 anos. Quase um terço dos militares localizados provinha de famílias que chegaram no Brasil no século XVI, ou seja, pertencem ao grupo dos primeiros colonizadores.

As informações sobre a naturalidade dos informantes corroboram a hipótese de que os nascidos na colônia se tratavam preferencialmente pela FT *vossa mercê*, já que eram os naturais da terra aqueles que ocupavam as categorias socioprofissionais dos militares, dos administradores locais e dos padres, conforme ficou comprovado com a pesquisa sobre o *corpus* paulista.

Estudando-se o contexto sócio-histórico de cada capitania, verificando-se a movimentação de portugueses e brasileiros, de acordo com os cargos que ocupavam nas vilas, e aliando esses estudos à documentação produzida por informantes minimamente identificados será possível traçar uma história das FT's no Brasil com mais segurança.

Enquanto se está por fazer esse estudo, vale apontar que talvez o alto uso da FT *vossa mercê* pelos paulistas na documentação escrita possa ter uma relação estreita com o que se verificava em sua fala. Não parece ser coincidência, aliás, o fato de se documentar predominância do pronome *você* pelo caminho trilhado pelos paulistas no período colonial.

Fontes manuscritas

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Inventários não publicados 1774-1775, Inventário de Manoel Alvares de Fonseca, 1775, São Paulo (Lata C 551). Acervo APESP.

Juízo dos Órfãos, Inventário de Antônio Ferreira Lustosa, 1775, São Paulo (Lata C 665). Acervo APESP.

Juízo dos Órfãos, Arrematação dos bens de Antônio Ferreira Lustosa, 1779, São Paulo (Lata C 5340). Acervo APESP.

Provedoria Geral de Resíduos, Contas de Testamento do Defunto José Rodrigues Paes – Guarda-mor, 1804, Vila de Santana do Parnaíba (Lata C 05486). Acervo APESP.

Livros de Sesmarias, Patentes e Provisões

Ordem 365, lata 7 (Sesmarias, Patentes e Provisões - 1752-1766) - livro 15

Ordem 367, lata 8 - livros 17 e 18

Ordem 367, lata 9 (Sesmarias, Patentes e Provisões - 1771-1778) - livros 19 e 20

Livros Mestres

0.446 - lata 88 - livro 269 (Livro Mestre do Regimento dos Úteis - 1794/1822)

0.448 - lata 90 - livro 275 (Livro Mestre do Primeiro Regimento de Infantaria Miliciana da Capital - 1811/1822)

Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo

Livro de tombo da Sé (1747-1785) notação: 2-2-17

Processos de Collações de Dignidades e Conézas da Sé

Ficha Biográfica do Clero (manuscrita) - Padre Manuel de Barros

Registros de casamento

Livro 2 de Casamentos da Catedral da Sé 1690-1767 notação: 1-3-16

Livro 3 de Casamentos da Catedral da Sé 1768-1782 notação: 2-2-22

Processos de habilitação

Processo de habilitação do Padre Ignácio Rodrigues Barbosa (1747)

Estante 1 – Gaveta 15 – Nº 166

Processo de habilitação do Padre José Cardoso de Almeida (1748)

Estante 1 – Gaveta 16 – Nº 174

Processo de habilitação do Padre Francisco Xavier Garcia (1754)

Estante 1 – Gaveta 31 – Nº 273

Arquivo da Cúria do Rio de Janeiro

Série Habilitação Sacerdotal

Série Provisão de Padre

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

As imagens do *corpus* utilizadas neste artigo pertencem ao Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil.

Gaveta I-30, 21 - Microfilme MS-553

Coleção Morgado de Mateus. Série: documentos avulsos. Correspondências de terceiros.

Microfilmes MS-553 (17), (18) e (20)

Coleção Morgado de Mateus. Série: documentos avulsos. Correspondências de vários autores ao governador da capitania de São Paulo, Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Mateus.

Microfilme MS-553 (11)

Idea porque forão levantadas de novo as tropas auxiliares da Capitania de São Paulo.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, Amadeu do. *O dialeto caipira*. São Paulo: Hucitec, 1955. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=7381>. Acesso em: 28 jun. 2015.
- BARBOSA, Afranio Gonçalves. *Para uma História do Português Colonial: Aspectos Lingüísticos em Cartas de Comércio*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- BASTO, Claudio. Formas de tratamento, em português. *Revista Lusitana*, n. 29, p. 183-202, 1931.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Autoridade e conflito no Brasil colonial: o governo do Morgado de Mateus em São Paulo (1765-1775)*. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2007.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A. (Ed.). *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-449. Disponível em: <<http://www.researchschool.org/intranets/Brown%20and%20Gilman%201960.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2015.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria. A variação no uso dos pronomes tu e você em Santa Catarina. In: LOPES, Célia Regina dos Santos; COUTO, Leticia Rebollo. (Orgs.) *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da UFF, 2011. p. 263-287.
- CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.
- LEI SOBRE OS ESTILOS DE FALAR E ESCREVER. S.l.: s.n., depois de 16 de Setembro de 1597. [2] f. Cota do exemplar digitalizado: res-2312-v. Disponível em: <<http://purl.pt/15187>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- LEME, Luiz Gonzaga da Silva Leme. *Genealogia Paulistana*. São Paulo: Duprat & Companhia, 1903-1905. 9 v. Disponível em: <<http://archive.org/details/GenealogiaPaulistana>>. Acesso em: 28 jun. 2015.
- LEONZO, Nanci. *As companhias de ordenanças na capitania de São Paulo: das origens ao governo do Morgado de Matheus*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1975.
- LOBO, Tânia Conceição Freire (Org.). *Cartas baianas setecentistas*. 1. ed. São Paulo: Humanitas / FAPESP, 2001. (Série Diachronica, 3).
- LOPES, Célia Regina dos Santos. Tradição Textual e mudança linguística: aplicação metodológica em cartas de sincronias passadas. In: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. (Orgs.). *História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís Câmara Cascudo a Mário de Andrade - 1924 a 1944*. 1 ed. Natal: EDUFRRN, 2012, v.1. p. 17-54. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/producao/UFRN.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2015.
- _____.; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; RUMEU, Márcia Cristina de Brito. (Orgs.) A reorganização no sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: posição de sujeito. In: *História do Português Brasileiro*, Vol. III, Tomo 2, Mudança sintática sob a perspectiva funcionalista. No prelo.
- LUZ, Marilina dos Santos. Fórmulas de tratamento no português arcaico – subsídios para o seu estudo. *Revista Portuguesa de Filologia*, v. 7, 8 e 9, 1958. Ed. Casa do Castelo. Separata.
- MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez linguística*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/MarcotulioLL.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2015.
- MARQUILHAS, Rita. *A Faculdade das Letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.
- MEGALE, Heitor; CAMBRAIA, César Nardelli; CUNHA, Antonio Geraldo. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001. (Série Diachronica, 1).
- _____.; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida (Orgs.). *Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII*. Cotia: Ateliê Editorial, 2005. (Série Diachronica, 4).
- MONTE, Vanessa Martins do. *Correspondências paulistas: as formas de tratamento em cartas de circulação pública (1765-1775)*. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-18062013-103230/pt-br.php>>. Acesso em: 28 jun. 2015.
- MOTA, Ana Claudia de Ataíde Almeida. *Documentos avulsos do Convento da Lapa (Salvador, Bahia, séculos XVIII e XIX): Edição e estudo*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-19102011-125754/>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

RAMOS, Jânia. Tratamento na díade pai e filho: uso de *você* e *senhor*. In: LOPES, Célia Regina dos Santos; COUTO, Leticia Rebollo. (Orgs.) *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da UFF, 2011. p. 289-301.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Língua e sociedade: a história do pronome "Você" no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

_____. *Para uma História do Português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

SAMARA, Eni de Mesquita. *Paleografia e fontes do período colonial brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 2005. Estudos Cedhal (Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina). n. 11.

SCHREINER, Cátia. *Edição semidiplomática de documentos manuscritos catarinenses do século XVIII: livro de 'ofícios do vice-rei para o governador da capitania' (1793-1798)*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-03102007-142123/>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Org.). *História de São Paulo colonial*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

SILVEIRA, Cláudia Damião Lopes de Almeida. *Edição de textos relativos à defesa, segurança e fiscalização portuária da Baixada Santista no período final do século XVIII e início do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

Fotografias como estratégia metodológica: perscrutando formas de tratamento pronominais brasileiras, moçambicanas e angolanas

*Photographs as methodological strategies:
searching for Brazilian, Mozambican and Angolan addressing pronominal forms*

Recebido em 03 de maio de 2015. | Aprovado em 12 de junho de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i1.180>

Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre¹

Resumo: Brasil, Moçambique e Angola compartilham da língua portuguesa. Entretanto, esse sistema linguístico é atualizado de modos particulares em função de cada um dos contextos nacionais e de suas idiossincrasias. Particularmente, essa situação é válida ao se observar os usos pronominais da língua portuguesa em suas variedades brasileira, angolana e moçambicana. Ao se considerar apenas situações de interlocução, o sistema dispõe de pronomes pessoais que contemplam recursos pragmáticos de cortesia, intimidade, polidez, distanciamento hierárquico etc. por meio de formas como *tu, você, o senhor/a senhora, vocês, os senhores/as senhoras*. Além dessas formas pronominais, ainda está disponível sistemicamente ao falante a ausência do pronome (ou forma zero), em que a marca pessoal é demonstrada pela desinência verbal. Para a realização dessa pesquisa comparativa entre as três variedades do português, algumas escolhas metodológicas foram decisivas. Em especial, fez-se imprescindível o resgate de uma metodologia utilizada por pesquisadores brasileiros nos anos 1980. Trata-se do emprego de fotografias como motivador para a realização das entrevistas com os informantes. A partir da seleção das imagens de perfis sociais, foi possível realizar as entrevistas com os informantes. A proposta feita aos entrevistados era que lhes seria indicada, para cada imagem, uma instrução específica contendo um pedido acerca de endereço, referência a uma pessoa, o preço de determinado produto etc. Tendo compreendido a instrução, o informante estabelecia um diálogo com a pessoa da fotografia – a maioria dos informantes compreendia prontamente a proposta da entrevista e produzia naturalmente diversas formas de tratamento. Em geral, há a possibilidade de se estabelecer algumas tendências no comportamento linguístico dos informantes de um mesmo país, corroborando com a assertiva de que o português brasileiro, o moçambicano e o angolano são variedades linguísticas autônomas.

Palavras-chave: sociolinguística; pragmática; metodologia; formas de tratamento; pronomes pessoais.

Abstract: Brazil, Mozambique and Angola share the Portuguese language. However, this linguistic system is updated in particular ways according to each national context and its idiosyncrasies. In particular, this situation is valid when observing the pronoun usage of the Portuguese language in its Brazilian, Angolan and Mozambican varieties. When considering only situations of dialogue, the system offers personal pronouns that include pragmatic resource courtesy, intimacy, politeness, hierarchical distance etc. in ways as *you* and *Mr. / Mrs.*. In addition to these pronoun forms, it is still systemically available to the speaker the absence of the pronoun, in which the personal brand is demonstrated by the verbal ending. For the purposes of comparative research between the three varieties of Portuguese, some methodological choices were decisive. In particular, it became imperative to rescue a methodology used by Brazilian researchers in the 1980s. This is the use of photographs as a motivator for the interviews with informants. From the social profiles of the selected image, it was possible to conduct the interviews with informants. The proposal made to them was that they would be indicated, for each image, a specific statement containing a request about address, reference to a person, the particular product price etc. Having understood the instruction, the informant established a dialogue with the person of the picture – most informants readily understand the proposal of the interview and naturally produced various addressing forms. In

¹ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP - Araraquara, Brasil. sabrinabalsalobre@yahoo.com.br

general, it is possible to establish some trends in the linguistic behavior of respondents from the same country, supporting the assertion that the Brazilian, Mozambican and Angolan Portuguese are autonomous linguistic varieties.

Keywords: sociolinguistics; pragmatics; methodology; addressing forms; personal pronouns.

Introdução

Aos estudiosos do sistema de formas de tratamento, um problema metodológico crucial se coloca: por meio de entrevistas sociolinguísticas, como obter os dados de fala necessários a fim de se estudar o fenômeno pretendido em sua complexidade e diversidade de formas possíveis disponibilizadas pelo sistema?

Quando se opta por estudar formas de tratamento por meio de textos escritos, é preciso mencionar que há ligeiramente mais facilidade em encontrar situações interlocutivas que favoreçam o aparecimento dos tratamentos – a depender do gênero textual privilegiado para análise –, como por exemplo, o trabalho com peças de teatro (LOPES; DUARTE, 2003), cartas pessoais (LOPES, 2005; 2009; MARCOTULIO, 2010), textos literários, documentos históricos (LOPES, 2006), textos jornalísticos (BALSALOBRE, 2010), entre outros.

No entanto, quando a intenção é a de se estudar dados de fala contemporânea, surge a dificuldade em se obter os dados desejados. Uma das vias de estudo possíveis é optar-se por analisar vídeos da televisão, ou veiculados pela *internet*, com programas de entrevistas. A vantagem desse método, por um lado, é a não interferência da subjetividade do pesquisador, haja vista que ele atuará apenas como um observador. Por outro lado, contudo, durante um programa de entrevista, as formas de tratamento se repetem e não são produzidas em abundância pelos interlocutores, uma vez que os papéis sociais e os níveis de formalidade tendem a permanecer estáveis durante o período da gravação.

Sendo assim, durante os anos 1980 alguns pesquisadores se propuseram a testar um método de pesquisa com formas de tratamento que se mostrou bastante eficaz: o uso de fotografias. Nessa vertente de estudos, dois trabalhos se destacam: o artigo de Maria Teresa dos Santos Abreu e José da Veiga Mercer, publicado em 1988, acerca do emprego do pronome zero na cidade de Curitiba e a dissertação de mestrado em Linguística, apresentada à UFRJ, no ano de 1981, por Sônia Mundim, que foi intitulada *Formas de tratamento e vocativos no Rio de Janeiro*.

Nesse sentido, com a preocupação de investigar as formas de tratamento das variedades brasileira, moçambicana e angolana contemporâneas, foi utilizado esse método de investigação que se propõe a estabelecer entrevistas com informantes a partir de fotografias. Dessa forma, esse artigo se propõe a revisitar o método utilizado nos anos 1980 e descrever as adaptações necessárias para que pudesse ser atualmente utilizado. Assim, além de brevemente apresentar as variedades da língua portuguesa em foco, os estudos que pioneiramente utilizaram o método das fotografias como instrumento de pesquisa linguística e a composição da amostra que se estabeleceu para esse estudo que ora se apresenta, é também foco desse artigo expor alguns resultados acerca das formas de tratamento pronominais em uma perspectiva comparativa dessas três variedades do português.

1. As variedades brasileira, moçambicana e angolana da língua portuguesa²

Recuando no tempo, a história do Brasil (país de proporções continentais situado na América do Sul e voltado ao Oceano Atlântico), de Angola (país africano também banhado pelo Atlântico) e de Moçambique (outro país africano, mas cujas águas são do Índico) encontra um denominador comum: o colonialismo português. Em função disso, os três países herdaram a língua portuguesa e alguns usos e costumes, mas mantiveram características peculiares que os tornam absolutamente ímpares.

Em termos numéricos, a população brasileira conta com um montante de 190.755.799 habitantes (segundo o censo 2010)³, a população moçambicana foi estimada em 23.049.621 (no ano de 2011)⁴ e a angolana 19.940.000

² É preciso enfatizar que, ao se referir à variedade brasileira da língua portuguesa, na realidade está se considerando a variedade da cidade de São Paulo onde as entrevistas foram realizadas. Da mesma forma, como variedade moçambicana está se considerando a variedade da cidade Maputo e, por sua vez, como variedade angolana a da cidade de Luanda. Maputo e Luanda são as capitais dos seus respectivos países, com grande influxo migratório. Assim sendo, as características dessas duas cidades são comparáveis com a cidade de São Paulo, uma vez que, apesar de ela não ser a capital do Brasil, é a cidade economicamente mais importante.

³ Censo Demográfico da população brasileira, realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁴ Dados do Instituto Nacional de Estatística de Moçambique (INE).

habitantes (dado do RSA, CEIC/UCAN⁵, 2012). Ao se considerar que, no caso brasileiro, a língua portuguesa é oficial e falada pela maior parte da população como língua materna e em situações tanto formais como informais; e que, para Moçambique e Angola, ela também possui representatividade nacional, sendo empregada por grande parcela da população em diferentes situações de fala – contudo, convivendo com outros grupos linguísticos –, é possível declarar que se trata de uma língua com diferentes representações simbólicas para essas nações.

No que se refere particularmente ao caso brasileiro, muito embora em todos os estados do Brasil seja possível estabelecer comunicação em português nas ruas, estabelecimentos comerciais, órgãos públicos etc., percebendo-se apenas uma variação dialetal, é necessário afirmar que esse país apresenta uma realidade plurilíngue, que conflui com sua diversidade e riqueza cultural. De acordo com informações de SAVEDRA (2010), o Brasil possui cerca de 300 idiomas falados em seu território contemporaneamente. Desse total, a maior parte é praticada por comunidades indígenas, uma média de 30 línguas é falada por comunidades de descendentes de imigrantes, há também uma considerável população utente de Libras (Língua Brasileira de Sinais) e, por fim, há algumas línguas usadas por comunidades remanescentes de quilombos.

No caso dos países africanos, FIRMINO (2006) assevera que a língua portuguesa, ao passo que adquire novas relações socio-simbólicas, novos usos e funções – uma nova ideologia, portanto – inevitavelmente passa por um processo de ser cada vez menos encarada como um elemento intruso e exógeno, para ser visto como algo próprio, que expressa as necessidades e anseios locais. Esse fenômeno é denominado pelo autor como “processo de nativização”.

Assim, o português em Moçambique foi se tornando o principal meio de comunicação tanto em situações institucionais como em interações cotidianas nos centros urbanos, pelas ruas, mercados etc. Dessa forma, o número de falantes foi se ampliando e,

à medida que as pessoas usavam o português de diferentes maneiras, ele começou a transcender o seu papel de instrumento político e administrativo para se tornar um veículo de novos tipos de mensagens comunicativas e simbólicas relacionadas com a vitalidade da nova vida nacional de Moçambique. (FIRMINO, 2004, p. 352).

Paulatinamente, estabelece-se o cenário que ora se percebe em Moçambique quanto à língua portuguesa. DIAS (2002) aponta a formação de três grupos principais: i) há falantes que a usam apenas como língua de contato, para fins comerciais e sociais; ii) há usuários bilíngues ou plurilíngues que se sentem obrigados a usar o português com mais frequência por conta da escola, do trabalho e de contatos sociais frequentes. Esses falantes podem passar a dominar perfeitamente a língua portuguesa ao longo da vida “ou podem parar em fases diferenciadas de aprendizagem da língua, mantendo em uso uma variedade de língua portuguesa ‘diferente’ (DIAS, 2002, p. 175); iii) e, finalmente, há um terceiro grupo que usa o português em seu dia-a-dia de uma forma mais europeizada. Esse cenário é representado pela autora como um ‘continuum linguístico’ “caracterizado por estágios de fluência que vão desde o monolinguismo na língua bantu, passando por oscilações na competência bilíngue, com etapas de dominância na língua bantu ou na língua portuguesa” (DIAS, 2002, p. 177).

Angola, por sua vez, apresenta um cenário linguístico com algumas semelhanças em relação a Moçambique, no sentido de que a língua portuguesa também divide espaço com línguas autóctones. Coadunando com NETO (2012, p. 43), “o português, é para os angolanos, simultaneamente uma língua materna, segunda e estrangeira”. Desde o processo de luta pela independência, a língua portuguesa era empregada por uma população de assimilados, especialmente em sua capital Luanda, e pelos líderes do MPLA (FONSECA, 2009). Desde então, o português foi se avolumando pelas localidades do país e adquirindo feições cada vez mais autênticas, pertencendo ao universo da música, literatura, burocracia, governança, comércio etc. Entretanto, ao contactar com as línguas locais, o português passou a adquirir características marcadas por valores socio-simbólicos, hierarquizando grupos e excluindo falantes não pertencentes à variedade de prestígio.

⁵ Relatório Social de Angola (RSA) realizado pelo Centro de Estudos e Investigação Científica da Universidade Católica de Angola (CEIC – UCAN) em 2012.

2. Estudos progressos: fotografias como metodologia de pesquisa

Conforme antecipado, nos anos 1980, alguns pesquisadores dedicaram-se à utilização de fotografias como metodologia a fim de investigarem formas de tratamento. Dentre esses estudiosos, destaca-se a pesquisa realizada por Sônia Mundim, que aplicou a metodologia pioneiramente utilizada por Gisele Machline de Oliveira Silva (1974). Esse estudo consistiu em apresentar fotografias de pessoas a entrevistados e propor uma situação de fala em que aparecia a forma de tratamento em avaliação. Nesse trabalho de 1981, a autora relatou o percurso empregado para se obter os dados e realizar a análise, ou seja, foram entrevistados 75 informantes com idades entre 25 e 45 anos. Para cada um deles foram mostradas 11 fotografias do que a autora chamou de *alvos* – em outras palavras, tratava-se de fotos de pessoas que retratavam perfis de profissionais da sociedade carioca da época. A escolha das fotografias como metodologia de pesquisa foi assim justificada por Mundim (1981, p. 22):

Dada a impossibilidade de se organizar um *corpus* adequado sobre variação pronominal em termos de uso real, percebemos que o nosso estudo deveria voltar-se para a atitude linguística. Assim, a melhor forma de coletar os dados seria através de entrevistas e questionários que apresentassem uma mesma situação para todos os informantes (MUNDIM, 1981, p. 22).

Com esse instrumental de trabalho, a pesquisadora conseguiu obter uma homogeneidade em suas entrevistas, uma vez que todos os informantes se dirigiam aos mesmos alvos fotografados e, por isso, “teriam a mesma fonte visual motivadora para manifestarem suas expressões verbais” (MUNDIM, 1981, p. 22). Diante desse mesmo “dispositivo visual”, a observação se focava nos diferentes motivadores que levavam os informantes a elegerem diferentes formas de tratamento para esses alvos. Como mencionado, essas fotografias representavam profissionais da sociedade carioca da época, com diferentes *status* sociais, a saber:

- a) Vendedores que trabalham ao ar livre: camelô, feirante, vendedor de mate (da praia);
- b) Vendedores que trabalham em loja comercial: vendedor de meias, garçom;
- c) Autoridade reconhecida e estabelecida: guarda de trânsito;
- d) Profissional liberal: médico;
- e) Político: deputado;
- f) Executivo em geral: gerente de banco;
- g) Profissional técnico que está em contato com o povo: motorista de taxi;
- h) Autoridade relativa: porteiro (MUNDIM, 1981, p. 26).

Todas as fotografias precisavam caracterizar o alvo da melhor forma possível e em pleno exercício de suas funções, de maneira que o informante, ao olhar, imediatamente pudesse identificar esse alvo. Com essas imagens em mãos, a proposta que a pesquisadora fazia aos seus entrevistados era que eles estabelecessem pequenos diálogos com os alvos fotografados, simulando situações reais. Todavia, ela sempre explicitava que as pessoas das imagens não representavam ninguém de suas relações. Portanto, tratava-se de desconhecidos, cuja relação seria não íntima.

A partir da simulação desses diálogos pelos entrevistados, Mundim (1981) conseguia obter os dados das formas de tratamento nominais e pronominais com bastante naturalidade. Além disso, era também seu objetivo avaliar a correlação entre essas formas de tratamento e os vocativos pelos cariocas. Assim sendo, quando os vocativos não apareciam espontaneamente nos diálogos, a pesquisadora fornecia uma nova instrução: “induzíamos o informante a usá-lo, pedindo-lhe que imaginasse o alvo parado a certa distância, a ponto de não poder tocá-lo. Desta forma, surgia sempre uma expressão vocativa” (MUNDIM, 1981, p. 23).

Abreu e Mercer (1988), por sua vez, dedicaram-se ao estudo do pronome zero em Curitiba, estado do Paraná (Brasil). Nessa pesquisa, os autores entrevistaram 96 pessoas, apresentando-lhes 18 fotografias de personagens⁶. A grande diferença metodológica entre esse estudo e o de Mundim (1981) é que os pesquisadores optaram por não revelar aos informantes que se tratava de uma pesquisa linguística – eles diziam que a pesquisa havia sido encomendada por uma fábrica de cosméticos e realizavam as entrevistas em locais públicos, próximo a supermercados, pontos de ônibus e outras aglomerações de pessoas. O resultado por eles obtido foi o de um alto

⁶ Não há consenso entre os pesquisadores sobre como denominar as pessoas fotografadas: Mundim (1981) preferia o termo “alvo”; Abreu e Mercer (1988) utilizaram o termo “personagem”; e Balsalobre (2015) “perfil social”.

índice de pronome zero para estranhos, em contextos em que a forma esperada seria *senhor*, como apontam os resultados da tabela a seguir:

<i>o senhor</i>		<i>você</i>		<i>tratamento zero</i>	
%	N	%	N	%	N
20	345	30,9	530	49	839

Tabela 1. Uso geral das formas de tratamento (ABREU; MERCER, 1988, p. 24).

A partir desses resultados, os autores chegaram à conclusão de que, dentro do rol de tratamentos indicativos de segunda pessoa na cidade de Curitiba, não é possível apenas referir-se à dicotomia *você/o senhor*. “No quadro dos dados obtidos, o tratamento em Curitiba seria triádico: *senhor, você, pronome de tratamento-zero*” (ABREU; MERCER, 1988, p. 25).

3. Fotografias brasileiras, moçambicanas e angolanas

A partir dos estudos apontados, que utilizam fotografias como motivadoras para a produção de formas de tratamento, foi possível estabelecer o ponto de partida metodológico para a realização do presente estudo⁷. Assim sendo, o primeiro passo para a investigação empírica ocorreu com a seleção das fotografias. Diferentemente dos pesquisadores que se dedicaram a esse tipo de método anteriormente, optou-se por empregar imagens disponibilizadas na *internet*, uma vez que elas já contavam com um estatuto de publicização⁸.

Os perfis sociais foram delineados a partir do cruzamento de algumas características, tais como a profissão – fator proveniente dos trabalhos precusores de Mundim (1981) e Abreu e Mercer (1988) –, idade, religião e características fenotípicas (como a cor da pele, por exemplo). A justificativa para a ampliação dos fatores componentes dos perfis sociais – transcendendo a questão da profissão – se pauta no fato de que outras dinâmicas sociais estão nos objetivos fundamentais desse trabalho. Dessa forma, houve a necessidade de ampliar o conjunto de fotografias a fim de melhor caracterizar a sociedade brasileira, moçambicana e angolana: estabeleceu-se o montante de vinte imagens para cada país.

Para o caso brasileiro, foi possível selecionar as imagens a partir da vivência de “natural do Brasil” da própria pesquisadora. Entretanto, para Angola e Moçambique fez-se necessária uma fase anterior às entrevistas propriamente ditas, em que se conversou com pessoas naturais desses países a fim de angariar os perfis sociais mais importantes para aqueles cenários específicos. Foi, portanto, a partir das diversas opiniões ouvidas e comparadas que foi possível dar início à captura das imagens em *sites* específicos desses países.

Há ainda uma ressalva a ser feita: a seleção das imagens ocorreu *in loco*, ou seja, os perfis sociais brasileiros foram selecionados no Brasil, os moçambicanos em Moçambique e os angolanos em Angola. Esse cuidado foi necessário por ser de suma relevância o olhar de colaboradores nativos desses países a fim de que as fotografias fossem avaliadas e os perfis reconhecidos como “tipicamente nacionais”. Assim, uma vez selecionadas e impressas as fotos, houve uma série de “entrevistas piloto”, que possuíam apenas a finalidade de testar as imagens e o método – essas entrevistas, portanto, não foram computadas como integrantes do *corpus* dessa pesquisa⁹.

Conforme mencionado, a fim de compor os perfis sociais mais característicos de cada um dos países em análise, estabeleceu-se um teto de vinte fotografias. Dentro desse repertório, por um lado, alguns perfis se repetiram em todos os países, a saber: no que se refere à idade, em todas as amostras de fotografias havia uma imagem representativa de um bebê, uma criança, jovens e idosos; e, concernente à profissão, houve recorrência ao perfil da professora, do político, do policial e do vendedor ambulante. Por outro lado, algumas imagens são tipicamente representativas de determinadas sociedades. Por exemplo, é simbólica para o povo brasileiro a

⁷ Esse estudo fez parte da tese “*Brasil, Moçambique e Angola: desvendando relações sociolinguísticas pelo prisma das formas de tratamento*”, defendida em maio de 2015, na Faculdade de Ciências e Letras – UNESP (campus de Araraquara/SP).

⁸ O fato de as fotografias veiculadas na *internet* pertencerem ao domínio público dirime as dificuldades com “direitos de imagem.”

⁹ Além de as fotografias serem submetidas a essas “entrevistas piloto”, anteriormente as imagens passaram pelo crivo dos supervisores responsáveis por essa pesquisa em cada um dos países.

representação de caminhoneiros e trabalhadores da construção civil; assim como, para Moçambique, era imprescindível que houvesse a representação do condutor e cobrador de chapa¹⁰, do curandeiro e de pessoas muçulmanas e indianas. E, em seu turno, para o caso angolano, fez-se necessária a representação da quitandeira¹¹, da zungueira¹² e do ardina¹³.

Com as fotos em mãos, foi possível realizar as entrevistas com os informantes. Assim sendo, a etapa inicial de todas as entrevistas foi a aplicação do questionário socioeconômico. Na sequência, realizava-se a entrevista utilizando as imagens¹⁴. Em um primeiro momento, fornecia-se a instrução ao informante de que todas as pessoas fotografadas eram para ele desconhecidas e que as encontraria na rua, em estabelecimentos comerciais ou instituições públicas – procedimento adotado a partir das descrições metodológicas de Mundim (1981). A proposta feita aos entrevistados era que a pesquisadora indicaria, para cada imagem, uma instrução específica contendo um pedido acerca de endereço, referência acerca de uma pessoa que se está procurando, o preço de determinado produto etc. Tendo compreendido a instrução, o informante estabelecia um diálogo com a pessoa da fotografia.

Em geral, a grande maioria dos informantes compreendia prontamente a proposta da entrevista e produzia naturalmente diversas formas de tratamento. Em determinados momentos, a pesquisadora intervinha pedindo para que o informante justificasse algum uso que causasse dúvida ou propunha outra situação a fim de confirmar a estratégia de endereçamento por ele empregada.

A título ilustrativo, segue um excerto de uma entrevista a fim de se clarificar o método empregado. Trata-se de uma entrevista com uma informante moçambicana e, nesse excerto, especificamente, a fotografia em discussão é a de número quatro do conjunto moçambicano:



Figura 1. Imagem da amostra moçambicana.¹⁵

- (01) *Pesquisadora (P)*: (Bom, agora é assim ó: você¹⁶ tá procurando uma criança que se chama Siteo.)
Informante (I): Hum hum.
P: (E aí você vai perguntar pra ele se ele viu o Siteo, se sabe onde o Siteo tá. Entendeu? Você tá procurando o outro).
I: Tô procurando o outro. Ah, lidar com criança é muito mais difícil. Eu provavelmente havia de me encontrar com a criança e haveria de baixar. Não vou ficar assim em pé. Vou baixar...
P: (Na altura dele.)

¹⁰ “Chapa cem”: transporte semi público de Moçambique. Trata-se de “vans” que realizam o transporte de passageiros. Esse tipo de transporte também foi representado ao se compor os perfis sociais de Angola. No entanto, nesse país, o nome extra-oficial que se dá a esse transporte é o de “candongueiro.” Além dessa denominação, mais popularmente essas vans recebem o nome de “táxi.”

¹¹ “Quitandeira”: é a vendedora de frutas, vegetais, peixe seco, entre outros produtos. Elas têm por característica estarem sempre no mesmo ponto de venda nas ruas da cidade de Luanda – são sedentárias, portanto.

¹² “Zungueira”: é a uma vendedora ambulante de qualquer artigo que seja possível a comercialização. Sua característica mais contundente é o seu deslocamento pelas ruas da cidade de Luanda.

¹³ “Ardina”: é o vendedor ambulante de jornais.

¹⁴ É imperioso destacar que o tempo total de duração das entrevistas, considerando a aplicação do questionário sociolinguístico e a utilização das fotografias como meio de se obter as formas de tratamento, variava de vinte e cinco a setenta minutos, em função da disponibilidade e espontaneidade dos informantes. Alguns deles sentiam-se bastante motivados em responder as questões iniciais, sobretudo pela possibilidade de relatarem suas origens e pertencimento cultural.

¹⁵ Disponível em: <<http://mantenedordafe.org/blog/?p=8026>> Acesso em: 11 de fevereiro de 2013.

¹⁶ Nas falas da pesquisadora, há o uso do pronome *você* em função de que se optou por criar um ambiente natural de interação. Como o *tu* não faz parte da sua variedade, seria artificial a utilização desse pronome. Como os dados demonstram, não houve significativas interferências da fala da pesquisadora nas escolhas dos informantes.

I: Na altura dele. Olá, tudo bem? Tás bem? Olha, desculpa, não vou te incomodar, tá bom. Não vou fazer-lhe mal nenhum, não sei quê. Eu tô à procura de uma criança. Viste uma criancinha assim, assim, assim? Ah, olha, não vi. Não sei quê. Ah, assim parecida com este. Assim, bonitinho que nem tu assim. Blá blá blá blá. Ah, e tu, tás a fazer o quê aqui? Ah, não, não sei quê. Tens que criar um papozito, mas tem que ser sempre assim simpaticozito. Então, ah, tá bom, então. Tchau. Se tiver um docinho. Olha, tá aqui um docinho pra ti.

[risos]

I: Mas é muito mais difícil lidar com crianças.

P: (E por que você acha mais difícil?)

I: Ah, tu nunca sabes, tu.... A expressão da criança não é, não consegues ler assim tão, não é tão fácil tu saberes quando é que tu, quando é que essa pessoa não está assustada contigo. Eu acho, acho. Acho que é muito mais difícil tu conseguires chegar pra uma criança e dizeres olá e ela simplesmente, ya, se abrir. Pode simplesmente dizeres olá e fugiu.

P: (Sim, sim.)

4. Composição da amostra: escolha de informantes

A escolha dos sujeitos da pesquisa se deu a partir do estabelecimento de algumas balizas. A primeira delas centrou-se em um modelo descrito por Milroy (2007), que ficou conhecido como “amigo do amigo”. Segundo a pesquisadora, pioneiramente esse modelo foi empregado por John Gumperz, e consiste em angariar informantes a partir de uma rede de pessoas já conhecidas. A partir desses conhecidos, outros informantes – seus amigos, portanto – são convidados a fazer parte do conjunto de entrevistados, até que se atinja o montante de pessoas com as características desejadas. O propósito para esse tipo de formação de amostra se pauta no fato de que, assim, a conversação tem maiores chances de fluir de uma forma mais espontânea – haja vista que há, preliminarmente, uma relação de simpatia entre entrevistador e entrevistado. Eis a exposição dos motivos para a utilização desse modelo de cunho etnográfico, feita por Milroy (2007, p. 4), baseada em uma experiência bem sucedida de uma pesquisadora em Belfast (Irlanda do Norte):

Fundamentalmente, a unidade de estudo foi o grupo social pré-existente, ao invés de uma série de indivíduos isolados como representantes de determinadas categorias sociais. Ao ligar-se a este grupo, e abranger as suas adjacências, em interações progressivas entre os membros, ela esteve apta a obter uma grande quantidade de fala espontânea, bem como informações sociais e demográficas relevantes, e o efeito do observador sobre os dados foi diminuído. Procedimentos de trabalho de campo deste tipo têm sido amplamente utilizados, tanto em comunidades bilíngues quanto monolíngues (como descrito por Milroy et al. 1995), e problemas de acesso raramente são reportados.¹⁷

É válido ainda destacar que, a fim de empreender a sua pesquisa sobre a língua portuguesa em Moçambique, Firmino (2006) também realizou entrevistas com seus “amigos” e “amigos de amigos”, conforme ele descreve a seguir:

A pesquisa usou informantes-chave, sendo que o único critério usado para a sua seleção foi o fato de viverem em Maputo. A estratégia usada para selecionar os informantes-chave da pesquisa baseou-se na combinação da chamada ‘abordagem de rede ampla’ com a ‘amostra selectiva’ (Fetterman 1989:42-3). Alguns informantes ou eram ou tornaram-se amigos meus, ou eram amigos de amigos, com quem tinha contactos regulares em diferentes eventos sociais (FIRMINO, 2006, p. 16).

A partir dessas experiências bem sucedidas relatadas acima, no presente estudo também se optou por selecionar informantes já conhecidos, e que esses pudessem sugerir outras pessoas, a fim de compor a amostra de falantes de língua portuguesa das variedades brasileira, angolana e moçambicana. Sendo assim, a partir dos

¹⁷ “Crucially, the unit of study was the pre-existing social group, rather than a series of isolated individuals as representatives of particular social categories. By attaching herself to this group and retreating to its fringes as interactions between members progressed, she was able to obtain large amounts of spontaneous speech as well as relevant social and demographic information, and the effect of the observer on the data was lessened. Fieldwork procedures of this general type have been used extensively in both bilingual and monolingual communities (as described by Milroy et al. 1995), and problems of access are rarely reported.” Tradução nossa.

contatos iniciais estabelecidos pela própria pesquisadora, foi possível contactar outras pessoas até se atingir o número desejado de participantes.

Conforme mencionado anteriormente, a primeira baliza para a seleção de informantes foi o critério “amigo de amigo”. Além dessa, outras duas balizas também foram estabelecidas: i) os informantes necessariamente precisavam residir em diferentes zonas de cada uma das três cidades; e ii), considerando agrupamentos de duas, três, ou até quatro pessoas, precisavam ter entre si um contato familiar, a fim de que houvesse possibilidades de comparação dos usos de formas de tratamento de uma forma mais estreita. Sendo assim, acordou-se que dez famílias seriam entrevistadas em cada um dos países.

A começar pelo caso brasileiro, com o intento de compor uma amostra representativa da realidade urbana da cidade de São Paulo, foram feitas entrevistas com duas famílias de cada zona da cidade (norte, sul, leste, oeste e central), totalizando 23 pessoas. Na cidade de Maputo, Moçambique, os mesmos critérios foram seguidos. A fim de se esboçar um panorama adequado do cenário sociolinguístico da cidade, optou-se por entrevistar famílias residentes tanto na “região de cimento”, como na “região de caniço”¹⁸ (zona central e zona intermédia, respectivamente, na nomenclatura adotada por Firmino, 2006). Dessa forma, da região de cimento foram entrevistadas sete famílias e da zona de caniço três famílias, totalizando 25 pessoas.

O propósito de se entrevistar famílias angolanas, a fim de completar a amostra de falantes de língua portuguesa das três variedades em questão, não foi possível de se realizar na cidade de Luanda, em função do imbricamento de dois fatores principais: i) a cidade de Luanda conta com uma organização administrativa bastante peculiar, que a divide em diferentes “municípios” – em Angola, essa palavra não possui o mesmo valor semântico do que no Brasil –, assim sendo, a lógica de organização da cidade seguia princípios diferentes dos brasileiros; ii) houve pouco tempo para se realizar a pesquisa empírica nessa cidade – apenas dois meses. Esse tempo não foi suficiente para se conhecer adequadamente a geografia da cidade e, conseqüentemente, realizar os deslocamentos necessários.

Em função dessa situação descrita, fez-se necessária uma readequação da metodologia inicial. Assim, optou-se por realizar entrevistas (a partir dos mesmos métodos dos países anteriores: a aplicação de um questionário socioeconômico e de entrevistas utilizando fotografias) em uma única instituição (a saber, uma universidade), com diferentes pessoas que compõem o seu corpo social (alunos, professores, bibliotecários, motoristas, atendentes de lanchonete e funcionários em geral). Se, por um lado, houve a necessidade de se adequar a metodologia ao contexto encontrado – com a consequência de não ser possível entrevistar pessoas de um mesmo núcleo familiar –, por outro lado, esse rearranjo permitiu que houvesse uma amostra representativa da fala angolana e, portanto, os objetivos dessa pesquisa, de se comparar as três variedades da língua portuguesa, puderam ser levados a cabo.

É imprescindível mencionar que foram entrevistadas 25 pessoas que possuíam algum vínculo com essa instituição. Esse número foi escolhido para que pudesse equiparar-se a extensão da amostra angolana à brasileira e à moçambicana (23 e 25 informantes, respectivamente). Além disso, a escolha desses informantes angolanos representa significativamente a realidade sociocultural da cidade de Luanda – por haver participantes de diferentes extratos sociais, credos, pertencimentos étnicos, níveis de escolaridade e proveniências.

A interação com os participantes dos três países aconteceu da mesma forma: em encontros individuais (entre a pesquisadora e os entrevistados), havia uma primeira etapa que constituía em um questionário socioeconômico e uma segunda etapa que consistia na exposição de fotografias pré-selecionadas que motivavam a produção das formas de tratamento. É preciso informar que todas as entrevistas foram gravadas por meio de câmera filmadora e gravador de voz e que todo esse material foi submetido à posterior transcrição.

5. Fotografias motivando situações interlocutivas: pronomes em foco

Conforme já discutido, em comum, Brasil, Moçambique e Angola desfrutam da língua portuguesa como herança do colonialismo português. Entretanto, esse sistema linguístico é atualizado de modos particulares em função de cada um dos contextos nacionais e de suas idiossincrasias. Particularmente, essa situação é válida ao se observar os usos pronominais da língua portuguesa em suas variedades brasileira, angolana e moçambicana. Em

¹⁸ Essa região da cidade popularmente recebe esse nome em função do material utilizado na construção das casas.

termos gerais, ao se considerar apenas situações de interlocução, o sistema dispõe de pronomes pessoais que contemplam recursos pragmáticos de cortesia, intimidade, polidez, distanciamento hierárquico etc. por meio de formas como *tu*, *ocê*, *o senhor/a senhora*¹⁹, *vocês*, *os senhores/as senhoras*. Além dessas formas pronominais, ainda está disponível sistemicamente ao falante a ausência do pronome (ou forma zero), em que a marca pessoal é demonstrada pela desinência verbal.

Dentre essas múltiplas possibilidades de escolha, os participantes da composição da amostra dos três países reagiram de modos divergentes em função de fatores como o perfil social a eles apresentado por meio das fotografias, o fato de eles serem homens ou mulheres – e igualmente o gênero do perfil com quem estavam simulando o diálogo –, a sua idade, sua escolaridade, a sensibilidade que apresentavam às estratégias de cortesia e polidez, entre outros. Dessa forma, ao final da etapa das entrevistas, foi possível estabelecer um inventário das formas de tratamento pronominais – e também nominais – usadas pelos falantes de cada país. Assim sendo, no geral, há a possibilidade de se estabelecer algumas tendências no comportamento linguístico dos informantes de um mesmo país, corroborando com a assertiva de que o português brasileiro, o moçambicano e o angolano são variedades linguísticas autônomas.

A fim de se melhor organizar os dados pronominais dos sujeitos dessa pesquisa, fez-se necessário submetê-los a uma análise quantitativa por meio do Programa estatístico *GOLDVARB-X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Esse aparato metodológico foi imprescindível enquanto instrumento de organização de dados e, consequentemente, proporcionou que os resultados fossem interpretados com uma maior clareza e precisão – ou seja, optou-se pela complementaridade das análises quantitativa e qualitativa.

Em função desse propósito, todos os enunciados produzidos pelos informantes que continham pronomes, realizados com um intento de abordar seu interlocutor (o perfil social), foram destacados do contexto mais amplo da comunicação a fim de serem quantitativamente analisados. Com um propósito ilustrativo, seguem exemplos desse tipo de construção:

- (02) Ei, fazendo favor, *cê* tem horas? (*informante brasileiro, nº 02*)²⁰
- (03) Faz favor, senhor, bom dia. O *senhor* pode me explicar onde é que é a avenida Amílcar Cabral? (*informante moçambicano, nº 10*)
- (04) Bom dia, boa tarde. Ah, se faz favor. Eu preciso tratar o meu atestado de residência. *Sabe* me dizer se é aqui que eu trato? (*informante angolano, nº 16*)

A fim de se compreender os usos pronominais de cada uma das variedades da língua portuguesa em questão – a brasileira, a moçambicana e a angolana –, optou-se por fazer cálculos estatísticos separados para cada uma das amostras. Assim sendo, o conjunto brasileiro de ocorrências pronominais contou com 265 dados, o moçambicano com 248 dados e o angolano com 235 dados.

A amostra de dados brasileira é composta basicamente por três estratégias: usos dos pronomes *ocê* e *o senhor/a senhora* e a ausência de pronome cuja marca pessoal é fornecida pela desinência verbal de terceira pessoa. No entanto, é imperioso reconhecer que a forma *tu* é uma variante amplamente encontrada em algumas cidades brasileiras²¹, mas que não apareceu na amostra, em função de que as entrevistas foram feitas em São Paulo, local em que a incidência de *tu* é muito baixa (restrita a casos de migração). A fim de se demonstrar as possibilidades pronominais encontradas na amostra brasileira, seguem alguns excertos e, em sequência, com o mesmo propósito, a tabela 2:

- (05) Ô moço, *cê* sabe me dizer onde que é a padaria tal, por favor? (*informante brasileiro, nº 21*)

¹⁹ Em consonância com autores como Castilho (2010), nesse artigo, considera-se que a forma *senhor/senhora* pode realizar-se em dois contextos linguísticos distintos: i) vocativo: “*Senhora*, por favor, pode me dar uma informação?; e ii) pronome pessoal sujeito de 2ª pessoa: “*O senhor* poderia avaliar o meu requerimento, por gentileza?”. Essa segunda possibilidade de realização, enquanto pronome pessoal, ocorre necessariamente acompanhado por artigo (*o senhor/a senhora*) e varia, em função da formalidade da interação, com as formas *ocê*, *tu* e forma zero.

²⁰ Para a necessária preservação da identidade dos informantes, eles são identificados por números.

²¹ O Rio de Janeiro é um exemplo de cidade em que a forma *tu* é recorrente, conforme informa Paredes Silva (2011).

- (06) Oi, boa tarde, com licença. É, eu tô tentando chegar no Rio de Janeiro, mas eu acho que perdi a entrada pra Dutra. O senhor poderia me indicar a direção? (*informante brasileiro, nº 19*)
- (07) Com licença, *saberia* me dizer onde que fica o lugar tal? (*informante brasileiro, nº 15*)

Ausência de pronome + desinência verbal de 3ª pessoa		você		o senhor / a senhora		total	
N	%	N	%	N	%	N	%
25	9,4	129	48,7	111	41,9	265	100

Tabela 2. Realização pronominal brasileira.

De acordo com esses índices (48,7% de *você* e 41,9% de *o senhor/a senhora*), há uma equivalência entre os usos do pronome *você*, considerado mais informal, solidário e menos hierárquico, e de *o senhor/a senhora* – que, opostamente, representa interações pautadas pela formalidade, poder, hierarquia e distanciamento²². Essa equivalência de valores se justifica pelo fato de que aos informantes foram apresentados perfis com diferentes representações sociais e, portanto, os informantes mostraram-se sensíveis a esse fator. Por sua vez, o índice para a ausência de pronome mostrou-se bem inferior (9,4%), reiterando a característica do português brasileiro de ser uma variedade pautada pelo preenchimento pronominal da posição de sujeito em decorrência de um enfraquecimento da morfologia flexional (cf. DUARTE, 1995).

O padrão de uso pronominal do português moçambicano e angolano, conforme revelado por essa amostra, diverge da brasileira, fundamentalmente, pela confluência de alguns fatores: nas duas amostras africanas, houve todas as possibilidades de realização pronominal inicialmente previstas, ou seja, no repertório linguístico de moçambicanos e angolanos há uma maior possibilidade de escolhas. São elas: *o senhor/ a senhora, tu, você*, ausência de pronome com desinência verbal de 3ª pessoa e com desinência de 2ª pessoa. Além disso, a opção linguística privilegiada por falantes desses dois países é a ausência de pronome sujeito, com marcação de pessoa pela desinência verbal. Pelo fato de que os informantes dos dois países demonstram escolhas pronominais semelhantes, a distribuição percentual das duas amostras é apresentada por meio da tabela 3, que se propõe a detalhar as escolhas pronominais de moçambicanos e angolanos:

	Ausência de pronome + desinência verbal de 3ª pessoa		Ausência de pronome + desinência verbal de 2ª pessoa		o senhor / a senhora		Você		Tu		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Moçambique	120	48,4	53	21,4	57	23	10	4	8	3,2	248	100
Angola	141	60	45	19,1	34	14,5	10	4,3	5	2,1	235	100

Tabela 3. Realização pronominal de moçambicanos e angolanos.

A comparação desses índices permite verificar que o sistema linguístico dessas duas variedades africanas é caracterizado por uma morfologia flexional mais produtiva, que leva, conseqüentemente, a uma menor necessidade de preenchimento do sujeito pronominal. Ainda assim, as dicotomias formal *versus* informal e poder *versus* solidariedade são representadas por meio da escolha entre ausência de pronome com desinência verbal de

²² Outros pesquisadores igualmente apontam para a tendência de diferenças pragmáticas quanto à formalidade das formas *você* e *o senhor/a senhora* no português brasileiro, tais como Ramos (2011) e Silva (2011).

3ª pessoa e *o senhor/a senhora*, de um lado, e ausência de pronome com desinência de 2ª pessoa, *tu* e *ocê* por outro lado²³.

Com relação à semântica do poder e da solidariedade de Brown e Gilman (1960/1972), na amostra brasileira, a forma *ocê* contou com 48,7% das ocorrências e *o senhor/ a senhora* com 41,9%. Dos vinte perfis apresentados, *ocê* foi a forma de tratamento escolhida pelos informantes para doze perfis, sendo que os perfis de número 08 e 12 (cf. figuras 2 e 3) foram os que tiveram a maior quantidade de *ocê* a eles dirigido.



Figuras 2 e 3. Imagens da amostra brasileira.²⁴

Esse resultado acerca do predomínio do pronome *ocê* para esses dois perfis brasileiros é coincidente com os resultados das formas mais solidárias para Angola e Moçambique. Assim sendo, as formas *tu*, *ocê* e ausência de pronome com desinência verbal de 2ª pessoa foram preferencialmente destinadas aos perfis 04 e 20 de Moçambique e aos perfis 04 e 20 de Angola, conforme indicam as figuras de 4 a 7:



Figuras 4 e 5. Imagens da amostra moçambicana.²⁵



Figuras 6 e 7. Imagens da amostra angolana.²⁶

²³ Mais especificamente acerca dos valores pragmáticos das formas *tu* e *ocê* nas variedades angolana e moçambicana da língua portuguesa, faz-se necessária uma ampliação desse estudo a fim de que melhor se compreenda tanto as diferenças de uso entre esses dois pronomes, quanto a amplitude pragmática de *ocê*. Especialmente, para o português angolano, também é preciso investigar com maior detalhamento os rearranjos morfológicos provocados na estrutura linguística. Esses são, portanto, os próximos passos dessa investigação.

²⁴ Imagem 2, disponível em: <http://www.dipity.com/tickr/Flickr_olhar/>. Acesso em: 12 de maio de 2012. Imagem 3, disponível em: <<http://iminuto.com.br/sistema/?p=1783>>. Acesso em: 14 de maio de 2012.

²⁵ Figura 4, disponível em: <<http://terrademozambique.wordpress.com/category/>>. Acesso em: 11 fevereiro 2013. Figura 5, disponível em: <<http://mantenedordafe.org/blog/?p=8026>>. Acesso em: 12 fevereiro 2013.

²⁶ Figura 6, disponível em: <<http://huambodigital.com/projecto-crianca-futuro>>. Acesso em: 08 junho 2013. Figura 7, disponível em: <<http://aepea.wordpress.com/page/29/>>. Acesso em: 10 junho 2013.

A coincidência dos referentes a quem os informantes dos três países destinaram formas mais solidárias pode ser justificada pelo fato de que eles não percebiam a sua face ameaçada²⁷ ao se dirigirem a esses perfis. Essa justificativa pode ser coadunada pelos seguintes depoimentos apresentados:

- (08) Não... criança não me afasta, não.
(Não?)
Não. Ou, venha cá, menino. Deixa eu lhe perguntar uma coisa. Você conhece fulano de tal? Com as crianças eu não tenho pé atrás, não. (*informante brasileiro, nº 03*)
- (09) Ah, pra ele? Pra ele eu já chegaria bem mais tranquilamente. Numa forma natural também, né. Mas, chegaria e fala: ô garoto, por favor, onde é que tá aquele, aquele menininho pequenininho, o alemãozinho?
(Tá.)
Cê viu ele por aí? (*informante brasileiro, nº 11*)
- (10) Ya. Aí as crianças são um bocado mais sensíveis, né. E eu geralmente o que eu, o que eu faço com criança é olá, fazer uma, uma, uma gracinha, não sei quantos. Olá. Desculpa. Tô, tô à procura do Fulano de X. Conheces? Sabes onde é que ele vive? Não sei quantos. (*informante moçambicano, nº 20*)
- (11) Ah. Moça, sabes onde é que vende. Sabes. Mesmo por tu. Não tem problema. Sabes onde vende água? Agradecia e ia embora. (*informante brasileiro, nº 23*)
- (12) Então eu diria: oi, bebê. Por acaso viste o Luis? É, se ele dissesse que sim: e pra onde é que ele foi? Pras crianças eu gosto de tratar muito assim. Ya, fixe. Obrigada. Ou então: *podes* me levar até ele? É o que eu ia perguntar a ele. (*informante angolano, nº 10*)

No que se refere especificamente à semântica do poder, algumas tendências nacionais podem ser traçadas. No caso específico do Brasil, dos vinte perfis apresentados aos informantes, oito deles receberam preferencialmente o tratamento pronominal de *o senhor/a senhora*, sendo que os perfis de número 06 (89,4%), 09 (70%) e 16 (70%) foram os que favoreceram esse uso (cf. figuras 8 a 10). Uma justificativa possível para a incidência dessa forma aos perfis 06 e 09 é o fato de que o brasileiro se mostrou bastante sensível à faixa etária do perfil social, conforme revelam os depoimentos 13 a 15.



Figuras 8, 9 e 10. Imagens da amostra brasileira.²⁸

- (13) Então, eu assim, eu já, eu chegaria assim mais cautelosa. Assim, com licença, senhora, com um tom de voz mais baixo, mais calma e perguntaria pela pessoa. Dá licença, *a senhora* pode falar comigo um minutinho? Eu precisava saber se tem alguém aqui... entendeu? Eu usaria assim mais mansa por ser uma senhora. (*informante brasileiro, nº 05*)

²⁷ Penelope Brown e Stephen Levinson, em *Politeness: some universals in language usage (1987)*, entendem que, quando usuários de uma língua estão em situações comunicativas, eclode um aspecto muito saliente da personalidade das pessoas: "o desejo de ser ratificado, compreendido, aprovado, ou admirado" (p.62). Quando elas sentem que esse desejo não foi atendido no curso da interlocução, percebem sua *face em ameaça*. A fim de melhor compreender essa ameaça, os autores esboçaram a teoria dos atos ameaçadores de face (FTA, em inglês: *Face Threatened Acts*). Para mais informações, cf. (BROWN; LEVINSON, 1987).

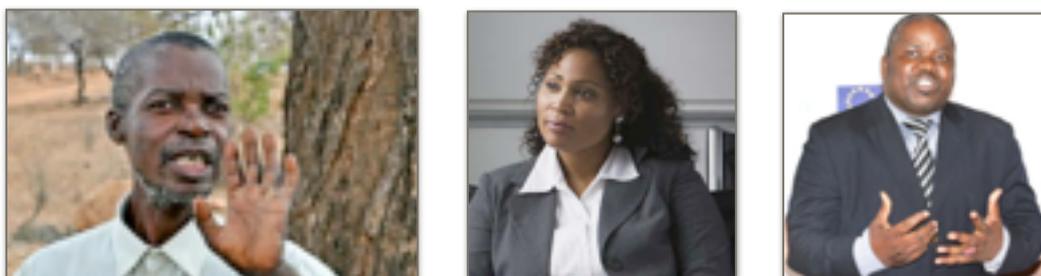
²⁸ Figura 8, disponível em: <<http://jornalsantuário.wordpress.com/tag/igreja-catolica/>>. Acesso em: 12 de maio de 2012. Figura 9, disponível em: <<http://dirceurabelo.wordpress.com/2012/03/18/poema-do-idoso/>>. Acesso em: 14 de maio de 2012. Figura 10, disponível em: <www.leiaja.com/multimedia/2011/muitos-problemas-algumas-solucoes>. Acesso em: 14 de maio de 2012.

- (14) Com licença, *a senhora* conhece tal pessoa? Não sei quê. Daria um pouquinho mais de educação por conta de ser uma senhora, falaria, né, chamaria dessa maneira. (*informante brasileiro, nº 15*)
- (15) Mesma coisa. Eu falaria: oi, tudo bem? Ai, bom, aí eu trataria como senhor, né. É uma pessoa de barba branca. O *senhor* sabe se a pessoa tal tal passou por aqui? O *senhor* conhece a pessoa tal tal tal? (*informante brasileiro, nº 07*)

Já concernente ao perfil 16, os informantes justificaram suas escolhas linguísticas em função da evidente religiosidade transmitida pelo perfil. Alguns informantes se mostraram indecisos em atribuir uma forma de tratamento nominal a esse perfil, sobretudo por não pertencerem à mesma religião. No entanto, majoritariamente demonstraram segurança com a forma pronominal *a senhora*, conforme revela o depoimento 16:

- (16) É, é da mesma forma, senhora. Eu não falaria irmã, nada. Porque eu não sei nem se é a gradação dela religiosa, mas com certeza: *a senhora* poderia me informar se conhece tal pessoa? (*informante brasileiro, nº 14*)

Por meio do *corpus* moçambicano, fica evidente que a relação de idade é também uma preocupação que permeia as escolhas pronominais dos falantes desse país. Haja vista que, avaliando independentemente o pronome *o senhor/a senhora* (responsável por 57 ocorrências, 23% do total do *corpus* moçambicano), o perfil que se destaca é justamente o de número 09, com 07 dados (12,2% dentro do universo das 57 sentenças) (cf. figura 11). Em seguida, dois perfis empatam na segunda posição entre as ocorrências desse pronome: os perfis 02 e 18 (cf. figuras 12 e 13), cada um com 10,5% das ocorrências (06 dados para cada perfil). Se o perfil 09 teve a questão da idade como justificativa para o uso de *o senhor* pelos informantes, a atribuição desse mesmo pronome aos perfis 02 e 18 é justificada pelo fato de associarem essas pessoas a um mundo burocrático e, portanto, hierarquicamente superior, conforme indicam os excertos 17 (de uma mulher de 18 anos ao perfil 09), 18, 19 (produzidos por um homem de 24 e por uma mulher de 26 anos ao perfil 02) e 20 (produzido por um homem de 67 anos):



Figuras 11, 12 e 13. Imagens da amostra moçambicana.²⁹

- (17) Boa tarde, boa tarde. É, eu tô a procura de uma senhora chamada Laurinda, *o senhor* deve saber quem é, pode me dizer onde é que eu posso encontrá-la?
(Mas agora você chamou de senhor...)
Sim, foi porque já tem *uma idade um bocadinho maiores*. Já tem, já é... sim. Pode me dizer invés de podes me dizer ou *o senhor pode me dizer*, acho que fica mais bem educado. (*informante moçambicano, nº 01*)
- (18) Seria muito simples também. Como assim: bom dia, estou procurando uma farmácia aqui perto. Não sei se *a senhora* conhece uma mais próximo aqui que podia me indicar (?). Então, ia me dar a resposta a pessoa. (?) la indicar.
(E por que você escolheu senhora?)
Por quê? Porque não tinha nenhum *grau de intimidade* com ela. Então, com *formalidade* também, senhora seria mais conveniente. (*informante moçambicano, nº 15*)

²⁹ Figura 11, disponível em: <http://sol.sapo.pt/inicio/Internacional/Interior.aspx?content_id=64603>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2013. Figura 12, disponível em: <http://fdmmoz.org/eng_partners.php>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2013. Figura 13, disponível em: <<http://quivismo.blogspot.com/2011/04/ha-cada-vez-mais-imigrantes-ilegais-em.html>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2013.

- (19) Ok. Com ela, apesar dela também não parecer muito mais velha do que eu, ela tá muito bem vestida. Parece muito profissional. Parece estar num escritório. Eu já não ia lhe chamar de mana definitivamente. *(informante moçambicano, nº 04)*
- (20) Sim. Eu chegava lá e cumprimentava e depois e lhe diria: olha, eu estou preocupado. Eu gostaria de, é, de saber, é, desse, desse meu assunto aqui, porque a primeira eu fui pro guichê tal, pra mesa tal. É, não consegui (?). Não tô satisfeito com, com o resultado deste processo. E agora mandaram-me prali. E depois dali dizem-me pra, pra descer até o sétimo andar. E agora eu não sei como é que é. Será que o senhor estará à altura de me explicar como é que isto funciona? Por que que isto vai ser assim com tanta burocracia um assunto que eu acho que é possível de ser resolvido aqui no departamento onde o senhor está? Então, ali ele vai começar a me explicar. Ele vai dar os seus detalhes. *(informante brasileiro, nº 24)*

Por sua vez, o *corpus* angolano revela um padrão pragmático diferente em comparação com o brasileiro e o moçambicano no que se refere ao tratamento pronominal *o senhor/a senhora*, responsável por 14,5% das ocorrências – ou seja, das 235 sentenças consideradas na análise, 34 foram realizadas empregando o pronome em questão. No caso angolano, a questão da idade não se revelou como um fator preponderante para a recorrência desse pronome e, sim, as relações comunicativas estabelecidas com pessoas cuja profissão se dá em âmbito público e burocrático, conforme ilustrado pelos perfis 18 (07 dados no universo das 34 sentenças, 20,5%) e 02 (06 dados, 17,6%), figuras 14 e 15, e pelos excertos 21, 22, 23 e 24:



Figuras 14 e 15. Imagens da amostra angolana.³⁰

- (21) E normalmente aqui quando nós estamos a falar com pessoas assim, às vezes nós, não sei, não sei até se é certo, mas nós costumamos a dizer desculpe e não esquecer de dizer obrigado, né.
(No final.)
Pois. E normalmente: bom dia, desculpe. Desculpe o incômodo. Desculpe roubar um bocadinho de tempo. Será que é o senhor que trata o atestado de residência? *(informante angolano, nº 13)*
- (22) Boa tarde. É o senhor que trata o atestado de residência? Trataria por senhor.
(Certo.)
Por estar também num local de trabalho e por mostrar uma certa rigidez na postura. E por ter uma certa rigidez parece ser uma pessoa que gosta de ser tratada com formalidade.
(Tá.)
No local de trabalho.
(Entendi.) *(informante angolano, nº 08)*
- (23) Ok. Boa tarde, senhora.
É, desculpa o incômodo. É, gostava de poder saber, né, se a senhora podia me explicar onde é que eu podia encontrar isso e aquilo. *(informante angolano, nº 17)*
- (24) Boa tarde. Normalmente eu considero elas como senhoras. Olá, boa tarde. A senhora por acaso conhece alguma padaria por perto? É, ela indicaria-me e ao fim de tudo, ela ia de seguir e eu me despedia. Só. Acho que só. Foi também formal, muito formal. *(informante angolano, nº 10)*

Pragmaticamente, portanto, o pronome *senhor/senhora* é empregado em contextos em que não se estabelece nenhum tipo de identidade e afinidade entre os interlocutores. A esse pronome, semanticamente, estão

³⁰ Figura 14, disponível em: <http://www.portalangop.co.ao/motix/pt_pt/noticias/sociedade/2013/0/1/Administracao-prioriza>. Acesso em: 10 de junho de 2013. Figura 15, disponível em: <<http://asm.co.ao/testemunhos.html>>. Acesso em: 7 de junho de 2013.

associados valores socioeconômicos hierárquicos para os angolanos. Dessa forma, enquanto brasileiros usam preferencialmente o senhor/a senhora para pessoas com mais idade, em um indicativo de respeito, os moçambicanos associam essa forma tanto ao fator idade quanto ao distanciamento social e os angolanos são mais contundentes em entender que o uso desse pronome impõe distância e verticalidade na relação interlocutiva estabelecida.

Comentários finais

Neste estudo, as formas de tratamento foram privilegiadas enquanto objeto linguístico de análise, em decorrência de representarem um elemento do sistema linguístico que favorece diretamente a análise da correlação entre a língua e seus correspondentes sociais. A fim de se levar a cabo esta investigação, fez-se necessário entrevistar falantes brasileiros, moçambicanos e angolanos acerca de seus usos treatmentais. Com esse intento, empregou-se uma metodologia em que fotografias de perfis sociais foram utilizadas. Todos os falantes dos três países foram submetidos aos mesmos procedimentos metodológicos, compondo um *corpus* linguístico bastante homogêneo.

Como evidenciado, essa fundamentação metodológica recupera trabalhos científicos dos anos 1980, que lançam mão de fotografias para representar diversos segmentos da sociedade e servir como recurso propulsor para que diálogos fossem simulados, a fim de que o objeto linguístico em análise pudesse ser produzido.

Em suma, essa abordagem metodológica mostrou-se eficaz na medida em que ofereceu a possibilidade de se debruçar sobre as formas de tratamento das variedades brasileira, moçambicana e angolana, a partir dos mesmos critérios – portanto, estabeleceram-se amostras bastante homogêneas. Esse método de utilização das fotografias permitiu que se observasse o comportamento linguístico dos informantes para diferentes perfis sociais, tornando possível a investigação sociopragmática mais ampla dessas variedades do português contemporâneo.

No que se refere ao padrão pronominal em posição de sujeito, essas variedades do português apresentam significativas diferenças: o português do Brasil caracteriza-se por ser uma variedade que predominantemente realiza o sujeito por meio de um pronome, uma vez que a sua morfologia flexional foi paulatinamente se simplificando, ao passo que o português de Moçambique e o de Angola caracterizam-se pela ausência de pronome sujeito, com conseqüente marca de pessoa na desinência verbal. Dessa forma, esses dois países africanos mostram um repertório mais amplo para dirigirem-se ao interlocutor e demonstrarem estratificação de formalidade, isto é, eles empregam tanto os pronomes *tu*, *ocê* e *o senhor/a senhora*, quanto as desinências de segunda e de terceira pessoa – enquanto que o Brasil usa apenas os pronomes para essa distinção.

Referências bibliográficas

- ABREU, M. T. dos S.; MERCER, J. L. V. O tratamento em Curitiba: o pronome zero. *Revista Ilha do Desterro*. A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies, Florianópolis, n. 20, p. 19-30, 1988. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8920>>. Acesso em: 21 mar 2012.
- BALSALOBRE, S. R. G. *Língua e sociedade nas páginas da Imprensa Negra paulista: um olhar sobre as formas de tratamento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- _____. *Brasil, Moçambique e Angola: desvendando relações sociolinguísticas pelo prisma das formas de tratamento*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, 2015.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: GIGLIOLI, P. P. (Ed.) *Language and social context: selected readings*. England: Penguin Books, 1972 [1960].
- CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COUTO, L. R.; LOPES, C. R. S. *As Formas de Tratamento em Português e em Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da UFF, 2011.
- DIAS, H. *As desigualdades sociolinguísticas e o fracasso escolar: em direção a uma prática linguístico-escolar libertadora*. Maputo: Promédia, 2002.

- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- FIRMINO, G. *A questão linguística na África pós-colonial: o caso do português e das línguas autóctones em Moçambique*. Maputo: Texto editores, 2006.
- FONSECA, D. J. *Nas marolas do Atlântico: interpretações de Angola, da África, do Brasil e de Portugal*. Relatório Científico de Pós-Doutorado apresentado ao Departamento de Ciências Sociais na Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, Campinas, 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo demográfico 2010. *Resultados gerais da amostra*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf>>. Acesso em: 01 de abril de 2014.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *III Recenseamento geral da população e habitação 2007: indicadores sócio-demográficos: Resultados definitivos – Maputo Cidade*. Maputo, 2010.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Inquérito Integrado sobre o Bem-estar da população (IBEP)*. Relatório de tabelas. Vol. II. Luanda, 2011.
- LOPES, C. R. S. Correlações histórico-sociais e linguístico-discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil – séculos XVIII e XIX. In: _____. *et al.* (Orgs.) *Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas en Latinoamérica*. Frankfurt: Vervuert, 2006.
- _____. Sobre a norma e tratamento em cartas a Rui Barbosa. In: AGUILERA, V. (Org.) *Para a história do português brasileiro*. Londrina: Eduel, 2009. vol. 7, p. 45-92.
- _____; DUARTE, M. E. L. De "Vossa Mercê" a "Você": análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Orgs.) *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003.
- _____; MACHADO, A. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In: _____. (Org.) *A norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- MARCOTULIO, L. L. *Língua e História: o 2º marquês de Lavradio e as estratégias linguísticas no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2010.
- MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.). *The handbook of language variation and change*. Blackwell Publishing, 2007. Disponível em: <http://bu-169.bu.amu.edu.pl/han/BlackwellReferenceOnline/www.b...iber/uid=819/tocnode?id=g9781405116923_chunk_g978140511692330>. Acesso em: 12 de maio de 2012.
- MUNDIM, S. S. M. *Formas de tratamento e vocativos no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- NETO, M. G. *Aproximação linguística e experiência comunicacional: o caso da escola de formação Garcia Neto*. Luanda: Editora Mayamba, 2012.
- PAREDES SILVA, V. L. Notícias recentes da presença do pronome tu no quadro de pronomes do português falado no Rio de Janeiro. In: COUTO, Letícia Rebollo; LOPES, Célia R. dos Santos. *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: UFF, 2011. p. 245-262.
- SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, S. A., SMITH E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SAVEDRA, M. M. G. Estudos e pesquisa em sociolinguística no contexto plurilíngue do Brasil. *Revista da Anpoll*, vol. 1. n. 29, p. 219-234, 2010.
- SILVA, G. M. de O. e. *Aspectos sociolinguísticos dos pronomes de tratamento em português e francês*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1974.

A dinâmica do jogo de linguagem das formas de tratamento

The dynamics of language game involving address terms

Recebido em 02 de maio de 2015. | Aprovado em 13 de junho de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i1.181>

Cacilda Vilela de Lima¹

Resumo: Esta pesquisa apresenta uma microanálise transversal e qualitativa de caráter empírico-indutivo sobre as formas de tratamento entre candidatos ao cargo presidencial em cinco debates televisionados realizados antes do primeiro turno das eleições de 2014. Baseado nos pressupostos da Antropologia Linguística, entende-se que os usos das formas de tratamento implicam o estudo das mudanças estruturais envolvidas na sociedade. Sendo assim, as formas de tratamento não são classificadas e entendidas como formas estanques com interpretações de uso *a priori*, mas como formas flexíveis que permitem aos interlocutores realizar seus discursos de maneira complexa e dinâmica. A classificação se determinada forma de tratamento serve para estabelecer uma aproximação ou distanciamento entre os interlocutores só pode ser estabelecida caso a caso e momento a momento na interação. Esta pesquisa não se restringe ao estudo *do efeito* e *do como* as palavras foram colocadas no palco do mundo, mas também tenta entender *por quem, para quem, porquê, onde, qual o tipo de relação de poder* que pode ser inferida da escolha de certa forma de tratamento. É pela composição de todos esses elementos que se pode ver como o ator social proporcionou seu ponto de vista, seu modo de refletir sobre o mundo e a natureza humana.

Palavras-chave: antropologia linguística; formas de tratamento; debate político; multimodalidade; gestualidade.

Abstract: This research presents a transversal and qualitative empirical-inductive investigation on the address terms of candidates for the presidential post in five political debates on TV before the first round of the 2014-election. Based on the assumptions of Linguistic Anthropology, it is understood that the uses of address terms imply the study of structural changes involved in society. Thus, address terms are not classified and understood as fixed forms with an *a priori* interpretation, but as flexible forms that allow interlocutors to produce their speeches in complex and dynamic ways. The classification if a given address term establishes an approximation or distancing between the parties can only be determined case by case and moment to moment during the interaction. This research is not only concerned about the study of *effect* and *how* the words were placed on the world stage, but it also tries to understand *by whom, to whom, why, where, what kind of power relationship* can be inferred from the use of some address term. It is by the composition of them all that one can see how the social actor gave his point of view, his way of thinking about the world and human nature.

Keywords: linguistic anthropology; address terms; political debates; multimodality; gestuality.

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, Brasil. cacilda@upgames.com.br.

Introdução

Baseada nos pressupostos da Antropologia Linguística, essa pesquisa investiga as formas de tratamento vocativo nos debates políticos de candidatos ao cargo de presidente, realizados antes do primeiro turno das eleições de 2014. Apresenta-se uma microanálise transversal e qualitativa de caráter empírico-indutivo sobre as formas de vocativo em cinco debates televisionados entre os dias 26 de agosto e 02 de outubro de 2014. Esses debates tiveram a presença restrita a 7 candidatos, cujos partidos conseguiram, nas eleições de 2010, eleger representantes na Câmara dos Deputados, dentre os 11 candidatos que concorreram ao cargo.

A escolha pelas formas de tratamento vocativo deve-se ao fato de se acreditar que o uso dessas formas implica, de certa forma, estudar as mudanças estruturais envolvidas na sociedade e, nesse caso específico dos debates, a questão da relativa fluidez das posições de poder que se estabelecem no jogo de linguagem de aproximação e distanciamento, afiliação e embate que se observa na dinâmica das trocas discursivas dos enunciados dos políticos. Enfatiza-se a controvérsia ainda presente em torno do uso de **presidente** ou **presidenta** para referir-se a Dilma Rousseff. Não nos termos de discussão linguística e político-ideológica que ocorreu na ocasião da sua eleição para o primeiro mandato, mas como forma de tratamento diferenciada, seja para marcar afiliação seja para criticar o governo. A opção pelo uso de um termo em detrimento do outro evidencia como a língua se converte em ferramenta através da qual o mundo social e cultural pode ser descrito, avaliado e reavaliado constantemente.

O foco em debates televisionados ao vivo, por mais que se diga que um candidato tenha ensaiado a sua performance, recai no entendimento de que o espaço público é o lugar propício para a representação de papéis sociais e para ajustes nessa representação devido à imprevisibilidade do desenrolar dos eventos. Em toda interação os interlocutores dão vida a personagens e se utilizam de um jogo de máscaras para representá-las. Esse jogo é evidente no discurso político, já que toda palavra pronunciada nesse campo deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que diz e pelo que não diz. A palavra não deve ser tomada de forma explícita, mas como resultado de uma estratégia cujo enunciador nem sempre é soberano. É nesse jogo de máscaras que o político cria a sua identidade e é igualmente nesse jogo que ele se vale de estratégias que julga mais pertinentes para obter determinado efeito comunicativo. Uma dessas estratégias são exatamente os diferentes usos das formas de tratamento que utiliza para tentar obter o efeito comunicativo desejado. Esta pesquisa não se restringe ao estudo *do efeito* e *do como* as palavras foram colocadas no palco do mundo, mas também tenta entender *por quem, para quem, porquê, onde, qual o tipo de relação de poder* que pode ser inferida da escolha de certa forma de tratamento. É pela composição desses elementos que se pode ver como o ator social proporcionou seu ponto de vista, seu modo de refletir sobre o mundo e sobre a natureza humana.

Esse texto está organizado em 4 tópicos. No primeiro tópico apresentam-se algumas considerações sobre a Antropologia Linguística. O tópico seguinte traz considerações a respeito das formas de tratamento vocativo no português brasileiro (PB). No terceiro tópico, descreve-se a pesquisa, apresentando-se o *corpus* da pesquisa, algumas considerações sobre os sujeitos da pesquisa e sobre o gênero debate político televisionado. No quarto tópico, apresenta-se a análise de resultados, mostrando as formas de tratamento empregadas pelos candidatos e uma análise mais detalhada a respeito do uso da forma de tratamento *presidente(a)*.

1. A Antropologia Linguística

A perspectiva da Antropologia Linguística adotada neste trabalho segue a visão de Duranti (2000, p. 21) que apresenta esse campo como tendo o “estudo da linguagem como um recurso da cultura e a fala como uma prática cultural”. Este campo de estudo vê os falantes como atores sociais, como membros de comunidades singulares e complexas. Ao se articularem dentro de um conjunto de instituições sociais, essas comunidades permitem aos atores sociais atuar de forma complexa e dinâmica mediante uma rede de expectativas, crenças e valores morais, não necessariamente superpostos, mas sim inter cruzados.

A Antropologia Linguística não investiga qualquer estudo relacionado à linguagem. Investiga a linguagem como conjunto de estratégias simbólicas que formam parte do tecido social e das representações

individuais de mundos possíveis ou reais. Examina a linguagem através do prisma dos interesses antropológicos de transmissão e reprodução da cultura, da relação entre os sistemas culturais e outras formas de organização social e o papel das condições materiais de existência nas compreensões que os indivíduos têm a respeito do mundo. Para a Antropologia Linguística, os signos linguísticos não são neutros, uma vez que são utilizados constantemente para a construção de afinidades culturais e como forma de ação de estar no mundo. A Antropologia Linguística trata dos modos *porquê* e *como* as palavras foram pronunciadas em determinado momento, proporcionando um ponto de vista, um modo de refletir sobre o mundo e sobre a natureza humana. Preocupa-se com a condição e o resultado da interação e toma para essa análise a atuação linguística e o discurso situado, tentando entender como a linguagem permite criar e recriar as distinções entre os grupos, os indivíduos e as identidades e buscando encontrar conceitos analíticos que sejam coerentes com a perspectiva dos participantes. Embora o foco de atuação seja prestar atenção aos detalhes das situações comunicativas face-a-face, a Antropologia Linguística não desconsidera as forças sociais exteriores que também operam na interação, pois, como disse Pierre Bourdieu, não se pode cair na falácia de imaginar que os encontros surgem do nada. O palco de cada interação está perpassado por relações mais amplas (e.g. gênero e classe social) e por restrições impostas pelas diferentes instituições que compõem determinada cultura. A preocupação fundamental da Antropologia Linguística é investigar como a fala deixa aflorar as relações entre as pessoas, mediadas por suas próprias histórias, e as relações com as instituições de sua cultura, pois o conhecimento da classe social, gênero, entre outros, é apenas uma parte da equação que se constrói na interação momento-a-momento.

A Antropologia Linguística vale-se dos métodos etnográficos para fazer sua investigação micro analítica e qualitativa, verificando o que os indivíduos fazem com a linguagem, relacionando as palavras, os silêncios e os gestos com o contexto em que se produzem esses signos e sempre entendendo a fala como ato social. Como o conhecimento é implícito, não se podem pedir explicações diretas aos participantes. É pela observação de como os participantes atuam em suas práticas interativas que se poderá ver emergir o conhecimento das regras das práticas sociais, uma vez que a estrutura social é um produto emergente das interações nas quais os atores sociais produzem cultura aplicando seus métodos genuínos de compreensão e comunicação do que eles são e do que lhes importa. Os membros da sociedade trabalham para que suas ações, inclusive as palavras, sejam significativas para todos os efeitos práticos que os permitam atuar no palco do mundo.

2. As Formas de Tratamento

As formas de tratamento vocativo são conceitualizadas nas gramáticas de cunho normativo, por exemplo, em Cunha e Cintra (2001), Bechara (2004) e em Rocha Lima (2005) em duas classes: a) pronomes pessoais - **tu** e **vós** - utilizados para dirigir-se ao interlocutor; e b) pronomes de tratamento (**você**), formas substantivas de tratamento (**senhor(a)**, **nome próprio**) e formas pronominais de tratamento (**Vossa Excelência**) que, ainda que se refiram à pessoa com a qual se fala, levam o verbo para a forma gramatical de terceira pessoa.

Outro tipo de análise das formas de tratamento volta-se para o seu cunho pragmático. Um estudo clássico é o de Brown e Gilman (1960) que abordam as relações de poder e solidariedade embutidas nas escolhas das formas de tratamento. Brown e Gilman iniciam seu texto apresentando o percurso histórico traçado pelas formas de tratamento. Segundo os autores, o sistema latino conhecia apenas duas formas para dirigir-se ao interlocutor: **Tu** para o singular e **Vos** para o plural. A partir do século IV, a forma **Vos** passa a ser usada também para um único interlocutor, que, no caso, era o imperador. Sendo assim, **Vos** passou a ser associada ao poder imperial, ficando carregada semanticamente de respeito e deferência a alguém hierarquicamente superior na esfera do poder. Entretanto, como Marcotulio (2008) esclarece, ao longo das modificações linguísticas das diversas línguas derivadas do latim e, no caso do ramo que deu origem ao português brasileiro, o uso de **vós** (cerimonioso), por ter sido estendido a outras figuras de poder e prestígio, vai perdendo o caráter de respeito e deferência. Novas formas então foram necessárias para resgatar esse caráter, como por exemplo, *Vossa Mercê* (1331), *Vossa Senhoria* (1434), *Vossa Majestade* (1442), *Vossa Alteza* (1450) e *Vossa Excelência* (1455). Hoje algumas dessas formas caíram em desuso (e.g. *Vossa Mercê*) e algumas se restringem a certas categorias sociais como juízes, deputados, senadores etc.

Em relação ao uso das formas de tratamento, duas grandes escolas teóricas se voltaram para esses estudos: a Sociolinguística e a Pragmática. Levinson (1989) discute as fronteiras dessas duas áreas, mostrando que enquanto a Sociolinguística se preocupa com o valor que a forma de tratamento carrega, tendo em vista as características dos interlocutores (idade, sexo, escolaridade etc), a Pragmática se interessa pelo efeito que essa escolha pode ter sobre o interlocutor. Por exemplo, a Pragmática se preocuparia mais com o efeito atingido em relação a dois enunciados distintos cujas diferenças nas formas linguísticas encontram-se apenas nas formas de tratamento e que foram proferidos por uma pessoa idosa a seu neto: **Você já fez a lição de casa?** e **O senhor já fez a lição de casa?** Enquanto no primeiro enunciado a forma de tratamento é a esperada para a situação, no segundo, tem-se um desvio do esperado e o efeito atingido é a ironia como forma de repreensão. Como Levinson (1989) ressalta, o estudo do efeito irônico só pode ser compreendido se o analista levar em conta o foco da Sociolinguística, ou seja, as características dos interlocutores. Sendo assim, a interpretação de um enunciado deve contemplar as contribuições de ambas as áreas para explicar **por quem, para quem e qual o efeito** gerado. Nesse trabalho, devido ao foco teórico ser a Antropologia Linguística, agrega-se a esses entendimentos o interesse sobre o **como** e o **porquê** de certa forma de tratamento ser utilizada em determinada situação, mas partindo sempre da análise dos dados para se estabelecer **por quem, para quem, como, porquê, qual o efeito, onde, qual o tipo de relação de poder** que pode ser inferida da escolha de certa forma de tratamento.

Tendo como base essa perspectiva, entende-se, por exemplo, que a forma *tu* faz mais do que sinalizar a existência de um interlocutor. Ela constrói a categoria social desse interlocutor, ou melhor, evidencia o tipo de categoria social que o falante quer atribuir ao interlocutor. Em línguas nas quais há diferenças marcadas linguisticamente para as formas de tratamento de segunda pessoa, como o *tu-vous* do francês, *tu-usted* do espanhol, *Du-Sie* do alemão ou *tu-Lei* do italiano, ampliam-se os parâmetros de igualdade-desigualdade, solidariedade-poder, desde que utilizados em contextos socialmente relevantes. Contudo, como diz Duranti (2000, p. 42-43), “o aspecto realizador e criativo das formas de tratamento que se valem os falantes para construir sua identidade leva consigo um poder que vai além da simples descrição”. As escolhas evidenciam como a língua se converte em ferramenta através da qual o mundo social e cultural pode ser descrito, avaliado e reavaliado constantemente. Gumperz (1996) declara que esse trabalho interacional realiza-se por meio de indícios contextualizadores. Como os índices de contextualização não se distribuem de forma uniforme na comunidade, as formas de tratamento são um importante espaço para se questionar as relações de poder e as dinâmicas de poder em situações comunicativas.

3. Da pesquisa

3.1 - Os candidatos

O *corpus* da pesquisa compõe-se de 5 debates políticos televisionados entre os dias 26 de agosto e 02 de outubro de 2014². Os debates foram transmitidos pelas redes de comunicação *Bandeirantes* (26-08-2014), *SBT* (01-09-2014), *TV Aparecida* [CNBB] (16-09-2014), *Record* (28-09-2014) e *Globo* (02-10-2014). Os debates ocorreram entre os 7 candidatos³ cujos partidos conseguiram eleger representantes, nas eleições de 2010, para a Câmara de Deputados, dentre os 11 candidatos que disputaram o cargo nas eleições presidenciais de 2014. Os candidatos que participaram dos debates foram Aécio Neves (PSDB), Dilma Rousseff (PT), Eduardo Jorge (PV), Levy Fidelix (PRTB), Luciana Genro (PSOL), Marina Silva (PSB) e Pastor Everaldo (PSC).

O perfil dos candidatos é bastante similar. À exceção de Dilma Rousseff, que é divorciada, todos são casados. À exceção de Levy Fidelix, todos têm nível superior completo. Excetuando-se Aécio Neves, Senador por Minas Gerais, e Dilma Rousseff, Presidente da República, nenhum outro candidato exercia qualquer cargo político no momento das entrevistas. À exceção de Levy Fidelix, todos já participaram do cenário político brasileiro. Em relação à idade, Luciana Genro é a mais jovem (43 anos) enquanto Dilma Rousseff, a mais velha (66 anos).

² Os debates foram obtidos nos sites: *Bandeirantes*: <<https://www.youtube.com/watch?v=rPAMXAqK-Qk>>; *SBT*: <<https://www.youtube.com/watch?v=iG48Fl6RCxY>>; *TV Aparecida*: <<https://www.youtube.com/watch?v=Kqvp23LYFsQ>>; *Record*: <<https://www.youtube.com/watch?v=ubZ3fZ7lJxQ>>; *Globo*: <https://www.youtube.com/watch?v=U88R_g0I05Q>.

³ No debate da *TV Aparecida* participaram 8 candidatos. O oitavo convidado foi José Maria Eymael (PSDC). Entretanto, como ele participou só desse debate, decidiu-se considerar apenas os 7 outros candidatos para o relato dos resultados obtidos.

A ideologia partidária⁴ cobre todo o espectro direita-esquerda. Na extrema direita temos o PSC, enquanto na extrema esquerda posiciona-se o PSOL. O PSDC é representante de centro-direita, o PSDB de centro, o PT e o PSB representam a posição centro-esquerda e há dois partidos que não concordam em adotar uma posição definida: o PRTB que ora se declara centro-esquerda, ora centro-direita e o PV que se declara um “partido de frente”, adotando o ambientalismo, o federalismo e o parlamentarismo como diretrizes norteadoras. Nas palavras de Eduardo Jorge, o candidato do PV à Presidência da República, durante o debate da Record para o 1º turno das eleições de 2014: “O PV não é um partido nem pró-capitalista, nem pró-socialista é um partido ecologista” [Eduardo Jorge, debate da Record, 2ª rodada do 1º bloco, confronto direto entre Eduardo Jorge e Aécio Neves, 34:40].

3.2 - Os debates políticos televisionados nas eleições de 2014

O gênero dos debates políticos televisionados surgiu nas eleições presidenciais de 1960 nos Estados Unidos. Em 26 de setembro daquele ano, os americanos viram o primeiro debate presidencial televisionado entre o candidato democrata, John Fitzgerald Kennedy, e o candidato republicano, Richard Nixon. A prática desse gênero, em eleições presidenciais no Brasil, iniciou-se apenas em 1982.

Nesse gênero, existe a figura de um mediador atuando como intermediário entre os candidatos. Geralmente os temas discutidos são os mais controversos da época. Os debates tendem a ser direcionados para os eleitores indecisos e que não se ligam a ideologias específicas ou a partidos políticos. De forma geral, nos primeiros momentos, o mediador saúda o público, anuncia a realização do debate e apresenta os candidatos. O mediador explica as regras do jogo que, de forma genérica, seguem a fórmula de perguntas, repostas, réplicas, tréplicas, direitos de resposta e considerações finais.

Geralmente as regras do jogo seguem as linhas mestras de: a) declarações de abertura e fechamento (considerações finais) ou apenas a última; b) sorteio que determina quem deve fazer as perguntas, sempre em regime de revezamento, em período de tempo determinado. O sorteado escolhe quem responderá, com temática às vezes também decidida em sorteio. Dependendo do debate, existe uma limitação ao número de perguntas que um candidato pode receber; c) limite de tempo para que o opositor possa responder à pergunta. Depois deste período, o candidato que fez a pergunta faz a réplica para refutar a argumentação e o candidato que interrogou fará a tréplica; d) dependendo de acordo prévio entre os partidos políticos, há possibilidade que jornalistas, mediador(es) ou a população também possam fazer perguntas aos candidatos; e) concessão de direito de resposta ao candidato que sofreu ofensa de natureza moral ou ideológica; e f) utilização de cronômetro, à vista do telespectador, que mede o tempo de cada pergunta, resposta, réplica, tréplica, direito de resposta, apresentação inicial e consideração final. A duração total dos debates, incluindo-se os anúncios publicitários, gira em torno de duas horas.

O formato dos debates televisionados nas eleições de 2014 seguiu as regras genéricas e todos foram bastante semelhantes entre si. À exceção da Bandeirantes que contou com 6 partes, os outros foram organizados em 5 partes. Essas partes foram agrupadas em 4 (SBT, Record e Globo) ou em 5 (Bandeirantes e TV Aparecida) blocos. A separação entre um bloco e outro deu-se pelo intervalo comercial. A prática usual foi o confronto direto entre os candidatos. Todas as emissoras valeram-se desse expediente para organizar seus debates. A Globo concentrou-se nessa organização. As perguntas formuladas por cada candidato foram realizadas de forma livre ou mediante o sorteio de temas específicos, realizado pelo jornalista-mediador. O candidato debatedor também foi escolhido de forma livre ou mediante sorteio realizado pelo jornalista-mediador. Os debates apresentaram a seguinte organização: a) pergunta com duração de 30s.; b) resposta que variou entre 1:30m-2m; c) réplica com duração entre 30s-1:30m; e d) tréplica com duração entre 30s-1m. Apesar de nenhum dos debates ter se iniciado com uma fala de apresentação do candidato, a finalização de todos os debates se deu pelas considerações finais de cada candidato com duração entre 1m-1:40m.

À exceção da Globo, outra prática utilizada foi a formulação de pergunta por um jornalista afiliado à emissora que escolhia qual candidato responderia à pergunta e qual comentaria a respectiva resposta do candidato anterior. Nessa prática, a organização foi: a) pergunta com duração de 30s; b) resposta do

⁴ As informações sobre a ideologia partidária foram obtidas em Rodrigues (2002), em: <<http://www.todasasconfiguracoes.com/2013/09/14/ha-partidos-politicos-no-brasil/>>, acessado em 15-01-2015 e em: <<http://aoseutempo.blogspot.com.br/p/defenicao-dso-partidos-direita-centro-e.html>>, acessado em 15-01-2015.

candidato 1 com duração entre 1:30m-2m; c) comentário do candidato 2 com duração entre 30s-1m. Em duas emissoras (Bandeirantes e SBT), ao candidato 1 foi concedido 45s para uma réplica. Viu-se também uma variante reduzida da prática descrita acima. Ao invés de um jornalista escolher um candidato para responder à sua pergunta e um candidato para comentar a resposta do candidato anterior, a prática de formato reduzido consistiu em que um representante da emissora escolhesse um candidato para responder a uma pergunta, mas sem comentário de outro candidato. Nesses casos, os representantes das emissoras abarcaram telespectadores, o presidente da CNBB, bispos e jornalistas. Os candidatos tiveram entre 1:30-2m para elaborar as suas respostas.

Em relação à encenação dos debates, todos contaram com a presença de plateia e a distribuição dos candidatos no palco foi semelhante em todas as emissoras. A ordem de colocação no palco foi acordada previamente por sorteio com as assessorias dos candidatos. Em formato de meia-lua, os candidatos permaneceram de pé, atrás de púlpitos. A Globo foi a única exceção. Na Globo, os candidatos, organizados em meia-lua, ficavam sentados e só se aproximavam do púlpito no momento que tinham a palavra. Os jornalistas-mediadores dividiam a meia-lua ao meio. Enquanto Bonner (Globo) dividiu a meia-lua em um palanque distanciado dos candidatos e, portanto, olhava para os candidatos, os demais jornalistas-mediadores encontraram-se fisicamente na região central da meia-lua e olhando para a mesma direção que os candidatos: para a plateia e as câmeras.

Como regras genéricas enumeradas ao início de cada debate têm-se que: 1) as regras foram elaboradas em comum acordo com as assessorias dos candidatos; 2) o candidato que se sentisse ofendido poderia pedir o direito de resposta e uma comissão organizadora iria julgar a pertinência do pedido, concedendo ou recusando o direito pleiteado; 3) um candidato não deveria dirigir a palavra a outro candidato fora dos momentos designados pelo(s) mediador(es) do programa; 4) a plateia não deveria se manifestar em momento algum; e 5) a ordem de apresentação seria definida por sorteio, sendo que este sorteio poderia ter sido realizado previamente junto às assessorias de cada candidato ou em frente às câmeras pelo mediador do programa.

4. Análise de resultados

4.1 - As formas de tratamento empregadas pelos candidatos

As formas de tratamento empregadas pelos políticos formam um amplo espectro conforme o quadro-resumo abaixo:

<i>Forma de tratamento</i>	<i>Exemplo</i>
Candidato(a) + Nome + Sobrenome	Candidata Marina Silva
Candidato(a) + Nome	Candidato Aécio
Candidato(a)	Candidato
Senhor(a) + Nome + Sobrenome	Senhor Eduardo Jorge
Senhor(a) + Nome	Senhora Dilma
Senhor(a)	Senhor
Nome + Sobrenome	Luciana Genro
Nome	Levy
Você*	Pastor Everaldo: “Você, (dirige o olhar e sutilmente vira a cabeça em direção ao candidato Aécio) (.) inclusive, está nos jornais, que está processando os correios” [Aécio Neves e Pastor Everaldo, debate da Globo, 1º bloco, confronto direto, 8:09]

Tu*	Luciana Genro: “tua receita é a mesma dos tucanos, inclusive teus economistas são tucanos”. Tu (vira a cabeça em direção à candidata Marina) (.) és a segunda via do PSDB? [Luciana Genro e Marina Silva, debate do SBT, 3º bloco, confronto direto, 1:08:11]
Vocês*	Eduardo Jorge: “Vocês (vira a cabeça sutilmente para a direção da candidata Dilma) (.) já estão errados quando insistem nessa estratégia”. [Dilma Rousseff e Eduardo Jorge, debate do SBT, 1º bloco, confronto direto, 8:46]

Quadro 1. Quadro-resumo das formas de tratamento empregadas pelos candidatos⁵.

Neste quadro-resumo estão contempladas as formas de tratamento utilizadas por todos os participantes. Observaram-se outras formas de tratamento que se restringiram a certos candidatos e foram empregadas apenas por uma parte dos envolvidos, como, por exemplo, *Senador Aécio (Neves)*⁶ e *Presidente(a) (Dilma Rousseff)*⁷, pois esses candidatos eram os únicos que ainda ocupavam cargos no cenário político nacional. Houve, ainda, as formas como *Senhor(a)(Nobre) + Candidato(a) + Nome + (Sobrenome)* como tentativa de criar um “suposto” efeito de distanciamento pelo exagero das formas de polidez ou *Caro (Meu querido) Colega (Amigo, Companheiro) + Nome + (Sobrenome)* como forma de criar um “suposto” efeito de aproximação. Sejam nos exemplos dados como suposta forma de distanciamento, sejam nos exemplos dados como suposta forma de aproximação, observou-se que os candidatos também se valeram dessas formas para criar efeito de ironia.

Ressaltam-se esses pontos, para evidenciar que, nesta pesquisa, as formas de tratamento vocativo nunca foram classificadas e entendidas como formas estanques com interpretações de uso *a priori*, mas sim como formas flexíveis que permitem aos interlocutores realizar seus discursos de maneira complexa e dinâmica. A real classificação se determinada forma de tratamento serve para estabelecer uma aproximação ou distanciamento entre os interlocutores ou se as formas são empregadas com o intuito de criticar e/ou ironizar os interlocutores só pode ser estabelecida caso a caso e momento a momento na interação, pois num mesmo trecho discursivo, um candidato pode passar por todo o espectro das formas de tratamento, criando efeitos múltiplos e variados na interação, promovendo diferentes camadas de significação.

4.2 - *Presidente* ou *Presidenta*?

4.2.1 - A controvérsia continua...

A análise dos debates políticos mostrou que a celeuma em torno do uso de *presidente* ou *presidenta* para referir-se a Dilma Rousseff ainda se faz presente nos dias de hoje. Não nos termos de discussão linguística e político-ideológica que ocorreu na ocasião da eleição de Dilma Rousseff para o seu primeiro mandato, mas como forma de tratamento diferenciada, no caso de *presidenta*, para marcar afiliação ou para criticar o governo, ao focalizar a palavra e, por extensão, dar visibilidade à candidata à reeleição, ligando-a e responsabilizando-a aos projetos ou problemas de seu governo.

⁵ Nesses exemplos marcados com o *(*Você, Tu, Vocês*), acredita-se que os vocábulos servem a duas funções distintas concomitantemente. Embora eles exerçam a função de sujeito dos enunciados, devido à dinâmica da interação, eles também servem como formas de tratamento vocativo. Por exemplo, quando o Pastor Everaldo produz *Você*, concomitantemente, ele dirige seu olhar e vira a sua cabeça em direção a Aécio. Observa-se também uma micro pausa após a produção do vocábulo. É essa dinâmica multimodal e situada da linguagem empregada por Everaldo que nos possibilita interpretar o vocábulo também como uma forma de tratamento vocativo. O mesmo tipo de dinâmica ocorreu nos outros dois exemplos.

⁶ Pastor Everaldo: “mesmo sendo o assunto da previdência, meu querido Senador Aécio, eu queria falar de um assunto que tem incomodado o Brasil. O PAC só conseguiu realizar em torno de 30%, 30% do que foi programado”. [*Aécio Neves e Pastor Everaldo, debate da Globo, 2º bloco, confronto direto – tema sorteado por Bonner, 44:50*]

⁷ Eduardo Jorge: “Presidenta, como é que doze anos de governo do PT, nós colhemos algo tão terrível como essa barbárie?” [*Dilma Rousseff e Eduardo Jorge, debate do SBT, 1º bloco, confronto direto, 7:02*]

Durante as eleições de 2010, que consagraram Dilma Rousseff ao cargo de presidente, a imprensa divulgou e debateu os questionamentos a respeito de qual seria o termo mais adequado para referir-se à primeira mulher a ser eleita para esse cargo. O tema foi bastante controverso à época. Os puristas defenderam que a única forma de se referir a Dilma Rousseff seria o uso do vocábulo **presidente**, já que esse termo pertence à classe de palavras derivadas do particípio presente que apresenta a noção de agente. Palavras como *pedinte, agente, fluente, gerente, dirigente, presidente* etc. indicam aquele ou aquilo que pede, age, flui, gere, dirige, preside etc. Essas formas são fixas, sendo iguais tanto para o masculino e o feminino, ocorrendo a distinção de gênero pelo uso dos artigos **a** ou **o**. Para os puristas, o questionamento sobre qual termo utilizar não deveria nem ter sido posto em pauta. Outros defensores do uso do vocábulo **presidente** para referir-se a Dilma Rousseff, como Adalberto J. Kaspary, autor de *Português para Profissionais*, trouxeram argumentos de ordem pragmática, divulgando que a palavra **presidenta**, embora dicionarizada, trazia carga pejorativa em sua utilização, devendo ser evitada. Elis C. Almeida, professora da FFLCH/USP, explica que o sentido pejorativo vincula-se à caricatura de mulher mandona, implacável e essa também seria a razão pela qual o termo *chefa*, a não ser pelo uso pejorativo, nunca se fixou, apesar de também dicionarizado.

Os moderados (e.g. Celso Cunha, Domingos Cegalla, Evanildo Bechara, Luís Antônio Sacconi) apresentaram o argumento que o vocábulo **presidenta** pode ser utilizado tanto quanto o vocábulo **presidente**, pois ambas as formas encontram-se dicionarizadas (e.g. Aurélio, Houaiss, VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Como esclarece Marcelo Módulo, professor da FFLCH/USP, o termo **presidenta** é bastante antigo, sendo fixado desde 1899 no dicionário de Cândido de Figueiredo. Dessa forma, caberia a cada um escolher a maneira que mais lhe aprouvesse para referir-se à presidente Dilma Rousseff. Segundo o gramático Ataliba de Castilho, seria o uso coletivo que determinaria qual das formas prevaleceria no futuro.

Houve o grupo que defendeu o uso apenas de **presidenta** para que se marcasse o avanço que a mulher brasileira estava conquistando no cenário nacional ao ocupar um cargo que historicamente só havia sido exercido por homens. Para Paulo Flávio Ledur, autor de *Português Prático* e *Guia Prático da Nova Ortografia*, o argumento político-ideológico de uso dessa forma específica seria a importância em sinalizar para a sociedade brasileira essa nova posição da mulher. Segundo esse autor, o estranhamento inicial seria dissipado pela difusão do uso. Além disso, Pereira Jr (2011) esclarece que o uso de **presidenta** seguiria rigorosamente a lei federal 2.749, do senador Mozart Lago (1889-1974), em vigor desde 1956, que determina o uso oficial da forma feminina para designar cargos públicos ocupados por mulheres. Apesar de letra morta, a lei veio a público quando o país elegeu a primeira mulher para a Presidência da República. Embora Dilma Rousseff tenha declarado que gostaria de ser tratada por **presidenta**, ela não se valeu dessa lei para impor qualquer código de conduta às pessoas que a rodeiam. Sabe-se, apenas, segundo informações veiculadas na imprensa, que ela prefere ser tratada por **presidenta** e demonstra-se mais simpática e receptiva com quem o faz.

4.2.2 - Os usos do vocábulo **presidenta**

No que tange o uso de **presidenta** nos debates políticos do primeiro turno das eleições de 2014, observaram-se 7 ocorrências demonstrando que o uso não foi unânime para todos os candidatos. Apenas Luciana Genro e Eduardo Jorge valeram-se desse expediente de tratamento. Uma das ocorrências foi protagonizada pela própria candidata Dilma, reforçando a informação de que ela prefere o termo **presidenta**. Nota-se uma preferência pelo uso desse tipo de tratamento nos debates – Record e Globo – mais próximos à data do 1º turno. Nenhum uso de **presidenta** foi observado no debate da Bandeirantes. No debate do SBT, Eduardo Jorge produz uma ocorrência desse uso; no da TV Aparecida, Eduardo Jorge novamente protagoniza um episódio de uso do referido vocábulo. No debate da Record, há duas ocorrências produzidas por Luciana Genro e Eduardo Jorge. No debate da Globo, três episódios: dois de Eduardo Jorge e um da própria Dilma Rousseff.

Nos usos de **presidenta** observados, notam-se duas possibilidades interpretativas de utilização: uma na qual o uso vincula-se à crítica ao governo e à governante e a outra na qual o uso do termo poderia estar associado à afiliação a Dilma Rousseff. Acredita-se que o candidato Eduardo Jorge vale-se dos dois tipos de uso, enquanto Luciana Genro, apenas como crítica ao governo e à governante.

4.2.2.1 - *Presidenta* como crítica ao governo vigente

No grupo de ocorrências que possibilita uma interpretação de crítica ao governo, observam-se duas estratégias distintas: a estratégia de ironizar a ação da presidente, evidenciando a informação divulgada na imprensa de ela só dar ouvidos a quem a trata por *Presidenta*, e a de criticar o governo, atribuindo a Dilma Rousseff a responsabilidade pelos desajustes governamentais. Eduardo Jorge é quem protagoniza o episódio de ironizar a preferência e atitude tendenciosa da presidente Dilma ao chamá-la de ***presidenta***⁸.

Neste episódio, Eduardo Jorge indica que quer dirigir a sua pergunta à candidata Dilma. Antes que o faça, Dilma questiona a validade de tal escolha – “*que eu saiba ele não pode*”. O jornalista-mediador Carlos Nascimento explica à candidata que Eduardo está dentro das regras e que pode dirigir a pergunta à candidata. Dilma se desculpa, explicando que é o nervosismo do debate. Carlos Nascimento ri. A câmera focaliza Eduardo que com a mão direita coça a testa, ri e produz – “*bem, obrigado*” – com uma prosódia que pode ser interpretada como irônica para a situação. Além disso, assim que finaliza esse enunciado, ele realiza certas ações faciais que estão associadas à negatividade e podem ser interpretadas como ações de deboche, desprezo – levantar o lado esquerdo dos lábios e realizar sutis *headshakes* (EKMAN, 2011). Continua seu turno esclarecendo que no debate anterior ele havia tratado dos temas relativos à saúde e violência e que, neste debate, traria à baila a situação dos presídios. Associa a situação dos presídios brasileiros aos campos de concentração dos nazistas e das ditaduras comunistas do século XX. Finaliza seu turno, indagando a Dilma: “*Presidenta (.) como é que doze anos de governo do PT, nós colhemos algo tão terrível como essa barbárie?*” No momento que produz ***presidenta***, ele aponta com sua mão direita na direção da candidata Dilma. Concomitantemente à produção de ***doze anos de governo do PT***, ele olha para a direita em direção à candidata. Percebe-se que Eduardo enfatiza – uso de tom irônico e de pausa – o termo ***presidenta***, colocando Dilma em evidência para logo em seguida, associá-la e, por extensão, responsabilizá-la pelos problemas e inação do governo. Eduardo não critica e responsabiliza Dilma apenas por seu primeiro mandato, mas estende a crítica aos dois mandatos anteriores de Lula. Dilma passa a ser o carrasco – “*terrível barbárie*” – de doze anos de governo do PT.

A estratégia de ironizar a presidente Dilma de só escutar quem a trata por *presidenta* parece ter surtido efeito no quesito de evidenciar que ela toma o tratamento ***presidenta*** como uma forma de afiliação – sendo mais simpática e receptiva. Quando Dilma inicia a sua réplica, ela olha em direção a Eduardo e produz – “*olha, eu concordo com você, viu, Eduardo. Eu acho que a situação das penitenciárias no Brasil é uma barbárie*” – num tom ameno e amigável – para só depois oferecer a sua argumentação de defesa do governo. Esse tom ameno não havia sido utilizado com nenhum outro candidato nem no debate anterior da Bandeirantes e nem até o momento. Geralmente ela iniciou suas réplicas com a utilização de tratamentos mais formais – *Candidato (Nome) + (Sobrenome)* ou *Senhor ou Nome + Sobrenome* – com tom mais brusco e jamais repetindo uma frase completa do seu inquiridor. Aqui, a repetição pode ser interpretada como marca de afiliação. A repetição de parte do enunciado do falante por parte do ouvinte no momento que ele passa a deter o turno de fala, utilizando um tom de voz ameno, é tida como uma demonstração de afiliação (e.g. POMERANTZ, 1984). O fato de Dilma ter tratado Eduardo como aliado pode receber a interpretação de uma estratégia que compõe o jogo de máscaras do debate político, mas pelas atitudes de Dilma face aos outros candidatos em todos os outros debates analisados e pela composição situacional dessa interação específica, acredita-se que, pela atitude da candidata de utilizar apenas o primeiro nome do candidato Eduardo, de declarar que concorda com suas colocações, de repetir o enunciado de Eduardo e utilizar um tom amigável, uma possibilidade interpretativa para a situação é a inferência de que ela tomou o tratamento ***presidenta*** como uma deferência de Eduardo, tratando-o como aliado.

Eduardo demonstra irritação com a interpretação que Dilma faz de sua crítica irônica. Na sua tréplica, ele se vale de um tom mais agudo e um andamento mais rápido – características de irritação (e.g. RORTY, 2007). Distanciando-se da possibilidade de mostrar afiliação ao governo petista, ele emprega a estratégia da crítica direta, abarcando todos os mandatos dos governantes do PT na Presidência da República, ao utilizar os termos ***vocês e insistem*** – “*vocês já estão errados quando insistem nessa estratégia*”. Dessa vez, Dilma percebe que Eduardo estava sendo irônico e não demonstrando afiliação à sua pessoa ou ao seu governo. Ela volta a empregar um tom irritado e um tratamento mais formal – “*olha Eduardo Jorge*”, oferecendo, em seguida, a sua argumentação de defesa ao governo petista.

⁸ Carlos Nascimento, Dilma Rousseff e Eduardo Jorge, debate do SBT, 1º bloco, 6:03-10:26.

No debate seguinte, na TV Aparecida, vê-se um novo episódio de utilização de **presidenta** por parte de Eduardo Jorge⁹. Percebe-se que o intuito do uso é o de criticar o governo de forma mais específica, ressaltando-se a figura de Dilma Rousseff e atribuindo-lhe a responsabilidade pelos desajustes governamentais. Dessa vez, Eduardo produz o seu turno de pergunta, a respeito dos problemas que envolvem a energia nuclear, tratando a candidata Dilma, inicialmente, por **senhora** e criticando a postura do governo face ao problema nuclear – *“já pedimos inclusive uma audiência a Senhora. A Senhora vai levar adiante o programa Brasil-Alemanha que traz aquelas usinas inseguras ali na porta do Rio de Janeiro”*. Ele utiliza um tom ríspido para apresentar a sua colocação. No comentário à pergunta de Eduardo, Dilma também é bastante ríspida. Argumenta que o governo se preocupa em desenvolver uma matriz energética limpa para o Brasil, desmerecendo a importância do problema apresentado por Eduardo – *“não acho que a questão nuclear seja uma questão muito relevante no que se refere ao Brasil”*. Durante todo o turno de comentário à pergunta de Eduardo, Dilma não olha nenhuma vez em direção ao candidato e nem o conclama em seu discurso.

Na sua réplica, Eduardo declara que a defesa de Dilma sobre a matriz energética brasileira ser limpa é equivocada já que *“não está indo no rumo certo não, tá indo na contramão porque tá cada vez mais suja”*. De forma bastante inflamada e debochada, Eduardo chama a candidata Dilma de **presidenta** e oferece um exemplo da inépcia do Brasil no quesito da matriz energética limpa ao enumerar as ações/declarações equivocadas do Ministério de Minas e Energia. Para ressaltar a ênfase colocada na candidata Dilma ao nomeá-la **presidenta**, responsabilizando-a pelos problemas de seu mandato, Eduardo finaliza a sua réplica apontando o dedo em riste na direção de Dilma e enfatizando – *“do SEU governo”*. Na tréplica de Dilma, percebe-se que ela está ainda mais irritada. Ela inicia a tréplica num tom de ironia professoral, explicando para o candidato que a energia eólica e a energia solar são muito caras e precisam de grandes áreas. Argumenta que a construção de usinas termelétricas se justifica para impedir o racionamento e finaliza seu turno de forma grosseira ao continuar com sua aula – *“então eu digo para o Senhor (olha em direção a Eduardo Jorge), não dá para inventar a roda. Neste âmbito, a roda é clara, nós vamos ter de optar por energia a gás que é menos poluente do que energia a carvão”*. Ao término do seu turno, produz a ação facial de apertar os lábios, puxá-los para baixo e levantar as sobrancelhas que, nessa situação, pode ser interpretada como uma gestualidade indicadora de enfado.

O uso de **presidenta** por parte de Luciana Genro no debate da Record¹⁰ demonstra que essa candidata também utilizou a estratégia de tratamento para ressaltar o cargo da candidata Dilma e, assim, criticar o governo de forma pontual, atribuindo a responsabilidade pelo problema apresentado – valor da pensão dos aposentados – à inação do chefe supremo da nação: da *“presidenta Dilma”*. Quando Adriana Araújo indaga a quem Luciana endereçaria a sua pergunta, a candidata responde – *“Presidenta Dilma”*, olhando à candidata Dilma. Ao finalizar o seu enunciado, Luciana demonstra gestualmente a sua desaprovação em relação à candidata Dilma. Olhando em direção a Dilma, Luciana fecha os olhos, aperta os lábios, puxando-os para baixo, e levanta as sobrancelhas. Na literatura dos Estudos da Gestualidade essa composição de ações faciais é considerada uma manifestação de reprovação ao interlocutor e/ou ao seu enunciado (e.g. EKMAN, 2011; KENDON, 2004). Logo em seguida Luciana continua – *“eu quero começar com uma cobrança, Presidenta Dilma, porque os aposentados no nosso país vêm sendo massacrados”* e acrescenta ao final do seu turno – *“a senhora vai manter essa maldade contra os aposentados?”* Responsabilizando a candidata Dilma pelo problema, apela para uma retórica emotiva – *“essa maldade”*. O uso desse vocábulo promove a associação de Dilma à ideia de pessoa de má índole e não apenas de má governante. Nesse episódio, portanto, percebe-se o uso de **presidenta** para criticar não só o governo de Dilma, mas também a sua índole. A estratégia discursiva de Luciana é sinalizar para o eleitor que Dilma é uma pessoa de má índole e por essa razão não permite qualquer ajuste na pensão dos aposentados. Luciana parece alegar que a presidente Dilma escolhe deliberadamente a inação para satisfazer a sua sede por *“maldades”*.

Noutro episódio, também ocorrido no debate da Record¹¹, Eduardo Jorge conclama a presidente Dilma e o seu ministro da Saúde – *“Presidenta, você e o SEU ministro da Saúde não falam nada sobre isso”*, apontando em direção a ela, a se posicionarem a respeito do assunto da poluição do ar nos grandes centros urbanos. Eduardo não estava em confronto direto com a candidata Dilma, mas sim com o Pastor Everaldo. Aproveita, contudo, a oportunidade para novamente criticar o governo Dilma, responsabilizando a candidata pelas

⁹ Rodolpho Gamberini, Dilma Rousseff e Eduardo Jorge, debate da TV Aparecida, 4º bloco, 1:36:26-1:41:55.

¹⁰ Adriana Araújo, Celso Freitas, Dilma Rousseff e Luciana Genro, debate da Record, 1º bloco, 1:29-5:38.

¹¹ Adriana Araújo, Celso Freitas, Eduardo Jorge e Pastor Everaldo, debate da Record, 1º bloco, 37:59-40:57.

mortes ocorridas devido à poluição, já que ela e seu governo optaram por colocar o petróleo cada vez mais na matriz energética brasileira.

5.2.1.2 - *Presidenta* como marca de afiliação

Os episódios de usos de *presidenta* como marca de afiliação ocorreram no debate da Globo e foram protagonizados por Eduardo Jorge e pela própria Dilma Rousseff.

Na primeira ocorrência¹², Dilma escolhe Eduardo para fazer a pergunta – “vou dirigir a minha pergunta ao Eduardo Jorge”. Num tom mais ameno do que o usual, Dilma pede ao candidato que enumere o que é importante no programa Pronatec – “eu gostaria que o senhor pudesse me dizer o que o senhor considera importante nessa questão ligada ao Pronatec e às escolas técnicas federais”. Eduardo Jorge, bastante sereno, oferece o apoio do Partido Verde para o programa Pronatec:

- (01) *“é claro que o Pronatec é um programa importante, e o Partido Verde pretende apoiá-lo, incentivá-lo. Continua o apoio ao declarar: Presidenta Dilma, o Partido Verde, analisando o Plano Nacional de Educação, recentemente aprovado, no Congresso Nacional, definiu três áreas como prioritárias daquelas SUAS 20 metas”.*

Devido ao tom ameno e amigável utilizado, ao nomear a candidata Dilma de *presidenta* e enfatizar o pronome *sua*, Eduardo ressalta a figura de Dilma aos olhos do eleitor e atribui a autoria do Plano Nacional da Educação à candidata, valorizando, assim o feito da presidente. É como se Eduardo já fizesse parte da equipe de governo de Dilma ao defender e esclarecer aos eleitores o que são o programa Pronatec e as metas do Plano Nacional de Educação.

Dilma aceita a afiliação de Eduardo ao concordar com suas colocações – “eu concordo com o senhor, Candidato” - dando continuidade à enumeração dos feitos de seu governo. Entretanto, quando ela declara que aprovou uma lei que destina 75% dos royalties e 50% do petróleo do pré-sal para a educação, Eduardo mostra o seu descontentamento, levantando os ombros, inclinando e balançando a cabeça em sinal de dúvida. Num tom mais agudo, declara – “*éh, éh eu eu em relação ao pré-sal, nós temos uma divergência*”. Nota-se a hesitação em discordar da “sua companheira” pela repetição do *éh* e de *eu*. No entanto, ainda deixa evidente a sua afiliação ao usar o pronome *nós* e a suavização de enunciado ao utilizar a forma de negação morfológica (*divergência*) ao invés da forma mais enfática e direta - **não concordo (não convergência)**. Os estudiosos da negação (JESPERSEN, 1911; HORN, 2001 [1985]; GIVÓN, 2001) ressaltam que o uso de negação morfológica geralmente serve às estratégias de suavização de discordância.

O próximo episódio¹³ traz outro exemplo das marcas afiliativas de Eduardo Jorge em relação à candidata Dilma. É o início do 2º bloco do debate. O candidato sorteado é Eduardo e o tema escolhido é o tema da corrupção. Eduardo seleciona a *Presidenta Dilma*. Como o tema da corrupção, especialmente em relação ao mensalão, já vinha sendo mencionado no 1º bloco e de maneira bastante espinhosa, Eduardo parece ter optado por um desvio de tema para poupar a sua parceira:

- (02) *“é claro que eu poderia falar da corrupção [...], mas, estando no Rio de Janeiro, eu não posso, também, de dirigir à Presidenta Dilma uma pergunta sobre a morte da Jandira e da Elisângela. A Senhora, sendo uma presidente mulher, não se sente triste ou indignada, que isso aconteça por causa do seu governo, como mulher e socialista, que se mantenha uma lei cruel, de antimulher como essa lei?”*

Levanta-se a possibilidade desse desvio de tema de Eduardo ser uma tentativa de salvar a sua própria face. Infere-se que, como não haveria possibilidade de ele tratar do tema de maneira amena, ele elege outro assunto como tópico de pergunta, mantendo assim a sua posição de aliado da candidata Dilma. Apesar da crítica à lei anti-aborto, Eduardo ameniza a situação ao transferir a situação para a ordem pessoal e para as questões de gênero – “*presidente mulher, como mulher e socialista*” – e ao descrever o tipo de sentimento que a candidata Dilma teria ao tratar do assunto – “*triste e indignada*”.

¹² William Bonner, Dilma Rousseff e Eduardo Jorge, debate da Globo, 1º bloco, 15:31- 19:28.

¹³ William Bonner, Dilma Rousseff e Eduardo Jorge, debate da Globo, 2º bloco, 31:30-35:56.

Na sua réplica, inicialmente Dilma desconsidera o tema proposto por Eduardo. Prefere “responder”, inclusive com “provas documentais”, aos comentários sobre o mensalão e a corrupção na Petrobrás que transcorreram no 1º bloco do debate entre as duplas Aécio Neves - Pastor Everaldo e Aécio Neves - Marina Silva. Ao final do seu turno, ela responde a Eduardo, afirmando que ela cumpre a lei – “Agora eu gostaria de dizer que qualquer governo democrático, no estado de direito, cumpre as leis. Eu, de fato, cumpro a lei que prevê é a interrupção da gravidez em três casos”, reforçando a posição contrária ao aborto de seu programa de governo. Para não manifestar a sua opinião pessoal, convocada por Eduardo, e nem a declaração direta do posicionamento do seu programa, Dilma se refugia no cumprimento da legalidade da legislação brasileira.

O conluio entre Eduardo e Dilma torna-se evidente nesse episódio quando se observa que Dilma já havia tido oportunidade de “responder” a Aécio já no primeiro bloco, mas não o faz. Logo após a dupla Aécio Neves - Marina Silva finalizar, Dilma é convocada a selecionar o seu par. Ela escolhe Eduardo e eles protagonizam o evento cheio de elogios e amenidades a respeito do Pronatec e do Plano Nacional de Educação, analisado anteriormente. Infere-se que houve a instrução e a preparação de “provas” por parte dos assessores de Dilma durante o intervalo comercial para a retomada, no segundo bloco, sobre o tema da corrupção. O jogo discursivo desse episódio é propício a essa hipótese, ou seja, Eduardo trataria do tema anti-aborto e Dilma se defenderia em relação ao mensalão.

A mudança de comportamento de Eduardo Jorge em relação à candidata Dilma no último debate às vésperas do 1º turno das eleições de 2014 chama atenção. A possibilidade que se levanta para essa mudança deve-se ao fato de o referido candidato já vir demonstrando, em diferentes debates, que acreditava na impossibilidade da sua eleição ao cargo presidencial e que as candidatas Dilma e Marina passariam para o segundo turno, com uma tendência/preferência à candidata Dilma, como se pode inferir das suas falas reproduzidas a seguir:

- (03) EJ: “se por acaso, é difícil, mas se por acaso eu ganhar a eleição”
[*Debate da TV Aparecida – 4º bloco - confronto direto Luciana Genro e Eduardo Jorge, 1:25:07*]
- (04) EJ: “Luciana (ri)... Luciana (ri), a precificação do carbono é a tendência mundial mais importante para se transitar para o desenvolvimento sustentável e combater o aquecimento global. Quais as quatro áreas que você, se fosse presidente (ri), precificaria o carbono, como e por que?”
LG: “Eduardo, não- não- não entendi o seu risinho quando perguntaste se eu fosse presidente (EJ abre um amplo sorriso e demonstra sinais de constrangimento) eu posso sim ser presidente e tenho a convicção de que se todos que concordam com as propostas que eu tenho defendido, eu posso chegar ao segundo turno. Nada deve parecer impossível de mudar () e nós temos a convicção (...)”
[*Debate da TV Record – 1ª rodada do 1º bloco - confronto direto entre Luciana Genro e Eduardo Jorge, 24:05*]
- (05) EJ: “(...) eu tenho recebido muito apoio nas ruas. Muita gente que quer votar no Partido Verde e em Eduardo Jorge, 43, fica com medo que essa eleição se decida no 1º turno e fica pensando: será que Marina vai ganhar no 1º turno? (vira-se, olha e aponta com as duas mãos em direção a Marina Silva), será que a Dilma vai ganhar no 1º turno? (vira-se, olha e aponta com as duas mãos em direção a Dilma) E aí, as vezes, não dá o voto no candidato do coração deles que sou eu. Então, eu falo: Amigos, façam as contas vai ter 2º turno, as duas vão estar lá. Pode votar útil lá no 2º turno. Pode votar na (dá um sorrisinho). Escolham entre as duas (cada uma das mãos aponta em direção à respectiva candidata, mas EJ olha em direção a Dilma Rousseff) no 2º turno, mas agora, no 1º turno, por isso é que existe o 1º turno, é o voto da razão e do coração. Você tem que votar no que você acha melhor. No que mais identifica vocês. Isso, então, é muito importante para nós do PV. Eu preciso do voto e da força do PV para influenciar (aponta com o dedo indicador direito em direção a Dilma Rousseff) no 2º turno (mantendo o apontar para Dilma, aponta com o dedo indicador esquerdo em direção a Marina Silva). Defendendo nossas teses junto das duas e principalmente eu preciso dos votos dos deputados federais e estaduais do PV para que isso que eu falo agora continue sendo discutido por mais quatro anos em todos os estados e na Câmara Federal, lá em Brasília”
[*Debate da TV Record – considerações finais de Eduardo Jorge 1:50:46-1:52:18*]
- (06) AN: “(...) se eleito formos, nós apresentaremos uma proposta de simplificação do sistema tributário (...)”

EJ: "Ele insiste. Vai apresentar depois, se for para o segundo turno e se ganhar (...) eu convido você a analisar nossa proposta do PV e do professor Marcos Cintra e, sendo eleito ou não eleito, porque o Senhor é senador, vai continuar conosco no Congresso Nacional".

AN: "espero que não".

(plateia ri)

[*Debate da TV Globo – 2º bloco - confronto direto entre Aécio Neves e Eduardo Jorge, 51:49-53:19*]

Em (03), tem-se um exemplo da sua crença na dificuldade de ser eleito para o cargo presidencial. Em (04), observa-se que essa crença também se estende a Luciana Genro. Quando ele indaga a Luciana quais seriam as quatro áreas de precificação do carbono que ela escolheria se fosse presidente, ele ri, demonstrando a sua descrença na possibilidade de ela tornar-se presidente. Luciana constrange-o ao enunciar que não havia entendido o seu *risinho*. Eduardo leva a mão direita à face direita, escondendo parcialmente o rosto, e abaixa a cabeça. Essas são ações gestuais sinalizadoras de constrangimento (e.g. KELTNER; BUSWELL, 1996; KELTNER; ANDERSON, 2000). Apesar de constrangido, Eduardo mantém um amplo sorriso, indicando que a ideia de Luciana ser presidente lhe é descabida.

Em (05), nota-se que Eduardo indica a sua preferência à candidata Dilma como possibilidade para o 2º turno. Quando indaga – "*Será que Marina vai ganhar no 1º turno?*" – ele se vira, olha e aponta com as duas mãos abertas em direção a Marina. Ao questionar – "*Será que a Dilma vai ganhar no 1º turno?*" – ele também se vira, olha e aponta com ambas as mãos para Dilma. A diferença entre as ações gestuais é a localização que ele escolhe para situar as suas mãos. No caso de Marina, as mãos são posicionadas na altura de seu peito. No caso de Dilma, as mãos são colocadas à altura de seus ombros. Essa localização espacial diferenciada alça Dilma a uma posição hierarquicamente superior. Eduardo sinaliza, assim, que ele acredita que Dilma é a candidata que possui maior chance de ser eleita presidente.

Ao conclamar seus eleitores para que não fizessem voto útil no 1º turno, mas sim votassem nele e nos candidatos do PV, ele afirma-lhes que seguramente uma das duas candidatas estaria no 2º turno – "*pode votar na (.). Escolham entre as duas no 2º turno, mas agora, no 1º turno, por isso é que existe o 1º turno, é o voto da razão e do coração*". Chama atenção a gestualidade de Eduardo nesse fragmento de fala. Quando enuncia **pode votar na** suspendendo a sua fala e ficando em silêncio para que o eleitor preenchesse a lacuna, ele sorri. Ao produzir **escolham entre as duas no 2º turno**, cada uma de suas mãos está apontando em direção às referidas candidatas, porém, ele olha em direção a Dilma, ressaltando para seu eleitor que, na sua opinião, o voto para o 2º turno deveria ser para a candidata Dilma. Mais um indício de sua preferência pela candidata Dilma é quando enuncia "*Eu preciso do voto e da força do PV para influenciar no 2º turno*". Quando produz **para influenciar**, Eduardo aponta com seu dedo indicador direito em direção a Dilma. Mantendo o dedo apontado para a candidata Dilma, quando ele enuncia **2º turno**, ele aponta com seu indicador esquerdo em direção a Marina Silva. O fato de ele apontar primeiro para Dilma Rousseff e sustentar esse gesto de apontar e só depois indicar Marina Silva promove um efeito de ressaltar a importância da candidata Dilma frente à candidata Marina. Principalmente, quando em composição com as ações gestuais anteriores – situar espacial e gestualmente a candidata Dilma em posição mais acima do que a candidata Marina e olhar em direção a Dilma e não para Marina quando diz aos seus eleitores as possibilidades de voto para o 2º turno.

Em (06), Eduardo Jorge deixa evidente a sua opinião a respeito da impossibilidade de outros candidatos virem a ser eleitos para o cargo presidencial. Desta vez, a sua opinião recaiu sobre Aécio Neves – "*porque o Senhor é senador, vai continuar conosco no Congresso Nacional*". Em suma, parece que Eduardo estava cada vez mais convicto da reeleição de Dilma Rousseff e, talvez, para garantir a sua participação e/ou a de seu partido no jogo político, ele tenha adotado essa postura afiliativa às vésperas do 1º turno das eleições de 2014.

Para finalizar a análise dos usos de **presidenta** como forma de afiliação, resta mais um episódio que mostra um confronto direto entre Dilma Rousseff e Marina Silva ocorrido no 2º bloco do debate da Globo¹⁴. Nesse fragmento, observa-se Dilma indicando a sua preferência pelo uso do termo **presidenta** para referir-se ao seu cargo. O tema sorteado para Marina indagar à candidata Dilma foi o papel do Banco Central. Marina questiona a candidata Dilma a respeito da sua incongruência em relação à autonomia do Banco Central. Dilma, visivelmente agressiva, ataca Marina de estar deliberadamente confundindo autonomia com independência, alegando que o programa da candidata Marina defendia a independência do Banco Central,

¹⁴ William Bonner, Dilma Rousseff e Marina Silva, debate da TV Globo, 2º bloco, 40:05-44:09.

mas não a sua autonomia e que o seu governo defende a autonomia do Banco Central, mas não a sua independência. Esclarece que independentes são apenas os três poderes e finaliza o seu turno esclarecendo ao eleitor e à candidata Marina que “quando se escolhe um presidente, se escolhe uma política econômica”. Nota-se que o uso de **presidente** marca uma generalização.

Marina rebate alegando que quem está confundindo os termos é a candidata Dilma devido à sua falta de experiência em cargos políticos. Dilma responde de forma indignada:

- (07) “Agora, a minha inexperiência política é interessante vindo de uma pessoa que defende a nova política. Quer dizer, Candidata, que uma pessoa que não fez a carreira - vereadora, deputada, senadora - ela não pode ser presidenta? Aonde isso está escrito? Não na nossa constituição. Aliás eu tenho convicção de que qualquer brasileiro ou qualquer brasileira podem ser Presidente da República, agora, o que tem de haver é experiência e competência”.

Nesses enunciados, percebe-se que Dilma, novamente, usa o termo **presidente** para a generalização – “qualquer brasileiro ou qualquer brasileira podem ser Presidente da República”. No entanto, quando pergunta se “uma pessoa que não fez a carreira - vereadora, deputada, senadora - ela não pode ser presidenta”, referindo-se ao percurso político da candidata Marina, observa-se que ela utiliza o termo **presidenta** em alusão a si própria como a pessoa que não fez a carreira política semelhante à de Marina Silva. Esse fragmento, portanto, deixa evidenciado e registrado, em rede nacional, e pelas próprias palavras da Presidente da República que ela prefere ser tratada por **Presidenta**.

Considerações finais

Nessa pesquisa, mediante uma microanálise transversal e qualitativa de caráter empírico indutivo, foram observadas as formas de tratamento vocativo empregadas por 7 candidatos em cinco debates televisionados antes do primeiro turno das eleições presidenciais de 2014. Observou-se que existe uma forma mais protocolar e preferida por todos os participantes: *Candidato(a) Nome + (Sobrenome)*. Observou-se igualmente que o fato de os participantes não utilizarem essa estratégia formulaica promove diferentes possibilidades de interpretação e efeitos diversos em seus discursos. Verificou-se como o uso do vocábulo *presidenta* pode servir a diferentes propósitos. Viu-se também a necessidade de apresentar uma visão holística da linguagem humana ao agregar a modalidade gestual para a análise interpretativa dos enunciados linguísticos, mostrando, assim, que a linguagem é um sistema complexo, dinâmico, adaptativo e multimodal, sendo social, cultural e historicamente situada, e, mais especificamente, entendendo que a fala (prosódia e elementos linguísticos) e a gestualidade compõem um único processo de formação discursiva no qual há a integração de modos diferentes de expressão. Fala e gestualidade não são dois sistemas independentes da linguagem que se interrelacionam, mas um único sistema com modalidades distintas de expressão, mesmo que em certas ocasiões algumas modalidades sejam priorizadas sobre outras. Quando a gestualidade e a língua atuam concomitante e conjuntamente, observa-se uma coerência semântica entre elas. Contudo, isso não quer dizer que essas modalidades expressem os mesmos significados. Apesar de apresentarem características e propriedades diferentes, tais modalidades interagem na produção e na compreensão do discurso mediante um processo recíproco cuja resultante será uma unidade comunicacional com significado mais complexo, ampliando, dessa forma, as possibilidades de atuação discursiva do ator social a respeito do seu ponto de vista, do seu modo de refletir sobre o mundo e sobre a natureza humana.

Referências bibliográficas

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEOK, T. A. (Ed.). *Style in Language*. Massachusetts: Ed. MIT Press, 1960. p. 253-276.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DURANTI, Alessandro. *Antropologia Linguística*. Madrid: Cambridge University Press, 2000.
- EKMAN, Paul. *A Linguagem das Emoções*. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

- GIVÓN, Talmy. Negation. In: _____. *Syntax: An introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001. p. 369–398.
- GUMPERZ, John. The Linguistic and Cultural Relativity of Conversational Inference. In: GUMPERZ, John; LEVINSON, Stephen C. (Eds.). *Rethinking Linguistic Relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 374–407.
- HORN, Laurence R. *A natural history of negation*. Stanford: CSLI Publications, 2001 [1985].
- JESPERSEN, Otto. *Negation in English and other languages*. Hobenhavn: A. F. Host & Son, 1917.
- KELTNER, Dacher; ANDERSON, Cameron. Saving face for Darwin: The functions and uses of embarrassment. *Current Directions in Psychological Science*, v. 9, n. 6, p. 187–192, 2000.
- KELTNER, Dacher; BUSWELL, Brenda. Evidence for the distinctness of embarrassment, shame, and guilt: A study of recalled antecedents and facial expressions of emotion. *Cognition and Emotion*, v. 10, n. 2, p. 155–171, 1996.
- KENDON, Adam. *Gesture: Visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmatics*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1989.
- MARCOTULIO, Leonardo L. *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: As formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez linguística*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz C. *Presidente ou presidenta? Lei, tradição do idioma e visão de mundo entram em conflito na definição do termo a ser usado para referir-se a Dilma Rousseff*, Dez. 2011. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos/62/presidente-ou-presidenta-248988-1.asp>>, Acesso: 19 jan. 2015.
- POMERANTZ, Anita. Agreeing and disagreeing with assessments: some features of preferred/dispreferred turn shapes. In: ATKINSON, J. Maxwell; HERITAGE, John. (Eds.). *Structures of social action: Studies in Conversation Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 57–101.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 44ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- RODRIGUES, Leôncio M. Partidos, ideologia e composição social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 48, p. 31-47, 2002.
- RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

